

A romantic couple is shown in a close embrace, about to kiss. The man is on the left, wearing a plaid shirt, and the woman is on the right, wearing a white cable-knit sweater. They are positioned against a warm, golden sunset background with soft clouds. The overall mood is intimate and romantic.

FEDERICO MOCCIA

UM INSTANTE DE FELICIDADE

DO AUTOR BEST-SELLER DE *SOU LOUCO POR VOCÊ* E *DESCULPA SE TE CHAMO DE AMOR*

 Planeta



**UM INSTANTE DE
FELICIDADE**

FEDERICO
MOCCIA

**UM INSTANTE DE
FELICIDADE**

Tradução
Regina Cony

 Planeta

Copyright © Federico Moccia, 2013
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Publicado em acordo com Pontas Literary & Film Agency
Todos os direitos reservados.
Título original: *Quell'attimo di felicità*

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Andréa Bruno e Clara Diamant
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: André Stefanini
Imagens de capa: Solominvictor/Shutterstock
Adaptação para eBook: Hondana

Para as letras das canções citadas:

Ti scatterò una foto: letra e música de T. Ferro. © Copyright 2006 de Nisa S.r.l./EMI Music Publishing Italia S.r.l. (Milão) © Copyright 2007 de Nisa S.r.l./EMI Music Publishing Italia S.r.l. (Milão)/PANDAR ITALIA S.r.l. (Latina).

Questa nostra stagione: letra de L. P. Chiaravalli, S. Grandi, E. Ramazzotti; música de L. P. Chiaravalli, S. Grandi, E. Ramazzotti. Propriedade exclusiva para todos os países: Edições Curci S.r.l. (Galleria del Corso, 4 – 20122, Milão)/Music Union S.r.l. (Galleria del Corso, 4 – 20122, Milão)/Viamedia Edições Musicais S.r.l. (Via G. Meda, 45 – 20141, Milão). © Copyright 2012 de Edições Curci S.r.l./Music Union S.r.l./Viamedia Edições Musicais S.r.l. (Milão). Todos os direitos reservados.

She: letra original de H. Kretzmer; música de C. Aznavour. © Copyright 1974 de Standard Music Ltd. (editor original, Londres)/Edições Musicais Aromando S.r.l. (subeditor para a Itália, Galleria del Corso, 4, Milão). Por gentil concessão de: Edições Musicais Aromando S.r.l.

Marmellata#25: letra e música de C. Cremonini. © Copyright 2005 Tutti e Nessuno S.r.l. (Roma)/Warner Chappell Music Italiana S.r.l. (Milão)/Double-Face Edições Musicais (Castel Maggiore/Bo). © Copyright 2009 Mascheroni Edições Musicais S.r.l. (Galleria del Corso, 4, Milão)/Warner Chappell Music Italiana S.r.l. (Piazza Della Repubblica 14/16, Milão)/Double-Face Edições Musicais (Via A. Gramsci, 302/F, Castel Maggiore, Bo). Propriedade para todos os países. Por gentil concessão de: Mascheroni Edições Musicais S.r.l./Warner Chappell Music Italiana S.r.l./Double-Face Edições Musicais.

O editor procurou por todos os meios os titulares dos direitos das outras letras das canções citadas sem, no entanto, conseguir localizá-los; obviamente, coloca-

se à disposição para a resolução de tudo o que se fizer necessário nesse particular.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M686i

Moccia, Federico

Um instante de felicidade / Federico Moccia ; tradução Regina Cony. -
1.ed. - São Paulo : Planeta, 2017.

Tradução de: *Quell'attimo di felicità*

ISBN 978-85-422-0888-7

1. Ficção italiana. I. Cony, Regina. II. Título.

16-37885

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Maria Luna, minha pequena princesa

Um dia perguntei à zebra:
“Você é branca com listras pretas ou é preta com listras
brancas?”.

A zebra fitando-me perguntou:
“Você é um homem agitado com alguns instantes
tranquilos
ou é um homem tranquilo com alguns instantes agitados?
Você é um tipo desorganizado com alguns modos
ordenados
ou é um tipo ordenado com algumas coisas
desorganizadas?
É um homem feliz com alguns instantes de tristeza
ou é triste com alguns momentos de felicidade?”.
Nunca mais perguntarei à zebra sobre suas listras.

Shel Silverstein

1

Um dia. Um dia tudo isto será passado.

Não, não era assim; sim, agora me lembro: “Um dia tudo isto não passará de uma nuvenzinha”.

Ou, pelo menos, era alguma coisa desse tipo. Foi meu pai que me disse, sorrindo, naquele leito de hospital, piscando para mim, dando-me força, convencendo-me de que não haveria nenhum problema, de que tudo se resolveria. Mas não foi bem assim. No dia seguinte, ele não estava mais no hospital. Não estava mais no mundo. Agora não está mais em nenhum lugar onde eu possa procurá-lo. Isso mesmo, é como se eu saísse de casa e andasse por toda a cidade de Roma, indo além, até Milão, Turim, depois à França e ainda mais longe, à Tailândia, à Malásia ou sabe-se lá onde, mas antes sabia que de um modo ou de outro eu teria podido encontrá-lo. Agora não. Não existe mais. Não existe mais sobre esta terra. Só espero que ao menos Deus exista; do contrário, esta vida é realmente um grande engodo. Uma tirada genial de meu pai? Esta: “A vida é uma doença mortal”. Outra que me fez rir muito? “O Alzheimer tem um lado positivo: a cada dia você tem a impressão de fazer uma porção de amigos novos.”

Cada dia. Isso, meu pai me fez sentir a importância de cada dia. Cada dia é diferente, cada dia tem valor, é único, mesmo que nós, às vezes, não levemos em consideração tudo isso.

Às vezes, vivemos tão distraídos, sei lá, parece que aquele dia não é importante para nós. E, ao contrário, a cada dia pode ser que tudo mude, que seja aquele o novo dia. Hoje, por exemplo, sinto que é um dia importante.

“Preciso falar com você.”

Quando liguei o celular hoje de manhã, encontrei só isso escrito. Não “Bom dia, amor”, não “Bom diaaaa”, como de vez em quando me escreve com seu entusiasmo. Alê é Alessia, minha namorada. Estamos juntos há um ano e hoje é seu aniversário. Ela faz vinte anos. Ali está ela. Vi seu carro, um Mini Cooper azul-escuro último modelo, daqueles grandes, com os pneus grossos, o velho *vintage* que, agora, está na moda, aquele que custa “só” quarenta mil euros, mas isso não é problema para ela.

Estacionou no parquinho da praça Giuochi Delfici, em frente ao monumento. Algumas mães estão por ali, passeando com seus filhos. Uma babá manda SMS pelo celular, enquanto a criança que ela deveria olhar cai no chão. Não vai socorrê-la. Não se preocupa minimamente, não é seu filho. Levanta os olhos, vê a criança, mas a deixa ali, não aconteceu nada, vai se levantar de qualquer maneira, e continua a escrever como se nada tivesse acontecido.

Alessia, sentada num banco, folheia rapidamente o jornal, de modo quase frenético, e nunca sei se consegue ler, compreender realmente algo desse jeito, mas ela é toda um pouco assim. Os cabelos castanho-escuros caem no seu rosto. Está sentada no espaldar do banco e suas pernas compridas se apoiam onde seria natural sentar-se. Mas nada me parece natural em Alessia. Ainda gosto muito dela, muitíssimo, como no primeiro dia, mais. Como a cada dia.

— Alê! — eu chamo.

Ela olha em torno, depois me vê de longe, então levanta o queixo como a dizer “já te vi”. Fecha o jornal, dobra-o e coloca-o sobre o banco. Mas não sorri.

— Oi. Parabéns, amor!

Damos um beijo rápido. Muito rápido para mim, e ela se afasta imediatamente. Está fria, um tanto distante.

— Tome... — Procuro não pensar. — Este é o seu presente. — Entrego-lhe a sacola, e Alê parece surpresa. E hoje é o aniversário dela, ou seja, é normal que eu lhe traga um presente. Alessia retira o pacote da sacola, desembulha-o lentamente, em silêncio, sem olhar para mim. Talvez esteja zangada porque não lhe mandei um SMS ontem à meia-noite, mas só hoje de manhã. Ela é o tipo de garota que gosta de receber atenção continuamente. Talvez seja só minha impressão, não sei. Agora, ela acelera. Tira todo o papel. Isso! Abre o presente, sorri, mas só por um instante.

— Gostou?

Coloca o casaco Moncler impermeável que escolhi para ela sobre os ombros, mas não diz nada.

— É o último modelo, aquele técnico, leve. Experimente, vamos ver como fica em você.

Ela o veste. Está perfeito.

— Vejamos agora como fica com as mãos nos bolsos.

Como eu imaginava, ela enfia primeiro a mão direita e encontra imediatamente aquele pequenino pacote. Fica surpresa. Retira-o do bolso, o faz girar entre as mãos, olha para ele como se jamais tivesse visto um, mas não sorri, não levanta a cabeça, não me olha. E eu permaneço em silêncio. Então, começa a desembrulhá-lo devagar. Depois, deixa cair o papel no chão e fica a olhá-lo assim, em suas mãos, sem dizer nada. É uma coisa boba, mas comprei o presente de propósito: um daqueles globos de neve de souvenir, com um bonequinho que segura um cartaz em que se lê “te amo”. Aquelas coisas tolas que na realidade fazemos quando não conseguimos fazer as coisas sérias. Nunca fui capaz de dizer isso a ela. Te amo. Uma vez, eu quase gritei. Estávamos no portão de sua casa e, subitamente, ela percebeu.

“O que foi? O que está acontecendo?”, perguntou, na ocasião.

“Nada.” Respondi assim: “Nada”. Não lhe disse, não tive coragem. Estamos juntos há um ano e não fui capaz de dizê-lo nem uma vez. Alessia segura o globo de neve e o roda delicadamente. A neve cai sobre o bonequinho com o cartaz nas mãos, e ela começa a chorar em silêncio. Grossas

lágrimas escorrem lentamente, e ela permanece assim, com a cabeça baixa, e, mesmo que os cabelos as escondam, eu as vejo. Deslizam uma depois da outra sobre as maçãs de seu rosto, os lábios tremem, não dizem nada, as mãos ao longo do corpo. Sinto que vou morrer, experimento aquele enorme desprazer que sentimos quando provocamos um sofrimento que nunca gostaríamos de ter causado a alguém.

— Olha, é uma brincadeira, era para fazer você rir, não é o verdadeiro presente.

Sorrio, procuro em vão as palavras, mas não servem para nada.

Não perco o entusiasmo.

— Olha, veja o que tem no outro bolso!

Digo isso como uma solução para seu desconforto. Alessia enfia a outra mão no bolso esquerdo e retira um pacote. É pequeno e traz o nome do joalheiro em cima: Villani. Ainda assim ela não sorri. Desembrulha-o e abre o estojo.

— É da cor de seus olhos.

Ela observa aqueles brincos azuis, mas só por um segundo. Torna a fechar o estojo e enfim levanta o rosto. É a primeira vez que me olha desde que abriu os presentes. E eu a encaro, procurando desesperadamente um sorriso. Enxuga os lábios com o dorso da mão. Depois, coloca tudo dentro da sacola. Olha-me uma última vez. E finalmente esboça um meio sorriso.

— Sinto muito...

E vai embora. E então, naquele instante, eu me lembro perfeitamente da frase.

“Piangi, medita e vivi; un dì lontano, quando sarai del tuo futuro in vetta, questo fiero uragano, ti parrà nuvoletta.”^[1]

Foi exatamente essa a última frase de meu pai. É de Arrigo Boito, que depois levei para minha modesta tese sobre a Scapigliatura,^[2] e por essa razão me lembro de quem a disse. Com essa frase ele me deixou. Hoje foi a vez de Alessia ir embora. Mas talvez seja apenas um momento, talvez ela mude de ideia, talvez esteja zangada porque não lhe mandei um SMS ontem à meia-noite. Ou talvez não esteja zangada, quem sabe está feliz e até pode ser que tenha outro. É tudo um talvez. Somente uma coisa é certa, ou melhor, duas: estou me sentindo mal e ela não me deixou nenhuma frase, apenas me disse “Sinto muito...”. E se foi.

2

— Bom dia.

Ilaria De Luca sorri para mim, uma bela mulher de mais ou menos cinquenta anos. Veste-se de maneira clássica, mas não se comporta nem caminha como velha.

— O que posso lhe oferecer?

Pega o *La Repubblica*, e em seguida o *Dove*, e os coloca em minha frente. Permanece em silêncio, com um sorriso um pouco embaraçado, como se tivesse alguma coisa para me dizer, mas não soubesse como fazê-lo. Finjo não perceber, pego seus dez euros, faço as contas rapidamente e lhe dou o troco.

— Aqui está, bom dia...

Fica ainda por um instante na banca, como se de repente lhe tivesse vindo alguma coisa à mente, como se procurasse a vontade, a coragem para falar. Mas muda de ideia.

— Obrigada, para você também.

Pega os jornais, dobra-os e coloca-os na bolsa. Eu a vejo se afastar. Caminha lentamente, tem um belo traseiro, e fico a olhá-la perdido em meus pensamentos.

“Sinto muito...” Alessia me disse “sinto muito”. Sinto muito. Mas o que pode significar “sinto muito”? Sinto muito, mas não gostei de seu presente. Sinto muito, mas

tenho um problema. Sinto muito, mas preciso ficar sozinha. Sinto muito, mas agora amo outro. Sinto muito, mas o que é isso? Você está brincando? Isso não é mesmo possível. É num instante toda a minha vida passa diante de mim. É assim, dizem, que acontece quando alguém morre. Mas nós não estamos mortos, não é, Alessia? Não acabou, diz para mim que não acabou. Olho para o celular. Nenhuma mensagem.

— Bom dia, Nicco. *Il Tempo*, por favor. Obrigado.

Edoardo Salemi, proprietário do restaurante na Corso di Francia onde vou comer alguma coisa de vez em quando e que até me dá desconto. Entrego-lhe o jornal, e ele desaparece em um segundo. Sim, sou jornaleiro. Antes, aqui na banca, ficava meu pai, que às vezes escrevia também algum artigo para uns jornais menos importantes, aquelas revistas de bairro, que de qualquer maneira lhe pagavam alguma coisa. Algumas vezes, ele criava uma boa quadrinha, que depois vendia. Meu pai era muito bom também nisso. Agora revezamos eu, meu tio e meu primo. Eu trabalho de manhã, e eles à tarde e à noite, vez por outra mudamos os turnos. Mas não faço só isso. Nada, nenhuma mensagem. Um dia já se passou e é a primeira vez em um ano que não mandamos mensagem um ao outro. Nunca aconteceu de passarmos um dia e não escrevermos alguma coisa, mesmo a mais tola. O amor é feito de coisas tolas, daquelas coisas que não têm sentido, que talvez façam rir ou balançar a cabeça, mas que naqueles momentos se tornam belíssimas.

O amor é como aquelas mensagens que não querem dizer nada, mas que dizem tudo, às quais não damos muita importância quando chegam todos os dias, mas que se tornam uma obsessão quando começam a minguar. Se todos fôssemos apaixonados, este mundo seria lindo. Que besteiras estou dizendo. É isto: o amor faz de você um idiota, mas um idiota belo, e a falta de amor torna você idiota e destrutivo.

Sinto falta de Alessia. Ela me falta de modo exponencial; me parece impossível, mas a cada momento que passa sinto mais sua falta. Olho novamente para o celular. Gostaria de telefonar para ela, mandar-lhe uma mensagem, esperá-la diante de seu portão com um farto buquê de rosas vermelhas, tão grande que quase me esconderia atrás dele. Mas essas coisas eu nunca fiz. Será que não fiz o suficiente? Sempre pensei nessas coisas, mas, e tantíssimas vezes, eu disse para mim mesmo “um dia...”. Um dia eu farei tudo isso. Mas não fiz nada. Um dia, na realidade, equivale a nunca. Nunca. E agora talvez seja muito tarde. Nossa vida é feita de economias, achamos que existirá um momento melhor, que valerá a pena ser vivido, que as coisas mudarão. Esperamos sempre um amanhã que pode não chegar, como naquela noite em que me despedi de meu pai e fui para casa.

Fui comer alguma coisa como se nada estivesse acontecendo, e até me lembro do que comi: presunto cru e muçarela e depois uma salada de tomates. E fui dormir como se nada pudesse acontecer, como se ainda houvesse tempo para lhe dizer alguma coisa, para lhe contar de meu namoro

com Alessia, que já durava havia algum tempo. Como se pudesse ainda me desculpar por todas as vezes que fui estúpido, rebelde, infantil, por todas aquelas vezes que não soube ouvi-lo com atenção. Quando eu lhe disse “Vá à merda, você só diz asneiras...”, era só porque gostava de contrariá-lo de qualquer maneira, dizer por dizer, porque me sentia o tal e bastava. Na realidade, nem chegava a pensar daquela maneira, pelo menos é o que pareço lembrar.

Entra Bruno, o frentista, que não me cumprimenta. Não diz nada, como de costume, pega o *Porta Portese*, coloca o dinheiro na bandejinha e sai. Guardo o dinheiro na caixa. Ele é assim mesmo, mas não me importo nem um pouco.

Quando não estamos bem, conseguimos dar o peso justo às coisas, e, para dizer a verdade, fico com vontade de rir. Mas é possível comprar todas as semanas um jornal de classificados? Que tanto ele procura? Aparece sempre com a mesma camisa, há anos, com o mesmo casaco cinza de frentista e os mesmos sapatos. De fato, se pararmos para pensar, nós somos um acúmulo de hábitos, de atos repetitivos. Estar mal, em certo sentido, me faz ver melhor a realidade, focar no que está em volta, perceber as coisas ridículas desta vida. E tudo me parece dramaticamente ridículo. Menos ela. O que estará fazendo agora? Onde estará? São onze e meia. Está em casa, já acordou, com certeza, há muito tempo, pois ontem não fomos dormir tarde. E se ela foi dormir tarde? Porque pode ser que tenha ido para a cama tarde, não? Pode ser que tenha se

encontrado com as amigas. Claro, certamente as amigas, Laura e Sílvia. Devem ter falado sobre mim. Elas devem ter perguntado. Não, só se elas saíram com os respectivos namorados. Devem ter perguntado: “E Nicco? Cadê?”. E ela, esperta como sempre, deve ter inventado uma desculpa. Nicco não pôde vir... Saiu com os amigos para jogar futebol.

Então paro e, de repente, tomo um susto: “Não, elas sabem”. As amigas sempre sabem tudo. Todas as vezes que vemos a amiga ou o amigo de alguém pensamos: “Ali está, ele sabe... Ele sabe tudo. Eu não sei o que ele sabe, mas ele sabe qual é a verdade. A verdadeira verdade. A última verdade, a versão mais sincera”. Gostaria de me encontrar com Laura e Sílvia e perguntar-lhes o que sabem, uma de cada vez, ou torturá-las tipo *Jogos Mortais I, II, III, IV, V e VI* e checar se suas versões são idênticas. Obrigá-las a falar. Mesmo que, às vezes, seja melhor não saber.

“Não procure a verdade: às vezes ela não serve para nada.”

Isto me foi dito por meu pai, um dia, enquanto íamos ao estádio. Fiquei calado. Não sei bem o que essa frase queria dizer, mas nunca a esqueci. A coisa mais bonita é que eu jamais soube algo sobre eles, meus pais, se alguma vez se separaram, se cometeram alguma traição e depois se perdoaram. Eu os vi apenas assim: amando-se. E depois ele a deixou para sempre, involuntariamente, e é como se não a tivesse deixado, e esta é a coisa mais bonita. Finalmente, chega uma mensagem.

“Acabei de saber e sinto muito. Vou dar um pulo aí.”
Droga, mais essa.

3

Ciccio entra na banca com toda a sua corpulência. Seus cabelos são compridos, pretos e espessos, e ele costuma usá-los num rabo de cavalo preso com um estranho elástico colorido, igual àqueles das mulheres, que, no entanto, às vezes são bonitos nelas.

— Fiquei sabendo. Não posso acreditar... mas, para mim, tinha alguma coisa que não era muito clara...

Continua a falar e não entendo o que ele diz. Talvez porque, na realidade, eu não queira ouvir. Sacode as mãos freneticamente como se quisesse confirmar que alguém de sua família é de Nápoles, que possuíam uma fábrica importante por lá e que agora não a possuem mais porque a tomaram ou porque o avô a perdeu tudo no jogo. Nunca se soube bem essa história. Talvez porque ele a tenha mudado algumas vezes.

Na realidade, Ciccio se chama Domenico Sensi. Está matriculado na faculdade de Economia e Comércio, mas só para constar.

“Agora vou levar a sério.”

É o seu slogan. Mas é tudo assim, a dieta, a academia de ginástica, cortar os cabelos, mudar o *look* e deixar uma das duas mulheres com quem está há mais de um ano. Sim,

porque ele está com Beatrice e Deborah por todo esse tempo. Ele conheceu as duas no dia vinte e sete de abril e ficou indeciso a partir de então. No início, levou a história adiante por uma semana, beijando um dia uma, um dia a outra.

“Agora vou decidir. É que todas as duas são divertidas e simpáticas.”

Mas depois de quinze dias estava ainda mais indeciso.

“Fazem amor de maneira diferente, mas, na realidade, igual.”

E isso eu sinceramente não entendi, aliás, como muitas outras coisas que ele faz. Os amigos, não os compreendemos, os aceitamos. Principalmente se os conhecemos já no Ensino Médio, quando se forma um vínculo, independentemente de nos ajudarem ou não com os deveres de casa, de serem ou não os melhores alunos da sala. Forma-se uma espécie de sociedade, de agremiação alicerçada em três “s”: simpatia, solidariedade e sobrevivência. E não se separam mais. Pelo menos comigo e Ciccio foi assim.

— E aí, Nicco, como você está? Tá me ouvindo?

— Tô, o que você acha? Será que você não tem outra pergunta?

— Tá sentindo a falta dela, não é?

Passou-se um dia, e a resposta é sim, estou morrendo de saudade. Mas não digo nada, não é preciso. Fica por conta dele, que continua a me bombardear com perguntas.

— Essas mulheres são esquisitas, não é? São lunáticas. Parece que não se interessam por sexo, mas pela gentileza, pela atenção dispensada pelo príncipe encantado. Você fez tudo o que deveria fazer? Será que não se esqueceu de alguma coisa?

— Por exemplo?

— Sei lá... Um aniversário, o dia em que vocês se conheceram, o mês, a música que ouviram juntos pela primeira vez. Você a levava sempre ao mesmo lugar? Foi apanhado em flagrante fazendo o que não devia? Não, porque, quando você menos espera, elas te atacam. Não estou brincando, não. Não são mulheres. São monstros!

E ele continua assim, despejando uma avalanche de palavras sobre mim.

Alguém entra, pega um jornal, examina-o, curioso, e sai. Outro nem presta atenção em nós.

Ciccio senta-se sobre uma pilha de revistas apoiada no chão. Continua a se mexer e a falar, quando percebe uma senhora indecisa diante de alguns livros.

— Leve este, é muito bom.

O livro aconselhado é *O projeto Rosie*, de Graeme Simsion. Na minha opinião, ele faz isso de propósito e com toda a certeza não o leu e não o leria nunca. E a senhora acredita mesmo, se deixa aconselhar, compra o livro e vai embora.

— Viu? Eu te ajudo a vender, sou bom para você — continua Ciccio.

O bom de uma banca é que você tem de tudo e muito mais para ler todos os dias e não gasta nada. Você tem mil notícias que nem poderia imaginar e jornais que nunca leria, como o *Internazionale*, por exemplo, que tem uma coisa muito legal e que leio somente por isso: o horóscopo de Rob Brezsny. Ele capta a nossa atenção ou, de qualquer modo, sempre diz coisas que têm a ver com você. Ah, por falar nisso, ainda não li o último horóscopo... Enquanto finjo ouvir o que Ciccio me diz, vou buscá-lo. Nada, não me diz nada que poderia me fazer suspeitar de algo que tenha acontecido com Alessia. Então, decido ler em voz alta para fazer Ciccio calar a boca.

— Escuta, escuta o que o horóscopo de Rob Brezsny diz...

— Ciccio fica em silêncio e me ouve.

— “‘Para salvar o mundo, devemos salvar uma pessoa de cada vez’, dizia o escritor Charles Bukowski. ‘Todo o resto é puro romantismo ou política.’ Convido você a fazer desta reflexão um dos seus pensamentos-guia na próxima semana. Traduza os seus altos ideais em ações que tenham um impacto prático. Em vez de falar simplesmente das boas ações que gostaria de praticar, faça-as. E, sempre que possível, certifique-se de que cada detalhe de sua vida cotidiana reflita a sua visão da máxima verdade e beleza.”

Ciccio permanece em silêncio por um instante, como se estivesse pensando em tudo aquilo que acabei de ler, mas em seguida age como sempre e se pega em alguma coisa que não tem absolutamente nada a ver com o assunto.

— Você sabia que prenderam Kim Schmitz, aliás, Kim Dotcom^[3] ou Kimble? Vivia em uma espécie de bunker. Eu vi a matéria: os agentes do FBI chegaram à sua mansão de dezoito milhões de dólares, nos arredores de Auckland, em lanchas, como nos filmes, e o prenderam. E ainda dizem que o dinheiro compra tudo. Compre uma ova! Não pode curar certas doenças nem impedir que você acabe na cadeia, porra!

Poucos conceitos, mas claros. O ideal para quem acabou de levar um fora.

— Oi, Fabri.

Chega meu primo. Passo rapidamente as chaves da banca para ele e salto fora.

— Você poderia fazer o turno de amanhã à noite?

— Não sei...

Mal consigo lhe responder antes de pular para dentro do Opel Tigra conversível de Ciccio, que arranca cantando os pneus como sempre. Meu primo Fabrizio se debruça da banca.

— Não, você tem de vir amanhã à noite porque eu...

Não ouço mais nada e levanto uma das mãos, como aqueles surfistas cheios de cachinhos louros, tatuagens estranhas e coloridas, abdome definido, sorriso no rosto e pelo menos uma gata no carro. Eu só tenho Ciccio, e ele dirige mal. E aquele gesto, na realidade, era só para lhe dizer “Eu te ligo mais tarde”.

— Aonde vamos?

Ciccio colocou The Police no som do carro. Usa uma camisa preta com uma camiseta também preta por baixo, um pingente de prata pendurado no pescoço e sapatos D&G que custam no mínimo quatrocentos euros. É um metido a besta, um daqueles caras supermalhados, musculosos, que estão na moda. É o top do *trash*. Dirige perigosamente seu carro conversível. Se existe um carro que não deu certo é exatamente este. Mas ele acredita que faz sucesso metido no modelo. Aumenta o volume do som com seus dedos grossos de unhas roídas e um pouco sujas de graxa como se tivesse consertado alguma coisa. Com certeza não foi sua moto ou sua Vespa, que ele não usa há muito tempo. O que ele, aliás, usa muito é todo tipo de programa para rodar no seu Mac. Baixa tudo o que é possível e imaginável, e Kim Dotcom ou Kim Tim Jim Vestor, como o chamam, era o seu ídolo.

— Não posso acreditar que ele foi preso.

Fica em silêncio. Em seguida, volta à carga como se tivesse tido uma ideia.

— Vamos comer na Caccolaro? Anda, eu pago.

— OK, tudo bem.

A Caccolaro^[4]... Nunca entendi por que o lugar ganhou um apelido como esse. E a coisa mais absurda é que é o endereço mais bombado de Roma, frequentado pelo povo mais *in*, descolado, da moda e elegante da cidade.

Alessia ia frequentemente com suas amigas.

“Hoje à noite somos só nós, as mulheres, todas na Caccolaro.”

E eu acreditei nela. Fico feliz que exista confiança entre nós, me agrada que alguém acredite em alguma coisa. Se ela me disse que ia à Caccolaro só com mulheres quer dizer que era verdade.

Ciccio dirige com desenvoltura no trânsito, tira um fino de um Fiat; o motorista segue em frente, mas põe a mão para fora num gesto obsceno. Ele buzina duas vezes e desaparece na esquina da Via della Farnesina.

Naquela noite, na realidade, passei pela Caccolaro. Eu sei, gostaria de ter plena confiança em Alessia, mas, pelo menos daquela vez, não consegui. Ainda me lembro como se fosse ontem. Estacionei do outro lado da rua o Volkswagen Polo que minha irmã me emprestou. Apaguei os faróis um pouco antes, entrando na vaga. Em seguida, sem fazer muito barulho, abri a porta e saí do carro. Fiquei do outro lado da rua e caminhei ao longo da calçada, olhando através dos vidros da Caccolaro. Opa! Estava ali. Ria enquanto comia a pizza sentada à cabeceira da mesa. Não consegui ver quem estava perto dela. Inclinei-me levemente, caminhei para trás procurando aumentar meu campo visual. E, então, as vi: Francesca, Laura, Simona e outra, de costas, que não reconheci. Todas mulheres, somente mulheres, suas amigas, talvez aquela de costas fosse Sílvia. E me senti aliviado, suspirei e fiquei a olhá-la. Notei que ela escutava com curiosidade o que alguém dizia, depois concordou, riu e continuou a comer a pizza. À sua frente uma Coca-Cola diet, mas comeu outro grande pedaço de pizza, que estranho

modo de fazer dieta. Alessia... Alessia é assim. Continuei ainda a olhá-la sem encontrar as palavras para defini-la. As palavras nunca bastam quando amamos. Depois, virou-se para a janela, olhou na minha direção, como se tivesse tido uma sensação. Pegou o celular, ligou-o e digitou um número. Ainda bem que percebi rapidamente seu movimento e mal tive tempo para entrar no carro e atender o telefone.

“Oi!”

“Oi...”

“O que aconteceu? Você está arfando...”

“Eu? Não... Que estranho... Você acha?”

“O que você está fazendo?”

“Bem, nada, vou jogar com Bato...”

“Não volte muito tarde.”

“Vocês estão se divertindo?”

“Estamos...” Depois, ela abaixa a voz. “Mas contam sempre as mesmas histórias. Eu me divirto mais com você. Pena que não está aqui...”

Ficamos um instante em silêncio, depois sua voz se torna mais quente.

“Você podia vir me buscar depois da pizza...” Ela ri. “Mas infelizmente você vai jogar pôquer...”

“Encontro facilmente quem possa me substituir. Imagine que eu já estou aí.”

Ela desliga.

— E então?

— Hein, o que foi?

Ciccio sorri.

— No que você estava pensando?

— Eu? Em mim com você.

— Sei... Diz que não estava pensando em nada que é melhor. Chegamos. — Saímos do carro.

Nunca mais fui atrás de Alessia quando saía com as amigas. Talvez tenha errado aí?

Ciccio me segura pelo braço enquanto entramos.

— Estou com um problema...

Concordo. Se ele soubesse quantos eu tenho. Mas não digo nada e entramos na Caccolaro.

4

— Oi, Alfre, vamos sentar aqui.

O restaurante está meio vazio. Alfredo, que está no caixa, acena dizendo que sim, levantando os ombros, fazendo uma careta, enfim, um jeito todo seu como se dissesse “sente onde quiser, não vê que não tem ninguém?”.

Ciccio escolhe o canto mais escondido do restaurante.

— Vamos sentar aqui, é mais fresco.

Joga-se na cadeira.

— Ah...

Esparrama-se sobre a cadeira, afasta a que está ao lado, atira-lhe o casaco, apoia os dois celulares sobre a mesa vizinha, espalha-se naquele canto do restaurante. Mal tenho tempo para me sentar e aparece uma garota, deve ter dezoito anos, um piercing numa sobrancelha, cabelos compridos, raspados de um lado e com alguns reflexos azuis. Os lábios são carnudos, olhos verdes, franjinha escura. Parece um quadro de Lempicka se não fosse por aquele sorriso tímido.

— O que vão beber?

— Água.

— Para mim, uma cerveja.

Ciccio não tem freios. A garota se afasta balançando, provocante, o traseiro, e não posso deixar de notar.

— Bundinha bonita, hein? — Ciccio interrompe meus pensamentos.

Não dou corda para ele prosseguir. Levanto os ombros. Agora posso olhar para qualquer um, estou solteiro, de novo na pista, posso bancar o cretino o quanto quiser, o cretino... Posso conversar com uma garota. Estou sozinho. Isso, a verdade é essa. Estou só. Ciccio começa a falar, mas não o escuto muito. Ligo o celular e, enquanto finjo escutar sua história, acesso o Facebook. Vou até a página de Alessia. Não. Não posso acreditar. Ela modificou o seu status para “relacionamento complicado... com as amigas”. Desligo o celular. Antes era relacionamento sério... comigo. Acho que vou morrer. Então, é verdade, é exatamente assim, algo mudou. Minha cabeça roda. Ciccio me olha, mas não percebe nada, ainda não parou de falar.

— Isto é, chegamos ao ponto final, não posso continuar assim, principalmente porque não quero. Já faz mais de um ano que estou com duas mulheres, eu sei, tem gente que leva essas histórias durante anos, até mesmo para sempre, mas a coisa absurda é que elas nunca me pegaram, nunca desconfiaram... E eu até cheguei a esquecer um dos meus celulares na casa de uma ou da outra... E todas as vezes elas mandaram as mensagens para o outro telefone... O que isso quer dizer? Tá me ouvindo?

Vira-se para mim e me dá um safanão que quase caio da cadeira.

— Entendeu o que eu disse?

— Entendi, entendi... — É sempre a mesma história. —
Você quer terminar com ela...

— Mas com qual?

— Como posso saber se você não me diz? Quer que eu decida por você?

— Bem que eu gostaria... Às vezes, tenho vontade de decidir no cara ou coroa, isso, o que der deu... sem pensar. Ou arranjar outra, a primeira que encontrar, a primeira que passar por aqui eu pego... — Neste exato momento, chega a garota para anotar os pedidos. — Isso, por exemplo, ela... Pego e saio com ela, pronto, sem precisar ficar discutindo, pensando, escolhendo; porque se eu tenho uma dúvida é por algum motivo, não?

— Já decidiram?

Escolho uma coisa qualquer no cardápio. Ciccio, ao contrário, se justifica com a garota.

— Desculpe, hein, eu disse você, mas era só um exemplo. Mas, às vezes, as coisas nascem exatamente assim, de uma brincadeira, são as coisas mais bonitas, aquelas que não são planejadas... certo?

Não posso acreditar. Ciccio diz essas besteiradas e ela ri.

— Qual é seu nome?

— Lúcia.

E continuam a conversar como se eu não existisse. Quer dizer, Ciccio sabe que acabei de ser deixado, que eu talvez precise desabafar, que sou eu que tenho um verdadeiro problema, e, na verdade, nada, fala com essa Lúcia, de

dezoito anos, como se nada estivesse acontecendo, e ela o escuta, aliás se olham até com certa intensidade, talvez até já tenham trocado números de telefone. Ela passou o peso do corpo para a outra perna, colocou as mãos nos quadris e parece realmente estar se divertindo com as bobagens que Ciccio está disparando. Lúcia ri, levanta a mão como se dissesse que ele era exagerado e se afastou com nossos pedidos. Não há nada a fazer: existem pessoas que têm a maior facilidade em tudo o que fazem, como Ciccio e como outras que de vez em quando saem nos jornais que leio quando estou na banca.

Por exemplo, como algumas pessoas ricas. Alguns nascem assim, mas outros inventam besteiras absurdas e se tornam ricos sem ao menos terem qualquer expectativa. E frequentemente vemos alguns que são muito feios e têm mulheres inexplicavelmente lindas a seu lado... Quer dizer, existem coisas que não consigo explicar para mim mesmo. Como aqueles que ganham na loteria. Mas ganham mesmo? Eles dão o dinheiro? E se tiverem jogado em grupo vão todos juntos para retirar o prêmio? Não têm medo de que alguém pegue tudo e fuja? Nos filmes é sempre assim, talvez porque se as coisas não acontecessem dessa forma o filme não faria sucesso... Em geral, o mal vence. Por exemplo, nos jornais saem aqueles que foram pegos, mas muitos permanecem no mesmo lugar, como se os prendessem somente ali, nos jornais. Talvez seja tudo mentira. Talvez eu esteja deprimido porque Alessia me deixou. Quer dizer, não me deixou, me

disse somente “Sinto muito...”. E se foi. A dor de uma porcaria de adeus é sempre a mesma? Quer seja de uma criança, de um gari, de um malandro, de um simples salva-vidas? Não, estou delirando.

Ciccio continua a falar, ri, brinca, bebe a cerveja que Lúcia lhe trouxe e continua a fazer brincadeiras com ela. É, agora tenho certeza, Lúcia lhe deu o seu número. Não posso acreditar. Parece tudo tão fácil.

Para mim, conhecer Alessia foi quase impossível. Quando ela entrou na academia, eu estava na secretaria, renovando minha matrícula, e a vi. Sem querer, deixei cair tudo no chão. Minha mochila virou, e ela começou a rir. Foi um instante. Ela colocou os cabelos compridos para o lado, inclinou a cabeça e sorriu. Era como se dissesse: “Oi, pequeno desastrado... Fala sério, você quer se apaixonar por mim?”.

Eu deveria ter entendido imediatamente que aquele sorriso queria dizer isso, e não pensar o que eu pensei: “Você é engraçado; se insistir, estou a fim”.

E fiquei a olhá-la enquanto se afastava. Como são belos os detalhes das mulheres. Em um instante podemos ter mil. Os brincos compridos que se movem caprichosos entre os cabelos, desordenando-os, o esmalte das unhas, o vestido leve, fluido. E ainda por cima era fim de maio, quando fica difícil resistir. Quando elas se descobrem, mostram mais suas pernas, exalam aquele cheiro de creme frutado ou floral. E suas curvas, então? Aqui nos perdemos com a beleza

de sua cintura escondida pelos cintos mais diversos. Essa parte da anatomia é a primeira coisa que sentimos quando abraçamos uma garota que notamos, que nos toca... Além dos seios, do sorriso, dos olhos e, naturalmente, da bunda... Toda essa harmonia é impossível encontrar em um homem, por isso não entendo os gays, que têm muito menos beleza para apreciar.

Alessia parou na porta, voltou-se e sorriu para mim como se soubesse que eu ainda a observava, como se estivesse certa disso, talvez muito segura, mas naquele momento não pensei nisso. Depois, abriu a porta do vestiário e entrou. E eu fiquei ali, com os papéis nas mãos, a mochila ainda aberta, abismado.

“Então, fará novamente a inscrição ou não?”

Sorrio.

“Claro...”

Talvez Alessia tenha sido contratada como *promoter* da academia. Nesse caso, gostaria de fazer uma matrícula vitalícia.

Pouco depois, fiz meu treino e dei o melhor de mim. Ela estava na outra sala. Eu estava fazendo *step*, mas de vez em quando me inclinava para a frente e conseguia vê-la. Estava no aparelho que trabalha o trapézio, com apenas um peso de cinco quilos, levantava-o, seguindo perfeitamente as indicações sobre respiração e expirando de um jeito... Tive vontade de estar ali perto e fazer exercício no aparelho ao lado, calculando que eu conseguiria carregar pelo menos dez

quilos! Mas eu seria um impostor e, principalmente, banal. Talvez ela esperasse por isso. Assim, não fiz nada. Terminei meu exercício e fui até a máquina de café para ver o que tinha. Estava com sede, mas, mais importante, sentia vontade dela. Olhei para a outra sala. Ela não estava mais, ou talvez estivesse no canto que não conseguia ver. Então, escuto o barulho de moeda sendo colocada na máquina.

“Coloquei dois euros, o que posso te oferecer?”

É ela. Chegou por trás de mim sem que eu percebesse e me ofereceu algo para beber, aquelas coisas absurdas e imprevisíveis que fazem a gente se sentir estúpido e feliz ao mesmo tempo.

“Sim, obrigado.”

“Não.” Ela ri. “Perguntava o que você quer...”

“Ah, claro...”

E, depois de me entregar um isotônico sabor laranja, ela foi embora, e a coisa terminou assim, pelo menos naquele momento. No entanto, eu já me sentia amarrado e nada inseguro, talvez porque fosse um período em que eu acreditava muito em mim. Talvez porque viesse de uma história que durara alguns meses e que me fizera sentir o tal, ou melhor, como dizia Giorgia, “possuído por um idiota”.

Giorgia estava diante de mim e me olhava de um jeito meio furioso, meio provocador.

“Deixa de onda, cara, por que você não quer viver esta nossa linda história, hein?”

Fiquei olhando para ela, ali, na minha frente, em sua belíssima casa cheia de coisas *high-tech*, de quadros e sofás. Tinha um corpo estupendo, era bonitinha de rosto, e estava ali, de boca aberta, pedindo explicações. Ela sorriu e levantou uma sobrancelha como se fosse dizer: “Porque é uma linda história de amor, não é?”.

Mas ela também estava um pouco insegura. E eu, como resposta, balancei a cabeça e sorri para ela com aquela segurança e aquela tranquilidade que, talvez de maneira subliminar, me lembraram Paul Newman e Steve McQueen em alguma cena de seus filmes. Eram tão charmosos aqueles dois. Naquele momento eu era como eles, senão mais. Aquela segurança, aquele charme, aquela malandragem e, por que não dizer, aquela idiotice de que as mulheres tanto gostam e que você só alcança em um inexplicável e raro momento de segurança. Sim, eu estava possuído por um idiota, mas somente porque uma mulher permitiu que ele entrasse.

“Olha, Giorgia, foi, sim, está bem, mas...”

Fiz uma pausa e sorri, procurando não dar a impressão de provocá-la. Tentei fazê-la compreender que tudo aquilo que estava acontecendo era natural.

“Mas não é mais.”

Maldição, foi terrível essa frase! Mas, que diabo, como foi que me veio à mente? Por outro lado, não sabia mais como me explicar. Não havia mais nada, não existia amor... Aliás, para dizer a verdade, nunca houve. Só que antes eu não me

perguntava, tocava o barco adiante. Uma boa trepada, sem muitas fantasias. Eu gostava. Talvez tenha sido essa a razão para o fim do relacionamento! Não havia mais paixão, e quando esta acaba, depois de algum tempo termina tudo. Sorri para ela novamente. Essa coisa me iluminou, esclareceu para mim o motivo do fim de nossa história. Eu deveria dizer: “Giorgia, a verdade é que você era apenas uma trepada medíocre”. Mas, mesmo sendo verdade, não poderia dizer isso a ela, claro; há muito tempo o homem e a mulher vetaram-se, reciprocamente, a sinceridade. Talvez para você tenha sido apenas sexo, e, para ela, tudo menos sexo! De qualquer maneira, porém, é algo que não podemos dizer. Então, devemos ser bons atores, principalmente se o outro insiste e não quer aceitar o fim.

“Sei, mas, então, para você, todas as coisas que aconteceram...”

Giorgia parou de repente e me olhou com um ar insistente, como se fosse abrir a boca e dizer “E você sabe quantas foram, não sabe?”.

“Hein? Não me diz que para você não significaram nada! Aquelas vezes debaixo de chuva, dentro do carro e no cinema, no fundo da sala com toda aquela gente... Nada, não significaram nada?”

Então permaneceu em silêncio, abaixou a cabeça, começou a chorar, e eu continuei ali a olhar para ela. Como se minha consciência começasse subitamente a falar comigo, eu escutei: “Pare, Nicco, se fizer alguma coisa estragará

tudo. Nicco, deixa pra lá que assim você se livra dela sem enchimento de saco. É sério, não se aproxime”.

“Giorgia, eu...”

Não adiantaria, era mais forte do que eu, não conseguiria. Sofro da síndrome daquele que quer que tudo esteja bem, mas, felizmente, Giorgia tomou a dianteira.

“Vá embora!” Empurrou-me para fora com força. “Vai, sai da minha casa...”

Continuou a me empurrar em direção à porta.

“Calma, calma, já vou.”

“Nãooo, para fora, eu já disse!”

Ela me empurrava cada vez mais forte pelo corredor, sempre mais, em direção à porta de casa.

“Fora, eu já disseeeee!”

Entre os empurrões, bati num daqueles móveis antigos da entrada. O vaso que estava em cima caiu no chão e se quebrou em mil pedaços. Então, ela parou e começou a chorar.

“Mas, Giorgia, era um vaso horrível!”

Subitamente, ela ficou séria.

“Vai embora, saia da minha casa, saia da minha vida.”

Depois, me deu um último empurrão fora da casa e fechou a porta na minha cara. Fiquei ali, parado, em silêncio. Com certeza estava me olhando pelo olho mágico, sendo assim aparentei estar suficientemente triste, sim, ao menos tentei. Bem, agora eu já poderia ir embora.

O importante, quando um romance termina, é não ter uma recaída. Quer dizer, se percebemos que não dá certo, que ficamos entediados, que discutimos sempre, que não nos atrai mais, por que voltamos atrás? Por que fazemos essa grande besteira? Por que um dia não resistimos e telefonamos? Será que esquecemos todas aquelas encheções de saco? Nada, não há nada a fazer, estamos habituados à ideia de estar a dois.

No entanto, não vejo Giorgia há mais de um ano, desde que comecei a sair com Alessia. Para dizer a verdade, só terminei mesmo quando engatei de verdade com Alessia, talvez porque me desse mais segurança.

Pronto, chegou o filé com batatas fritas. Começo a beliscar alguma coisa. Digo um obrigado distraído. Não tem importância, pois Ciccio se ocupa em conversar com Lúcia.

— Não, não, estou com um cara, mas ele é chato, muito possessivo, muito ciumento também...

— Para mim, não pode existir amor sem liberdade... Senão, não é amor verdadeiro, não é?

Ciccio era capaz de dizer certas besteiras às vezes, mas o fazia de modo que, no fim, todos acreditavam, até Lúcia, que olha em seus olhos como se estivesse perdida, e Ciccio, naturalmente, insiste.

— Se uma pessoa te ama, não há razão para sentir ciúmes, porque para ela só existe você e isso basta. Se, ao contrário, não é assim... Bem, você não poderá mudar nada, então é inútil sentir ciúmes.

Agora, Lúcia parece outra. A garota de dezoito anos ficou séria; seu olhar é do tipo “Cara, então você é mesmo o homem da minha vida, pena que somos comprometidos...”.

Ciccio sorri e concorda. Depois, levanta uma sobrancelha como para responder: “É, mas tudo se pode fazer porque... no amor tudo é possível”.

Eu não sei se eles disseram tudo isso, mas receio que sim. Entretanto, de uma coisa estou certo: fui mesmo um idiota com Giorgia e sinto que estou pagando por isso. É estranho, às vezes nos sentimos seguros e não sabemos bem o porquê, sabemos apenas que podemos lidar com a situação, decidir quando a iniciar e quando a terminar, se quisermos terminá-la. Outras vezes, não. E é exatamente nesses casos que nos damos conta do que realmente é feito o amor e do quanto pode fazer mal. Mas também do quanto é belo, poxa, porque o amor nos arrasta, nos invade, faz com que cometamos loucuras, nos faz sentir felizes como jamais teríamos podido imaginar que seríamos, e, depois, nos derruba, como agora, quando não somos nós que temos o controle da situação... A ideia de não saber onde Alessia está, por exemplo, faz com que eu me sinta muito mal.

— O restante ele paga.

Lúcia sorri para ele e me entrega a conta.

— Tome.

Olho para Ciccio, surpreso.

— Mas não era você quem ia pagar?

— E, de fato, paguei com os tíquetes. Mas você comeu filé e batatas fritas, então falta dinheiro... Você precisa dar dez euros.

— Ah, tudo bem, você disse que pagava e agora eu tenho que pagar dez euros?

— E qual é o problema?

— Está certo. — Ele sempre simplifica tudo. Pego a carteira no bolso e espio dentro: cinquenta, vinte, dez e cinco. Pego a nota de dez e coloco na bandejinha de prata.

— Vamos! Deixa de ser pão-duro!

Ciccio, quando quer, é velocíssimo e pega rapidamente meus cinco euros, que coloca na bandejinha.

— Tchau, Lúcia. Um *beso*! — E lhe faz um sinal de que em breve lhe telefonará ou simplesmente se despede dela como se fosse o surfista que certamente não é. Depois, me segura pelo pescoço com um abraço típico seu e me leva para fora do restaurante. — Vamos, não fique assim... Seja generoso, quem faz o bem recebe o bem...

Não sei o que responder. Aqueles cinco euros podem levar Alessia a me telefonar? Não creio.

5

— Bom dia a todos!

Entro com o meu habitual entusiasmo, mas ninguém me cumprimenta.

— Os negócios não vão bem como antes, não se vendem mais todas aquelas casas. O tijolo despencou, mas ainda resiste.

É o que diz o chefe. Sim, à tarde, das três às oito, mas às vezes até as nove ou dez da noite, e sem que se receba a mais, trabalho em uma agência imobiliária que se chama B&B Irmãos Bandini, mas, de vez em quando, alguém faz uma piada: “Bem, era melhor que abrissem um *Bed and Breakfast!*”.

Mas, verdade seja dita, estão muito bem. Há muitas casas, coberturas muito boas e algumas mansões espetaculares para vender.

— Oi, Nicco! — Claro, ela é a única que me cumprimenta.

— Oi, Benedetta.

Benedetta Pozzilli também é chamada de Pozzi, mas, na realidade, esse é um diminutivo de *pozzanghera*! Não consigo entender como lhe deram esse apelido, mas, convenhamos, ser comparada a uma *pozzanghera* é mesmo terrível. *Pozzanghera* significa água suja, é aquela água que espirra

em você quando passa um carro, aquela poça onde metemos o pé e encharcamos o sapato e a meia e com certeza dizemos um palavrão. Eu nunca acabei dentro da Pozzanghera, a humana, veja bem, e, se um dia acontecer, terei de me ver com Ciccio, como ele me ameaçou.

— No que você está pensando, Nicco?

— Hein? Nada.

— Hum, deixa de ser bobo! — Ela me dá uma sacudidela.

— Você sabe que não é possível não pensar em nada. É totalmente impossível. Mesmo o pensamento mais idiota, sempre o temos. — Sorri. Além de tudo, tem os dentes estragados. É uma coisa que não consigo mesmo perdoar nas mulheres. Giorgia tinha um dente morto bem na frente. Ao contrário, Alessia parece a modelo de propaganda da melhor pasta de dentes que pode existir na face da Terra.

— Nicco?

— Hein, o que é?

— Entendi, é um pensamento estúpido.

Olho para ela e sorrio também. Não sei o que dizer, é claro que não posso falar sobre seus dentes ou sobre o apelido que deram a ela.

— Vamos, vou pegar um café para você e depois tenho uma surpresa, aliás, duas — diz ela antes de sumir pelo corredor à direita.

Sento à minha escrivaninha, me acomodo na poltrona preta de couro e checo a agenda. Só tenho dois compromissos a confirmar: ver uma casa para depois

colocá-la à venda e incluir outra na seção de aluguel dos classificados.

— Olha o café!

Senta-se na borda da escrivaninha. Benedetta é sobrinha dos B&B e pode tudo. Passa Gianni Salvetti, o genro de quarenta e cinco anos de Alfredo Bandini, o irmão mais velho. Trabalha há muitos anos na imobiliária. Ele me dá um sorriso forçado, um tanto por obrigação e cheio de ódio na minha opinião. Usa um paletó quadriculado em tons de marrom e uma camisa azul-celeste aceitável, porém uma gravata verde com uma estampa vermelha, acho que de cereja ou morango, talvez um chifre, é, deve ser um chifre realmente horrível. Existem pessoas que podem fazer de tudo, mas não sabem minimamente como se vestir. Ele me odeia porque trabalhou ali a vida inteira, mas tem a mesma função que a minha. E eu estou ali há apenas três meses. Ou Gianni Salvetti é um babaca ou eu sou muito eficiente. Como consegui entrar na B&B? Não, não... Não fui pra cama com a Pozzanghera!

A mulher de Alfredo Bandini costuma comprar *Il Tempo* em nossa banca. Uma vez, ela pegou as revistas *Ville & Casali*, a *Astra*, *Di Più* e mais dez jornais. Ia se afastando quando notei que mancava.

“Senhora? Posso ajudá-la?”

Ela se virou e sorriu.

“Mas como você vai fazer? Tem que ficar aqui...”

“Não, senhora, não se preocupe. Tem o Ciccio. Ciccio? Chega aqui, Domenico!”

Ciccio levantou a mão por trás de uma pilha de revistas apoiada na janela e depois apareceu.

“Bom dia, senhora!” Ainda bem que escondeu a revista pornô que estava folheando. “Não se preocupe, Nicco, pode ir, pode ir... Eu lhe dou permissão. Não volte muito tarde, hein, Nicco?” Levantei a mão, mandando-o àquele lugar, e acompanhei a senhora Bandini.

“Quem é ele, Niccolò, o proprietário?”

“Não, senhora, é um amigo que costuma vir pela manhã.”

“Ah, e o que faz? Não estuda?”

As senhoras de idade sempre querem saber tudo de todos.

“Não, senhora, ele diz que é como Steve Jobs...”

“Quem?”

“Aquele que inventou o computador Apple, aquele com a maçã...”

“Claro, como não... Não tinha ouvido... Aquele que morreu, coitadinho...”

“Pois é, veja, Steve Jobs se matriculou no Reed College em Portland, mas abandonou a universidade depois de apenas um semestre para trabalhar. E Ciccio fez o Ensino Médio comigo e disse que é suficiente para ele, que não precisa fazer mais nada. Agora trabalha com internet, constrói sites, enfim, se arranja desse modo...”

Para dizer a verdade, nunca entendi muito bem o que Ciccio faz.

“Ah...” Ela finge ter entendido. “E você?”

“Eu trabalho aqui. A banca é da família.”

E lhe contei um pouco de minha vida, de minhas duas irmãs, de minha mãe e da belíssima história com meu pai. Expliquei que ficamos sozinhos, que ela sofre muito por isso e que estou cursando Comunicação Social, mas estou um pouco atrasado.

“Talvez, em vez de vender jornais, eu escreva algum bom artigo... espero!” E encerrei a conversa com essa brincadeira. “Mas onde está o carro, senhora?”

“Não...” Sorri. “Vim a pé, mas você pode me deixar aqui. Não gostaria que Ciccio... criasse algum problema na banca e deixasse você em dificuldades com seu tio.”

“Não, não... Não se preocupe. Ciccio é de toda confiança.”

Ela se referir a ele assim me fez rir. Se Ciccio soubesse... Vi que continuava a caminhar mancando, mas não tive coragem de lhe perguntar o motivo.

“Moro na Via Pompeo Neri, estamos quase chegando... Hoje acordei com a dor ciática. Queria tanto que passasse.”

“Senhora, tem uma farmácia aqui perto. Se quiser, tenho carro e posso mandar Ciccio para acompanhá-la.”

“Não, não, eu tenho motorista, obrigada... Você foi muito gentil. Pronto, chegamos.”

Pegou as sacolas que estavam comigo e entrou em sua portaria.

Alguns dias depois, voltou à banca acompanhada de seu motorista.

“Bom dia, senhora Bandini.”

“Olá, Nicco. Tome, isto é para você.”

Ela me deu um bilhetinho com o endereço e o número de telefone da imobiliária B&B.

“Eu gostaria que você tivesse uma conversa com meu marido.”

“Obrigada, senhora. Irei sem falta.”

E, no instante seguinte, ela já estava dentro do carro.

“A perna está melhor?”

Sorriu e fez que sim; depois, desapareceu a bordo de um Maserati escuro.

Naquela mesma tarde, fui à imobiliária B&B, ao encontro de seu marido, Alfredo Bandini, e daquele dia em diante passei a trabalhar aqui todas as tardes, com um bom salário e até mesmo a carteira assinada.

— Você prefere sem açúcar? — pergunta Pozzi.

— Prefiro, desde sempre. Você nunca notou?

— Não. Então está sempre de dieta.

— Não, não, é que eu gosto assim. É mais gostoso, experimenta.

— Então, está pronto? — diz ela, mudando de assunto.

Confirmo enquanto bebo o café.

— Eu disse a você que tenho duas surpresas. Qual delas você quer primeiro: a bela ou a inacreditável?

Ah, ainda bem que as duas são boas.

— A bela.

— Muito bem, tan, tan, tan, tan! — Coloca uma pasta sobre a mesa. — Abre!

Olho para a pasta azul com as letras B&B da imobiliária.

— Anda, vamos, abre!

Pozzi, a Pozzanghera, está inquieta. Resolvo fazer sua vontade. Aparecem logo duas fotos belíssimas.

— Cobertura de quatrocentos metros quadrados no Coliseu, terraço circular de duzentos metros com uma grande Jacuzzi, decorado, superelegante, quatro milhões de euros. Se conseguir vendê-la, sabe qual será sua comissão? Muito mais que seu Polo, e quem vai te segurar depois?

Como se pode ver, Pozzi não me conhece mesmo. Um carro seria a última coisa que eu compraria. Talvez uma bela moto, mas em primeiro lugar alugaria um pequeno *loft* onde eu pudesse ficar tranquilo, porque a vida com minha mãe e minha irmã tornou-se bastante complicada. Examino melhor as fotos, é realmente um belo imóvel. Fica no final da Via Cavour. Pode-se ver os fóruns imperiais, e domina tudo até a Piazza Venezia.

— Para mim, quatro milhões de euros está de graça...

— Sim, só precisamos encontrar quem aceite esse bendito presente...

— Niccolò, mas você entende que se vender essa casa colocará no bolso pelo menos vinte mil euros? Já pensou, hein? Você está entendendo? Eu acho que você não entendeu bem... O presente é para você. É isso que a imobiliária prevê

para um negócio desse tipo. Você vai jogar fora essa oportunidade?

Sorrio.

— Não...

— Ah, bem. Fui eu que fiz o tio dá-la para você... E agora não quer ver a surpresa inacreditável?

Pronto. Eu sabia que teria um preço a pagar. Pozzi me olha sorridente. Tenho de aguentar, beijá-la diante de todos, me colocar de joelhos, pedir sua mão em casamento.

— Então, quer ouvir ou não?

— Claro, claro...

— Estou namorando.

Sorrio, alegríssimo, e ela acredita que é pela sua notícia, e não porque fiquei aliviado! “Mas quem é esse louco?”, eu penso e poderia até lhe perguntar. Quem entra nessa? Quem acaba na Pozzanghera? E, principalmente, como se livrará dela? Eu finjo, sorrindo da maneira mais educada; no fundo, ela me deu uma cobertura com vista para o Coliseu e uma possível comissão de vinte mil euros.

— Ah, sim? Que bom. Estou feliz por você.

E começa a me contar.

— Ele se chama Luca. Nós nos conhecemos num jantar, e, desde o primeiro momento em que nos vimos, para mim era ele. Quer dizer, sabe quando a gente sente e entende que é assim, que não pode ser diferente? Basta um olhar e aquela pessoa entra no seu coração. Assim, *pluft*! — E permanece a olhar-me extasiada.

É absurdo, mas acabo imediatamente por pensar em Alessia. Fazia um tempo que eu estava distraído, mas, na verdade, volto a ela; não deixo ninguém perceber, mas estou muito triste por dentro. É possível que o amor seja sempre igual? Isto é, a descrição que ela fez é perfeita para o que senti quando vi Alessia na academia, quando naquela segunda vez brincamos, rimos, e a toalha que ela tinha sobre um ombro caiu, e eu me abaixei para pegá-la, e ela comigo, e nossas mãos se encontraram sobre aquela toalha azul da Nike, coisas banais que às vezes acontecem, mas que se tornam uma daquelas cinco coisas das quais não nos esqueceremos nunca mais.

Sim. Cheguei a uma terrível equação: eu sou Pozzi. Sou azarado como ela.

— Você entendeu? Ele quis me levar para casa, e eu fiz de conta que não tinha carro, que tinha trabalhado até tarde e trocado de roupa no escritório e vindo de táxi... Ele tem um lindo Fusca azul, mas é daquele novo, sabe? E sabe qual CD ele colocou?

— Não... Bem... Como poderia saber?

— Lógico. Ele colocou o último de Tiziano Ferro! *L'amore è una cosa semplice*. Você se lembra?

— Claro, sei qual é...

— Mas não se lembra? Nós o ouvimos juntos outro dia, quando fui com você ver aquela casa no bairro Salario...

— Ah, isso mesmo. — Minto.

— Pois é, e era o CD que eu estava ouvindo enquanto ia ao jantar onde nos conhecemos... Você acredita? É um daqueles sinais do destino que fazem a gente entender tudo...

— É...

— E ficamos em frente à minha casa, conversando até as quatro! Concordo, feliz; pelo menos espero parecer feliz, pois neste momento estou em total depressão. Já sei como a história vai terminar. Luca não sabia como preencher a noite, estava de bobeira havia algum tempo e se aproveitou de Pozzi para conseguir um boquete sem pagar. Finjo fazer o papel de amigo.

— E aí?

Fecha os olhos e assente. Droga, mas o que está fazendo? Adormeceu? Desmaiou? Teve um ataque? Depois torna a abri-los. São os olhos mais felizes do mundo.

— Ele me beijou.

Certo, porém não ouse pensar em como o fez, o que passou pela sua cabeça, o esforço que fez para obter o resto. Às vezes, acredito que é muito mais digna uma relação *self hand*, quer dizer, é melhor se masturbar do que se meter com um tipo como a Pozzi. Até mesmo por respeito a ela, mas principalmente por nós mesmos. Embora também seja verdade que às vezes o homem quer se autopunir por alguma coisa.

— Depois, ele quis ir adiante, mas eu não deixei. Fiz bem?

— Hein?

Quase acho que não entendi bem.

— O que você tem hoje, Niccolò? Tudo bem?

— Sim, sim...

— Não, porque parece que você não está me ouvindo...

Estou te contando essas coisas porque tenho intimidade com você... Ouviu o que eu estava dizendo? Não deixei que ele avançasse, ele queria, mas, sabe como é, vocês, homens, são assim, não acreditam que alguém possa sentir amor à primeira vista. E se a gente cede na primeira noite vocês acham que é uma garota fácil.

— É, sim.

— Viu? Você também pensa assim.

— Não, quer dizer, você tem razão, a maioria pensa assim, mas eu não. Isto é, não tem nada a ver, pode até acontecer, mas não é por isso que uma garota é fácil...

Com Alessia levou um mês e sete dias. Ela disse que deveria ser uma noite especial. Então, eu pensei que Alessia queria uma surpresa, uma noite romântica como aquelas que só se veem nos filmes ou se leem em certos livros, isso, aquelas noites que não nos vêm à mente com facilidade... Mas, se você estiver apaixonado, acontece alguma coisa, não é verdade? É como se você recebesse uma senha, como se uma porta se abrisse e te revelassem um segredo... Você nunca poderia imaginar aquela noite perfeita nem, principalmente, que teria sido você a planejá-la.

— Então, Nicco, fiz bem? Corri um risco, não?

Sim, claro, como não? Você fez muito bem, mas aposto que ele não telefonou mais para você. Pelo contrário, Pozzi continua e me surpreende.

— E sabe o que foi melhor? Alguém poderia pensar que ele talvez não me ligasse mais...

— É verdade...

— Mas não! Ele me telefonou no dia seguinte e fomos jantar no Duke! Entende? No Duke! Eu gosto muito de lá, é um lugar super *in*. A gente encontra todo mundo, mesmo que sejam sempre as mesmas pessoas, e se come muito bem, mesmo que sejam sempre os mesmos pratos...

Pozzi é realmente uma chata. “Nicco... pensa na cobertura”, lembro a mim mesmo.

— Sim, claro, é verdade, tem razão.

Depois ele deve ter trepado com ela e deletado o número.

— Amanhã vamos jantar com um casal de amigos dele, os dois muito simpáticos, que eu conheci na festa...

Pozzi para por um instante e tem uma ideia inusitada.

— Escuta, por que você e Alessia não vêm? A outra moça é exatamente um tipo como ela, poderia achá-la simpática, e você conheceria o Luca e depois poderia me dizer o que achou dele, que tal?

Não sei por quê, mas não consigo mentir nem encontrar uma desculpa qualquer.

— Nós terminamos.

— Ah... sinto muito.

— Pois é, foi a mesma coisa que ela me disse.

Pozzi me olha, levanta as sobrancelhas, embaraçada, e procura imediatamente consertar a situação.

— Olha, eu tenho uma amiga muito legal, Antonella. Se você quiser, eu posso convidá-la...

— Não, não, pode deixar, obrigado.

Assim, ela se levanta da minha escrivaninha.

— Toma, estas são as chaves da cobertura...

Como se aquilo pudesse, de alguma maneira, fazer com que eu me sentisse melhor, como se servisse para preencher o grande vazio deixado por Alessia. Depois, Pozzi se afasta.

Eu me acomodo melhor na escrivaninha, ligo o computador e vejo as fotos da cobertura. É muito bonita, de tirar o fôlego, cuidada nos mínimos detalhes, por dentro e por fora, decorada com muita elegância, mas não muito vistosa nem cafona. É perfeita. Depois, sem nenhum motivo aparente, resolvo entrar na página de Alessia no Facebook. Eu a procuro, mas, antes de abrir sua página, paro por um instante. Estou indeciso. O que ela terá colocado em seu status de relacionamento? Olho o monitor, ainda está tudo tranquilo, não abri a página, devo deixar para lá. Mas depois não resisto e clico. Não posso acreditar. Solteira. Bem, é melhor do que “em um relacionamento sério com” algum fulaninho. Mas o que quer dizer? Que deseja paquerar? “Ei, rapazes! Olhem aqui! Estou livre!” Pronto, entendi o que falta no Facebook: a opção “Não curti”. Se uma coisa não me agrada e não aprovo, posso apenas ficar calado e não clicar. Mesmo assim, gostaria que tivesse uma opção com o polegar

virado para baixo, como os antigos imperadores romanos faziam, entendeu, Zuckerberg? E gostaria também que existisse a opção “Sei lá!”. Nesse caso, eu clicaria imediatamente e depois colocaria o seguinte comentário: “Por quê, Alessia, por quê?”.

— Tome. — Colocam uma pasta sobre a escrivaninha.

É Gianni Salvetti, o simpaticão, aquele que distribui as tarefas e as visitas. Está acompanhado por Marina, uma bela moça, muito alta, que está fazendo um treinamento, contratada não se sabe por quem e por qual motivo.

— Você se lembra de que tem um quarto andar no Parioli para mostrar hoje à noite, às sete e meia? Está tudo lá, não se atrase.

Marina pelo menos parece mais gentil.

— Coloquei duas cópias da planta da casa, se desejarem, e uma relação de todos os custos do aquecimento central e do condomínio...

— OK, obrigado. — Ela sorri e se afasta.

Gianni Salvetti a segue com o olhar.

— Mas como é possível que às vezes elas sejam tão bonitas quanto burras? Deve ser um problema de montagem...

Ele se afasta, rindo, com seu paletó horrível e um perfume adocicado que eu não tinha notado até então, mas principalmente com aquela piada da qual só ele rira. Se ele achava que teria minha aprovação, estava muito enganado. No Natal, ele apareceu na imobiliária com a mulher,

horrorosa também, que ficou de cara amarrada o tempo todo. Então, para não fugir do argumento, elas devem ter um problema de montagem sob todos os pontos de vista. Abro a pasta. Tomo um susto. Via Mangili, quarenta e oito. Onde Alessia mora. Quando a vida nos desafia, perdemos. Não podemos fazer nada. Perdemos.

6

Estaciono na Via Mangili em frente ao número quarenta e oito. Não posso acreditar. Quantas noites estive aqui com ela? Ela que, quando chegávamos, abria um pouquinho o vidro do carro e dizia: “Vou fumar o último cigarro e depois vou embora...”. E, assim, começava a conversar, emendando alguma história.

“Não, não, você não pode acreditar... Vane, a minha amiga, é completamente doida. Deixou o Andrea e se meteu com o Simone!”, disse ela numa noite.

“Ah...”

Em seguida, me olhou, acendeu o cigarro e deu uma tragada.

“Você sabe de quem estou falando?”

“Não.”

“Da Vane, Vanessa!”

Isso eu entendi, mas Alessia tinha duzentas amigas!

Depois, ela olhou para a ponta do cigarro, que não estava completamente acesa, não estava queimando bem, quer dizer, tinha uma parte apagada.

“Nãooo... Sou uma cornuda! Você está me traindo, Nicco? Tem outra?”

“Eu? Imagina!”

“Não acredito... Você até respondeu!”

Acendeu outra vez o cigarro, colocando a chama bem embaixo para ter certeza de que a ponta queimaria por completo e certificando-se de que não era absolutamente cornuda – como reza a nossa boa e velha superstição italiana que diz que, quando um cigarro é aceso e uma parte da ponta fica apagada, quer dizer que a pessoa ou é corna ou será traída muito em breve.

“É absurdo que você tenha me respondido, mas não me convence de jeito nenhum...”

“Claro, claro...”

Depois, recomeçou a falar de sua amiga.

“Bem, até que enfim você entendeu... Ela viajou por uma semana para as Maldivas com esse tal Simone, que até pagou tudo, e sabe o que ela disse aos pais dela? Que estava em Parma, trabalhando como recepcionista em um congresso!”

Deu outra tragada no cigarro e depois balançou a cabeça.

“Não, eu não faria essas coisas, não, quer dizer, já fiz até coisa pior... mas sempre na Itália. Agora viajar pro exterior sem dizer nada aos pais? Isso não. E se acontece alguma coisa? E se você desaparecer para sempre? Já imaginou o que eles iam imaginar, acreditando que ela estava em Parma?”

“Se você desaparece para sempre, não interessa o que seus pais vão pensar.”

“Porque você não acredita que existe uma vida depois... por isso!”

Alessia falava de tudo. Eu me lembro dessa noite como se tivesse sido ontem. Quando acabou de fumar, subimos ao último andar do edifício, onde ficam os tanques para a limpeza, e começamos a fazer amor. Estávamos no escuro, com uma vela apoiada na borda do tanque, tomados pela paixão, quando, de repente, ouvimos vozes.

“Ei? Posso saber quem está aí?”

E eu entendi naquele momento que deviam estar chamando havia muito tempo, mas quando fazemos amor não ouvimos mais nada. E ouvimos tudo. Era a Fiastri, a senhora do quarto andar, com o marido. Ela se debruçou mais na escada.

“Tem alguém aí? Ouvimos barulho.”

Eu me afasto de Alessia.

“Mas...”

“Shh, espera...”

Assim, vestido só com a camiseta, apareci por trás da porta. Vi que o senhor Fiastri estava mais atrás e com certeza não podia me ver enquanto meu olhar cruzou com o da mulher. Ficamos em silêncio por algum tempo; ela me olhava, eu a fitava, torcendo para que ela não dissesse nada ao marido, aos vizinhos, ao porteiro, à mãe de Alessia. Depois, ela corou como se naquele instante tivesse entendido tudo, ou seja, tudo aquilo que estávamos fazendo até aquele momento.

Então, levantei os ombros, dei um sorriso como se fosse uma coisa natural, pois o sexo é maravilhoso quando

estamos bem com a pessoa com quem o fazemos, e a gente se sente justificado aos olhos do mundo inteiro, pelo menos era como eu me sentia, quer dizer, não tinha vergonha nenhuma.

“Vamos...”

“Mas quem é?”

“Ninguém...”

A senhora Fiastri deu um pequeno empurrão no marido como se dissesse “anda, vamos, será que tenho de explicar tudo a você?”.

E foram embora. Ouvi quando fecharam a porta e mais alguns comentários. Eu e Alessia ficamos rindo no escuro, porque a vela tinha se apagado, e parecia até que tinha sido um sinal. Ficamos assim, abraçados, novamente um dentro do outro, e tudo parecia natural, mesmo dizer uma coisa importante, mas não me vinha nada em mente. Depois, no escuro, foi ela quem disse.

“Nicco... eu te amo.”

E eu fiquei em silêncio. Vi seus dentes, seu sorriso na penumbra, seus olhos belíssimos e alegres, mas não consegui dizer nada, nem ao menos “eu também...” ou uma coisa espirituosa do tipo “eu mais ainda...”, mas que não seria para rir, isto é, que até poderia dar tristeza, o “idem”, mesmo sabendo que na realidade eu estaria dizendo muito mais, principalmente se ela percebesse a que eu estava me referindo... E Alessia perceberia, pois assistimos juntos ao filme *Ghost* pelo menos duas vezes. Mas, não, eu não disse

nada. Talvez ela tenha feito bem em me abandonar. Porém, ela também podia ter dito alguma coisa além de “sinto muito”.

Toc, toc. Batem no vidro do carro e eu estremeço.

— Desculpe. Não queria assustá-lo. É que estamos aqui já há algum tempo e vi a pasta. — A mulher aponta para ela em cima do painel. — O senhor é da B&B e está nos esperando, não é?

— Sim, sim, um momento...

Pego a pasta e saio do carro. A senhora sorri. Deve ter cinquenta anos, talvez cinquenta e cinco. Gorducha, com cabelos louros, olhos azuis, brincos grandes, um Bulgari falsificado, traz uma coisa estranha escrita, que não entendo. Ele é mais jovem que ela e está com as mãos nos bolsos da calça de flanela cinza meio gasta e usa uma jaqueta de couro marrom. Veste uma camisa Lacoste azul e tem uma vasta cabeleira escura, mas também um ar entediado. Ela o segura pelo braço. Poderia ser sua mãe, e ele poderia ser romeno. Depois, ela me olha e sorri, apertando-o com força contra si.

— Sabe, às vezes pensam que ele é meu filho... O que o senhor acha? Thomas parece tão mais jovem do que eu?

Sim. Mas não digo a ela.

— As pessoas são muito distraídas... senhora.

Ela fica nas alturas. Sorri, radiante, e o aperta ainda mais forte contra o peito.

— Esta será nossa casa! Tenho certeza de que vamos gostar e de que nos dará sorte... Estou pressentindo!

Toco o interfone. A mulher continua:

— Ele gosta de todas as casas italianas. É romeno.

— Ah, sim? — Faço uma cara de surpresa, como se dissesse “não parece”.

Alguém atende o interfone.

— Quem é?

— Sou Niccolò Mariani, da B&B.

— Ah, sim... — Abrem o portão.

— Por favor, por aqui. — Deixo-os passar e logo depois vejo chegar um conversível, que estaciona do outro lado da rua. Nele, um bonito rapaz ri ao celular, diz alguma coisa e desliga rapidamente. Deve ter ligado para alguém no prédio. Desperdiçou um telefonema para não ir até o interfone; quer dizer, para ele não é desperdício, para ele é uma comodidade, porque é rico. Sai do carro. Acende um cigarro, ajeita os cabelos para trás. Veste-se com elegância. Sim, é rico e bonito. O que ele está fumando? Não tenho tempo para ver porque já estamos no elevador e a porta se fecha. Talvez sejam os mesmos cigarros que Alessia fuma, sim, são exatamente os seus, que ela esqueceu na casa dele na noite anterior. Não, não é possível. Estou mal. Fico em silêncio dentro do elevador, com a porta fechada, e a certa altura o casal me olha.

— Bem? Para onde vamos?

Ah, sim. Aquele é um elevador que se fecha automaticamente, mesmo que não parta.

— Quarto. Quarto andar.

Subimos velozes e em silêncio. Um dos dois usa um perfume forte. Talvez os dois. Ela o beija na boca. Com o rabo do olho, vejo-os refletidos no espelho. Ela tem lábios grossos, que esfrega contra os dele. Estão umedecidos, e ele mantém a boca fechada; vê-se nitidamente que não a suporta e que ela é louca por ele. Na verdade, deve ser louco pelo dinheiro dela. Não sei o que ela faz para ter tanto dinheiro e jogá-lo fora dessa maneira.

— Pronto, chegamos.

Toco a campainha e, antes que a proprietária venha abrir, leio rapidamente a ficha do apartamento. É o tempo certo.

— Boa tarde, senhora Lorenzi. Estamos aqui. Estes são nossos clientes.

— Ah, muito bem. Ótimo, muito pontuais. Entrem, entrem e desculpem a desordem...

— Imagine, parece tudo perfeito, senhora Lorenzi...

Gostaria de dizer a ela “Isso é porque a senhora ainda não viu o quarto da minha irmã Valéria”, mas continuo a ser profissional, mostrando a casa ao estranho casal.

— Bem, este é o *hall*, que dá para a sala de jantar. Quantos metros são? Trezentos e cinquenta, não é?

— Sim, de área útil.

E a senhora Lorenzi o diz com orgulho e um pouco tristeza por saber que mais cedo ou mais tarde deverá se

desfazer do apartamento.

— Fiuuu...! — O romeno assovia.

E eu já queria dizer que não, que ele não deveria nem ver uma casa daquele tipo... Que trabalho faz? O que faz todos os dias? O que fez de bom até hoje? Como conheceu essa mulher? Fico calado e vou até a janela. Agora, o estranho casal conversa com a proprietária, faz perguntas sobre o terraço, sobre o aquecimento, sobre a garagem, sobre a portaria. Eu continuo a olhar para a rua. O carro de Alessia não está lá. Alessia ainda não desceu. Se o bonitão está esperando por ela, exatamente por ela, ainda vai demorar. Ela sempre se fazia esperar. E saía rindo, correndo como uma louca, alegre, divertida, entrava no carro, quase mergulhava no banco e me beijava na boca, mas não como aquela gordinha rica no elevador, não, não, por pouco não me comia.

“Você não ficou chateado porque fiz você esperar um pouco...”

“Um pouco? Meia hora...”

“Doze minutos e cinquenta!”

“Sim, é verdade”, eu admitia, rindo. “E passaram voando.”

Dizíamos sempre as mesmas coisas e ríamos. Depois, saíamos para fazer alguma coisa, um jantar, um cinema, um lugar novo que ela conhecia, mas também nada de especial. Quando estamos bem com uma pessoa, não é tão importante o que fazemos, e sim como o fazemos. Tudo. Até esperar.

Um homem não está mais apaixonado por uma mulher quando, ao esperá-la, começa a bufar. Eu ainda não tinha me cansado de esperar. Não teria me cansado nunca. O carro ainda está ali. Olho para o relógio. Passaram-se onze minutos. Não tenho dúvidas de que ele está esperando Alessia. Abro a janela, mas exatamente naquele momento chegam a senhora Lorenzi com os dois clientes.

— Mostrei também os outros cômodos, os quartos, a cozinha, o quarto de empregada e as sacadas...

A senhora loura e gordinha está entusiasmada.

— Belíssimo, realmente belíssimo! A vista então! Podemos ver todo a Corso di Francia.

— Sim.

O romeno é de poucas palavras, mas está de acordo. Sorri pela primeira vez. Talvez seja o máximo de seu entusiasmo.

— Eu o chamei... — A senhora Lorenzi se aproxima. — Mas era como se o senhor não estivesse ouvindo.

— Tem razão, me desculpe.

— Não, o senhor não deve se desculpar, foi um prazer mostrar a casa ao casal. — As duas sorriem. A proprietária nos acompanha até a porta.

— Voltem quando quiserem.

— Sim, obrigado. — Tornaram-se amigas. Saímos para o corredor, e a porta do apartamento da frente se abre. É a senhora Fiastri, aquela que nos viu nos tanques, aquela que me flagrou seminu com Alessia. Nunca mais nos vimos depois daquela noite e tínhamos que nos encontrar logo

agora! Ela coloca do lado de fora o saco de lixo e cruza com o meu olhar. Semicerra os olhos e depois os esfrega rapidamente; me reconheceu, entendeu, se lembra.

— Boa noite. — Eu a cumprimento, mas desta vez ela não cora. Retribui, faz um mínimo aceno de cumprimento em direção a todos e torna a fechar a porta. Tento chamar o elevador, mas está ocupado.

— Então, o que acharam?

— Belíssimo! Muito elegante e em perfeito estado.

— Não tem espaço para fazer exercícios.

O romeno nunca ficaria satisfeito, mesmo que o houvesse.

— Meu amor, podemos colocar os aparelhos onde quisermos.

— Sim, é verdade.

O romeno fica pensativo. Exibe seus dentes grandes e irregulares.

— Gosto muito.

Possui duas expressões: “Gosto” e “Não gosto”. Entendo claramente que ela faz apenas o que agrada a ele.

— O senhor acha que podem abaixar um pouco o preço?

Pego a pasta.

— Sabem quanto é?

— Sim.

Não me lembro mais quanto pediram. Aqui está... O preço já foi abaixado três vezes.

— Um milhão e duzentos mil.

— Não é pouco... Não podemos fazer uma tentativa pelo menos?

Na ficha, está escrito que não é possível reduzir mais.

— Acredito que não...

A senhora me olha, sorri, inclina a cabeça para o lado, joga um pouco de charme, é como se quisesse me convencer. Mas eu não tenho nada a ver com isso, senhora. E, além do mais, me desculpe, a senhora já tem o seu Thomas... O que está querendo? Deve pagá-lo, não? Pela casa também.

A mão grande e tosca do romeno fecha a pasta. Depois, ele me olha e afirma:

— Ficaremos com ela.

A senhora fica surpresa.

— Mas Thomas...

— Ficaremos com ela. Eu gostei.

Ele a aperta com força contra o peito, abraça-a; desta vez, é ele a beijá-la e a esfregá-la. A mulher parece estonteada e sorri exaurida, como se tivesse tido um orgasmo.

— Sim, gostamos muito. Será fantástico.

Chega o elevador e entramos. Tenho uma espécie de tontura quando não sinto mais o perfume dos dois, mas o de Alessia. É um instante. Fecho os olhos e tenho a impressão de ter voltado àquele dia enquanto subíamos ao último andar. Estávamos no elevador. Em vez de apertar o três, onde mora, apertou o quatro, e eu percebi seu gesto.

“Mas...”

Ela me olhou com malícia, como se dissesse “tem alguma coisa contra?”. Então, abriu a blusa. “Nicco... Está fazendo calor.”

Estava imitando uma propaganda. Olhei para ela em silêncio, mas não tive vontade de rir. O elevador continuava a subir.

“O que você quis dizer com ‘fiz até coisa pior’?”

Alessia explodiu numa risada.

“Sabia que era impossível que você deixasse passar assim, que não ficasse curioso, que não voltasse ao assunto...”

“Responde, o que você fez?”

“Está vendo... Você é como todos os italianos. É ciumento, siciliano, possessivo. Essa mulher é minha, *minghia*...”

E eu me lembro ainda que ela pronunciou a palavra num siciliano tão perfeito que Camilleri a teria tomado imediatamente por um personagem qualquer dos casos do comissário Montalbano.

Assim que chegamos ao último andar, Alessia saiu correndo do elevador, subiu as últimas escadas com passos pequenos e muito velozes, em seus saltos, procurando não fazer muito barulho até chegar ao terraço. Pegou uma chave e abriu a porta de ferro. Ela tinha arranjado a chave para aquela noite ou sempre a carregava consigo? E quantas vezes estive no local dos tanques? Mas, então, Alessia tinha razão? *Minghia, siculo sugno?*!^[5] Enquanto subia os últimos degraus,

ela começou a tirar a roupa lentamente, olhando-me em silêncio, sorrindo, ficando completamente nua, com os pés descalços sobre aqueles ladrilhos antigos dos velhos tanques. Eu estava excitadíssimo.

E ela me estimulou cada vez mais.

“Hoje quero fazer o pior.”

Sentou-se na borda do tanque e continuou a brincar.

“Minghia, prendimi uomo siculo...”[6]

E abriu um pouco as pernas, mostrando-me seus pelos perfeitamente aparados.

— O senhor está feliz com a nossa decisão de comprá-lo? Custa mais de um milhão de euros! Nem todos gastam tanto assim hoje em dia, não é verdade?

A senhora está um pouco ressentida com minha distração e me arrasta para fora do terraço, dos tanques, dela, daquela doce lembrança remota. Algumas lembranças são mais fortes que outras e permanecem indeléveis até mesmo em seus sabores. No entanto, agora estou aqui com eles.

— Chegamos, por favor, por aqui...

Abro caminho para eles saírem do elevador, mas a senhora insiste.

— Eu lhe perguntei se está feliz.

— Sim, ela perguntou se você está feliz — intromete-se Thomas, o romeno, que parece ter ficado animado com a ideia da nova casa.

Uma vez na rua, percebo que o conversível não está mais lá. Olho para o relógio: passaram-se doze minutos e

cinquenta e cinco segundos. Então, era ela no elevador. Era Alessia, que saiu com o bonitão. Eu me viro para os clientes. Estão ali, esperando minha resposta. Sim, é verdade, compraram a casa, e eu vou ganhar a comissão, mas neste momento não consigo mesmo mentir.

— Não. Não estou feliz.

E deveria acrescentar: “Espero que pelo menos os senhores estejam. No fundo, compraram uma bela casa, e espero ainda que sejam felizes e que esta história dure, quem sabe, mais do que o previsto...”. Porém, não me importa minimamente.

Entreolham-se atônitos. Não esperavam por essa reação e não sabem o que dizer. Eu quase sinto prazer com o embaraço deles.

Nesse momento, meu celular toca e me parece quase estranho ser educado.

— Desculpem-me, preciso atender.

— Nicco, onde você está? Estou precisando de você.

— Estou indo.

— Sim, mas vem logo. Estou em casa.

Desligo o telefone.

— Então, se decidiram comprar a casa, nos vemos no escritório para o pagamento da entrada. Aqui está meu cartão. Agora, preciso ir. Um imprevisto. Ah, estou feliz pelos senhores, compraram uma bela casa.

Cedo sempre. Não é verdade, não estou feliz por eles, não me interessam absolutamente, mas depois penso na B&B, no

dinheiro, no que eles dirão no escritório. E, ao contrário, eu gostaria de poder mandar tudo e todos às favas. Também Fabíola, minha irmã mais velha que me telefonou agora. “Estou precisando de você.” Para quê? O que aconteceu? Ela nunca me procurou depois que papai morreu. Nós nos vimos em casa para as festas, em várias ocasiões e em jantares, mas nunca falamos sobre nada, sempre fizemos de conta que não tinha acontecido nada. Agora, ao contrário, ela precisa de mim. E eu? Do que eu preciso?

7

Encontro o portão aberto e, quando entro no saguão de seu prédio, vejo Fabíola sentada nos degraus da escada. Durante o verão, os saguões dos prédios são bastante frescos. Os cabelos louros escuros caem para a frente. Está usando jeans e uma blusa em tons lilás e vinho, um pouco folgada, num daqueles estranhos tecidos indianos. Dois cordõezinhos claros se perdem entre alguns bordados do decote e caem exatamente como as cinzas do cigarro que ela segura entre os dedos.

— Você custou a chegar... Onde estava?

— Voltou a fumar?

— Voltei.

— Há quanto tempo?

— Um mês. O que você tem a ver com isso? Você veio para me fazer um interrogatório?

Sorri enquanto fala. Sento perto dela. Fabíola sempre me despertou curiosidade. Minha irmã sempre pareceu mais velha, fazia sempre as coisas certas; não como deveriam ser feitas, mas a seu modo. Não sei se fui claro. Quando se casou, por exemplo, deu três festas: uma em Roma, na igreja, outra em Florença e outra em Milão. Alguns anos

atrás, estive nos Estados Unidos, onde casou novamente numa praia de Malibu.

Mora na Via dei Tre Orologi, numa casa espetacular de onde se vê a Villa Borghese. É decorada como os melhores lugares que já vi, tudo branco com as paredes inesperadamente amarelas, roxas, azuis ou verdes. Quase parece a casa de um fotógrafo, mas não fica gritante, pois o branco predomina e o resultado final é de uma elegância muito original. Fabíola foi bastante corajosa e provou ter bom gosto.

Dá uma tragada no cigarro e depois me olha.

— Você sente falta do papai?

“Mas foi pra isso que você me chamou?”, eu gostaria de perguntar. “Você acha possível me telefonar e fazer eu vir até aqui para isso?” Não, não teria sentido, seria grosseiro e, pensando bem, é a primeira vez que toca nesse assunto comigo. De qualquer maneira, eu esperava não precisar falar sobre isso. Achei que seria capaz de me controlar, mas, ao contrário, sinto um nó na garganta, abraço os joelhos e os aperto com força.

— Sinto.

Gostaria de dizer muito mais, gostaria de dizer que às vezes eu rasgaria minha pele, que não consigo nem pensar sobre isso, pois a simples ideia de que papai não existe mais me faz enlouquecer. Quer dizer, entro em pânico só de imaginar que, a certa altura do dia, posso precisar perguntar alguma coisa a ele, mesmo a coisa mais idiota, não

necessariamente importante, e não o encontrar. Não o encontrar mais. Mesmo que, de vez em quando, imagine que ele está me ouvindo e então fale com ele, peça seus conselhos, em geral fale da mamãe, do fato de que ela não consegue superar o amor que sentia nem sua perda. E todas as vezes que nos falamos, principalmente sobre isso, acabo chorando, mas não lhe digo nada.

— Fabi, o que você quer?

Ela me olha de novo, sorri, despenteia meus cabelos e depois fica séria.

— Nicco, você já está grande. Você é o homem da casa, sabe? Não podemos fazer de conta que não aconteceu nada. Temos de seguir em frente.

Permanece assim, em silêncio, como se quisesse acrescentar alguma coisa num tom mais baixo, ou talvez seja apenas uma impressão minha.

— Notou como Francesco se parece com o papai? Está ficando cada vez mais parecido com ele.

É verdade. Francesco é seu filho de três anos, e eu também já tinha notado isso. Eu adoro o menino. Ele é fora de série. Tem os olhos do papai e de vez em quando olha para a gente de um jeito que me impressiona; é como se ele estivesse realmente ali dentro, como se através de Francesco quisesse me dizer alguma coisa; de repente, o menino sorri e me diz “mais”. Porque faço sempre brincadeiras e, naturalmente, ele gostaria que não acabassem nunca. “Mais, Nicco! Faz outra vez?”

— É só por ele que eu ainda estou com Vittorio. — Depois de me dizer isso, Fabíola se levanta, caminha até o portão, dá uma última tragada no cigarro e o atira longe. Então, volta para perto de mim. — Só por Francesco. — Senta-se um pouco mais distante e fica assim, me olhando.

Não sei o que dizer, por essa eu não esperava. Devem ter brigado sério. Posso até imaginar a cena... Minha irmã deve ter dito a ele uma daquelas frases em que talvez tenha pensado mil vezes, mas que conseguiu guardar para si mesma, uma daquelas frases que depois a gente se arrepende, de tão dura, não porque não seja verdadeira, mas porque é algo que não devemos dizer, só isso. Com certeza foi isso que aconteceu.

— Eu me encontrei com o Cláudio.

Como se encontrou com o Cláudio? Aquele seu namorado antológico de todo o período do Ensino Médio e da maior parte da faculdade, um que criava problemas, possessivo, ciumento e ainda por cima machista? Ficaram juntos até Fabíola conhecer Vittorio. Acho que terminaram exatamente por isso. E agora reaparece o problema?

— O Cláudio?

— É, ele mesmo. A gente se encontrou num jantar da antiga turma. Nós nos achamos pelo Facebook, e quando a gente se viu foi muito estranho, como se tudo fosse como antigamente.

— Fabíola, Fabíola...

Ela me olha, mas fica em silêncio. O que quer dizer com esse silêncio? Terá feito amor novamente com ele? Fabíola, casada com Vittorio, mas principalmente mãe de Francesco, faz amor com seu ex-namorado de escola, Cláudio. Com certeza Alessia me diria: “Você é um burguês. Está se comportando tipicamente como um burguês. O que tem a ver ela ser casada? Ou você diz isso porque ela é sua irmã? Ou porque tem um filho?”.

Uma vez, tivemos uma discussão desse tipo. Ela estava falando de uma amiga e ficou muito exaltada. Tudo o que eu dizia não estava certo, sabem quando não conseguimos dar uma dentro? Exatamente assim. “Você é apenas um pequeno-burguês.” A discussão acabou assim. Ela protegeu a amiga até o fim, mas agora me vem uma dúvida: estava defendendo a amiga ou a si própria?

— Quer saber se fomos para a cama?

Fabíola me surpreende com essa pergunta tão direta; nunca conversamos sobre esses assuntos, eu e ela. Com Valéria, minha irmã caçula, algumas vezes sim, mas com ela jamais.

— Não, obrigado, não quero saber.

— Mas eu te digo: não, não fomos.

E, não sei por que, dou um suspiro de alívio. A situação ainda não é tão grave.

— Não ainda.

— O que quer dizer? Não deve, não pode... Não é justo, pronto.

Sinto que, na verdade, não sei bem o que dizer. Acho que Fabíola já percebeu. Ela sorri e acende outro cigarro.

— Fumar também está errado, mas eu gosto.

— Eu gosto? Mas é diferente. Que ideias são essas? Você assumiu um compromisso, se casou pelo menos três vezes...

— Quatro, se contar Malibu.

— Mas a coisa mais importante é que você tem um filho.

Fabíola fuma em silêncio. Nesse momento, um senhor entra pelo portão do prédio e atravessa o saguão. Usa mocassins elegantes, e o som deles ecoa no átrio vazio.

— Boa noite...

Cumprimenta-nos gentilmente. Nós respondemos. Depois, chama o elevador. Enquanto aguarda, nos olha curioso. Vê-se que ele conhece Fabíola, mas parece deixá-lo perplexo, não sabe bem como me enquadrar: sou um amigo, um estranho, um amante, Cláudio? Não, sou muito jovem. Observa-me, e eu gostaria de lhe dizer “sou o irmão dela”, mas ele é mais rápido do que eu.

— Desculpe, mas aqui não é permitido fumar. — Fabíola nem sequer se dá ao trabalho de olhá-lo.

— Sim, tem razão. — Mas dá outra tragada sem se importar minimamente com a observação. O senhor balança a cabeça. O elevador chega, e, sem dizer mais nada, ele vai embora.

— Adoram encher o saco.

— Mas é verdade que não se pode fumar aqui.

— Se não fosse o cigarro, diria que não se pode sentar nas escadas. Tem gente que vem ao mundo só para encher o saco dos outros... Talvez porque alguém encheu o saco deles em outra vida.

Fabíola está convencida de que tudo deriva de alguma coisa, de que existe um destino. Muitas vezes, quando discutimos sobre isso, ela defendeu a inutilidade do fazer. É tudo inútil: lutar, discutir, mudar.

“Pra quê? Já está tudo escrito...”, disse ela.

“Me dê pelo menos a crença na ideia de que nós podemos fazer alguma coisa, de que podemos mudar um pouco as coisas, senão que sentido teria qualquer decisão nossa?”

“OK...”

Quando papai morreu, lembro que ela se aproximou de mim durante o velório.

“Viu? Eu tinha razão... Nós não servimos para nada.”

E eu compreendi imediatamente que ela se referia àquela conversa que tivemos um ano atrás. Era como se já o esperasse, como se soubesse que chegaria o dia em que ela me diria aquela frase. E eu não pude responder nada.

— Eu tenho certeza de que Vittorio percebeu alguma coisa...

— Mas o quê, se não aconteceu nada?

— Eu e Cláudio nos falamos todos os dias. Penso sempre nele, e uma pessoa percebe quando a outra está distante, desligada...

Alessia, nos últimos dias, estava sempre com a cabeça em outro lugar.

Vira-se na minha direção e me olha.

— Não é preciso amar para trepar. — Depois, levanta os ombros.

Nunca tinha visto minha irmã assim, quer dizer, como ela é agora, parecendo uma garotinha. Fabíola sempre foi metódica. Para ir à escola, arrumava tudo antes, a blusa, a saia, o tipo de sapato. Mantinha o livro aberto e o diário apoiado em cima, indicando o assunto sobre o qual poderiam questioná-la. Enfim, mais organizada do que ela não sei quem poderia ser. Era otimista, sempre foi, e achava que a última leitura poderia ajudá-la, poderia servir para alguma coisa caso ela fosse interrogada. Agora, no entanto, parece outra pessoa.

— Sabe o que é? Não consigo entender por que você me chamou. Em geral, chamamos alguém para pedir um conselho, mas você não, acho que já decidiu tudo.

Fabíola dá uma tragada e ri.

— Ficou chateado.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Se eu já decidi tudo, então por que te chamei aqui? Meu irmãozinho, estava com vontade de te ver, não complique as coisas. Você sabe que o Francesco é louco por você? Ele adora a brincadeira das folhas.

É uma brincadeira que faço com ele: coloco-o nos meus ombros e corro por debaixo das árvores, onde as folhas são

mais baixas, fingindo estar em perigo, mas é claro que fico atento para que ele não se machuque com os galhos e não corra nenhum risco.

“Mais... brincadeira das folhas”, pede ele.

Quando não posso encontrá-lo no parquinho, passo na casa deles, e então ele fica louco com a brincadeira das portas! Quer sentar nos meus ombros e passar debaixo das portas. Grita quando eu tenho de me abaixar, mesmo que eu já saiba, e eu gosto quando ele belisca meu rosto com medo, mas não diz nada, pelo contrário, finge ter confiança. A coisa que mais me impressiona, e que eu nunca teria podido imaginar, é que quando ele era menor, e eu brincava com ele de me esconder nos quartos escuros em sua casa, ele entrava com a maior naturalidade e me procurava sem medo algum, sem nenhum problema. Tinha um ano e meio. E sabem por quê? Porque não conhecia o medo. Uma vez, ele atravessou um quarto inteiro no escuro e me viu de joelhos atrás da cama. “Nicco!” Veio até mim e me abraçou. Depois, se afastou e me olhou sorrindo. Sabem por quê? Porque eu não podia fazer nada a ele, nada podia acontecer a ele, porque para ele ainda não existia o medo. É o mundo que mais tarde nos transforma, e isso aconteceu com ele depois de alguns meses. A luz do corredor estava acesa, e eu tinha me escondido atrás da porta do banheiro com as luzes apagadas. Ele se aproximou devagarinho. Vi seu reflexo no espelho, mas, de repente, ele parou na entrada e se inclinou um pouco para a frente para ver se era eu naquele lugar. Pela

primeira vez, aquela escuridão, a incerteza do que poderia acontecer naquele banheiro sem luz, fez com que ele fugisse. Foi para a cozinha, onde estava Fabíola, e não voltou mais. Não se sabe como, tinha conhecido o medo. Talvez por culpa de uma daquelas histórias para ouvir ou de um desenho animado; de qualquer maneira, tinha se “contaminado” com aquela tomada de consciência. Perguntei-me como deve ser para uma criança a primeira sensação de medo. Comigo também foi assim, eu fui tudo isso, e existe uma pessoa que certamente viu tudo: meu pai. Francesco me faz pensar em meu pai, todas as vezes que brinco, rio ou luto com ele, não posso deixar de pensar em tudo que meu pai deve ter feito por mim. Certamente tantíssimo, mas eu não me lembro de nada. Nós nos lembramos de coisas bobas e insípidas já que não podemos recordar aquelas de que gostaríamos. Há um filme belíssimo, o título é *Estranhos prazeres*, no qual se aplicavam no couro cabeludo microchips que possibilitavam a gravação de tudo aquilo que se via. É um belo filme. Alguns bons filmes deveriam se tornar realidade. Se uma coisa foi pensada, já é um passo adiante para que um dia exista.

— Nicco, você quer me dizer alguma coisa?

— Oi? — Minha irmã percebeu que eu estava longe. — Não.

— Tem certeza? Está tudo bem?

Gostaria de contar a ela sobre Alessia, que desapareceu de repente, sobre o cara que foi buscá-la hoje e sobre a vida que

ri de mim, mandando-me fazer uma visita de trabalho exatamente onde ela mora, mas prefiro simplesmente dizer:

— Sim, tudo bem... É sério, se tivesse acontecendo algo eu diria a você...

— Melhor assim. Hoje Francesco perguntou por você. Há muito tempo que você não vem nos visitar.

— Tem razão, virei, sim, sem falta.

— Bem...

Levanta-se e passa as mãos sobre os jeans, ajeitando-os melhor.

Em seguida, desce correndo os degraus e entra no elevador.

— A gente se vê em breve.

Aperta o botão do seu andar, mas, antes que a porta se feche, consegue me dizer apenas uma frase.

— Eu menti para você, desculpe. Fui pra cama com o Cláudio.

Depois, sorri para mim e levanta novamente os ombros.

Mas como? O elevador já estava fechado. Ela fez de propósito, para não ter de discutir, para não ouvir perguntas. Queria se livrar daquele peso, mas sem ter problemas. Não, não se pode fazer assim.

“Toda ação causa uma série de eventos.”

Quando nos conhecemos, Alessia estava estudando a ioga *drishti*, a visão iogue, enfim, o carma, acho, mas também a filosofia estoica. Assim, ela me dizia que tudo aquilo que

acontece predispõe o futuro. E isso, com a distância do tempo, naturalmente me faz pensar em nós.

Mas agora penso em Fabíola. Ela dormiu com Cláudio e, portanto, está predispondo seu futuro. E a coisa mais absurda é que me vêm à mente Francesco e, ao mesmo tempo, meu pai. O que eles diriam? Como a julgariam? Pediriam explicações a ela? Já sei o que meu pai diria: “Mas como? Você teve um filho, deveria se sentir uma mulher feliz... Por que ainda toda essa inquietação? O que falta a você? O que está procurando?”. Mas meu pai não pode mais fazer essas perguntas. Francesco, por outro lado, é muito pequeno. Talvez ele desse apenas um sorriso, pensando: “De qualquer maneira, mamãe é feliz assim”. A mim, que talvez pudesse fazer perguntas, ela não concedeu o tempo. Uma coisa está martelando em minha cabeça, algo que ela disse: “Agora você é o homem da casa”. É, pode ser, mas, além do fato de achar que não conto para coisa nenhuma, existe outro pequeno detalhe: não tenho a menor vontade de sê-lo.

8

Eu gostaria de ter sido melhor, mais forte, mais decidido, mais homem. Gostaria de ter resistido, de ter sabido me impor todas essas qualidades, de não levar nada muito a sério, quase rir de tudo isso, fazer outras coisas, ir a algum restaurante, bar, à casa de Ciccio, vestir uma roupa de ginástica e correr pela Via della Camilluccia em subida à noite, tomar uma cerveja pela rua, no centro, naquele pub cheio de estrangeiros, o Trinity College. Mas não, não consegui, estou em frente à casa de Alessia, do outro lado da rua. Desliguei o motor. Quero ver se foi ela mesma quem saiu com aquele sujeito, com o bonitão. Ligo o rádio, procuro uma música que me agrada. Mudo de estação repetidamente. “Just give me a reason”, de Pink, “Umbrella”, de Rihanna, “Amami”, de Emma, esta não mesmo, e, depois, “When I was your man”, de Bruno Mars. Todas cruéis. Não, nenhuma servirá; quando estamos mal, não existe nada que caia bem. Depois, acontece. Ah, é sempre assim, é como se o destino se obstinasse em certos momentos. *Solo per te io cambierò pelle per non sentir le stagioni passare senza di te...*^[7]

A nossa música. Que tristeza. Agora as palavras parecem ter outro significado. “Solo per te” surgiu exatamente naquele momento, na casa dela, quando seus pais não

estavam. Tinham ido passar o fim de semana fora, e ela me chamara.

“O que você vai fazer hoje à noite?

Tem algum compromisso?”

“Tenho, com você...”

“Ah, bem, só queria ver...”

E depois riu. Seu riso ao telefone era uma poesia. Começava a rir e não parava mais, às vezes leve, às vezes com uma risada tão bonita que não sei como descrevê-la, sei apenas que eu ficava a escutá-la. Não dizia nada, e quanto mais eu ficava calado, mais continuava a rir.

“Chega, não aguento mais, você me faz rir muito.”

“Mas eu não estou dizendo nada...”

“Por isso mesmo, chega, chega...”

“Mas o que posso fazer! Não estou dizendo nada!”

E isso fazia com que ela risse mais ainda. Depois, finalmente conseguia se controlar.

“Nossa mãe, chega, não aguento mais, estou com dor na barriga... Vem pra cá. Daqui a quanto tempo você chega?”

“Estou aí.”

E riu novamente, uma risada mais breve dessa vez. De repente, sua voz ficou mais baixa.

“Dorme aqui comigo? Quero muito.”

E desligou assim, sem dizer mais nada, porque não havia necessidade.

Chega um carro, que estaciona um pouco além do portão. Pouco depois, desce um casal. São mais velhos e moram no

segundo andar, todos os dois pequeninos, tranquilos. Dizem alguma coisa, algumas trivialidades, talvez sobre o programa que fizeram ou o que farão no dia seguinte, o que comeram e como era simpática aquela pessoa à mesa.

No final, entendo apenas:

— Você está com as chaves?

— Estou.

E desaparecem dentro da portaria. A rua fica silenciosa novamente. Estou embaixo de um poste apagado, no trecho mais escuro da rua. A música está quase acabando.

Come la neve non sa coprire tutta la città, come la notte non faccio rumore se cado è per te...^[8]

Quem sabe eles também estão ouvindo a mesma música agora? Ele acaricia suas pernas, levanta um pouco a saia... Talvez tenham acabado de estacionar em qualquer lugar, talvez seus pais não tenham viajado dessa vez, e então ele a levou para a casa dele. Esse último pensamento me aniquila.

Come la notte non faccio rumore se cado è per te...

A música acaba.

“Oi... Vem, entra, você chegou rapidíssimo...”

Estava com um tesão louco por ela. Ainda me lembro. Parecia que eu tinha dezoito anos outra vez; ela tinha a capacidade de me excitar de um jeito único.

Ela caminhou ao longo do corredor com suas pernas compridas acariciadas pela saia do vestido branco com flores vermelhas; os sapatos eram altos, mas não muito, de cortiça e com cordões brancos e pétalas vermelhas.

“Quer beber alguma coisa?”

Ela nem se virou, continuando a caminhar, mas eu não estava com vontade de beber nada. Olhei para sua calcinha desenhada sob aquela leve transparência do vestido. Ela parou, se virou, sorriu.

“Então? Quer beber alguma coisa ou não?”

Eu a alcancei e parei diante dela, que me olhava curiosa. Estávamos muito próximos.

“O que é?”

“Você é lindíssima...”

“E...?”

E... não consegui dizer nada naquele momento.

“E quero te beijar.”

Não lhe dei tempo de dizer mais nada, apertei-a com força, beijei-a com paixão, longamente, deixando-a sem respirar, como se fosse um beijo desesperado, como se talvez, de alguma maneira, eu já soubesse... Ou era apenas estupidamente ingênuo e feliz. Não sei, mas um segundo depois estávamos no quarto de seus pais e tirávamos a roupa em silêncio. Ela despiu o vestido lentamente, estava usando um conjunto de calcinha e sutiã de algodão leve, preto, de renda, e no foco de luz que entrava pela janela a vi se inclinar para colocar o vestido sobre a cadeira. Depois, voltou-se para mim de repente.

“Pare de me olhar...”

“Como posso não...”

Entrou depressa debaixo das cobertas.

“Bobo...”

Depois sorriu, levou a mão para trás das costas e, mesmo coberta, fez seu sutiã deslizar de lado, depois a calcinha... Um instante e eu estava perto dela, sentindo seu cheiro. Toquei sua pele com os lábios, beijei seus seios, mordi suavemente seus mamilos, acariciei suas pernas, depois, lentamente, abri suas pernas um pouquinho e comecei a tocá-la. Ela também estava excitada; eu sentia seus movimentos lentos sob minha mão. Passei para cima de suas pernas com suavidade.

“Cuidado, hein...”

“Pode deixar...”

Sorri para ela.

“Você trouxe camisinha?”

“Estou tomando cuidado...”

“Sei... Como com aquele beijo antes? Mais um pouco e eu ficava imediatamente grávida.”

Eu ri. Levantei e peguei a camisinha no bolso da calça.

“Há quanto tempo você tem essa camisinha?”

“Comprei hoje...”

“Tem certeza? Vê se não está furada...”

“Deixa disso!”

Ela me olhava, sorrindo.

“Quer que eu te ajude?”

“Não, obrigado, eu mesmo faço...”

Tentei abri-la, mas quase escorregou das minhas mãos. Tentei novamente, unindo os dedos, mas nada. Coloquei na

boca, e ela percebeu.

“Cuidado, assim você rasga.”

“Não, estou fazendo devagar...”

E finalmente consegui, rasguei o invólucro e comecei a desenrolá-la. Penso por um instante: e se eu a furei? Gostaria de ter certeza, de enchê-la de ar para ver se escapava, mas ia parecer um verdadeiro cretino, como no tempo da escola, quando enchíamos camisinhas com água para fazer guerra! Não, não se pode. Eu a coloquei e, felizmente, estava bastante tranquilo, melhor assim, sem nenhuma brincadeira de mau gosto. Depois, fui pra cama, ao lado dela, beijei-a, afastei suas pernas devagar e subi delicadamente sobre ela. Estava excitado e a desejava e...

“Espera, espera, falta uma coisa...”

Não entendi que coisa era essa, mas ela se inclinou de lado, embaixo de mim, tateando sobre a mesinha de cabeceira até encontrar o rádio e ligá-lo. Aquela música começou a tocar.

Solo per te convinco le stelle a disegnare nel cielo infinito qualcosa che somigli a te...^[9]

“Pronto... Esta será a nossa música, o que você acha? Será para sempre a nossa canção...”

E fizemos amor e foi lindo, lentamente, com paixão e sem coisas estranhas. Depois, fomos para a banheira de seus pais e abrimos uma garrafa de champanhe.

“Espera, vou colocar outra na geladeira, assim eles não perceberão quando voltarem...”

“Hum, muito bom... Gelado na medida certa...”

Olhei para Alessia e me perguntei se ela já havia feito todas essas coisas com outro. Ela sorri, eu também, certamente não podia imaginar em que eu estava pensando. Gostaria de saber tudo sobre ela, entrar em sua cabeça, folhear suas lembranças, ver o quanto foi atirada com outros rapazes, o que fez, o que fizeram com ela, como reagiu...

“No que você está pensando?”

“Eu? No quanto este champanhe é bom... e no quanto é belo estar aqui com você.”

“Sim.” Ela ficou séria. “Sabe de uma coisa, Nicco? Eu nunca trouxe nenhum dos meus namorados aqui em casa... Você é o primeiro, acredita?”

“Claro... Por que não deveria acreditar?”

Levou a taça à boca.

“Não, assim, é só forma de dizer...”

Concordei e sorri. Tomei mais um pouco de champanhe.

Meus namorados. Mas o que ela quis dizer? Quantos eram? Ou melhor, quantos haviam sido? Porém, nenhum havia estado em sua casa. E tudo isso me excitava. Por que eu não deveria acreditar? Acaricieei seu tornozelo. Sim, mas ela terá ido à casa de quantos? E quantos terão sido? Lentamente, Alessia afastou a perna, colocando-a dentro das minhas, e começou a mover o pé para cima e para baixo enquanto bebia. Então, moveu o pé com força e me acertou.

“Ah!”

Riu por trás da taça de champanhe.

“Desculpe... Foi sem querer.”

“Não foi nada.”

Não era verdade, tinha doído pra cacete. Essas coisas são horríveis, acabam com toda a excitação. Não, felizmente, não houve nada. Chequei com a mão e estava tudo em ordem. Alessia, mais delicada, recomeçou a acariciá-lo. Tomou cuidado com a perna. Conseguiu. Fechei os olhos, estava ficando louco de prazer e escorreguei um pouco para trás com a cabeça.

“A gente não cabe nesta banheira tão pequena...”

“É...”

No entanto, era maravilhoso. Ela estava prestes a me fazer gozar, mas eu precisava resistir, resistir. No que pensar? Nos jornais, sim. É de manhã bem cedo, chega o fornecedor e descarrega os jornais. Coloco em ordem todos os jornais, mudo-os de lugar, dobro-os, coloco-os uns sobre os outros, faço várias vezes a mesma coisa, é muito cansativo e monótono. Ela continuava a me acariciar, mas eu não podia pensar nela. Agora arrumo as revistas para crianças, as histórias em quadrinhos. Alessia lentamente se afastou. Sentia a água baixar na altura dos meus ombros. Abri os olhos e vi que ela se levantou. Suas pernas estavam abertas em cima de mim. Sua vagina estava toda molhada, gotinhas d'água prisioneiras entre os seus pelos com uma leve espuma. Sorriu para mim.

“Posso ficar por cima?”

Concordei.

“Pode...”

Não sabia o quanto poderia resistir. Revistas de economia. Revistas sobre jardinagem. Jornais de ofertas de trabalho. Ela estava sobre minhas pernas, se dobrou para a frente e mergulhou na água. Revistas de pratos e panelas. Conseguiu segurá-lo com a boca. Beijou-o. Revistas de cozinha. Revistas de costura. Revistas de vinho. Em seguida, aninhou-se em cima de mim e o enfiou dentro de si, começando a cavalgar-me. Revistas de caça, revistas de carros, revistas de motores. Era cada vez mais rápida. Eu a vi jogar a cabeça para trás e quase gritar de prazer, seus esplêndidos seios bailavam diante de meus olhos, banhados, ensaboados, brilhantes. Continuava a se mexer com mais rapidez. Revistas de náutica, de barcos, de lanchas, de pesca, de praias. Revistas pornô. Nãooooo! Estas não! Não aguentava mais. Por um triz, consegui tirá-la de cima de mim e, felizmente, gozamos juntos, na água quente, agora mais ainda, sem medo, sem problemas, abraçando-nos no fim. Ficamos assim, ela em cima de mim, perfumados e ensaboados, com as bocas muito próximas, respirando uma sobre a outra. Vi seus lábios sorrirem. Depois, ela disse devagarinho, quase sussurrando: “Foi muito lindo, amor... Te amo”.

E eu fiquei em silêncio por algum tempo. Depois, disse simplesmente: “Sim...”.

Não consegui dizer a ela nada melhor, nem naquela noite, nem em nenhuma outra, nunca. E agora me encontro no

meu carro, diante de seu portão, em silêncio, e talvez não haja mesmo mais nada para dizer. Olho para o relógio. Estou aqui há uma hora e quarenta. Chegaram apenas aqueles dois, aquele casal. E se ele já a trouxe para casa? E se não foi ele? E se ela não saiu? E se chegou um minuto antes de mim? São quinze para a uma da manhã. OK. À uma hora vou embora. Mais quinze minutos. Se ela não chegar, vou embora. Começo a pensar na visita feita, na possibilidade de que comprem o apartamento, na antipatia do romeno, na quantidade de gente inútil que existe neste mundo, em quanta gente interessante seria bom encontrar. Sinto falta de meu pai. O que ele me diria naquela situação? Eu contaria a ele? Talvez sim. “Sabe, papai, ontem passei a noite inteira parado na porta da casa da Alessia...”

E ele teria feito uma de suas famosas piadas.

“Por quê? Você esqueceu alguma coisa lá?”

E eu ficaria uma fera. Ou talvez não. Somente hoje compreendo quantas vezes me zanguei enquanto ele debochava de mim, sem entender que o fazia porque tinha certeza do seu amor. Hoje brinco com Francesco, faço-o ficar zangado, mas só porque sinto ternura por ele, porque o vejo pequenino e indefeso, porque gostaria de comê-lo, porque é isso que você, papai, deve ter sentido por mim, e eu não me lembro mais. Eu estava ali, mas não percebi. Sinto sua falta, papai. Mais do que tudo, porque para o resto sempre existe tempo. Mais de Alessia, porque eu a posso reconquistar. Talvez. Olho para o relógio, é uma hora e um

minuto. Bem, vou esperar até uma e quinze e depois juro que vou embora. No entanto, já sei que não será assim e que continuarei a esperar, que às vezes o tempo não importa absolutamente nada; às vezes, ao contrário, o tempo é tudo e, nesses casos, nunca temos o suficiente. Finalmente, minha tenacidade é recompensada. Às duas e cinco, chega a BMW azul do bonitão. Agora quero ver o que ele vai dizer. Saio do carro e me dirijo para o portão.

9

Atravesso a rua depressa; na realidade, quase corro na direção deles.

— Ah, ainda bem!

O bonitão se vira e me olha, curioso. Claro, você não sabe de nada. Como pode saber o que você estragou, quem havia antes de você, quem foi deixado de lado sem a mínima explicação a não ser um banal e quase ofensivo “sinto muito...”?

De repente, paro. O bonitão é grande. Tem os ombros largos e suas mãos, agora vejo melhor, parecem enormes, duras, calosas, enfim, aquelas que podem fazer um estrago enorme. Depois, pela outra porta, finalmente, ela desce.

— Oi, Niccolò... O que está acontecendo?

É Daniela Martini, aquela do segundo andar, uma garota bonita, ex-modelo fotográfica, que parece ter se metido com gente estranha, ou pelo menos é o que dizem. Para mim, parece apenas sorridente e gentil. Talvez seja uma daquelas habituais lendas das grandes cidades. Também é verdade que, à noite, quando esperava Alessia, eu a vi sair nos carros mais diversos. Às vezes, vinham apenas motoristas buscá-la. Lembro-me de que uma vez subimos juntos no elevador e,

subitamente, ele parou. Tomado por um ataque de pânico terrível, comecei a dar chutes na porta.

“Porra! Abram, abram! Merda! Já disse pra abrirem!”

Continuei a chutar a porta como um louco, suando, completamente encharcado e com o coração a dois mil quilômetros por hora.

“Você vai ver que já já ele funciona”, disse ela com uma voz tão serena e pacata que imediatamente me trouxe tranquilidade.

E assim, alguns instantes depois, comecei a respirar normalmente outra vez. Meu coração batia mais devagar, e Daniela Martini continuou a falar:

“Você é o namorado da Alessia, certo? Aquela moça simpática do terceiro andar? Qual é seu nome?”

“Niccolò.”

“Vocês formam um bonito casal.”

“Obrigado.”

“Há quanto tempo estão juntos?”

“Sete meses.”

“E como se conheceram?”

“Na academia... Mas deixei de ir porque comecei a trabalhar.”

“Ah, e o que você faz?”

“Várias coisas. Estudo Comunicação e trabalho numa banca de jornais da família pela manhã e numa imobiliária à tarde.”

“É mesmo? Deve ser interessante. Talvez eu mude de casa. Se me mudar, irei até sua imobiliária. Vai me tratar bem?”

“Claro. Temos muitas ofertas nesta área.”

E assim continuamos a bater papo até que o elevador voltasse a funcionar. Antes de sair, me desculpei pelo ataque de pânico, e ela sorriu para mim.

“Eu sei como é, não se preocupe. Meu namorado também reagia assim. Sofria de claustrofobia. Não tinha medo de nada nem de ninguém, mas, se ficasse dentro de um elevador ou num lugar apertado, quebrava tudo.” Depois, ela riu. “Talvez tenha sido exatamente por isso que terminamos!”

Nunca entendi o que ela quis dizer com essa frase, mas sei que ela não estava interessada em saber sobre minha vida; todas aquelas perguntas eram apenas para me distrair, e ela tinha conseguido. É claro que não mudou de casa.

— E então, Niccolò?

Ela olha para mim à espera. O homem ao seu lado está em silêncio, deve estar se perguntando como Daniela Martini conhece um tipo como eu. Procuro inventar qualquer coisa, mas acabo por desistir. Estou muito cansado e não consigo ter nenhuma ideia.

— Perdoem-me, é que briguei com Alessia... Quer dizer, na verdade, terminamos. Para ser mais sincero ainda, foi ela quem me deixou e não sei por qual motivo...

Daniela Martini parece sensibilizada com minhas palavras. Ela sorri e levanta os ombros.

— Sinto muito...

— Foi o que ela disse...

O homem começa a rir.

— Escutem aqui... Eu também sinto muito, mas, Dani, vamos subir?

Ela não diz nada, pega as chaves na bolsa e abre o portão.

— Tchau, Niccolò. — Daniela entra, mas se vira na minha direção. — Posso te dar um conselho? Você não vai resolver nada esta noite. Vá para casa.

— Tem razão, boa noite.

Caminho em direção ao carro, mas enquanto me afasto não posso deixar de ouvir o que eles dizem.

— Poxa, você o deixou mortificado com sua risada.

— Poxa digo eu! Mais parecia aquele programa de televisão da De Filippi.^[10]

— Sei, *Uomini e donne*. Mas o que tem a ver?

— Não, aquele programa em que abrem o envelope.

E ela ri. Por essa eu não esperava. Daniela Martini me imaginou como um daqueles azarados de *C'è posta per te*.^[11] Não, eu nunca iria a um programa como esse, mesmo que o carteiro fosse à minha casa e o convite tivesse sido mandado pela própria Alessia.

Ao dizer essas coisas, admiti indiretamente algumas outras: um, conheço perfeitamente o programa; dois, já assisti ao programa; três, se recebesse o convite, tendo sido

enviado por Alessia, participaria imediatamente do programa.

Constatei que estava me comportando exatamente como aquelas pessoas que detesto, aquelas que se declaram de acordo sempre que alguém diz que uma coisa é *trash*, mesmo que não saibam o que isso significa, ou, ainda pior, aquelas que assistem a certos programas e depois fingem que não os veem porque não são suficientemente *cool* ou *smart* ou *trendy*, enfim, uma série de palavras sofisticadas para dizer que se você assiste a tal programa também é um cara que sabe das coisas!

Numa noite, na casa de Alessia, assisti a *C'è posta per te*. Era a história de um rapaz que nunca tinha conhecido seu pai e que depois de vinte anos finalmente tomou coragem e decidiu encontrá-lo. Agora, não sei se foi porque eu tinha perdido meu pai havia pouco tempo ou porque o arrependimento desse outro pai televisivo parecia efetivamente sincero, mas devo dizer que a cena me emocionou bastante. Assim, quando veio da cozinha, Alessia me disse:

“Não posso acreditar! Você está chorando?”

“Não, nada disso... Entrou uma coisa no meu olho...”

“Sei, um mosquito com sensibilidade! Vem, vamos pra cozinha, a comida está pronta, sentimentalzinho...”

E continuamos a assistir ao programa, e eu, a certa altura, comecei a soluçar. Alessia se levantou, contornou a mesa, me abraçou com força e me disse: “Eu sei por que

você está chorando, amor. Não é a história desse rapaz e do pai dele, é por causa do seu, que não existe mais, e porque você sente tanta falta dele. Muitas vezes, algumas coisas puxam outras e aquelas dores que não conseguimos contar para ninguém, nem para nós mesmos, vêm à tona.”

Então, eu olhei para ela e concordei, em silêncio, levantando o nariz, não conseguindo mais segurar as lágrimas, e ela me sorriu.

“Não se preocupe, chorar é muito bom. Significa que você sente realmente a falta de alguém a quem amava tanto...”

E daquela vez, mais do que nunca, eu entendi que a amava. Foi uma sensação estranhíssima, como quando acabamos de fazer amor e nos surpreendemos com aquilo que sentimos, porque, claro, nós nos lembrávamos, a pessoa é sempre a mesma, mas não o lembrávamos assim tão lindo. Naquele momento, foi ainda mais. Era como se tivéssemos acrescentado uma pitada de magia, como se eu tivesse compreendido que ela era exatamente ela e que me entendia perfeitamente, nos mínimos particulares com todas as suas minuciosas nuances. E, ainda assim, não consegui lhe dizer nada. E, então, do que posso reclamar agora? Ligo o carro e volto para casa sem saber que aquela noite ainda não estava terminada e que seria uma das mais complicadas de minha vida.

10

Estaciono, mas mal tenho tempo para entrar no edifício.

— Estava esperando você!

Ela me puxa pelo paletó e me empurra contra a parede.

— Pode-se saber por onde andou até agora, hein? — Olha para o relógio. — São duas e meia da manhã, e então?

Tiro suas mãos da gola da camisa e a ajeito no lugar.

— Peraí, posso saber qual é o seu problema, irmãzinha?

Valéria ri. É louca. É realmente louca minha irmã.

— Você tem razão. Tenho um monte de problemas, porra, e não posso contar com você pra nada! Mas, falando sério, você sempre volta cedo. O que fez hoje para chegar assim tão tarde?

— Nada.

— Sei, conta outra...

Acende um cigarro e começa a rir.

— Imagine então quando fizer alguma coisa! Vai chegar de manhã cedo? Problemas com a garota, é?

Valéria sorri na escuridão do saguão iluminado apenas pela brasa do cigarro quando dá uma tragada. Vejo seus dentes brancos, perfeitos, e seus olhos escuros. Usa os cabelos soltos, compridos, e sua pele é morena. É muito bonita, parece uma indiana. Tantas pessoas já disseram isso

a ela que no fim até se convenceu. Fez tatuagens tribais, usa tiaras estranhas, anéis em forma de serpente e pulseiras de prata, enfim, faz de tudo para parecer uma *squaw*,^[12] e, além do mais, tem um temperamento rebelde e não aceita ser mandada por ninguém. Dá outra tragada no cigarro.

— Bem, serão problemas seus. De qualquer maneira, todos temos nossas chateações; eu, por exemplo, me sinto em dia com a minha cota...

Fica em silêncio e me olha, esperando que eu demonstre o mínimo de curiosidade. Mas não o faço.

— Olha, Vale, eu tive uma noite horrorosa. Podemos ir dormir e nos falamos amanhã?

Sopra a fumaça.

— Seria ótimo! Eu gostaria muito de tomar um bom banho e ir dormir, mas existe um pequeno problema: Pepe está chegando.

— O quê? E por que disse “temos”? O que eu tenho a ver com esse Pepe?

Dá outra tragada para parecer calma, acho, e é tão louca que talvez esteja louca de verdade.

— Disse “temos” porque Pepe vai chegar aqui e, se eu não descer, ele vai arrebentar a casa, então o problema também é seu.

Permaneço um instante em silêncio. Eu sabia que deveria ter aceitado a oferta do diretor da imobiliária e comprado um pequeno apartamento perto da agência. Ele queria me vender por um preço bom, descontando aos poucos, mas eu

preferi continuar em casa para não deixar minha mãe muito sozinha e principalmente porque desde que papai morreu o dinheiro nunca é o bastante, mas também porque deixar Valéria sozinha com mamãe me preocupa mais do que qualquer outra coisa. E, de fato, eu não estava enganado.

— Não entendo por que você não pode descer... Desculpe, mas você quis ficar com ele, não?

Pepe é um suburbano de Tor Bella Monaca.^[13] Não digo isso pelo bairro, que é perigoso, mas não é melhor nem pior do que tantos outros, mas apenas para que se possa entender que tipo é ele, pois em Tor Bella Monaca todos têm medo dele. No início, quando Valéria me contou, comecei a rir. Estávamos à mesa.

“Tenho uma notícia pra te dar, *brother*...”

Estávamos sentados serenamente, comendo os ótimos *gnocchi* com molho de tomate, feitos com amor por mamãe.

“Eu estou comprometida.”

“Que palavrão... E quem é o pobre-coitado?”

“Ah, dessa vez é um que sabe como lidar comigo.”

“Hum, deve ser tihoso, então.”

“Isso mesmo. Ele se chama Pepe.”

Paro com o garfo no ar.

“É estrangeiro?”

“Não.”

“Ah... É o jogador de futebol?”

“Não!” Valéria ri. “Pepe é apelido.”

“Ah, e por quê? É muito escuro como pimenta-do-reino?”

“Um pouco, mas não é por isso... Acho que o apelido vem do fato de que uma vez alguém olhou para a garota dele e ele foi até lá e fez o cara engolir a pimenteira toda... É assim que se diz, não? Pimenteira?”

“Não sei.”

“Bom, se o saleiro se chama assim, pimenteira deveria estar correto...”

Pensei que ela estava brincando; Valéria gosta de exagerar. Porém, alguns dias depois, comentando com Ciccio, entendi que a situação era mais complicada do que o imaginado.

“O quê? Com Pepe? Mas a tua irmã é louca? Ela corre o risco de ele matá-la! Pepe espancou sua última namorada, e, como o pai e o irmão dela se meteram, bateu neles também! Ele é um dos homens mais violentos de Roma ultimamente e, além do mais, é traficante. O apelido Pepe vem exatamente do fato de que sua coca não é boa, é cortada, misturada, com pontos pretos, mas todos a compram porque têm medo dele.”

Como em geral acontece, ninguém poderia jamais ter certeza do que derivava efetivamente aquele apelido, mas uma coisa era certa: Valéria corria mesmo sério risco.

— E por que você não quer descer?

— Porque ele quer isto. — Ela me mostra um celular.

— Você roubou dele?

— É o meu.

— E por que ele o quer? — Começo a entender a questão, mas é melhor esperar antes de me preocupar.

— Porque quer ler as mensagens.

— E você não quer lhe dar porque existem mensagens que ele não deve ler. Mas por que você não deleta tudo e depois entrega a ele?

— Não, é uma questão de princípio.

— Escuta, Valéria, se metade das coisas que eu soube sobre esse Pepe é verdadeira, bem, eu realmente não sei o quanto ele se importa com princípios...

— Bem, é hora de começar a se importar!

— Mas é exatamente você quem vai ensinar a ele?

— Nós.

— Desculpe, mas “nós” quem?

— Nós, você e eu.

— Você está completamente louca! Eu não quero ensinar nada a ninguém, a Pepe então... Eu não quero nem sequer falar com ele... sobre princípios principalmente!

Valéria senta-se na escada, abraça as pernas, dá uma última tragada no cigarro e o joga no chão.

— Eu sabia. Se papai ainda estivesse aqui, as coisas não ficariam assim...

Piso no cigarro e o apago com força, com a raiva que não posso usar contra minha irmã.

— Se papai ainda estivesse vivo, você não fumaria aqui no saguão e talvez não tivesse se metido com esse Pepe, e,

certamente, se ele tivesse sabido, teria passado tardes, dias e noites falando com você, procurando te convencer a deixá-lo... Está claro?

— Sim, mas papai não está mais aqui...

Valéria abaixa a cabeça entre as pernas. Eu a olho em silêncio. Sinto culpa pela minha fúria. Ela é a caçula. O que será que sente com a perda de papai? Não posso entender, não sei...

— Vale, será que não podemos deixar esses princípios de lado? Por favor, estou te pedindo, faz isso por mim, estou atravessando um período realmente complicado...

Valéria levanta a cabeça e me olha.

— Eu também...

— Eu sei, mas agora quem está criando problema é você! Não podemos resolvê-lo de algum jeito?

— Como?

— Dando a ele esse bendito celular.

— Não posso...

— Por quê?

— Eu conheci um rapaz alguns meses atrás, uma pessoa muito doce...

— Sei, e então?

— A gente se beijou.

— Enquanto estava com Pepe?

— Sim.

— Mas então você é mesmo louca! Está procurando mesmo confusão!

Ela fica em silêncio e me olha de forma audaciosa.

— Quer dizer, você está com Pepe e beija outro?

— Sim, me agradava.

— Claro! Não tenho a menor dúvida de que te agradava, era só o que faltava! Mas por que você não deixou Pepe antes e depois beijou o outro?

— Eu tentei, mas Pepe não quer que a gente termine.

Não sei mais o que dizer. Fico por um instante em silêncio.

— Mas esse rapaz sabe que você está com outro?

— Sabe.

— E sabe que esse outro é Pepe?

— Sim.

— E ele também sabe quem é Pepe?

— Sim, sabe muito bem!

— Então esse outro também é um assassino, é outro violento, pior do que Pepe.

— Não, é um rapaz normalíssimo e tranquilo. É um poeta.

— Não, é um camicase! Imagine, alguém que te beija sabendo que você está com Pepe só pode ser um suicida!

— Ele só me beijou para me provar que não tem medo.

— Então, ótimo, não podemos mandá-lo falar com Pepe? Talvez se entendam, quem sabe esse poeta o convença, faça com que ele veja quais princípios devem ser seguidos, isso, talvez ele até lhe explique em rimas!

— Cretino. Você sabe muito bem que Pepe o mataria!

— Ah, é mesmo! Por isso eu devo ir!
— Você não me beijou.
— Não, mas te encheria de pancada!
— Poxa, Nicco, você sempre consegue convencer todo mundo...

— Sei, obrigado... Você está fazendo gozação com a minha cara? Nunca convenci ninguém. Não consegui convencer você a ter uma vida um pouco mais normal... E agora? Agora você quer que eu convença Pepe a respeitar seus princípios!

— Sim.
— Pois é! É fácil!
— Você não quer me ajudar...

Ela abaixa novamente a cabeça entre as pernas e fica a olhar para o chão.

— Valéria, desculpe, mas me explica melhor uma coisa: esse outro rapaz também tem um apelido? Talvez Cacio... Seria perfeito para uma daquelas histórias que aparecem nas colunas policiais dos jornais: “Cacio e Pepe^[14] num lago de sangue”.

— Ele se chama “o poeta” e não achei graça nenhuma de sua piada.

— Nem eu estou achando. Gostaria de esquecer tudo isso e ir dormir!

— Então imagine eu!
— É, mas existe um pequeno detalhe: eu não beijei ninguém enquanto estava com Pepe!

— Eu sei, mas agora já aconteceu, o que posso fazer?

— Dar a ele esse bendito celular. Assim ele fica tranquilo e passamos uma noite serena. Nas outras coisas a gente pensa amanhã.

— Não posso...

— Sempre por causa dos seus princípios? Deixe-os para lá por um segundo!

— Tem as mensagens dele.

— Do poeta?

— Sim, de Ernesto.

— Ah, se chama Ernesto o sujeito que colocou a gente nessa enrascada! E por que você não pode apagar as mensagens?

— Porque eu gosto muito delas!

— Então copie no computador, num caderno, em qualquer lugar, mas leve esse celular pra ele, vamos, Valéria, que droga!

— Não quero... — Ela começa lentamente a chorar. — Não é justo.

— O que não é justo?

— São minhas...

Nesse momento, chega uma Harley a toda velocidade. O motor faz um estrondo na noite. Quem a pilota acelera com violência, e o cano de descarga solta gases sem se importar com ninguém. Valéria me olha com um pouco de medo.

— Pronto, é ele.

— Maravilha! Eu não esperava outra coisa. Pepe é a cereja desta noite.

Suspiro, levantando os olhos, e mal tenho tempo de dizer mais alguma coisa antes de ouvir sua voz quebrar o silêncio da noite.

— Vale, onde é que você se meteu? Desce! Balanço a cabeça.

— O interfone ele não usa? Muito banal?

— Pois é!

Ela sorri para mim.

Suspiro, meneio a cabeça e vou em direção ao portão.

Antes de sair, pego o celular e tento telefonar para Ciccio. Ainda bem que está tocando, é uma sorte não estar desligado. Talvez ele conheça Pepe e possa me dar algum conselho, uma sugestão sobre o que fazer, mas... eu precisaria que ele atendesse o telefone! Não adianta. Desligo e saio para a rua. O tipo está sentado sobre a Harley 1.200, que parece pequena debaixo dele. Veste uma camiseta justa, que coloca em evidência cada músculo, até mesmo o menor, que, de qualquer maneira, me parece forte. Lembra aquelas histórias em quadrinhos tão violentas que até mesmo o ilustrador se preocupa com o resultado. É um corpo de pura violência. As pernas são tão musculosas que os quadríceps parecem explodir dentro dos jeans. Desliga o motor. A cabeça é raspada, uma pequena barba, não consigo calcular sua idade, mas seu olhar é de quem já viu muita coisa na

vida. Seus olhos parecem perscrutar no escuro, procurar, esfomeados, alguma presa, quando finalmente me vê.

— Oi, Pepe...

— Quem é você, porra?

— O irmão da Valéria, Niccolò.

— Manda tua irmã descer. — Não é seu forte fazer amigos. — Agora!

Não gosta mesmo de nada em geral.

— Escuta, Pepe, eu sei que às vezes existem algumas situações um pouco complicadas...

Levanta uma sobrancelha e me olha com certa perplexidade. Acho que a interpretação exata daquele olhar é “Não posso acreditar que esse micróbio está falando comigo...”.

Não lhe dou tempo para me interromper.

— Sabe, eu e minha garota terminamos o namoro na semana passada.

Faço uma pequena pausa para dar mais peso a essa confissão, esperando que ele possa ficar sensibilizado com a notícia. Nem sequer pisca. A única coisa que sei é que já contei o fato duas vezes apenas esta noite e espero que não haja uma terceira.

— E daí, o que eu tenho a ver com isso, porra?

— Não... É que...

— É problema seu. Manda tua irmã descer que é melhor.

— É que...

— Você ainda não entendeu. Quer que eu suba?

Pepe sorri para mim, mas de um modo tal que compreendo imediatamente o perigo que todos nós estamos correndo. A essa altura, fico sem saber o que responder. Ele desce da moto, apoia o capacete sobre o assento e fica em pé na minha frente. É realmente enorme, uma daquelas pessoas que quando encontramos na rua mudamos de calçada; um daqueles que só vemos nos filmes americanos, que a gente acha que não existem de verdade, que são resultado de montagem. Ao contrário, esse Pepe aqui é real e, infelizmente, nem mesmo posso mudar de calçada.

— E aí? Escuta, irmão da Valéria, manda ela descer logo! Estou perdendo a paciência.

— Não, é que...

— Você não vai me dizer que ela não está em casa, vai? Ela me escreveu que ia pra casa.

— Sim, claro, ela está.

— Ah, bem, agora diz pra ela descer. Ela tem que me dar uma coisa.

— Sei, o celular...

— Ah, ela contou pra você.

Pronto, fiz uma merda, uma bela merda. Eu queria dizer a ele simplesmente: “Escuta, Pepe, o que eu tenho a ver com isso? Me deixem em paz, estou mal, já te disse, minha namorada, Alessia, terminou comigo, e esta é a terceira vez que eu digo isso hoje...”. Mas já sei que não adiantaria nada. Assim, escolho outro caminho, completamente diferente, que surpreende até mesmo a mim.

— Escuta, minha irmã me conta tudo. Ela me falou do celular e que você pediu a ela para entregar o aparelho...

— Ah, ela disse isso também?

Como “isso também”? Porra, esse Pepe é mesmo um pouco lento! O que mais ela me diria? Esse é o motivo do problema!

— Pois é, você sabe como são as mulheres, não? Valéria, no entanto, ganha de todas elas, e você a conhece bem. Ela é uma garota muito orgulhosa, cheia de manias, de raciocínios complexos, você não imagina as discussões que temos às vezes...

E, enquanto falo, na verdade penso em outras coisas; me vêm à mente as situações mais absurdas: por exemplo, como deve ser o ato sexual entre aquela besta e minha irmã! E como Valéria pôde se juntar a um tipo assim, por vontade própria ainda por cima... Não ousa imaginar. Mas alguém pode se demitir do papel de irmão? Não, porque Valéria passou dos limites com esse Pepe. Eu, no entanto, continuo a falar, nem sei exatamente o que estou dizendo, espero apenas ser convincente, mas o sujeito é mesmo uma besta, seu olhar está atônito, ou melhor, catatônico, um lábio marcado não se sabe em que briga, um corte na sobrancelha; do ponto de vista estético, não há nada em ordem naquele rosto.

— Você entendeu, Pepe? Minha irmã é assim, e, na minha opinião, acho que sua atitude é compreensível, quer dizer, para ela, dar o celular a quem quer que seja é uma

violência contra um princípio. É só isso, entende? Não existe absolutamente nada para esconder...

Depois, sorrio e fico em silêncio na frente dele, procurando inspirar credibilidade. Talvez tenha feito um bom discurso, sim, quem sabe ele aceitará a versão que lhe dei? Acima de tudo, estou contente por não ter envolvido a história de papai nem o fato de que agora Valéria fala comigo porque não tem mais ninguém. Nisso eu fui mais digno. Talvez ela até tenha contado a Pepe, e ele aprecie que eu não tenha dito nada.

— Escuta uma coisa, bestalhão...

Não fujo da raia, mas ele se move com tanta velocidade que vou parar a poucos centímetros de seu rosto, com a camisa toda rasgada. No silêncio da noite, ouço um baixo tilintar a pouca distância de mim: são os botões da minha camisa, que não conseguiram ficar ilesos. Eram de madrepérola, e a camisa era uma Replay azul-escura de que eu gostava muito porque tinha sido um presente da Alessia. Mas também não era o caso de dizer isso a Pepe. Entretanto, naquele exato momento...

— Niccolò? O que está acontecendo?

Eu e Pepe levantamos a cabeça em direção ao quarto andar.

— Está tudo bem.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Está bem, então espero você entrar.

Mamãe fica na janela, em silêncio, a olhar para mim lá de cima, na escuridão da noite. E agora que eu a vejo melhor, algumas estrelas distantes, atrás dela, servem de moldura para sua cabeça, dando àquela imagem um ar de beatitude. Pepe ajeita minha camisa rasgada, procura alisá-la e alinhá-la, coisa inútil, visto que não sobrou nenhum botão.

— Ela te salvou, vai embora, vai...

E me dá um empurrão tão forte, com a mão aberta em pleno peito, que me deixa sem ar e me faz dar meia-volta, mas permaneço em pé. Quando me viro, Pepe já está longe; sua Harley já está na esquina da praça, que amplifica o barulho daqueles canos de descarga, e ele se inclina, desaparecendo com toda a sua violência contida. Entro no edifício, e Valéria corre ao meu encontro.

— Então, como foi?

— Muito bem, você não vê?

Mostro-lhe o que sobrou da camisa.

— Só isso? Então correu tudo bem!

Entramos no elevador e aperto o quatro.

— Escuta, Valéria, pare com isso, OK? Ah, e obrigado...

— Hum, quando você me chama de Valéria quer dizer que as coisas não estão nada bem... Você fazia isso quando éramos pequenos...

— De fato, estão muito mal.

— Se é pela camisa, eu te dou outra. Deixe eu ver. É uma Replay, pode deixar, eu encontro outra facilmente!

Afasto suas mãos.

— Você quer na mesma cor com esses pespontos azul-celeste? Não, porque se você quiser em outra cor, não tem problema. Eu até dei sorte, essas camisas Replay até que não são caras...

— Escuta, por que você não cala a boca? Esta camisa foi o primeiro presente que Alessia me deu. Cala a boca, por favor, assim você faz menos estrago.

Chegamos ao nosso andar. Mamãe está à porta.

— Ah, você também. Onde estava que eu não te vi entrar?

— No saguão. Estava esperando Nicco.

— E aquele quem era? Posso saber?

Procuro minimizar o fato.

— Ninguém, mamãe, um chato.

— Sei... Deixa eu ver você um instante.

Ela me vira, procura sinais no meu rosto e dá um suspiro. De fato, foi graças à intervenção dela que aquele brutamontes não quebrou minha cara.

— E essa camisa? Por que ficou dessa maneira? Foi aquele sujeito, não foi? Sobre o que estavam discutindo?

— Nada mesmo, mamãe, já disse, uma bobagem.

Pensei em lhe dizer que a discussão era sobre uma casa à venda ou para alugar, mas depois ela ficaria preocupada com o meu trabalho e repetiria: “Pois é, seu pai e eu tínhamos razão quando dizíamos que você deveria ter feito uma faculdade, mas, não, você fica perdendo tempo com esses trabalhinhos...”. Porém, estranhamente, antes que eu decidisse inventar alguma coisa, Valéria intercedeu.

— Nada, mamãe, Nicco não tem nada com isso. Aquele era Pepe.

— Ah, o tal sujeito que telefona sempre para cá com aquela voz rouca e que não cumprimenta ninguém? Ele telefonou mais cedo hoje...

— Pois é... E, como não me encontrou, veio me procurar aqui. Mas já acabou, mamãe, não se preocupe. Ele não virá mais aqui, não estamos mais juntos.

— Sei... E você, como irmão mais velho, foi defender sua irmã! Você queria brigar com aquele tipo? Então isso significa que teu pai e eu não te ensinamos nada mesmo, hein?

Começo a rir.

— Eu ia bater naquele cara, mamãe? Você não o viu daqui de cima? Aquilo é um ogro assassino, aquele ali ninguém derruba, nem aqueles malucos que fazem luta livre!

— E quem são esses?

— Aqueles da luta livre, mamãe... Aqueles que você vê de vez em quando na televisão e me pergunta se fingem ou não.

— Ah, sei. Nem eles conseguem?

— Não, nem todos eles juntos. Eu só fui acalmá-lo. Porque Valéria conseguiu arrumar confusão com aquele tipo...

— Ah, ótimo, agora a culpa é minha... Olha, eu só queria a minha liberdade, e ele não queria aceitar isso.

— O que você quer dizer com isso, Valéria?

— Que eu gosto de outro, mamãe. Tentei dizer isso a ele de mil maneiras, mas ele não quis entender.

— Talvez você não tenha sido bastante clara.

— Chega! Vocês já encheram a minha paciência! Não estou a fim de ser controlada por vocês também, entenderam?

Ela vai para o quarto e bate a porta. Fico sem palavras.

— Mas, Nicco, não estou entendendo, sua irmã agora está com outro?

— Está.

— Alguém igual àquele?

— Não, espero que seja diferente, ela disse que é um poeta...

— E não podiam discutir eles dois? Aquele com a voz rouca, como se chama?

— Pepe...

— Ah, é, Pepe e o poeta... Em vez de ir você e ainda perder a camisa que a Alessia te deu...

— Tem razão, mamãe... Eu errei. Devia ter ficado fora dessa história...

— Vocês sabem como eu estou neste período... Devemos tentar ficar mais tranquilos.

Depois, fico em silêncio, procuro dizer alguma coisa, mas nada me vem à mente. Então, olho-a e, de repente, percebo uma coisa e depois tudo. Vejo-a envelhecida, vejo-a sem a sua costumeira ironia, sem a piada fácil que ela teria feito rapidamente se papai ainda estivesse vivo. Teria rido de

Pepe. Teria rido de minha camisa rasgada. Talvez dissesse: “Não tem importância, Nicco, não é assim que vocês usam?”. Mas não consegue mais ver o lado irônico da vida. Quando nos levam uma pessoa que amamos, não há nada a fazer, não temos mais nenhum motivo para rir. E nos deixaram Valéria... E neste caso há muito pouco para rir. Tudo ficou mais difícil. Se existe alguma coisa que nos complique a vida, ela sempre consegue encontrá-la! Estou apenas cansado, cansado de tudo. Subitamente, mamãe encontra uma resposta:

— Vocês não poderiam fazer como a Fabíola, hein? Ela não me dá mais nenhuma preocupação...

E, diante dessa última afirmação, não sei mesmo o que responder. Fico boquiaberto, olho para ela e gostaria de lhe contar tudo: “Mas, como, mamãe? Fabíola? Não, Fabíola não! Fabíola é mais louca ainda, voltou com Cláudio! Você se lembra daquele imbecil que infernizou nossa vida quando estávamos no Ensino Médio e na faculdade? Pois é, ele. Fabíola voltou para ele apesar de ter um filho, um marido, uma bela casa, um trabalho!”.

Mas não digo nada.

— Você tem razão, mamãe. Vamos procurar fazer como você quer. Amanhã vou falar com Valéria.

Ela me acaricia embaixo do queixo e apoia a mão em meu rosto.

— Obrigada.

E eu me sinto um estúpido e imagino minha mãe no público do programa da De Filippi. Ela me olha, sorri, torce por mim. Estou sentado no sofá e estão abrindo o envelope. Gostaria de encontrar Alessia, mas, ao contrário, encontro Pepe e um sujeito desconhecido, magro, de cabelos compridos. Já sei, deve ser o poeta. Só tenho certeza de uma coisa: não estou bem.

Acordei no meio da noite, todo suado, impressionado sabe-se lá por qual sonho, do qual não me lembro. Por que algumas coisas são censuradas pela mente enquanto outras permanecem como se tivessem sido impressas, nítidas, inesquecíveis? Não há explicação; é assim e pronto. Continuo a pensar, mas não consigo me lembrar do sonho.

Olho pro relógio. São quatro e dez. Já me aconteceu algumas vezes acordar a esta hora. Quatro e dez. Somei os números, dá catorze, e um mais quatro dá cinco, joguei com eles, procurei as letras correspondentes, mas nunca consegui nada que me desse uma explicação para esse estranho horário, sempre a mesma hora, quatro e dez.

Vago pela casa. Está em silêncio, é como se estivesse suspensa na escuridão. Não há nenhum carro passando, nem mesmo ao longe, nenhuma ambulância, nenhum alarme, nem os fogos de artifício que frequentemente se veem na direção de Frascati como se ali houvesse sempre alguém ou algo para comemorar.

A noite já não é tão escura como antes; vê-se que está clareando, que cede a vez a um novo dia. Vou até a cozinha, deixo a água da torneira escorrer, pego um copo e bebo. Não se ouvem ruídos no edifício. Nenhum elevador sobe ou

desce. Ninguém esteve até agora em uma festa e está voltando, talvez um pouco bêbado, como aquela mulher do último andar que coincidiu de eu encontrar muitas vezes, sempre amparada pelo rapaz da vez ou pelo velho, um antológico cornudo que deve ter perdido a conta das bebedeiras e dos outros rapazes ocasionais.

Bebo mais um pouco de água e deixo o copo dentro da pia, que está vazia hoje. Faz um pouquinho de frio, não muito; estamos em maio e a temperatura é ideal.

Ando descalço pelo corredor em direção ao meu quarto, mas antes abro a porta de Valéria. Abaixo devagar a maçaneta, sem fazer barulho. Está ali, na cama, respira de forma serena, dorme tranquila, completamente esquecida dos acontecimentos daquela noite. Sorte dela. Quando fui pra cama, me virei muitas vezes e vomitei bastante. Meu estômago tinha ficado embrulhado pelo nervoso que senti ao enfrentar Pepe e sair ileso, felizmente, apenas com a camisa rasgada. Olho para ela, que dorme com tudo espalhado ao seu redor, o iPad, o iPhone com, imagino, as doces palavras do seu novo poeta, um livro com um estranho número em cima, 1Q84, uma xícara com restos de chá de camomila. Parece sonhar sabe-se lá com que, parece até sorrir. Eu a invejo. Fecho a porta. Julgamos conhecer as pessoas que nos circundam, mas não é verdade. Não sabemos nada sobre os seus pensamentos, sobre sua serenidade, sobre suas dores. E, geralmente, nos enganamos, trazemos tudo para nós

mesmos, para os nossos critérios, para o nosso mundo, para o nosso modo de ver o mundo.

Valéria é muito diferente de mim, apesar de ser minha irmã. E talvez eu nunca a entenda nem a conheça realmente. Só o que me resta fazer é amá-la sem criar muito caso.

Continuo a andar pelo corredor. Paro diante da porta de mamãe, que está entreaberta. Abro-a um pouco mais e olho para dentro. Pela veneziana não abaixada completamente, entram as primeiras luzes, e a distingo na cama, a vejo dormir tranquila. Não consigo entrar mais do que isso, me sinto invasivo, tenho a impressão de profanar alguma coisa, de lhe faltar com o respeito. Sinto, no entanto, um perfume bom, de coisas lavadas e de seus vestidos. Fecho lentamente a porta, abaixo a maçaneta e encosto a porta até ouvir o último ruído.

Recomeço a andar pelo corredor. Os ladrilhos são frios sob os meus pés e os conheço de cor, é o mesmo trajeto que fiz por muitos anos. Mas alguma coisa não está certa. É como aquele jogo das revistas de palavras cruzadas: a gente observa dois quadrinhos que parecem iguais, mas, se olharmos bem, percebemos que existem pequenas diferenças. Aqui, a diferença é apenas uma: no quarto de minha mãe, no quarto de minha irmã, na casa inteira, falta um pedaço, falta tudo. Falta meu pai.

Ele deixava na poltrona perto da cama as roupas que usaria no dia seguinte. Seus chinelos ficavam no chão, o robe atrás da porta, o jornal sobre o sofá, as chaves na mesinha

perto da porta, o copo vazio em um canto em cima da pia, não dentro da pia, como todos os outros, como mamãe queria, mas fora, de lado. Não era um gesto de rebelião, não, porque ele podia, porque ele era especial, porque ele sim. Isso nem nos passava pela cabeça, minha e das minhas irmãs. Isso, tudo isso, não existe mais, e não existem muitas outras coisas, e se eu penso realmente sobre o assunto, desmorono, caio em uma espécie de abismo. Então, prefiro imaginar que estou sonhando, que não é assim, que esta noite não existe, que este tempo não existe. Isso. E que, se entrasse novamente no quarto de minha mãe, eu o encontraria ali, com todas as suas coisas, com a luz acesa, lendo. Sim, ele está ali e sorri para mim, depois levanta o dedo indicador, leva-o ao nariz e me faz um sinal de silêncio, porque mamãe está dormindo, indicando-a com a cabeça, como quem diz: “Vê, está aqui perto de mim”. Porém, sei que não é assim, que não será assim. Pronto, talvez eu tenha entendido: quatro e dez, a hora em que ele partiu e eu não pude me despedir dele.

Volto para o meu quarto, fecho a porta devagar, me sento na cama e fico a pensar. Nossa vida é feita de um contínuo equilíbrio muito tênue, e todas as vezes que a gente pensa tê-lo encontrado acontece alguma coisa e ficamos novamente desequilibrados, caímos pra frente ou pra trás e procuramos, com todas as nossas forças, reencontrá-lo. Mas, às vezes, não é mais possível e, então, não temos alternativa a não ser mudar toda a nossa vida, o que

certamente não é fácil. Porém, na realidade, ocorre que, após um período de tempo, mesmo sem nos darmos conta, a nossa vida muda. E o fato de que hoje tudo isso tenha acontecido me deixou mal. E, subitamente, sem um porquê, me lembro daquilo com que estava sonhando antes de acordar às quatro e dez. Estava com meu pai, catando pedras numa praia bem grande, pedras arredondadas e limadas pelo mar.

“Olha! Olha o que eu achei, papai!”

Corria em sua direção, feliz, para lhe mostrar um simples fundo de garrafa, de um vidro já opaco, esbranquiçado, já sem corte, corroído pelo sol e pelo sal.

“Não é lindo, papai?”

“Muito, toma, coloca aqui.”

Eu colocava o vidro na sua sacola e corria de novo, feliz, à procura de, quem sabe, uma nova pedra incrível, uma pome, um ladrilho, uma pedra porosa ou lisa. No entanto, a coisa que mais me fazia feliz era que estávamos somente eu e ele; minha irmãs tinham ficado em casa com mamãe, e aquela era a nossa tarde de liberdade. Lembro que, há alguns anos, chegamos a falar sobre aquela praia.

“Como se chamava?”

“Não digo...”

“Diz, papai, fala sério, não me lembro... Recordo apenas que era uma longa praia com mansões romanas e que tinha um monte de degraus pra chegar até lá embaixo...”

Meu pai riu.

“Dos degraus você se lembra bem, hein? Não te digo porque você vai levar alguma garota lá e bancar o romântico. Não, quero voltar lá junto com você, um dia, só você e eu, e talvez no futuro você também leve teu filho. Aquela praia deveria ser uma tradição só para nós, homens.”

E ele o disse de um modo tão orgulhoso que chegamos a rir, mas depois fizemos essa promessa.

“Sim, um dia voltaremos juntos. Por lá fazem uma pizza muito boa.”

Mas não tivemos mais tempo, e daquela praia e daquelas pedras resta apenas uma recordação distante. E, no momento, daquela pessoa com quem eu faria um filho para levar àquela praia não existe nem sombra. Mas, no final do sonho, lembro que papai me dizia uma coisa.

“Você verá... Amanhã ficará surpreso.”

12

Estou colocando os jornais em ordem quando vejo chegarem atrás de mim dois mocassins elegantes. Acima, meias finas na cor mel. É uma mulher, não há a menor dúvida.

— Bom dia, Niccolò.

Apoio a última sacola cheia de revistas *Ville & Casali* e me viro em sua direção.

— Ah, que prazer, senhora De Luca... O que a traz de manhã tão cedo?

Ela me olha e não responde logo. Passa alguns instantes em silêncio, como se eu não devesse ter feito aquela pergunta, como se procurasse a resposta certa. E, por um segundo, me arrependo, gostaria de não a ter feito. Em seguida, a senhora sorri.

— Nada...

Mas não está muito convencida. Parece frustrada, como se quisesse ter pensado em alguma outra coisa e dado a resposta certa, caso exista uma. Mas talvez seja eu que esteja criando uma porção de caraminholas na cabeça.

— O que posso lhe oferecer, senhora?

— Exatamente o que você estava arrumando agora.

— *Ville & Casali*? É boa, mas cara. São cinco e setenta. Porém, tem matérias muito bonitas, ótimas oportunidades

em toda a Itália, muitas fotografias, assim podemos ter uma ideia de como são as casas e suas vistas...

— Sim...

Entrego a revista a ela e recebo seis euros.

— A senhora está pensando em se mudar, por acaso? Desculpe se eu lhe pergunto... É que à tarde trabalho numa agência imobiliária, então talvez eu pudesse ajudá-la nesse sentido...

— Sim, eu sei...

Em seguida, quase se arrepende de sua resposta. Vê minha surpresa; de fato, não pensei que ela soubesse. Bem, o bairro é um pouco como uma cidade do interior, sabe-se tudo de todos, mas como será que ela veio a saber? Terá perguntado a alguém? Soube por acaso? Enfim, como foi? Mal tive tempo para me fazer outras perguntas.

— Eu soube porque você acompanhou a venda da casa de uma amiga minha. Lorenza Maina.

— Ah, claro, como não... Correu tudo bem.

— Sim, ela me disse. De qualquer maneira, não tenho intenção de me mudar, mas, quando tiver, você será a primeira pessoa a saber! — E sorri para mim novamente.

É simpática essa senhora, mesmo fazendo um estranho silêncio depois de cada frase, como se faltasse sempre alguma coisa... Mas talvez seja uma impressão minha.

— Bem, até logo...

— Espere... Ela se vira.

— Sim?

Ela me olha esperançosa, como se eu tivesse decidido fazer aquilo que deveria ser feito, dizer aquilo que ela tem dentro de si. Mas não é isso, sinto muito. É apenas uma banalíssima intenção de honestidade.

— Estava esquecendo de lhe dar o seu troco... — E coloco nas mãos dela suas três moedinhas.

13

— Oi, Nicco!

Ele entra na banca com o seu habitual bom humor.

— Oi, Ciccio, e aí?

— Tudo superbem!

Coloca sobre a bancada, em cima da *Oggi*, um saquinho com cheiro bom e uma garrafinha.

— Café e *cornetto*. Bar Due Pini, *cornetto* de chocolate e cappuccino sem açúcar, como você gosta!

Pego o saquinho e tiro o *cornetto*. É cheirosíssimo, ainda quente e com pedacinhos de chocolate que saem pelas bordas, derretendo.

— Hum, deve estar uma delícia. O que você quer em troca?

— Deus me livre, deixa de ser desconfiado! — Senta-se em uma cadeirinha no fundo da banca, entre o *Porta Portese* e o *Leggo*.

Dou uma mordida no *cornetto* enquanto despejo o cappuccino num copinho de plástico que veio dentro da sacola de papel.

— Não deveria ser? Você nunca me ofereceu alguma coisa sem acrescentar logo depois: “Ah, escuta, você poderia ir

comigo até... Sabe, a moto não está funcionando, sabe, tive um problema com o carro, sabe, eu deveria...”.

Dou outra mordida no *cornetto* e bebo um gole de cappuccino.

— De qualquer maneira, esse *cornetto* está realmente uma gostosura... Vale a pena, vamos, diga, onde te acompanho?

Ciccio balança a cabeça.

— Vê? Você se engana!

— OK, está bem, então esta é a única vez que me enganei. A propósito, te telefonei ontem à noite, mas você não atendeu.

— Eu vi! Estava ocupado. Foi por isso que hoje eu trouxe *cornetto* e cappuccino pra você. Eu queria comemorar com você. Você me deu sorte!

— O quê?

— Aquela do pub, Lúcia.

— Não acredito, não posso acreditar, você está me dizendo uma besteira...

— Não. — Aponta para o saco com os *cornetti*. — Eu traria tudo isso se não fosse verdade?

Até nisso ele tem razão.

— Você não entendeu... Foi uma coisa absurda. Ela me telefonou ontem à tarde, lá pelas três horas, e fui à casa dela. Onde você acha que mora uma garota como ela?

— Ah, não sei... — Assumo um ar vago. Vestida daquela maneira, piercing, tatuagens. — Poderia ser na praça Vittorio, não, aliás, em San Giovanni...

Balança a cabeça.

— Pigneto? — Tento adivinhar.

— Não, você não vai adivinhar. Camilluccia. Ela tem um casarão belíssimo com vista para a Madonnina, quer dizer, o pub para ela é apenas uma distração, com certeza não tem necessidade de nada. Ela tem um Duetto vermelho. Fomos tomar um sorvete na Alaska, e, na volta, ela me deixou dirigir o carro. É um Maserati, entendeu bem que carro? Cheguei a duzentos quilômetros por hora na Camilluccia. E os militares em frente à embaixada, sabe quais?, não tiveram tempo de me ver passar, tal era a minha velocidade.

— Ah...

— Eu juro... Depois, ela quis que eu dirigisse na Raccordo.
[15] Enquanto nos dirigíamos para lá, eu me perguntava: “O que será que ela quer de mim? Por que me chamou?”. Nesse momento, você telefonou. Olhei para ela e disse: “É o meu amigo Nicco...”. E ela disse... Bem, nada, deixa pra lá...

— Não, não, pode dizer, quero saber... O que ela disse?

— Como você quiser... Ela disse: “Quem? Aquele triste?”.

— Disse isso, sério?

— Disse. E, então, eu sorri para ela e lhe falei: “Ele está com problemas...”. “É, se vê.” Eu respondi: “Sabe o que vou fazer? Não vou atender”. “Muito bem! Devemos ficar alegres hoje!” E, então, ela começou a abrir o meu cinto...

— Tá bom, Ciccio, lá vem você com suas asneiras.

— Eu juro! Pra mim também foi uma coisa absurda, uma garota rica, que estuda arte, que é muito sexy, que tem um

Maserati vermelho conversível e que faz sexo oral em plena Raccordo só porque eu não atendi a sua ligação. É absurdo! Você merece ou não os *cornetti* e o cappuccino?

— Só mesmo você pra me fazer rir e ficar de bom humor com essas besteiradas que me conta!

— Mas por que você sempre diz que eu conto besteiras? Até mesmo quando estive com duas garotas que eram gostosas... No final, você foi obrigado a acreditar ou não?

Olho para ele, balanço a cabeça e acabo por concordar. Infelizmente, ele tem razão.

— Vê? Por falar nisso, por que você me ligou ontem à noite?

Conto para ele toda a história de Pepe, de Valéria, de seus princípios sobre o celular e do novo namorado, o poeta.

— Poxa, tua irmã é mesmo doida, mas no bom sentido, claro. Ela é um barato, arruma um monte de confusão. Não existe nada que a segure.

— Como assim?

— Bem, uma garota que está com Pepe deveria morrer de medo, mas ela não está nem aí.

— Você tem razão. Acho até que essa coisa a estimula, a excita...

— Você acha? Como você sabe?

— Não, na realidade não sei, Ciccio... E, pra dizer a verdade, também não tenho vontade de descobrir...

— Pois é, mas aí você se engana... Há aspectos psicológicos que te faria bem conhecer... Você vai ver que

eles são fundamentais na vida. Talvez Valéria tenha se metido com Pepe convencida de que poderia recuperá-lo, mas, depois, quando viu que não era possível, escolheu o poeta como forma de rebeldia ao seu fracasso, optando pela poesia, pela delicadeza, para puni-lo...

— Mas a quem?

— Pepe!

— Eu acho que ela puniu a mim, e chega com toda essa conversa!

— Mas tua irmã precisa de afeto nesse período depois da morte do teu pai, mais do que vocês todos... É mais jovem, você tem de entendê-la, Nicco... O que é que há? Você não é disso.

Olho para ele. Consegue ser até sério quando diz essas coisas. E eu gostaria de lhe responder: “E em mim, Ciccio? Quem pensa em mim, hein? Quem se preocupa comigo?”. Mas desisto. Ele, ao contrário, não me deixa em paz.

— Além disso, tenho certeza de que a maioria das mulheres tem grande dificuldade com esse tipo de dor, menos tua mãe, que é uma grande mulher. Você vai ver se tua irmã mais velha, Fabíola, não faz alguma também... Talvez mude completamente a vida dela só porque perdeu um parafuso importante. Quer dizer, teu pai era uma peça forte naquela casa, não era um qualquer.

Ciccio tem um dom para ser claro que às vezes eu invejo. Ele diz as coisas sem nem pensar, talvez porque o faça com tamanha honestidade que justamente não precise se

preocupar. De fato, ele continua a contar sua história como se não tivesse dito nada de estranho.

— Bem, como eu estava dizendo, fui à casa de Lúcia, que é praticamente um parque: de um lado, a grande casa dos pais; do outro, uma *dépendance* só para a filha. Ela me pegou pela mão e levou pro seu quarto, que dá para os fundos do casarão, a parte mais silenciosa. Tem uma janela de onde se vê uma oliveira, com uma glicínia toda florida. Ela acendeu todas as velas ao redor de sua cama de casal e colocou um CD, sabe qual?

Olho para ele e balanço a cabeça.

— Não, não faço a menor ideia.

— O último de Tiziano Ferro, *Hai delle isole negli occhi*.^[16] Em seguida, tirou a roupa e se enfiou na cama... Você não sabe, Nicco... Eu não podia acreditar! Acho que o paraíso deve ser assim... Sim, e depois tomamos café do lado de fora, sob a glicínia. Dali se pode ver o Monte Mario e também os jogos no Estádio Olímpico. Imagina, você poder ver os jogos do Roma da sua cama, sem ter de pagar o ingresso!

— Entendo...

— E sabe qual foi a coisa mais incrível?

— Não, qual?

Eu já achava que nada mais poderia me surpreender.

— Os pais dela voltaram e me convidaram para jantar! Em plena madrugada! Ou seja, jantei com o pai e a mãe dela, e fomos servidos por filipinos que cozinham que é uma

maravilha. O pai dela, nem te conto, é muito simpático, nada para ele era problema...

— Nada o quê?

— Bem, a ideia de que antes de jantar eu tinha trepado com a filha dele...

— Ah, claro...

— Ao contrário, foi como um irmão! Talvez porque eu tenha ajustado a Sky, que não estava pegando no quarto dele. Era uma bobagem, o pino de um dos transmissores estava frouxo. Até um cego teria feito o que eu fiz.

Não consigo acreditar. Ouço toda essa história e me parece absurdo como as coisas mais estranhas acontecem com Ciccio, a facilidade com que ele vai para a cama com uma garota como aquela do pub, Lúcia, que realmente é bonitinha; não é o meu tipo, mas não posso dizer que não é jeitosa. Depois, não só dá aquela volta “especial” no Maserati, e não só vai para o quarto dela para uma segunda volta “especial”, mas janta com os pais dela.

— Sabe de uma coisa? Se eu terminasse com Beatrice e Deborah, Lúcia poderia ser a escolha ideal. Nós temos um monte de coisas em comum, apesar de eu também pensar que uma garota com todo aquele dinheiro, pais fantásticos e filipinos que cozinham bem deve ter algum problema para trabalhar em um pub com aquele chato do Alfredo, não é possível que não tenha.

— É, tem razão...

— OK, a gente se vê mais tarde, Nicco. Quem sabe nos encontramos na ponte hoje à noite ou saímos para comer alguma coisa. Ah, me lembrei, vou te levar na inauguração de um bar de um amigo meu. Isso. Eu passo pra te apanhar em casa às oito. Tchau, Nicco.

Ele vai embora com os sapatos desamarrados, as panturrilhas grossas perceptíveis sob a calça azul de pescador, cheia de bolsos repletos não se sabe de quantas coisas, com uma camiseta também azul que procura de algum modo esconder alguns quilos a mais, e com diversos penduricalhos no pescoço, correntes, fios cheios de medalhões que tilintam ao ritmo dos seus passos, como se estivéssemos em Nova York. No entanto, estamos no norte de Roma, e, às vezes, Ciccio parece fora do nosso tempo.

Vou almoçar sozinho antes de começar meu expediente na imobiliária.

Não vou para casa porque não dá tempo e também porque receio que Pepe passe por lá. Assim, vou até a Via Flaminia, onde, antes da pracinha Flaminio, nos números 57/59, fica o Café dei Pittori, um restaurante e bar nada mau, em primeiro lugar porque é frequentado por estudantes universitárias, acho que do curso de arquitetura ou coisa do gênero. É um lugar com um monte de moças bonitas, vivazes, ativas; vejo-as conversar, discutir, quase sempre muito animadas, e isso me agrada. Fico com a impressão de que elas estão certas do que farão em suas vidas, e isso me transmite um otimismo generalizado. Em segundo lugar, porque o proprietário, Alessandro, sempre me dá um bom desconto, talvez porque eu tenha encontrado um apartamento para ele alugar exatamente ali em cima e por um bom preço.

— Nicco, então, o que quer comer? Quer uma lasanha fresquinha?

— Não, não, prefiro uma coisa mais leve...

— OK, então, temos frango ao curry com arroz basmati e legumes. O que acha?

- Perfeito.
- Senta lá fora que eu te sirvo rapidinho.
- Mas tem lugar?
- Olha, a mesa três ficou livre agora. A garçonete já vai lá limpar pra você.

Saio e me sento. O dia está muito bonito, é fim de maio, e a temperatura é agradável neste período em Roma. Olho para minha moto, uma SH 150, que é perfeita para rodar pela cidade. Acabei de tirar a capa, apesar de ter chovido bem no outro dia. Tomara que de agora em diante o tempo fique firme. Engraçado, estou pensando como os velhos, aqueles que falam do tempo e das meias-estações. Que chatice! Alessia me deixou realmente mal. Chega a garçonete, que deve ter uns dezesseis anos. Vejo o nome escrito em seu pequeno bóton: Marlene.

- Oi, o que vai beber?
- Uma Coca-Cola e uma água.
- Com gás ou sem?
- Sem, obrigado.

Ela limpa a mesa com um pano molhado e sujo e volta para dentro. Talvez tenha tirado alguma migalha, mas certamente a mesa ficou mais suja do que antes. Olho para o vidro, inclinando-me um pouco de lado: de fato, contra a luz, veem-se traços de gordura, quem sabe de quantas refeições servidas ali. É como se aquele pano testemunhasse todo o movimento do estabelecimento de Alessandro.

- Aqui estão o seu frango ao curry e o pão.

Mal tenho tempo de me ajeitar para não ser descoberto por Alessandro em minha inútil procura por limpeza.

— Obrigado!

— Se quiser mais, é só pedir.

— OK...

Vou começar a comer. Parece bom, a julgar pelo aroma.

— Vi Alessia ontem... — Alessandro está parado na minha frente, com as mãos nos quadris e um pano de prato pendurado em uma delas, que parece mais limpo do que o pano de Marlene.

Ele viu Alessia; é claro, Alessia sabe que eu venho aqui de vez em quando para comer e deve ter passado aqui de propósito... Queria me encontrar, queria me dizer alguma coisa, pedir desculpas, quer dizer, sente minha falta, é lógico que sente... O que uma garota como ela faria num lugar como este?

— Eu a vi na Ethic, na Via de Vigna Stelluti.

— Ah...

— Eu fui comprar um presente para minha irmã mais nova. Alessia estava lá e experimentava um vestido. Ela é mesmo bonita... Falo sério, a tua namorada é linda, você é um cara de sorte.

E eu gostaria de lhe dizer: “De quê? De quê? Ela me deixou, mas, diga-me, com quem estava, hein?”. Mas digo apenas:

— Pois é...

— Bem, desculpe, mas tenho de entrar. O restaurante está cheio.

Alessandro desaparece novamente no bar. Como um pedacinho de frango acompanhado de arroz basmati. No entanto, como sem vontade. Eu gostaria de correr atrás dele dentro do bar, puxá-lo por um braço e perguntar-lhe: “Escuta, Alessandro, como ela estava? Quer dizer, me conte os detalhes. Sabe, nós terminamos... Por exemplo, como estavam os cabelos dela? Iguais? Você sabe que quando uma mulher muda o corte dos cabelos significa que está mudando de homem...”. Talvez isso seja uma bobagem que eu ouvi uma vez num filme, talvez Alessia não tenha mudado o corte dos cabelos e ainda assim sua vida seja completamente diferente, talvez esteja com outro ou esteja indecisa entre dois ou esteja com uma mulher, não, isso não é possível. E por que não é possível? Talvez quisesse me dizer: “Sinto muito... Estou com uma mulher”. É isso. Por isso estava triste! Não, eu não estou regulando bem, não consigo mais raciocinar direito. Pego um pedaço do legume grelhado escondido no arroz e como. É uma berinjela ou um cogumelo, não dá para ver, ou melhor, eu não distingo. Não tem gosto, mas não tem importância, estou sem fome, não tenho vontade de nada, quer dizer, não, tenho vontade de Alessia, tenho vontade de saber. Depois, penso numa coisa: Se Alessandro me disse “é linda, você é um cara de sorte”, isso significa que ela estava sozinha, que sorriu para ele e que estava serena, que não havia nada diferente, corte de

cabelo, vestido novo, tatuagem. Trancinhas estranhas que pudessem fazer pensar numa mudança importante, em outro homem em sua vida. Para Alessandro, tudo continua como antes e eu sou sortudo. Então, tento novamente, pego um pedaço maior de frango e o mastigo lentamente e gostaria quase de estar sereno, feliz, mas depois percebo que não é assim, que existe alguma coisa que não encaixa, exatamente como aquele pedaço de frango onde encontrei um nervo. Eu o cuspo na mão, coloco-o de lado no prato e o cubro com um guardanapo. Uma coisa é certa: estou arrasado. Bebo um pouco de água.

— Niccolò...?

Por pouco não engasgo. Mas o que está acontecendo hoje? Vejo a senhora De Luca na minha frente. Engulo aquele último gole e tento sorrir para ela.

— Senhora De Luca, o que está fazendo aqui?

— Nada, estava passando do outro lado da rua e vi você. Parecia triste, pensativo...

Sim, estava pensando em Alessia, mas é claro que não digo nada a ela. E eu a vejo assim, em pé na minha frente, fitando-me com aquele seu olhar, digamos, cheio de piedade. Então, me levanto.

— Quer se sentar? Comer alguma coisa?

Passo para o lado, deixando o lugar livre para ela, tentando me lembrar daquele pouco de boas maneiras que, para ser sincero, me ensinaram.

— Não, não, obrigada, eu já almocei.

— Mas não aceita nem um café?

— Não, estou indo para o centro. Mas posso me sentar por um momento? Tenho uma coisa para dizer a você...

Pego instintivamente alguns guardanapos de papel na mesa ao lado e, como posso, limpo o vidro da mesa; em seguida, amasso-os bem e coloco-os em cima da cadeira.

— Muito bem, pois não?

Ela senta-se, e eu estou curioso. Não sei se está indo realmente ao centro, se apareceu aqui por acaso, se me seguiu. Ela sabe que eu trabalho na imobiliária, talvez até saiba que muitas vezes, depois do trabalho na banca, não volto para casa, mas venho para cá. E, principalmente, esta é a razão por que apareceu frequentemente na banca, esta é a razão daqueles silêncios: tem alguma coisa a me dizer. Eu a olho melhor. É uma bela mulher, me lembra alguém... Deve ter cinquenta anos ou um pouco mais, não sei, com certas mulheres nunca sabemos a idade. Chega Marlene.

— Oi...

Ela não faz a menor cerimônia; para ela, somos todos jovens ou, de qualquer maneira, seus amigos. A senhora De Luca fica embaraçada com aquela intimidade, mas depois sorri, talvez até esteja contente com essa inesperada familiaridade.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Tem certeza? Alguma coisa para beber? Um suco de fruta? Temos laranjas muito boas, aquelas vermelhas da

Sicília.

Marlene continua ali, a olhar para ela com um sorriso simpático, e finalmente consegue convencê-la.

— Está bem, aceito o suco, obrigada.

— Trago imediatamente.

Parece feliz por ter conseguido convencê-la e desaparece correndo para providenciar o pedido. Ficamos em silêncio. Já sei com quem ela se parece. Não conseguia lembrar antes, mas é com aquela atriz italiana muito bonita, Barbara De Rossi. Tem o mesmo rosto, uma certa doçura, ainda que com seus olhos velados por um pouco de tristeza, como se tivesse acontecido a ela algo de que nunca se recuperou.

— Pode me chamar de Ilaria, se quiser... E, por favor, Niccolò, continue a comer.

— Sim, obrigado, é que não estou com muita fome.

Pego um pouco de arroz, misturo com o frango ao curry e coloco na boca. A situação torna-se complicada. Mas o que será que a senhora De Luca, aliás, Ilaria, como ela prefere ser chamada, quer? É bem verdade que agora está na moda mulheres com homens mais moços, mas assim tão jovens? Pronto, só me faltava essa. Além do mais, ela sabe que eu tinha namorada, chegou até a me ver algumas vezes com Alessia na banca. Em certa ocasião, Alessia trabalhou comigo toda a manhã só por provocação.

“Quero ver como é.”

“Não, não, Alê, deixa pra lá...”

“O que é? Está com vergonha? Escute, nunca devemos nos envergonhar do trabalho, não importa qual seja. Sabe o que o Karol Wojtyla disse? Que a grandeza do trabalho está dentro do homem.”

“Vê-se que muitos italianos não o escutaram...”

“Por que você diz isso?”

“Porque não existe mais nenhum *pizzettaro* italiano!”

“Vê-se que foram contagiados pelos intelectuais... O trabalho intelectual arranca o homem da comunidade. O trabalho material, ao contrário, conduz o homem em direção aos homens...”

“Muito bom isso.”

“Franz Kafka.”

“Quem? Aquele da barata?”

“Nicco, quando você fala assim mortifica até os gênios.”

“OK, ele é famoso principalmente por aquela coisa da barata, não?”

“Sim, mas também por *O processo* e *O castelo*... De qualquer maneira, estar aqui e vender jornais para as pessoas ficará para sempre na minha memória! E, além disso, quem sabe as coisas que todos te contam quando vêm aqui? Isso também é cultura.”

E, assim, naquela manhã ela tentou ser gentil e cortês com todos, até mesmo com aqueles que frequentemente chegam e dizem apenas *Il Tempo* ou *Il Corriere* e deixam o dinheiro no pratinho junto à caixa ou o jogam entre as

revistas. “Ah, queira me desculpar!”, diziam. “Não se preocupe, bom dia”, respondia ela.

Alessia foi impecável. Teve muita paciência e tudo correu bem com todos. Lembro que naquele dia a senhora De Luca também passou pela banca, sim, quer dizer, Ilaria, e eu as apresentei.

“Meus parabéns, uma belíssima jornaleira...”

Talvez Ilaria saiba que terminamos e por isso tenha ficado com receio. Eu a olho de rabo do olho. Está nervosa.

— Aqui está seu suco. — Marlene aparece e apoia o copo entre nós, sobre a mesa finalmente limpa. — Coloquei também alguns saquinhos de açúcar, se quiser... Nunca se sabe.

— Obrigada, mas eu prefiro assim, ao natural.

— Como preferir.

Marlene levanta os ombros e desaparece, levando de volta os saquinhos de açúcar. Ilaria toma um gole do suco.

— Realmente, as laranjas são muito boas. — Em seguida, começa a falar. — Você se parece muito com seu pai. Tem a mesma doçura, os olhos, o sorriso, até mesmo as mãos... — Olha para elas e depois novamente para os meus olhos. — Teu pai era um homem especial.

Mas por que as pessoas nos dizem essas coisas? O que você pode responder? O que pode dizer? Que não sabia disso? Era meu pai! Eu o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa, passei vinte e três anos com ele. Talvez não, talvez não o conhecesse a fundo, pelo menos não tão bem... Por

exemplo, eu não sabia absolutamente que ele conhecia essa senhora. Olho para ela e concordo.

— Sim, especial.

Percebo que ela está emocionada, mas mais bonita, mais leve. A expressão do rosto é aberta, como se finalmente tivesse se livrado de um peso.

Mas, papai, você conhecia essa mulher? Mamãe sabia? Você teve um caso com ela? Sempre pensei que meu pai pudesse ter traído minha mãe, como pode acontecer com qualquer homem: por sexo, distração, ausência, mas não por monotonia ou amor. E com essa Ilaria, o que aconteceu? Olho para ela melhor. Agora a vejo mais mulher, mais formosa, mais bonita, os seios atraentes, a cintura fina, as mãos bem-cuidadas. Não usa aliança e as joias são poucas, o rosto maquiado, sem exagero, os cabelos bem-tratados, sem um fio branco, pequenos sinais ao redor dos olhos, mas não são rugas propriamente ditas. Papai, você falou sobre essa mulher pra mamãe? Bem, na realidade, estive com garotas sobre as quais nunca contei à Alessia, mas só porque teria levado àquela habitual e inútil discussão. Uma vez, por exemplo, encontrei Federica, uma ex-namorada, e tomamos um café juntos, e outra vez Giorgia me telefonou porque o pneu da sua Vespa tinha furado perto de onde moro e ela não sabia como voltar para casa. Eu não lhe disse nada, mas apenas para evitar discussões inúteis.

Aliás, neste ponto, Alessia tinha sido categórica:

“Você tem de me contar tudo...”

Ela me disse isso na mesma noite em que acompanhei Giorgia até sua casa.

“Mesmo que você encontre uma ex e lhe dê só uma carona!”

“Droga, ela me viu!”, pensei. E senti que ia morrer, mas aguentei firme.

“Claro, Alê”, respondi.

“Então... Não tem nada para me dizer?”

Esperei um pouco, não muito, e em seguida, seguro, olhando-a nos olhos:

“Absolutamente nada.”

“Tem certeza?”

“Claro, e mesmo que me pergunte outra vez a verdade é essa.”

Então, ela me abraçou.

“Isso, estou feliz, nossa relação deve ser assim, sem sombras.” Depois, me deu um beijo na boca e acrescentou: “Nós devemos sempre dizer tudo um ao outro!”.

No entanto, ela não me disse tudo da última vez, disse apenas “Sinto muito...”.

Ilaria bebe outro gole do suco.

— Sabe, eu pensei tantas vezes em como dizer a você... Achei que você seria o único que poderia me compreender... Sim, isso diz respeito ao seu pai e a mim...

— Nicco! Eu sabia que ia encontrar você aqui!

Não posso acreditar! Com uma euforia inexplicável, visto tudo aquilo que tem acontecido ultimamente, chega Valéria,

que me envolve com todo o seu entusiasmo, joga a bolsa sobre a cadeira ao lado da minha e senta-se à mesa vizinha.

— Vem, senta aqui, Ernesto!

Acomoda perto dela aquela estranha mistura de John Lennon com aquele cara de “Light my fire” e Sergio Múñiz, apenas muito mais desbotado, menos sexy e mais filhinho de papai, na minha opinião.

— O que está fazendo aqui, Valéria?

— É que o meu amigo queria muito conhecer você. Ah...

Só então se dá conta da presença da senhora De Luca.

— Eu os interrompi, desculpem, estavam falando de alguma coisa importante?

Ilaria sorri, mostrando-se tranquila.

— Não, não se preocupe, estávamos apenas batendo papo...

Mas como batendo papo? Estava me contando seu segredo, falando do fato de meu pai ser especial, e estava para dizer alguma coisa que tem a ver com você e ele! Agora só me resta imaginá-lo.

— Bom... Melhor assim, então!

Valéria sorri e abre os braços.

— Eu sou a irmã dele, muito prazer, Valéria. — Ela lhe estica a mão.

A senhora a aperta com muita formalidade.

— Ilaria De Luca.

No entanto, tenho certeza de que ela sabia também de Valéria. Como seria possível não ter falado sobre isso com

meu pai? Em seguida, levanta-se, olha para todos nós e, por último, despede-se de mim com um sorriso.

— Preciso ir agora. Tchau, Niccolò... Quanto devo pelo suco?

— Não, imagine. Foi um prazer.

— Obrigada, então, certamente nos encontraremos outra vez.

— Sim.

Vai embora, dirigindo-se à Piazza del Popolo. Caminha rápido, agora mais segura, mais jovem quase. Valéria a olha. Ernesto come algumas batatinhas fritas.

— Poxa, que mulher bonita! — Minha irmã me dá um tapa no ombro. — Dessa eu não sabia.

Olho para ela de cara feia.

— Não sabia de quê?

— De que você gostava de mulheres mais velhas... bem mais velhas.

Ernesto se mete subitamente em nossa conversa.

— É, sim, ela deve ter uns quarenta e cinco anos pelo menos.

Olho para ele de cara feia, mas ele não parece dar nenhuma importância a isso. Já sinto ódio por ele. Como eu gostaria que Pepe chegasse agora, já que todos parecem passar por aqui. Pelo menos ele seria útil.

— Acontece que eu não tenho nenhuma intenção com Ilaria.

Valéria ri, colocando um pouco da minha Coca-Cola em seu copo.

— Deixa disso! Dava para ver de longe que vocês estavam falando de coisas íntimas. Ela te confessava alguma coisa, o que ela tinha gostado ou o que gostaria de fazer, enfim, era muito evidente, ora...

— Evidente? O que você está dizendo? O que quer dizer?

Valéria bebe um pouco de Coca-Cola e Ernesto come outra batatinha.

— Vamos, vocês pareciam dois amantes apanhados de surpresa!

— Eu não tenho nada a ver com Ilaria De Luca. É apenas uma cliente da banca, passa todos os dias lá, poxa... — E isto eu deixo bem claro: — Só para comprar o jornal, entendeu? Agora talvez se mude e irá à imobiliária quando souber para onde quer se transferir. Caso isso aconteça, me disse que eu poderia ajudá-la... — Pelo menos, isso deveria convencê-los finalmente. — Ah, talvez fosse essa a coisa evidente que se notava de longe...

Valéria levanta os ombros e rouba a última batata frita de Ernesto.

— Faça como você quiser... De qualquer maneira, é uma linda mulher. Sabe quem ela lembra? Aquela atriz, muito bonita de rosto, aquela atriz italiana...

Ernesto toma um pouco de Coca-Cola.

— Sei, sei de quem você está falando... Barbara De Rossi!

— Isso, isso mesmo.

Eu me faço de desentendido.

— Não tinha notado.

— Nossa, é igualzinha.

Valéria e Ernesto riem juntos.

— OK, vocês vieram até aqui só para isso? Ver quem poderia ser semelhante a alguém conhecido?

Valéria olha para mim surpresa.

— Ei, não precisa ser grosso... O que foi? Nós ofendemos a Ilaria? Olha que era um elogio! — Ela não me dá tempo para responder. — Bem, Ernesto queria agradecer a você.

Ele está bebendo o último gole da Coca-Cola de Valéria, que era minha.

— Ah, sim... — Limpa a boca e começa a falar. — Bem, eu queria dizer que sinto muito conhecer você nestas circunstâncias; acredite, eu teria preferido uma coisa muito mais tranquila, talvez convidar você, sua irmã mais velha e sua mãe para irem à minha casa em Bracciano e organizar um bom churrasco. Os meus pais também produzem um bom vinho...

Enquanto ele faz abertamente e sem reservas esse discurso que muito provavelmente preparou pela manhã, Valéria o olha entusiasmada. Apoia uma das mãos sobre o seu braço e está orgulhosa, como se ele estivesse declamando um surpreendente tratado. E eu sinto vontade de lhe dizer: “Valéria, ele não está dizendo nada de extraordinário, é o mínimo que deveria fazer”.

Mas sei perfeitamente que não adiantaria nada. Quando ela se fixa em alguém não vê mais nada, como se aquele fosse o último príncipe encantado à disposição.

Ernesto prossegue.

— Entende? Eu te estimo muito. Quer dizer, nem todos defenderiam os princípios de uma irmã.

Não consigo acreditar no que estou ouvindo. Ou seja, eu tenho de aturar esses dois em vez de ouvir o segredo de Ilaria De Luca, a nossa Barbara De Rossi? Como saber que declaração Ilaria teria feito sobre meu pai especial? Talvez ela me fizesse vê-lo sob uma luz diferente, talvez me ajudasse a aceitar melhor sua perda... Não, isso não, não creio. Olho para Ernesto, que continua a falar e não para. É seguro, prolixo, diz coisas que eu não ouço, que nem mesmo sei se fazem sentido. Começo a sentir mais simpatia por Pepe e então sorrio para ele, concordo, finjo estar de acordo com ele, pois já sei que mais cedo ou mais tarde se encontrarão. Continuo sorrindo ainda, olho para Ernesto e já o vejo no hospital.

— Entendeu, Niccolò? Você não deve mais se meter na nossa história.

Somente agora ouço bem o que ele diz. Não acredito, parece até zangado! Aperta Valéria contra si e sorri para ela.

— Pode deixar Valéria por minha conta... Estou falando sério... E também me entendo com Pepe.

Diz isso de maneira divertida, quase como se estivesse fazendo gozação do apelido. Ernesto nunca deve ter visto

Pepe, não deve ter a menor ideia de quem seja.

— Sim, sim, claro... É que ontem à noite você não estava, enfim, eu quis evitar que as encrencas da Valéria envolvessem também minha mãe. Mas fico contente em deixar tudo por sua conta, juro que sim. E, se puder te dar um conselho, acho que é melhor esclarecer a situação com Pepe rapidamente, pois ele acredita que ainda está com Valéria.

— Não, não é verdade!

Minha irmã se afasta de Ernesto. Está furiosa.

— Eu já disse a ele há mais de uma semana que terminamos. Disse inclusive que já penso em outro...

Valéria olha decidida para Ernesto. Ele concorda, como se dissesse “fez bem, fez bem, querida”; eu, ao contrário, fico sem palavras. Quero pedir a Ernesto para me avisar quando for esclarecer tudo com Pepe, pois gostaria de estar presente só para observar de longe.

Ernesto recomeça a falar com segurança.

— O fato de tua irmã ter cometido um erro não significa que ela deva pagar para sempre ou que deva, de algum modo, estragar sua vida, você não concorda?

— Claro que eu concordo. Mas de qual erro você está falando?

Ernesto duvida, de repente, da minha capacidade e olha para Valéria à procura de aprovação.

— Ora... se meter com Pepe!

— Ah, claro, estou de acordo com você. É que minha irmã não quer e não pode ser contrariada sobre certas escolhas que faz! Ora, o fato de que você, de alguma maneira, fez com que ela raciocinasse e de que fará Pepe entender tudo o que aconteceu só pode deixar todos felizes.

E, inesperadamente, sinto vontade de pedir a ele explicações sobre seu apelido, afinal, Pepe, o poeta, sempre começando com “p”, mas desisto, porque toda essa história, para continuar com a letra “p”, me parece uma grande putaria.

— Querem mais alguma coisa? — Ernesto e Valéria se entreolham.

— Não, não, obrigado.

— Então, se vocês não reparam, vou pagar a conta e vou para o escritório.

Pago e me despeço deles. Tenho a impressão de que ficaram desapontados, como se esperassem uma reação diferente de minha parte. Mas não me vem à mente nada que eu pudesse ter feito diferente, e, além do mais, por que devo estar sempre à altura das expectativas dos outros?

Chego ao escritório.

— Boa tarde a todos.

Silêncio. Alguém resmunga um “oi”, outro diz alguma coisa indefinida. Deus me livre! Parece um velório! E esta é uma daquelas imobiliárias que trabalham, que têm movimento, imagina se as coisas estivessem indo mal... Chego à minha escrivaninha, olho ao redor e não vejo

Benedetta Pozzanghera. O que terá acontecido? Não terá vindo trabalhar? Estará fora com clientes? Olho para o quadro com as visitas marcadas. Não, não está ali. Neste momento, recebo um SMS. Fico esperançoso por um instante. Sinto que é Alessia. Deve ter me procurado em casa, na banca, no Café dei Pittori. Porém, quando leio a mensagem, fico sem palavras: “Aconteceu uma coisa horrível. Por favor, dá um pulinho aqui. Eu avisei no escritório que não estou passando bem, mas não é verdade, estou pior!”. Apago a mensagem e me sento à escrivaninha. Gostaria que fosse o mesmo texto, mas de Alessia. Mas não. É de Pozzi. E agora, o que faço? Folheio minha agenda. Não tenho visitas marcadas, não posso nem sequer inventar uma desculpa para não ir, e, afinal de contas, ela é sobrinha dos Bandini, os proprietários da imobiliária, e, de uma maneira ou de outra, caso eu venha a necessitar, poderá vir em meu socorro.

— Vou sair um minuto...

Mesmo assim ninguém diz nada. É ótimo trabalhar numa agência imobiliária como esta, onde não existem discussões, mesmo porque quase nunca te dirigem a palavra.

Muito bem, ir ver a Pozzanghera, ao menos, é melhor do que ficar nesse velório. Por outro lado, que problemas pode ter? Resolvo tudo rapidamente ou, no máximo, ouço o que ela tem a dizer e depois penso no que fazer ou dizer. Realmente, a vida é estranha. Neste período todos têm um monte de problemas e todos, de um modo ou de outro, se

dirigem a mim. Mas quando é que eu poderei falar com alguém? Gostaria mesmo de saber. Talvez eu fale com ela, com Pozzi. Eu ainda não sabia que naquela tarde, inesperadamente, as coisas mudariam de modo definitivo.

Toco o interfone.

— Quem é?

— Sou eu.

— Quarto andar.

Entro na portaria e tomo o elevador. Eu me lembro bem do apartamentinho da Pozzanghera. Melhor começar a chamá-la de Benedetta, senão posso me enganar quando falar com ela. Comprou uma pequena cobertura na Viale Angelico e até fez uma festa de inauguração seis meses atrás. Por toda a extensão da rua só há edifícios. É uma área repleta de andorinhas, e o prédio que abriga a pequena cobertura, me lembro bem, é o mais alto dos outros prédios da região e tem uma vista bem ampla. Claro, não deve ter nada a ver com a vista da casa onde Ciccio esteve na noite passada. Não sei como isso me veio à mente, e a comparação me desgosta. O elevador se abre, pronto, cheguei. A porta do apartamento, no fundo, à direita, está aberta.

— Posso entrar?

Fecho a porta lentamente e entro preocupado, como naqueles filmes em que o assassino sempre está atrás da primeira porta semiaberta. Mas, neste caso, pelo menos até agora, não é assim.

— Claro, entra, estou na sala.

Avanço ao longo do corredor; se não me engano, a sala fica depois da cozinha e de um banheiro. De fato, é assim, vejo o sofá azul e alguns quadros modernos, e mal dou um passo a mais ela pula em cima de mim, abraçando-me e chorando.

— Estou desesperada... que... se... eu... soube... não... te... ped... só você poderia entender...

Não entendo quase nada do que ela diz enquanto chora, soluça, funga, me abraça, me aperta com força, me deixa quase sem ar.

— Entendeu o que eu disse?

— Não muito bem... Entendi apenas “só você poderia entender”, mas não sei do que você está falando.

Repete alguma coisa abraçada a mim, quase sufocada no meu peito.

— O pro... é que... está... com quem... te... dá... cont...

— Não entendi nada novamente! Parece um jogo de forca, com somente algumas letras aqui e ali...

Pozzi explode numa risada e funga. Tento afastá-la de mim, mas ela me aperta com mais força ainda, abraçando meu pescoço.

— Se você não se afastar, não conseguirei entender nada...

— Estou envergonhada de você me ver nesse estado.

“Mas por quê?”, gostaria de lhe perguntar. “Que diferença há em relação ao habitual?” Mas talvez seja uma

brincadeira de muito mau gosto. Por fim, temerosa, indecisa, trêmula, se afasta de mim. Olha-me de alto a baixo com seus grandes olhos lacrimejantes, as faces borradas pelo rímel. O lábio superior ainda treme, os cabelos estão arrepiados, mas devo dizer que sua aparência geral não é tão ruim. Quer dizer, há um toque de ternura a mais que talvez melhore a Pozzi de cada dia. Somente agora percebo que está vestida com uma túnica branca comprida até os joelhos e nada mais. Está descalça e, pelo que pude intuir, sem sutiã, mas não quero me mostrar muito atento a esses inúteis e pequenos detalhes. Por exemplo, não saberia dizer se está ou não usando calcinha, mas noto que os seios, aliás grandes e em ótima forma, estão livres debaixo daquela túnica; qualquer um notaria, até mesmo um cego, no mínimo pelos mamilos pronunciados que desfazem qualquer dúvida.

— Não me olhe...

Ela percebeu.

— Não estou te olhando.

— Não é verdade.

— OK, mas dava uma olhadinha inocente.

— Bobo... — Ri novamente.

— Então, posso saber o que aconteceu?

— Luca está há quatro anos com Carla Salbini.

Parecia-me mesmo estranho que esse tipo se apaixonasse por Pozzi.

— Entende, Nicco? Sabe quem é? Carla Salbini!

Olho para ela um pouco perplexo.

— Não, desculpe, sinto muito, mas não me lembro.

— É a minha amiga do tempo do Ensino Médio. Uma vez foi à imobiliária porque os pais queriam vender a casa de praia em Fregene...

— Quando?

— Há dois anos.

— Benedetta! Mas com todas as coisas que acontecem a cada minuto, você acha que eu posso me lembrar desses Salbini que queriam vender a casa de praia em Fregene? Como era? Era uma casa importante?

— Não.

— Quer dizer, nem era importante, por favor!

— Tem razão.

— O problema é que você é muito exigente.

— Por causa dessa história da casa?

— Não, por tudo!

— Mas o que tem a ver com o fato de que Luca está namorando há quatro anos uma garota que estudou comigo no Ensino Médio? Podia também estar com alguém que eu não conheço... O problema é que estava namorando e não me disse nada!

Ela se joga sobre o sofá, cruza as pernas e coloca as duas mãos no meio da túnica, evitando, assim, qualquer imprevisto.

Balança a cabeça, atônita, repetindo para si mesma em voz baixa:

— Não é possível... Não é possível.

E eu penso em quantos homens conheço que teriam se comportado ou que já se comportaram da mesma maneira. Ciccio fez isso mil vezes, eu de vez em quando, o proprietário da imobiliária certamente, alguns colegas meus de escola também o fizeram com toda a certeza. Enfim, muitos tiveram um caso, quase sempre breve, que se acavalou com o namoro oficial, talvez até mesmo meu próprio pai com Ilaria De Luca. Isso, graças à chegada de Valéria e Ernesto, ainda não posso dar como certo, mas existem boas probabilidades. No entanto, quase todos deram fim à breve aventura ou foram descobertos. Outros continuaram esse jogo de raro e difícil equilíbriismo para esconder de duas mulheres, desconfiadas, atentas e espertíssimas, qualquer indício que pudesse fazê-las descobrir. Um desses é Ciccio, mas ele, haja vista sua última história com a garota do pub, ama correr riscos. Ora, a dúvida, por outro lado, é como Pozzi conseguiu descobrir.

— Quer saber como eu fiquei sabendo?

Torna a ficar séria, não chora mais, e, principalmente, consegue ler meu pensamento. Ultimamente tem acontecido com muita frequência. Mas eu sou assim tão transparente?

— Se você quiser me dizer...

— Claro. Muito fácil. Percebi que ele estava sempre ocupado nos fins de semana e que durante a semana me encontrava sempre depois do jantar, ou depois do futebol, depois da academia, ou seja, nunca antes das dez e meia e já tendo jantado. Você não teria achado estranho?

— Bem, sim, de fato...

Lembro que quando estava com Federica e comecei a sair com Giorgia fiz exatamente as mesmas coisas.

— Vinha para minha casa com o celular desligado.

— Ah... — Eu também fazia isso. Nossa, somos assim mesmo? Tão banalmente idênticos?

— Então, sabe o que eu fiz? Coloquei-o à prova! Eu disse a ele: “Uma amiga alugou uma casa para o fim de semana e nos convidou, vamos?”. E ele balbuciou qualquer coisa do tipo ter um compromisso com a família. Então, na semana seguinte, eu lhe disse que no sábado haveria a inauguração de um novo bar perto da Piazza Navona, e ele inventou outra história, disse que alguns amigos vinham visitá-lo. Assim, eu o coloquei contra a parede.

— Como?

— Fui ao escritório dele e fiquei lá durante toda a hora de almoço. Tinha certeza de que ele receberia pelo menos um telefonema e, de fato, recebeu.

— Ah.

— E, no fim, confessou...

Eu imagino esse Luca com Pozzanghera na frente dele, controlando os toques do celular, até, exausto, confessar tudo. Na minha opinião, depois de dez minutos da chegada dela ao escritório se arrependeu amargamente da primeira trepada que deu.

— Entende? Maldito...

— Claro, entendo bem.

— Por que vocês, homens, são tão idiotas?

— Mas por que você diz “vocês, homens”?

— Porque você também é homem, e quem pode saber quantas vezes se comportou como um idiota exatamente como Luca?

— Posso ter errado, mas não dessa maneira.

— Não, você não entendeu o quanto! Olha!

Levanta-se e vai em direção a uma mesa próxima. Olhando bem, Pozzi não é tão ruim assim, tem pernas bonitas, sensuais, e um belo traseiro. Depois, se vira. Bem, não, o rosto realmente não. O nariz é muito pronunciado.

— Olha, olha o que ele me escreveu. — Apanha umas cartas em cima da mesa, volta até mim, senta-se ao meu lado e começa a lê-las. — “Meu amor, desde que conheci você minha vida parece outra. Nunca me senti tão feliz...” Você percebe? Eu deveria dar estas cartas para a Carla ler! Bem que ela mereceria. Mas por que vocês são tão estúpidos?

— Outra vez. Por que diz que “somos” tão estúpidos? Na realidade, uma besteira como essa, deixar papéis por aí, eu nunca fiz.

Pozzi funga.

— OK, “ele é”. Mas por que não encontro um como você, então? Por que acabo sempre com os outros? Escuta, escuta mais esta... — E lê outro trecho. — “Estar com você foi um sonho. Eu nunca tinha feito amor assim em toda a minha vida!” Viu que idiota? E ele ainda destaca que eu fiz de tudo por ele. Eu me apaixonei, Nicco, e uma mulher, você sabe,

não tem mais limites nesses casos. Que idiota! Eu o odeio, é realmente um imbecil!

E recomeça a chorar e se joga em cima de mim. Está realmente desesperada. E, de alguma maneira, procuro acalmá-la. São aquelas situações absurdas nas quais eu, sinceramente, não consigo ver o drama; quer dizer, de algum modo acho que faço parte do jogo. Se uma mulher deseja segurança e certeza, então, antes de ir para a cama com o primeiro que aparecer, deve criar muitas provas e contraprovas, e, mesmo assim, pode acontecer de ele não ficar satisfeito e decidir terminar o caso e pronto. Pode acontecer, não? Não existe dar a certeza de durar um ano ou seis meses, nem mesmo três! Porém, Pozzi não aceita tudo isso, continua a chorar, a ler cartas. Depois, liga o computador e lê para mim alguns e-mails, e, como se não bastasse, me mostra a fotografia dele no celular: sorridente, alegre, divertido, um belo rapaz realmente, mas com uma cara, se vê logo, de quem não pode ver um rabo de saia; não é preciso ser um gênio para entender isso. Por outro lado, se a mulher é uma como Pozzi, deveria existir um acordo tácito, quer dizer, ela não deveria nem duvidar de que ele tenha outra, todas as duas saberiam, e, caso já não fosse assim, não demoraria muito a ser. Porém, nenhuma mulher aceita ser realista. A mulher é sonhadora e, já que é assim, sonha com tudo a que tem direito!

— Você entende? Eu tinha certeza de que nós iríamos viajar juntos no verão. Olha, queria até fazer uma surpresa

para ele. — Abre uma gaveta e retira duas passagens. — Grécia, Corfu, uma semana com tudo incluído em uma espetacular mansão com acesso direto a uma praia particular. E agora, com quem vou?

E, ao dizer essa última frase, Pozzi começa a chorar outra vez.

— Vamos, Benedetta, não chore, são coisas que acontecem.

— Eu sei, mas sempre comigo!

Não ousou perguntar a ela se já tinha acontecido antes. Fico calado e acaricio seus cabelos. Sinto seu choro no meu peito, dou um suspiro e olho pro teto. Justo comigo? E ainda por cima hoje? E dizer que o sonho prometia que seria um dia de surpresas... Mas o que é isso? Uma brincadeira? Talvez o sonho se referisse a Ilaria De Luca e ao seu segredo que ficou como tal ou ao belo encontro com minha irmã e Ernesto, ou, então, talvez, a essa encheção de saco de Pozzi. Pensando bem, gastou até pouco para uma viagem à Grécia! Mas quem é que reserva em maio uma viagem para julho? Nunca vi. É lógico que não ia dar certo; Pozzi deu azar a si mesma, mas é melhor não dizer isso a ela.

— Vamos, Bene, não faz assim. Você vai ver, vai encontrar a pessoa certa.

Pronto, eu sabia que não devia ter dito isso. Ela chora ainda mais forte e balança a cabeça com velocidade, como se não quisesse absolutamente ouvir aquelas palavras. Bate com os pés no chão.

— Nãooooo! Eu quero ele!

Continuo a acariciar seus cabelos.

— Mas, Benedetta, ele já está comprometido, aliás, com uma amiga sua...

— Não é minha amiga!

Mas como? Foi ela quem disse! OK, entendi, não é exatamente o momento para contradizê-la.

— Sim, sim, você tem razão...

Continuo a acariciar seus cabelos.

— E não fica me dando razão como se eu fosse uma idiota!

Bate de novo com os pés e a túnica comprida sobe mais um pouco até as coxas. Sua respiração se torna mais tranquila e já não chora.

— E agora, o que eu devo dizer? Nada está bom pra você neste momento...

— É, infelizmente é assim.

Depois se acalma aos poucos; sua respiração se torna mais lenta, não chora mais. Parece gostar de minhas carícias em seus cabelos.

— Você é a única pessoa capaz de me entender.

Agora fala com uma voz quente e mais baixa. Roça em mim, senta-se melhor no sofá, aninhando-se nos meus braços, e, sem querer, levanta ainda mais a túnica. Pronto, era só o que faltava, vejo a parte alta do quadril, que está completamente nu, significa que nem calcinha ela está

usando! E mais, como se não bastasse, continua a falar com aquela voz quente e baixa.

— Eu sabia que só podia falar com você. É a única pessoa que me entende.

Não paro. Não sei o que dizer, mas continuo a alisar sua cabeça. Sinto que ela empurra seu seio contra o meu peito.

— Você sempre me entendeu. Para mim, nós temos uma sintonia realmente especial.

Agora movimenta as pernas, se aconchega ainda mais em mim, nos meus braços, e, de alguma maneira, me faz perder o controle. Sinto um calor que vem de baixo, da minha barriga, e engulo em seco. Como se não bastasse, a túnica subiu completamente e não há mesmo nada por baixo.

— Eu sempre pensei em nós dois como os protagonistas daquele filme *Harry e Sally*, lembra?

— Lembro.

— Você gostou desse filme?

— Sim.

Não consigo dizer nada além de um longo, inútil e arrastado “Sim”, como se já tivesse entendido tudo e não estivesse minimamente em condições de reagir, como se não soubesse, o que é uma coisa terrível de admitir, o que esperar desta situação.

Sinto que ela se mexe cada vez mais entre os meus braços e se esfrega em todo o meu corpo.

— Um dia precisamos rever esse filme juntos...

— Sim.

Então, se levanta um pouco, os olhos escondidos entre os cabelos, e, de repente, sorri.

— A certa altura, no entanto, a amizade dos dois muda, se transforma em outra coisa.

E dessa vez não digo nem “Sim”. Dou um sorriso incerto e é o quanto basta para Pozzi. É um instante. Ela começa com um beijo na boca e não me dá a possibilidade de fazer nada. Desenha círculos em meus lábios, embora eu os mantenha fechados. Mas, depois, cedo minimamente e sinto sua língua, que ela enfia em minha boca com força, assim, sem discernimento. Seus lábios são salgados, úmidos, ainda banhados por todo aquele pranto. Os meus são como um pêssago verde, tímido, fechado, que ela não consegue comer mesmo fazendo todas as tentativas. Não há nada pior que sermos beijados quando não queremos beijar uma pessoa, quer dizer, no fim sentimos que não dá e cedemos apenas por desespero. E ficamos enojados com o seu cheiro, sentimos o que a pessoa comeu, tudo nos incomoda e não sabemos por que aquilo está acontecendo.

Pozzi não para mais. Começa a desabotoar minha camisa, desaperta meu cinto, abre minha calça. Tira completamente a túnica comprida, depois abre toda a minha camisa e pressiona suas grandes tetas contra meu peito. Esfrega-se em cima de mim e consegue me excitar cada vez mais. Devo dizer que não vejo Alessia há quase um mês. Sei que isso não justifica o que está acontecendo, mas neste momento é a única coisa que me vem à mente, é minha desculpa. E,

depois desse último pensamento, me entrego completamente. E, agora, tomado pelo tesão, mas muito mais pelo desespero de ter descido tão baixo, não penso em outra coisa a não ser lhe fazer mal. Dessa maneira, adquiro o direito de entrar rapidamente na categoria dos homens idiotas. Aliás, talvez eu fique no topo da classificação, pois me aproveitei da fragilidade dessa mulher e suportei sua chatice e sua infinita tristeza só para trepar com ela. Não, não fui honesto. Passei por cima de tudo somente para gozar.

Quando saio da casa de Benedetta, são sete e quinze da noite.

A primeira coisa que faço é checar o celular. Tenho certeza de que Alessia me telefonou, é uma daquelas coisas que a gente sente de modo particular, e nossa sensibilidade aumenta quando nos sentimos culpados. Assim, olho lentamente para a tela. Tenho a impressão de estar em uma partida de pôquer, abrindo as cartas devagar para ver se recebi ou não aquela dama de copas para a sequência da mesma cor que eu esperava formar... Droga, eu sabia, uma chamada perdida! Tinha certeza, porra! Número protegido. É Alessia. Quando o seu crédito acabava, ela telefonava de casa e aparecia “Número protegido”. E agora, o que faço? Como posso saber se foi realmente ela quem me telefonou? Nada me vem à mente, pelo menos no momento.

Subo na minha SH 150, coloco o fone, troco a função do celular, de maneira a ouvir um novo toque, ligo o motor e parto. Tomei um banho na casa de Pozzi, mas ainda me sinto sujo. O vento quente do crepúsculo me acaricia o rosto enquanto meus cabelos secam por baixo do capacete. O momento mais difícil com uma mulher é depois de fazermos amor, é ali que se revela tudo, é a prova maior, mais verdadeira do que se tivéssemos mil detectores de mentiras,

quando sabemos imediatamente se nos importamos minimamente com alguma coisa daquela mulher ou não. Se nos levantamos e vamos para o banheiro, não nos importamos muito; se nos vestimos e vamos embora, a situação é realmente dramática; se, ao contrário, ficamos um bom tempo ao lado dela e a abraçamos e beijamos e sentimos vontade de recomeçar tudo, ou ela é efetivamente importante para nós ou somos ótimos atores. Com Pozzi, fingi por alguns minutos. Depois, conversamos um pouco, e, no fim, as coisas aconteceram como tinham de acontecer. Melhor assim, mas, na realidade, cheguei à conclusão de que ninguém morreu, afinal uma trepada sem graça faz parte da vida de qualquer um. Quero ver se alguém tem a coragem de negar essa verdade! O drama é que naquela situação, quer dizer, enquanto a estamos vivendo, até nos esquecemos disso. No escuro ou com os olhos fechados ou semifechados, a gente se entrega, e, no fim, o prazer toma conta de tudo; por essa razão, mesmo uma trepada com uma mulher como Pozzi acaba sendo boa. Sim, claro, estamos falando dos últimos momentos antes do orgasmo, porém é boa, sim, pelo menos para nós, homens, e não podemos negá-lo. Ao contrário, as mulheres sempre levam adiante aquela teoria da pureza, quer dizer, elas fazem sexo, mas só porque estão apaixonadas. Então querem me convencer de que todas as mulheres que trepam estão apaixonadas? Isso também me parece uma bela ilusão! E, de repente, começo a me lembrar do final do namoro com Alessia... Ela não queria mais fazer

amor, nos beijávamos, sim, mas quando eu começava a acariciá-la, quando era tomado pela paixão em forma de desejo, vontade de sexo, mas também amor, a mistura perfeita, percebia que ela resistia. Segurava minha mão. E não existe nada pior do que uma mulher que nos segura a mão quando tudo já aconteceu no passado. É uma dor lancinante, só comparável ao som de unhas arranhando o quadro-negro. Ou a quando estamos esquiando e caímos na metade da subida. Não sei por que essa imagem me veio à cabeça, mas a frustração que eu sentia quando caía após saltar do *ski lift* era terrível, fosse por ter cruzado os esquis ou por qualquer outro erro. Caía de lado sobre a neve fresca, num movimento lento, como um saco de batatas, e via aquele maldito mecanismo me abandonar e seguir em frente, oscilando em direção ao alto da montanha. Porém, a sensação mais terrível era saber que atrás de você vinha outra pessoa. Ela via você no chão, debatendo-se na neve, incapaz de se levantar, e era obrigada a desviar, com seus esquis unidos, para tentar evitar um choque. Isso. É a mesma sensação que tive quando Alessia segurou minha mão e saiu de perto de mim. Esperei por ela na cama, pensei que tivesse ido ao banheiro, mas depois entendi que ela não voltaria. Então me levantei, enfiei a camisa e as calças e fui procurá-la. Encontrei-a na cozinha, sentada num banquinho, comendo pequenas uvas, com a televisão ligada, mas com o volume baixo; na realidade, não estava prestando atenção, passavam propagandas. Ela estava de costas, e eu

fiquei na porta a observá-la, a olhar para seus cabelos que desciam sobre os ombros, seu perfil um pouco escondido, os braços, as mãos, os dedos que circundavam as uvas até arrancá-las do cacho e colocá-las na boca. E, naquele momento, percebi mais do que nunca que a amava e, ao mesmo tempo, compreendi que nunca lhe dissera isso. Porém, dizê-lo naquele instante me parecia estranho, por isso fiquei em silêncio, fingi que estava tudo bem e lhe falei somente: “Essas uvas parecem boas”.

Ela se virou e me olhou com uma tristeza infinita. Era como se perguntasse: “Como você pode não entender?”. Mas depois abandonou aquele pensamento e sorriu. “Sim, são muito boas, prova!”, disse-me.

Levantou-se da cadeira e colocou uma uva em minha boca com delicadeza, e, de fato, era muito boa, não muito azeda nem muito doce, mas perfeita. Enquanto mastigava, eu assentia e saboreava a fruta e pensava que o que sentia por ela era exatamente como aquele gosto, perfeito, que não havia nada nela que não me agradasse ou que me incomodasse, nada. Mas nunca fui capaz de lhe dizer “eu te amo”. E, talvez, agora que analiso bem, aquele tenha sido o último momento no qual eu poderia ter lhe dito alguma coisa, poderia ter lhe falado do meu amor, por exemplo da beleza do sentimento que tive por ela enquanto a observava em silêncio. Ou eu poderia ter lhe perguntado: “Alessia, o que está acontecendo? Por que você não quer mais estar comigo?”.

Ao contrário, não fiz nada, disse alguma bobagem, da qual sinceramente nem me lembro mais, e depois lhe perguntei: “Quer sair? Talvez comer uma pizza e depois ir ao cinema...”.

E fizemos qualquer coisa, com certeza, uma daquelas coisas que fazemos desde que não fiquemos em casa, para não falar, porque acreditamos que depois tudo se resolverá por si mesmo e que tudo será como sempre foi, talvez até melhor. No nosso caso, porém, não foi assim.

E é estranho porque com Benedetta, por exemplo, deixei logo tudo bem claro. Na verdade, as coisas são muito mais fáceis quando não temos nenhum envolvimento; a gente já percebe isso quando faz sexo. Não queremos prolongar, não procuramos resistir, não nos preocupamos com o prazer da parceira e pensamos apenas no nosso. Claro que gostamos da trepada, mas, quando estamos para terminar, terminamos e pronto. E não se trata de egoísmo, apenas de sinceridade. Assim como é dramaticamente sincero o silêncio que se segue. Depois das nossas vergonhosas palavras animais, de repente voltamos ao normal, e somente então nos damos conta daquilo que fizemos: uma boa merda. No meu caso, uma merda gigantesca: trepar com Benedetta Pozzanghera.

Ficamos deitados na cama, um ao lado do outro, suados; depois, olho para o teto e engulo em seco. Sei que devo falar alguma coisa, agora ou nunca mais, mas é difícil.

— Me perdoe, Benedetta, não sei o que aconteceu comigo. É que sentir você tão perto de mim... Eu deveria ter resistido, ter pensado em nossa relação, em nossa amizade...

Procuro enfatizar a última palavra, “amizade”, lembrar isso a ela, procurando dar importância, valorizando, esperando que não se perca e que não acarrete problemas no trabalho... Benedetta está ali, de lado, e me olha em silêncio; não chora, pior, está lúcida, determinada, tem uma clareza total, pelo menos é o que demonstram suas primeiras palavras.

— Você está arrependido?

Não sei o que responder, parece uma ameaça. Fico em silêncio. Ela não se abate; pelo contrário, prossegue, decidida.

— Responde esta pergunta: você ainda ama Alessia?

E sabemos que aí está uma armadilha, uma daquelas lanças desferidas de repente, escondidas na relva como o Rambo sabe fazer tão bem, mas não damos a menor importância.

— Sim. Eu a amo muito.

E finalmente consigo dizer isso, sem problemas, sem medo. Mas era a Alessia que eu deveria ter dito em todo aquele tempo passado com ela... Não agora, a Benedetta! De fato, ela não deixa escapar a ocasião e me fere com suas palavras.

— Então por que você a traiu?

— Mas como eu a traí? Eu disse a você que nós terminamos.

— Você não deveria traí-la mesmo assim. Você disse que a ama, não? Então não faz diferença nenhuma se vocês estão juntos ou não.

Olho para ela, estarecido, mas não lhe digo nada. Não posso acreditar. Mas como vocês raciocinam? Por acaso são um grupo de fanáticas do amor? Quer dizer, eu não deveria traí-la? Mas o que isso quer dizer? Alguém trai um ideal, um sonho, uma promessa, uma paixão, uma mulher que é sua. Não devo traí-la por quê? Com base em uma esperança? Enquanto ela, quem sabe, trepa com outro ou, ainda pior, está apaixonada por outro? Confesso que eu sempre amarei as mulheres e seu estranho modo de pensar, mas nunca conseguirei entendê-las. Mas, de qualquer maneira, as palavras de Benedetta me ajudam a recobrar minha lucidez, a querer esclarecer imediatamente as coisas com ela.

— Você tem razão. Errei, não deveria ter cedido, deveria ter resistido, não deveria ter me deixado levar, convencer...

— O quê? — Benedetta arregala os olhos, abre a boca e balança a cabeça como a mostrar que não podia acreditar no que estava ouvindo. — Então, você acha que a culpa é minha? Você não tem nada a ver com isso, não fez nada, não queria...

Em um instante, revejo o que ela fez, como fez, aquilo que se deixou fazer e como parecia gostar... No entanto,

resolvo colocar tudo de lado porque ainda é a sobrinha dos Bandini.

— Não, mas o que tem a ver, Bene...? — Como eu gostaria de chamá-la de Pozzanghera! É uma maldita *pozzanghera* na qual alguém pisa por engano, e desta vez o apelido é mais verdadeiro do que nunca! Mas consigo me controlar perfeitamente. — Não, Bene, o que eu quis dizer é que nós dois cedemos, arrastados pelo nosso desejo, pela nossa vontade, acima de tudo, de sermos felizes, de termos um amor. Fomos enganados por aquilo com que sonhamos e, num momento difícil, não percebemos o que estávamos fazendo...

— Quer dizer então que você não percebeu que estava me beijando? Que estava fazendo amor comigo?

— Sim, claro que sim, mas sei também que, na realidade, você sonhava em estar nos braços de Luca... E eu...

— Em primeiro lugar, eu não sonhava em estar nos braços de ninguém, muito menos de Luca. Eu sabia perfeitamente o que estava fazendo. Você não? Você sonhava em estar nos braços de Alessia?

E agora, o que faço? O que respondo? Gostaria de estar naquele filme de Aldo, Giovanni e Giacomo em que Aldo, não sabendo mais o que dizer à namorada, lhe dá uma cabeçada que a faz desmaiar e depois diz que foi uma telha que caiu. Porém, a vida não é um filme, não se resolve tudo com uma risada, uma mudança de cenário, um *the end* mais ou menos feliz. A vida significa enfrentar os erros, responsabilizar-se

por eles, saber resolver as encheções de saco encontrando as palavras certas... Pelo menos era o que meu pai sempre me dizia.

“As palavras certas.” Olho para ela e sorrio, sim, talvez eu as tenha.

— Benedetta... Eu ainda estou apaixonado por Alessia. Me perdoe se acha que eu te faltei com o devido respeito. Talvez até exista um sentimento, sim, mas neste momento não estou pronto, é muito cedo.

Pronto, procurei colocar um pouco de tudo: ternura, a aceitação de ter cometido um erro, o desejo de perdão, não estar pronto... Vamos ver. Olho para ela sorridente, mas não muito, esperançoso, mas sem excesso, culpado, mas nem tanto. Ela me olha por um momento e depois...

— Vai tomar no cu!

Não eram as palavras certas. Ela grita como uma louca.

— Você é como todos os outros! Aliás, é ainda mais cretino porque eu acreditava que era um amigo!

Ela me empurra para fora de casa. Bom, pelo menos esclarecemos tudo. Aos poucos, tudo voltará ao normal.

Meu celular toca. Tiro-o do bolso, olho-o, não, felizmente é ele.

— E aí, Nicco, pode-se saber onde você está, porra?

Ciccio e o seu linguajar.

— Estou indo pra casa.

— Ainda? Estou aqui embaixo há dez minutos. Te liguei, mas acho que o meu número estava protegido. Foi por isso

que você não me atendeu?

Ah, era ele. Fico deprimido. Isso acaba com a possibilidade de que Alessia tenha me procurado.

— Mas você não se lembra de que tínhamos marcado um jantar no restaurante do meu amigo?

— Ah, é mesmo...

— Nossa, você está com uma voz... Está muito triste... O que aconteceu para você ter ficado tão deprimido?

— Nada. Eu te conto amanhã.

— Como amanhã? Porra, você não entendeu que esta é uma noite especial? A comida é excelente, a bebida é melhor ainda, e, como se não bastasse, não vamos gastar um euro sequer porque somos convidados! Anda, não importa o que tenha acontecido, você verá tudo de um ângulo diferente depois desta noite.

E essas foram as últimas palavras a fim de me convencer.

— OK. Estou chegando.

— Isso, porra, assim é que se fala!

Ele desliga. Devo admitir que ultimamente, de uma maneira ou de outra, pouco consigo defender minhas escolhas. Na verdade, muito pouco.

A confusão é enorme. É sempre assim por estes lados, entre a Piazza della Minerva e a Piazza delle Coppelle.

Felizmente, a noite está bonita, porque só faltava estar chovendo. Paro em frente à pracinha. O Maccheroni está cheio. Quando eu era mais novo, tinha muita dificuldade para ir a inaugurações de bares, restaurantes, porque há sempre muita gente, e a ideia daquele impacto inicial me preocupava de certa maneira. Agora, quase acho graça daquele meu embaraço e entro em inaugurações sem problemas. Ah, eles estão ali, nos fundos da sala, sentados a uma mesa. Ciccio parece o dono do lugar, ri, agita-se na mesa, levanta-se, pega cardápios para todos, brinca com os garçons, dá alguns tapinhas neles e logo conquista sua simpatia. Depois me vê.

— Epa, vejam quem está aqui...

Ele está sentado com três garotas, que se viram e sorriem para mim, e uma, não posso acreditar, é Lúcia, aquela do pub!

— Oi, Nicco! Como vai?

— Tudo bem.

Sento-me entre eles; nos fundos, vejo passar o proprietário, Luciano, casado com uma linda modelo

australiana que, se não me engano, interpretou a Mãe-natureza no programa de TV *Ciao Darwin*. Sim, olha ela lá, eu a vejo passar enquanto leva alguns pratos para a cozinha; está um pouco suada, talvez um pouco cansada, mas sempre muito bonita. Quem pode saber se era isso que ela esperava da Itália?

Ciccio fecha o cardápio.

— Então, o que quer comer? Aqui fazem uma *gricia*^[17] fantástica...

Depois, se estica até Lúcia, a garota do pub, beija-a, levanta um pouco sua camiseta por baixo da mesa e descobre sua barriga. Ela usa um piercing no umbigo, que Ciccio acaricia.

— O som dos anjos... — Ele quase cai sobre ela, mas, com um movimento ágil das costas, consegue levantar-se imediatamente. Ele poderia tê-la esmagado. Fico sempre surpreso com esses tipos grandes que, no entanto, conseguem ser ágeis. E fico ainda mais surpreso com as coisas que Ciccio consegue arquitetar. Namorando duas, ainda beija uma terceira em público.

As duas amigas da beijadora maluca se apresentam enquanto Lúcia consegue sossegar Ciccio e cobrir a barriga.

— Oi, me chamo Ilenia.

— E eu, Tiziana...

— Oi, sou Niccolò...

Chega um garçom.

— Então, o que posso trazer para você? Quer uma *gricia*?
OK, parece mesmo que não tenho escolha.

— OK, me traz uma *gricia* e uma cerveja.

— Como quer a cerveja?

— Média clara.

Ele anota alguma coisa rapidamente no pequeno tablet e se afasta.

— Nós soubemos... Sentimos muito...

— Hein? — Olho para as duas incrédulo.

— Sim, quer dizer, pode acontecer com qualquer um, mas depois a pessoa fica... Como se costuma dizer? *Tre metri sotto a un treno*.^[18]

Elas riem como loucas e quase se acotovelam. Tiziana pega a cerveja, bebe um grande gole e quase engasga; depois, vira-se para mim e balança a cabeça. Minha cara deve estar horrenda. Olho para Ciccio, que abre os braços como se dissesse: “O que eu podia fazer? Me torturaram!”. Mas não acredito que tenha sido exatamente assim.

Ilenia sorri para mim. Parece realmente se importar com o episódio entre mim e Alessia.

— Vamos, não fique assim... A minha história também não deu certo, mas desde o início, na minha opinião, já se podia imaginar que não daria; a sua, ao contrário, pelo modo como Ciccio contou, parecia ter tudo para um final feliz.

Tiziana para de beber.

— Vamos, anda... A surpresa do aniversário foi realmente um show.

— Puxa, como eu gostaria de ganhar um Moncler! Sem falar que custa caro pra cacete!

— Realmente, imagina se meu namorado me daria alguma coisa assim de presente! E a ideia dos pacotes um em cada bolso, nossa, eu me derreto...

Não consigo acreditar nos meus ouvidos e olho incrédulo para Ciccio, ali, na cabeceira da mesa, abraçado à sua nova namorada como se estivessem juntos há muito tempo. Quer dizer, ele também contou sobre a minha ideia das surpresas diferentes nos bolsos... Mas era minha! Eu, em certas ocasiões, odeio Ciccio, de verdade. Esta é uma delas.

Ilenia e Tiziana começam a discutir entre si.

— Mas o Moncler não é importante...

— É importante também! Quer dizer, a gente percebe se alguém realmente nos ama vendo quanto gasta.

— E se não puder gastar?

— Junta o dinheiro. E se for um cavalheiro, te tratará como uma dama!

Eu olho para uma, depois para a outra, e não consigo acreditar! Estou tendo um pesadelo... Elas dizem essas besteiras, as mesmas que todos dizem, que podemos ouvir em qualquer *talk show* ou entre amigas no cabeleireiro ou, pior ainda, ler nos comentários no site *Affari Italiani* depois de um artigo sobre a Belén ou a Minetti,^[19] no qual mulheres insultam os jornalistas que escreveram aquele artigo, dizendo que se ocupam de coisas fúteis, mas são as primeiras a lê-lo e a comentá-lo.

Ciccio se exalta com essas coisas. Ele adora essas discussões e se joga de cabeça.

— Mas vocês, mulheres, são muito complicadas... Talvez tenham necessidade de outro homem e não queiram admiti-lo...

Ele olha para Lúcia, que sorri para ele e, em seguida, também participa.

— Também vocês, homens, não é?

— Claro, querida, é verdade, você tem razão. Somos feitos da mesma matéria...

Eles se abraçam com força e se olham como dois apaixonados que se disseram sabe-se lá o quê. Depois, se beijam, mas com tanta ternura que as amigas dela olham para eles e depois se entreolham. Ilenia e Tiziana sorriem enternecidas como se dissessem: “Como são bonitinhos...”. Ciccio acaricia o ombro de Lúcia e depois a beija novamente na boca como se fosse um sorvete da Alaska, aquele de chocolate que é o melhor de Roma... E depois continua como se não houvesse ninguém ali...

— Pronto, aqui está sua *gricia*!

O garçom me faz dar um pulo. Atira o prato na minha frente, interrompendo assim aquele *soft porn* que estava se tornando *hard porn*.

— E a cerveja.

Não me dá tempo nem de dizer “obrigado”, afasta-se correndo e aproxima-se de uma mesa pouco distante dali,

onde pega o seu pequeno tablet e começa a registrar os pedidos dos outros clientes.

Lúcia se afasta subitamente de Ciccio.

— Que horas são? Droga, já são dez! Não é possível! Garotas, nós temos que ir embora. — Depois, vira-se para Ciccio e sorri. — Hoje vão fazer um teste comigo no pub. E eu quis que elas me apoiassem.

Ilenia e Tiziana fazem coro.

— É para estarmos um pouco mais juntas, quase nunca nos vemos.

Lúcia concorda.

— Sim, sim, vamos, tá na hora. — Abre a bolsa.

Ciccio coloca sua mão gordurosa e grande em cima para detê-la, lhe dá um sorriso e, ainda pior, pisca um olho.

— Nada disso, é por nossa conta.

— Grande! — E lhe dá outro beijo na boca.

— Tchau, tchau. — Elas se despedem.

— Olha lá, hein, Nicco! Depois você conta pra gente se voltaram a namorar, hein? Não se esqueça.

— Claro...

No fim, eu havia resolvido entrar no jogo. Depois olho para Ciccio.

— Obrigado, hein, seguro como um banco.

— Deixa disso, relaxa... O caminho está aberto para você com aquelas duas...

— Obrigado, mas pode ficar com elas.

Depois, penso na Pozzanghera e não sei, na realidade, o quanto posso falar, assim apenas observo as garotas saírem do restaurante. Levam bolsas enormes e usam jaquetas com metais e um cinto grande. Tudo esbarra nas cadeiras, bate contra alguma coisa, chegam até a virar um copo. Deixam atrás delas um rastro de perfume demasiado doce, incompatível com a Via della Camilluccia.

— Mesmo sendo convidadas do proprietário, ela teve a intenção de pagar... As outras duas são realmente umas *saltafiletto*, umas bocas-livres.

Como um pouco de *gricia*, tomo um gole de cerveja e limpo a boca com o guardanapo.

Ciccio balança a cabeça.

— Bem, você sabe como nasceu essa gíria?

— Não.

— Tinha uma mulher que se chamava Elena Pistoni. Uma loura gostosa e alta, com uma bunda de Jennifer Lopez e uma xoxota de Paris Hilton, enfim, uma daquelas que, como diria Pino, é *bella ma non balla*.^[20]

Pino é um tatuador de Nápoles que vive na Via Morlupo, na região da Flaminia, e fala fluentemente inglês, tanto que se faz chamar por Naples Pine.

— Elena vinha jantar tarde, chegava quando todos já estavam à mesa, e era sempre a mesma história... “Oi, como vai?, bem, belíssima, hoje vamos nos divertir à beça, pessoal!” Enfim, cumprimentava rapazes e moças e, depois, quando o garçom chegava, pedia sempre o mesmo prato...

Um filé aberto em forma de livro... “Dessa forma, eu posso lê-lo bem e o como melhor ainda!” E ria como uma imbecil dessa piada idiota. Depois, falava ininterruptamente até a chegada do filé, então emudecia, comia em rigoroso silêncio e, no fim, dava um belo suspiro, dizendo “Ah, este, sim, é um bom livro” ou qualquer outra cretinice, e finalmente olhava as horas. “Que droga, mas eu disse à Franci que passava para apanhá-la! A gente se vê na ponte mais tarde, ok?” E, sem nem sequer perguntar se devia deixar alguma coisa por aquele filé, levantava da mesa e desaparecia na noite. E também não era vista na ponte! Tinha sempre um compromisso com Franci ou com Luísa ou com Dida, havia sempre uma amiga que a esperava... e um filé roubado! E, aos poucos, as outras do grupo aprenderam a fazer a mesma coisa, sempre filé, e sem gastar nem um euro sequer, até o dia em que Simo Fiori, aquela que era realmente a mais estúpida de todas... Você se lembra, não?

Digo que sim, comendo a *gricia*. Está realmente boa e fiz bem em seguir a moda.

— Sim, aquela que imitava a Barbara d’Urso, mas que na realidade se parecia com a Marcuzzi.

— Sim, eu me lembro... Não imitava mal...

— Quem?

— A Panicucci...

— Sim, mas e daí?

— Enfim, ela resolveu fazer o roubo do filé na mesa errada. Foi antológico.

Realmente não me lembro dela, mas, estranhamente, a história prendeu minha atenção.

— Vamos, conta.

Ciccio sorri confiante.

— Estavam no Mò-Mò Republic, e sabe quem estava na mesa?

— Não, quem?

— Pepe...

— Ah...

Pego mais uma garfada da massa, fazendo-a girar pelo prato assim como dão uma volta pela pista aqueles que venceram alguma corrida; em seguida, repleta de *cacio* e *pepe*, apenas para ficar dentro do tema, engulo-a.

— Simo Fiori nem sequer teve tempo de se despedir. “Tchau, tchau para todos... Nós nos vemos na ponte”, mas foi parar no banheiro com Pepe, arrastada pelos cabelos...

— De verdade? — Agora estou ligeiramente preocupado.
— E depois?

— Além do filé... comeu também uma salsicha... mas ao natural! Há, há...

Ciccio começa a rir como um doido e quase engasga, bebendo água correndo para não se sufocar. E, num instante, mil coisas me vêm à mente. Todas as vezes que saí com Alessia, com Ciccio e com meus amigos, Andrea Bato e Guido Pietra.

Andrea Bato ama mangás, compra-os aos quilos, e tem um quarto espetacular, com muitos quadros e muita

tecnologia. Tem muito dinheiro; o pai é juiz e moram numa cobertura no Parioli. Guido Pietra, por outro lado, é aficionado por cultura, se matriculou na faculdade de Letras, mas quase não a frequenta de tão entediado que está com o sistema. “A sociedade de massa não quer cultura, só diversão” é a frase de Hannah Arendt que ele cita a toda hora. De qualquer maneira, mesmo desinteressado da faculdade, pretende se graduar e ensinar em alguma escola de subúrbio. “A instrução e a formação são as armas mais poderosas para mudar o mundo” é outra frase que sempre cita, esta de Nelson Mandela. Enfim, em um instante revejo nós quatro, eu, Ciccio, Pietra e Bato, e os nossos encontros pelos bares. Ciccio patrocinava a cerveja e a maconha mesmo que estivéssemos num bar. À noite, jogávamos quase sempre Texas Hold'em ou disputávamos ferrenhas partidas no PlayStation. Mas, enquanto Pietra fumava muita maconha e nunca teve uma mulher, Bato fumava a mesma coisa, mas tinha, frequentemente, várias mulheres ao mesmo tempo, coisa de que Alessia, naturalmente, não gostava. Um dia, na véspera da festa mais delicada do ano, enquanto eu estava na cozinha com Alessia, Bato disse:

“Estou preocupado...”

“Por quê?”, perguntei.

“Porque amanhã é Dia dos Namorados, e não sei o que fazer nem com quem... Talvez seja melhor ficar em casa.” Bato sorriu. “Mas, como eu adoro o Dia dos Namorados,

gostaria de sair e comemorar com todas, e, neste caso, são quatro...”

Alessia me olhou com os olhos arregalados e se dirigiu a ele:

“O quê? E você se acha o tal?”

Ele sorriu para ela gentilmente.

“Existe uma diferença substancial: eu sou o tal!”

“Tá bom! Você tem várias mulheres porque não sabe ter apenas uma e demonstrar que é homem. Você é somente confusão, conversa-fiada e fachada.”

Bato não gostou do comentário.

“Nicco, você ouviu o que a tua víbora me disse?”

“Ouvi.”

Assim que voltei para a mesa, Alessia se levantou e foi para a varanda.

“Porra, você também, hein, Bato? Precisava falar do Dia dos Namorados?”

“E você, por que veio com ela? Nós vamos jogar pôquer e você vem com tua garota... O que é que há? Por acaso eu trago as minhas?”

“Não, mas você não precisava tocar nesse assunto, não é?”

Bato levantou os ombros, terminou de enrolar o baseado e lambeu a ponta. Depois, pegou o isqueiro e o passou de cima a baixo do cigarro para enxugar sua saliva.

“O problema é seu...”

Olhei para ele.

“Mas o que isso tem a ver?”

Bato sorriu para mim, parecendo idiotizado. Não adiantava, ele não entenderia.

“Muito bem, foi uma ótima cena.”

Fui para a varanda encontrar Alessia. Ela estava com os braços cruzados e olhava para longe, em direção à cidade, em direção ao mar, se pelo menos pudesse vê-lo... Acho que ficava para aquele lado.

“Desculpe, Alessia, mas você sabe como o Andrea é.”

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

“Não, não sei. Como ele é? Você sabe? Eu só sei que ele está sempre chapado. Olha para eles, olha para os teus amigos...”

Virou-se e apontou para eles com o queixo, que me pareceu mais anguloso e afilado do que de costume.

“Uns infelizes que passam todo o tempo jogando pôquer...”

“Texas Hold'em.”

Ela se virou para mim.

“Não posso acreditar... Você está fazendo gozação com a minha cara?”

“Não, falei por falar, desculpe.”

“Texas Hold'em, OK, o que for. Eles fumam maconha, bebem cerveja e o que fazem? Um baixa programas e os vende; outro se finge de intelectual, mas não participa da vida social porque ela lhe dá nojo, incluindo as mulheres; e o outro tem mulheres até demais, vive com o dinheiro do

papai e coleciona revistas em quadrinhos. Olha para eles, olha...”

Observei-os através do vidro, rindo. Ciccio tomou um gole de cerveja e soltou um arroteo enorme. Bato riu e lhe entregou o cigarro de maconha. Pietra embaralhou as cartas.

“Pergunte a eles o que estão lendo agora e, principalmente, se já leram um livro.” Continuei a olhar para eles. “Pergunte se eles sabem quem é Camus.”

Entrei na sala enquanto Alessia permaneceu na varanda.

“Desculpem... Tenho duas perguntas para vocês.”

Bato, Ciccio e Pietra se viraram em minha direção, curiosos.

“Que livro vocês estão lendo? E o que me dizem de Camus?”

Eles olharam para mim atônitos.

“O que é isso? É uma brincadeira?”

“O que deu em você?”

“Não está mais aguentando o fumo?”

Bato deu uma tragada em sua maconha e indicou a varanda.

“É a professorinha lá fora que quer nos interrogar?”

Ciccio sorri.

“Ah, então, eu estou lendo *Dylan Dog* e Camus é um conhaque.”

Pietra balançou a cabeça.

“Deixa de dizer besteira!”

“Não, eu tenho certeza, e custa um dinheirão”, insistiu Ciccio. “Eu comprei para o meu pai dar de presente ao chefe no Natal.”

“Mas se ele te pergunta que livro você está lendo, deve estar falando de Albert Camus, e não de um conhaque! O que você acha?”

“OK, mas não é uma resposta errada...”

Pietra me olhou preocupado.

“Eu estou lendo *Notas de um velho safado*, de Bukowski, mas já li *O estrangeiro* e também vi *O primeiro homem*, um belo filme. Eu acho que é de Gianni Amelio, mas, na sua opinião, nós somos melhores para você por causa disso? Ou tornamos você melhor? Além disso, não me ajudou em nada, porque não tenho nenhuma mulher.”

Bato passou o cigarro de maconha para Ciccio.

“E eu não vi nem li nada e, de qualquer maneira, tenho quatro mulheres.”

Pietra abriu os braços.

“Vê? Não existem regras.”

Saí novamente para a varanda em direção a Alessia.

“E então? O que eles responderam?”

“Um pouco de tudo... Um deles conhece Camus.”

“Sei, você está me dizendo isso para eu ficar contente? Me leva pra casa.”

“Não, estou falando sério!”

Ela foi embora mesmo assim, sem se despedir de ninguém, e eu fui atrás dela.

“Escuta, é verdade. Guido até viu o filme de Amelio, *O primeiro homem...*”

“Está bem, talvez tenha visto o filme, mas não são tipos que leem livros.”

Alessia não quis acreditar em nós, e me lembro de que naquela noite fiz de tudo para ela sorrir, tentando dizer alguma coisa durante o trajeto para deixá-la de bom humor, mas não consegui.

Chegamos à sua casa.

“Tchau.”

Ela me deu um beijo na boca quase por obrigação, como se fosse a última coisa que tivesse vontade de fazer, saiu correndo do carro, abriu o portão e desapareceu na portaria sem se voltar nem para aquele último sorriso de que eu gostava tanto.

Voltei para jogar com os meus amigos, sentei-me à mesa e senti vontade de fazer uma pergunta também a mim.

“Mas o inventor do Texas Hold'em é um italiano?”

“Não, deve ser americano...”

“Certeza?”

Ciccio parecia convicto.

“A única coisa certa é que o jogo foi inventado na cidade texana de Robstown.”

“E como você sabe?”

“Li num artigo. Quem dizia isso era Dotcom, que é um amante desse jogo...”

E continuamos a conversar, assim, sobre coisas sem importância, sem muitas complicações. Depois, Bato sorriu e me passou a maconha.

“Toma, relaxa, Nicco... E não se preocupe... Mesmo que você não saiba porra nenhuma, está bom para nós.”

Dei uma tragada e comecei a jogar, alegre, e por um instante não me importava saber como seria a partida, porque foi um daqueles raros momentos em que, de repente, não estava pensando em nada, relaxei, bebi uma cerveja e senti que ali, entre aquelas pessoas, não existia nenhum perigo, um daqueles raros momentos de tranquilidade. Sim, eu estava bem e parei até de pensar em Alessia, que, às vezes, era muito complicada. É mesmo verdade: um amigo é aquele que sabe tudo sobre você e gosta de você assim mesmo.

— Epa, olha, está chegando gente!

Um grupo de pessoas para na porta do Maccheroni. Ciccio se levanta com uma agilidade incrível, ocupa as cadeiras vizinhas, afasta algumas coisas da mesa, criando, a seu jeito, uma falsa mesa cheia de gente.

— São estrangeiros, acho que alemães, e não quero eles aqui perto. No máximo ocuparão parte da mesa, e devemos deixá-la livre para qualquer estrangeira.

Perto do caixa estão três brutamontes no estilo Franz Anton Beckenbauer e um menor, que fala animadamente com o proprietário; este, depois de ter olhado em torno, também para a gente, balança a cabeça e sorri, procurando a

todo custo fazer com que entendam que realmente não é possível, não há lugar, mas ao mesmo tempo muito preocupado com a ideia de que possam se aborrecer. Aproveito o momento.

— Pode cuspir na minha cara...

Ciccio come algumas batatas fritas deixadas pelas rouba-filés.

— Você não precisa disso... A sua vida já é bastante complicada assim...

— Por quê?

— Porque a tua irmã não quer mais sair com Pepe, e essa história certamente não acabará com você e aquela conversinha-fiada!

Como mais um pouco da *gricia*, limpo a boca e bebo um gole de cerveja.

— Sim, não sei por que, mas toda essa história não me preocupa...

— Eu não diria que não deve se preocupar, mas, de qualquer maneira, se você faz questão, assim que terminar a *gricia* eu cuspo na tua cara.

Deixo o garfo cair dentro do prato.

— Mas você não quer nem saber por quê?

— Não quer mais comer a *gricia*? Deixa que eu como.

— Não, quero comer, sim, é que como amigo você me põe nervoso.

Ciccio continua a comer lentamente as batatas, que, uma depois da outra, mesmo frias, desaparecem dos pratos. De

repente, ele para o braço, com uma batata no ar, e a usa como uma varinha para citar sabe-se lá qual máxima:

— Um verdadeiro amigo não pede explicações. Está perto, em silêncio, e, se necessário, faz o que lhe for pedido.

— Muito boa... É sua?

— É. Você me pediu para cuspir na sua cara... E eu cuspiria. Enfim, existe uma confiança cega em mim, é o caso de admiti-la.

Ele levanta uma sobrancelha como se dissesse que essas são as regras do verdadeiro amigo; ao mesmo tempo, enfia uma batata na boca e começa a mastigá-la, mas, de repente, arregala os olhos, engasga, engole-a sem mastigar, bebe um longo gole de cerveja e me olha atônito. Ele entendeu.

Assinto, já sabendo que dirá aquele apelido.

— Pozzanghera? Não! Por favor, me conta tudo!

Não tem nenhuma intenção de cuspir na minha cara. Está curioso como um macaco, aliás, mais.

— É uma porca, não é? Me diz o que ela te fez, não, não, melhor, como começou? Gritou? Gozou? Você a espancou como uma enfermeira bêbada? Parecia a Monja de Monza ressuscitada? Era como a irmã Paola entre os braços de um torcedor do Roma, ou, ainda melhor, você foi para a cama com Francesco Totti?

Essa última coisa me faz enlouquecer de tanto rir. Ciccio tem a capacidade de convulsionar a realidade, é um verdadeiro artista nisso, talvez seja esse aspecto que eu

nunca tenha entendido totalmente e que as mulheres, ao contrário, amam nele.

— Por favor, cuspa na minha cara e vamos acabar com isso, porque eu não vou te contar nada.

— Mas como pode não me contar nada! Porra, ir pra cama com a Pozzanghera! Ainda não acredito... Quer dizer, você está realmente mal, e eu não tinha entendido. — Ele me olha subitamente preocupado. — A história de Alessia te levou ao penúltimo passo...

— O quê?

— Depois da Pozzanghera, só existe o suicídio!

Termino de comer a massa, fazendo-a deslizar pela borda do prato como uma *rollerball*. Isso mesmo. *Rollerball*. Aquele filme que vi na Sky há algum tempo. É de 1975, mas ambientado em 2018, em um mundo em que não há mais nações nem guerras e no qual uma das principais fontes de lazer é o *rollerball*, um jogo violento em que dois times compostos por corredores sobre patins e em motocicletas se enfrentam no interior de uma pista circular, com o objetivo de acertar uma esfera de aço em um buraco magnético. Agora que me lembro, o filme falava de um homem solitário que perdeu sua mulher. Será por isso que eu gostei? Depois, junto toda a manteiga, o queijo e a pimenta restantes e os coloco na boca; apenas por esse prato e nada mais já valeu a pena ter vindo até aqui.

— Espera aí, Ciccio, acho que você está exagerando... Você sabe que a Pozzanghera tem coisas boas...

— Sim... Claro. *Manco li cani*.^[21]

Ciccio ri como um louco. Eu nunca entendi essa expressão, só sei que ele gosta muito de usá-la e que existe até um camping em Talamone que se chama Manco li Cani.

Bebo um gole de cerveja, pego um pedaço de pão e o passo pelo fundo do prato.

— Não, estou falando sério, Ciccio, por exemplo, ela tem pernas bonitas...

— E as esconde sempre?

— Deve ter um metro e setenta e cinco... Talvez um e oitenta.

— Tem certeza?

— Tem seios redondos, em forma de pera, nem muito grandes nem muito pequenos.

— Talvez tenha sido outra.

— OK, duas tetas grandes e um pouco caídas. Mas há os olhos azuis, os cabelos louros...

— Sim, as tranças loiras e depois... Mas essa é uma música do Battisti. — E, subitamente, vejo que Ciccio muda de expressão e fica de boca aberta. — Isso, Lucio deve ter feito uma canção especial para ela... — Ciccio levanta o queixo, indicando a porta.

Eu me viro e vejo uma garota desorientada, com um mapa na mão e uma pequena bolsa a tiracolo. Olha ao redor, tem sardas, olhos grandes, azuis, e cabelos curtos; usa um colar de metal, moderno, com estranhos triângulos que se perdem entre dois seios perfeitos, equilibrados e rijos,

cobertos por um sutiã não muito vistoso, exatamente como ela. Veste uma saia azul-escura comprida e sapatos baixos. É muito graciosa e muito estrangeira, com um sorriso cativante que mostra ao proprietário do restaurante enquanto ele se aproxima dela abrindo os braços.

Interpreto aquele gesto. “Sinto muito, mas não temos lugar...”

Entretanto, ouço de repente um estrondo atrás de mim. Ciccio levantou-se de tal forma que quase virou a cadeira e amontoou tudo, liberando os lugares ao nosso redor, e agora agita os braços como um náufrago que está há anos em uma ilha e vê um navio passar ao longe. Enfim, uma cena típica do filme *Náufrago*, só que ele é maior e menos rico que Tom Hanks.

— Ei, aqui tem um lugar livre, vem cá, ficaremos felizes em acomodar você. *Ciao, aufidersen, paracalò, dasvidaniya...*

E assim por diante, nesse estranho vocabulário estrangeiro da série “Conheçamo-nos em Todas as Línguas do Mundo”. A moça nos vê e sorri; depois, olha para o proprietário e pede um conselho a ele, como se dissesse “O que faço? Vou?”. E também ele, de fato, fica um tanto perplexo, mas depois concorda, por que não?, e indica com a mão esquerda o caminho em direção à nossa mesa.

A estrangeira ainda hesita um pouco, reflete, mas Ciccio abre os braços e a olha com as palmas das mãos viradas para o alto, a boca aberta, a cara sorridente. Então, ela levanta os ombros, sorri e começa a caminhar em direção à nossa mesa

em toda a sua beleza. As pessoas nas outras mesas se viram para olhá-la. Realmente, devo dizer que é muito bonita, mas, quando chega até Ciccio, muitos ficam boquiabertos. E eu gostaria de lhes dizer: “Rapaziada, Ciccio é Ciccio, Ciccio é um mito, ele sabe das coisas...”.

E, de fato, ele puxa a cadeira, a acomoda, lhe dá a mão, e ela sorri, dizendo seu nome.

— Raily.

Depois, olha em direção à porta, incerta, como se esperasse alguém, talvez seu namorado. Eu ainda não sabia, mas estava esperando o meu futuro.

Ciccio a cumprimenta como se já a conhecesse muito bem.

— *Hi!*

Ela sorri e trocam um beijo no rosto. Depois, Ciccio lhe diz alguma coisa que sinceramente não entendo, nem ela, creio. Então continua a falar em um inglês sem nenhum nexo.

— Essa cadeira sua. — Um pouco de dialeto romano, um pouco de inglês e um pouco de qualquer outra coisa. Em seguida, pega um copo em uma mesa vizinha. — *Water?* — E lhe dá de beber.

— Sim, obrigada. Estou esperando uma amiga — responde ela em inglês.

Ciccio senta-se em frente dela.

— Sou Ciccio, e ele meu amigo, Niccolò, Nicco para você...

Ela se vira, me olha e sorri.

— *Hi...* — Estica a mão para mim. — *Raily.* — Depois, retira-a rapidamente, levanta-se e cumprimenta alguém atrás de mim. — Ei, Ann, aqui!

E, nesse exato momento, as luzes se apagam. Não entendo o que está acontecendo. Tudo fica numa escuridão profunda, me viro e vejo somente as silhuetas das pessoas, como perfis desenhados. Em seguida, a porta da cozinha se

ilumina por um instante, surge um grande bolo cheio de velinhas e começam a cantar “Parabéns pra você”.

Em uma mesa próxima à nossa, moças e rapazes batem palmas fazendo muito barulho.

— Viva! Parabéns, Simona! Muitas felicidades, meu amor! Muitos anos de vida, Simo! — Na penumbra, todos se levantam das cadeiras, abraçando e beijando a aniversariante, que, emocionada, começa a chorar. No entanto, o bolo com as velinhas avança ao som das notas da canção, iluminando brevemente as mesas por onde passa. Inesperadamente, atrás de dois garçons, ela surge, dá um oi divertido a Raily e lhe faz um sinal de não poder caminhar. É alta, os cabelos são castanho-escuros e compridos e caem sobre seus ombros, e os olhos verdes sorriem acariciados pela luz das velinhas, assim como seus dentes brancos. Tem sardas, rosto oval, mas não muito, nariz reto, boca carnuda.

— *Hi.* — Sorri para nós quando chega à nossa mesa e parece o presente que estava dentro daquele bolo ou a modelo de uma propaganda de cerveja, de martíni, de um bar, de uma ilha ou de um novo carro a ser comprado imediatamente, e, além de tudo isso, parece uma daquelas coisas que só acontecem nos filmes. Mas é real e senta-se ao meu lado.

— Oi, meu nome é Ann, obrigada por nos deixar sentar na sua mesa... — diz ela em inglês.

Eu concordo de maneira quase idiotizada e consigo dizer apenas meu nome.

— Nicco.

A partir de então, as duas garotas começam a falar em um inglês americano velocíssimo, mas mesmo que falassem mais devagar eu não teria entendido nada.

— Eles foram tão legais em abrir espaço para nós...

— Talvez estejam esperando por outras pessoas.

— Vamos ver...

— Talvez elas não apareçam...

Ciccio é solícito e gentil. Enche o copo também para a segunda moça e chama o garçom.

— Por favor, poderia me trazer um cardápio em outras línguas?

— Qual língua?

— Inglês.

— Imediatamente. — E, assim, depois de poucos segundos, o rapaz coloca dois cardápios em inglês sobre a mesa. Ciccio abre um deles e o entrega a Raily enquanto eu abro o outro e dou a Ann, que me olha cheia de curiosidade e me diz alguma coisa em inglês:

— Vocês já comeram?

O som é bonito. E isso faz com que eu, por um instante, sinta arrependimento pelo mau uso dos meus anos de escola, quando houve a possibilidade de aprender inglês e fiquei perdendo tempo, fumando no banheiro com alguém ou lendo as histórias em quadrinhos de Bato. Ele levava *Dago*, e eu viajava para outras épocas. As façanhas do reino

de Veneza, de Celestino, me transportavam para o passado quando eu deveria ter mergulhado no futuro com o inglês.

— Mas você acredita que eu não queria vir?!

— Pois é...

Olho para Ann. Ela está com o dedo indicador apoiado na testa e lê, absorta, os vários pratos do cardápio. Com a outra mão, remexe dentro de sua bolsa, sem nem ao menos olhar, como se já soubesse onde encontrar o que quer, tira um lápis em tom pastel, apoia o cardápio sobre a mesa, junta os cabelos com as duas mãos e enfia o lápis, fazendo com que eles fiquem ali, presos, suspensos, e não incomodem mais; assim, ela continua a folhear o cardápio com curiosidade.

— Você está entendendo? — Ela pede ajuda à amiga.

— Só onde diz carne ou peixe, mas o restante não é fácil...

Ciccio chama uma garçonete e pede mais duas cervejas.

— Vocês também querem? *Beer*?

As duas moças se olham por um instante e depois concordam sorrindo.

— *Yes, thanks.*

— OK, então quatro Corona...

— É engraçado como elas dizem sempre *thanks*!

Ciccio levanta os ombros.

— São educadas...

A garçonete se afasta com o pedido.

Ciccio me abraça.

— Mas quem diria... Algumas horas atrás você foi pra cama com a Pozzanghera e, agora, se tudo correr bem, vai pra cama com uma assim. — Ele indica Ann com o queixo.
— Do estábulo... às estrelas!

— Para com isso!

— Elas não entendem nada... são estrangeiras. De onde vocês são? — pergunta a elas, tentando falar em inglês.

Raily sorri para ele.

— *New York*. — Depois, se dirige à amiga. — O que vai pedir?

— Não sei. Vou pedir ajuda a eles.

— Mas eles não entendem...

— Eles podem comparar ao cardápio italiano.

— Certo.

Parecem felizes, mas não entendi nada do que disseram.
Ann pega o cardápio em italiano e me entrega.

— Eu vou dizer os pratos e você pede, OK?

— Sim. — Concordo apesar de não ter entendido bem.

— O que é isso? — Ela indica o *penne all'arrabbiata*.

— Muito bom, com tomate... E... — Eu me dirijo a Ciccio.

— Como se diz *peperoncino*?

— *Peperoncin*...

— OK, tá bem, tira o “o”.

— E coloca um “s”...

— Você não colocou o “s”...

— Ah, não?

— Não. — Olho para o cardápio e me vem à mente que existe um grupo, como se chama? Aquele com *peperoncino* no nome. Red Hot... Olho para Ann. Ela sorri para mim. — Não sei o nome... É como Red Hot...

— Red Hot Chili Peppers! É isso que você quer dizer?

Não. Assim ela não vai entender. Ah, já sei. Enrugo o nariz e fecho os olhos, tentando fazê-la entender que arde, depois abano a mão em frente à boca...

— É muito... *hot*?

— Não... arde!

— Oh, OK! — Ela ri como uma louca. E também Raily com Ciccio, que se aproximou dela. Nesse momento, chegam as cervejas preparadas com um pedacinho de limão dentro. Ciccio as passa para as moças e depois fazemos um brinde, batendo com força as garrafas, cruzando-as.

— À sua viagem à Itália! Que vocês aproveitem!

— Sim, e a nós dois!

Ciccio bate forte contra a minha garrafa.

— Pelo nosso *tour* especial com elas, assim nós também nos divertimos!

— Ciccio! Cuidado, elas entendem!

— Entendem nada. Olha, estão rindo.

Ann indica outro prato no cardápio.

— E esse? É bom? — pergunta em inglês.

Olho o cardápio italiano. Lasanha com alcachofra. E agora? Como faço para lhe explicar? Nem com a mímica

mais difícil. Corto o ar em fatias para explicar as camadas leves da massa folhada.

— Presunto?

— Não. — Balanço a cabeça. — Não é presunto.

Indico no cardápio o nome em inglês e depois faço um gesto de picar com a faca, pegar um pedaço de pão, amassá-lo e colocá-lo por cima.

— Sanduíche!

Chega, desisto.

— Sim, mas não é boa, *not good*... É melhor *gricia*, já comi...

Riem.

— *Gricia*? Parece um prato triste... Vocês, italianos, são tão engraçados! *Spaghetti, chitarra, pizza, sole* ... Eu adoraria namorar um italiano.

— Não seja boba! Talvez eles entendam o que estamos dizendo — diz Raily em inglês, repreendendo Ann.

— Ei, Ciccio, o que você acha que elas estão dizendo?

— Estamos agradando...

— Sei... Você sempre vê as coisas como quer!

— Confia em mim. — Ele assente com os olhos fechados, como alguém que tem muita experiência. — Eu entendi algumas frases, algumas palavras significativas da conversa delas e...

— E? Estão a fim?

— Queremos *gricia*! — gritam juntas e batem com os garfos sobre a mesa como duas meninas que querem

“papar”. Riem e brincam, e muitas pessoas no restaurante se viram para olhar para nós.

Chegam duas fatias do bolo de aniversário da mesa vizinha. Nós nos viramos para vê-los. Uma moça de cabelos pretos, franjinha e olhos grandes e escuros sorri para nós e levanta a mão.

— Obrigado, parabéns!

É a aniversariante; ao seu lado está seu namorado, um pouco gordo, que para de comer vorazmente por um instante e a beija na boca sem limpá-la, com todo aquele creme amarelo que dá ainda mais sabor ao beijo.

Ann, com um dedo, tira um pouco de creme na borda do pratinho e o coloca na boca.

— Hum, muito bom! — Ela me olha, alegre, com o dedo ainda na boca, mas nada maliciosa.

Ciccio explica alguma coisa a Raily, imitando uma espécie de canguru, e brinca o quanto pode, mexendo os braços na medida do possível; depois, imita uma frigideira na qual faz rodar alguma coisa que joga para cima, pega outra vez rapidamente e coloca na boca.

Chega o garçom.

— Então, estão prontos para fazer os pedidos?

Ciccio fecha o cardápio.

— Estamos. Duas *gricie al dente*, um *saltimboca* à romana e uma chicória refogada. — Depois, ele me olha. — Mas e a tua Ann, o que vai comer?

Ele já decidiu que os pares serão assim. Quando se sai com ele, ou em geral com os meus amigos e mulheres, é como se jogássemos uma espécie de Risiko^[22] sexual. Durante a primeira parte da noite são feitas as primeiras tentativas, algumas brincadeiras, o terreno é testado, e, depois de meia hora no máximo, os casais já estão formados. No entanto, se são dois a sair, como neste caso, fica tudo mais fácil. O único problema é quando o número é ímpar e um de nós fica sem par; aí, então, não é mais Risiko, mas sim *rosico*.^[23]

Ann e Raily caminham à nossa frente de mãos dadas. De vez em quando, Ann se solta para olhar alguma vitrine. Raily a alcança, então Ann mostra alguma coisa e ela concorda. Via della Scrofa, Isola del Sole, o Panteão. Veem-se a passear iluminadas pelo passado de Roma, daquelas fachadas, daquelas igrejas, completamente tomadas, curiosas, indicando por vezes algum monumento e nos dizendo alguma coisa em inglês. Mas, mesmo que fôssemos capazes de entender, receio que não saberíamos responder àquelas perguntas.

Ciccio, ao contrário, acha que sim.

— Sim, em 1400...

Elas olham para ele perplexas.

— Tem certeza?

— Sim, assim como o chocolate italiano é o melhor.

Então, percebem que Ciccio está blefando, balançam a cabeça, sorriem e procuram as verdadeiras explicações no guia *Lonely planet*. Tomamos um sorvete na Giolitti. Creme de chantili, chocolate e *zabaione*. Ciccio nos obriga a pedir os mesmos sabores, uma ditadura gustativa. Ann e Raily lambem o sorvete sem uma pausa, caminham à nossa frente e não deixam cair sequer uma gota.

Ciccio tem a mão completamente lambuzada do sorvete de chocolate que escorreu e ainda quer evidenciar sua situação.

— Então? O que acham? Eu estou certo? O chocolate italiano é o melhor do mundo? — pergunta em inglês.

Elas concordam, lambendo a casquinha.

— *Yes! Yes!*

— É... *Yes, yes!* Como eu gostaria de ser aquela casquinha!

— Ciccio, para com isso, eu tenho certeza de que elas te entendem.

— E daí? Se elas entenderem, qual é o problema? É um desejo... doce.

E continua a tomar seu sorvete.

Seguimos pela Via di Campo Marzio, passamos pela praça do Parlamento, Via della Lupa e damos um oi a alguns amigos de Ciccio sentados no Leoncino.

— Aqui se come uma ótima pizza.

— *What?* — Não entendem. Realmente.

— Aqui pizza muito boa.

— Ah... ótimo.

— Um dia precisamos experimentar... — conclui Ciccio.

Olho para ele, surpreso.

— Mas então você sabe alguma coisa...

— São todas frases de canções...

— Ah...

— É, mas impressionam! Quer dizer, como são todas frases românticas, em certos momentos são as melhores.

Rodamos pela Via Tomacelli. Passamos em frente ao Ara Pacis, depois em frente ao restaurante Gusto e, em seguida, Via di Ripetta. De vez em quando, alguns caras se aproximam delas, tentam dizer coisas engraçadinhas e depois se afastam. Quando insistem, Ann e Raily se viram para nós.

— Ciccio, Nicco... *Please...*

No entanto, não precisamos nem tirar as mãos dos bolsos, porque aqui funciona assim: se a paquera é sua, não há o que discutir. Ninguém briga, não é necessário, tem estrangeiras para todos. E, assim, continuamos nossa caminhada com essas duas garotas esplêndidas à nossa frente. Parece tão estranho. Sempre achei que somente os suburbanos, com suas roupas brilhantes, jaquetas abertas e enormes, camisetas de malha arrastão, casacos com cintura justa, cintos D&G com fivelas enormes, chapéu Louis Vuitton ou Gucci e os mesmos sapatos Fendi faziam sucesso com as estrangeiras, isso porque são bonitos, têm os cabelos penteados com gel, sorriso maravilhoso, tênis com sola alta e jeans justíssimos com cintura baixa. Porém, hoje se desfez um mito. Uma dúvida me vem: mas será que nós também somos dois suburbanos? Não tenho tempo de responder a mim mesmo porque Ann pega minha mão.

— Pode nos levar àquela ponte... Aquela com os cadeados?

Não entendo muito bem o que estão falando, mas Ann aponta para o cadeado de uma bicicleta presa a um poste,

joga uma chave imaginária por sobre os ombros e me olha sorrindo.

— A ponte do amor... Todo mundo em Nova York está falando dela! — continua Ann em seu inglês rápido.

Ciccio, então, entende rapidamente.

— Oba, essas aí querem se amarrar com a gente, show! Grande Moccia... Esta noite se trepa!

E, assim, logo chegamos à ponte Milvio. Alguns jovens estão sentados sobre o parapeito cheio de inscrições e garrafas de cerveja pela metade. Caminhamos na penumbra dos lampiões. Ciccio está de mãos dadas com Raily, ela o escuta; não ouço o que diz, mas é um fenomenal monte de besteiras em todas as línguas do mundo.

Um homem se aproxima de nós e logo depois vem outro, que se vê claramente que é o comparsa dele, com um bonezinho caído na cabeça.

— Haxixe, coca, maconha... — Parecem aqueles vendedores no cinema ou no estádio: “Cerveja, batata frita, Coca-Cola...”

Dispensamos os dois. Depois, Ciccio vê alguma coisa, se afasta e volta depois de um instante.

— Olhem, estes aqui são para vocês duas!

Não sei como, mas Ciccio conseguiu encontrar cadeados.

— Comprei com aquele marroquino ali. Era o único que não vendia drogas! Queria dez euros, mas eu pechinchei, então você me deve cinco!

— Mas quanto você pagou por eles?

— Cinco! Mas não te cobro a mão de obra!

Ciccio some com Raily. Ann está muito feliz com o cadeado, pula como uma criança, segura-o nas mãos e me olha.

— Vamos? — Ela faz um sinal com a cabeça em direção ao parapeito.

Há uma corrente no terceiro poste, que colocaram há pouco tempo.

— Eu gostaria de ficar presa a você, você parece gentil. Talvez alguma coisa tenha acontecido, porque você parece um pouco triste, mas de alguma forma isso torna você ainda mais doce... Vamos?

Não entendo o que ela disse, mas, pelo jeito como me olha, deve ser uma coisa boa.

— Yes. — Digo sempre isso. Assim, vamos até o terceiro poste, fechamos o cadeado em uma corrente, viramos de costas e atiramos a chave no rio.

Ann se debruça no parapeito para acompanhar o voo da chave, mas já a perdeu de vista, ou talvez não.

— Sim, ali está! — Ela me mostra a chave na água. — Eu vi. Tão legal! — E, toda feliz, se vira para mim e me dá um beijo na boca. — Que ótimo, você é tão doce.

Depois, segura minha mão e passamos por Ciccio, que, naturalmente, também avançou. Está agarrado a Raily; colocou-a sentada sobre o parapeito e a abraça e beija com paixão. Quer dizer, está há mais de um ano com duas garotas de Roma, se meteu há poucos dias com uma menina de

dezoito anos e agora beija uma estrangeira aqui na ponte. Vai muito além de qualquer previsão otimista minha.

Depois, Ciccio se afasta de Raily.

— Ah, vocês estão aqui! Colocaram o cadeado? Bancou o pombinho?

— Eu, hein?! E você que está bancando o coelhinho tesudo!

— Que nada, já vi que essa não está a fim...

— Como?

— Tentei abrir o cinto, mas ela segurou minha mão imediatamente... E você, como foi? Tentou beijá-la?

— Tentei...

— E?

— Foi tudo bem.

— Assim é que se fala, Nicco... Viu? Quando você se esforça... pode conseguir muito mais do que uma simples Pozzanghera. Mesmo que, apesar de você não querer me contar, eu tenha certeza de que você fez o seu golzinho... Não é verdade? — E, ao dizer isso, ele se inclina para a frente com um pulo felino e me belisca entre as pernas. — Fiu, fiu!

Pulo instintivamente.

— Sai daí!

Ann e Raily assistem à cena e riem como duas loucas. Nesse momento, Bato passa com duas garotas.

— Estão se divertindo, hein?

Eu conheço uma das garotas, está na faculdade, e a vi algumas vezes no Daniele, na praça Bologna, onde um aperitivo custa dois euros. Talvez a garota até conheça Alessia. A outra, ao contrário, nunca a vi. É muito bonitinha. Usa um piercing no nariz e dois na orelha direita. Tem cabelos castanhos, compridos, um pouco finos, que descem por seus ombros, e usa um vestido azul-ameixa bem fluido, que desliza pelo corpo e revela que ela não usa sutiã.

— Foi ela quem fez aquela mesa que eu tenho no meu quarto.

— Ah, sei, bonita... — Finjo ter entendido.

Ela me olha, mas não está muito convencida.

Ciccio, como sempre, tira-nos de qualquer dificuldade.

— Bem, nós já vamos, a gente se vê depois...

Encontramos uma mesa em frente ao quiosque e nos sentamos. Está cheio de gente. Olho um pouco à minha volta, mas não vejo ninguém que conheço; no entanto, infelizmente, não existe nenhuma razão para eu me preocupar.

Pelo contrário, Ciccio, que poderia ter essas razões, está muito mais tranquilo do que eu e pede alguma coisa para as garotas.

— Vou tomar rum, e você?

— Vou tomar outra cerveja, se tiverem a Corona!

— Vocês vão provar uma bebida, OK? Acho que vão gostar muito. Tudo bem? Estão de acordo?

— Yes!

— Que beleza, dizem sempre *yes* e *thanks*. Mas onde está a pegadinha?

— Tem sempre uma pegadinha...

— Sim.

Pouco depois, chegam os pedidos. Ciccio olha a notinha.

— Poxa, vinte e quatro euros... Esses aqui do quiosque metem a mão. Temos que estabelecer uma verba comum quando saímos...

— É, também acho. — Pois é, mas de comum só a mesma mesa em que comemos! Com a desculpa de que eu trabalho, Ciccio me faz pagar tudo. Começo a pegar a carteira no bolso do jeans quando Ann me detém.

— Não, nós queremos pagar, pelo menos dessa vez. Vocês pagaram tudo.

Não entendo muito do seu inglês, mas sei que quer pagar! Ela se vira para pegar a bolsa no encosto da cadeira, mas não está mais lá.

— Está brincando? Onde está? — pergunta Raily. Raily vira-se em sua direção.

— Não, não fui eu... Você acha que eu faria isso?

— Eles levaram tudo... Dinheiro, cartões de crédito, passaporte, até meu iPhone...

Falam em inglês e estão muito agitadas.

— O que acontece? — pergunto, tentando falar em inglês.

— Há algum problema?

— *Yes!* — Ann continua a falar em inglês e aponta para a bolsa de sua amiga. Depois, indica o encosto de sua cadeira e

nos mostra que sua bolsa sumiu.

— Você foi roubada! Porra, como é que isso foi acontecer?! Fiquem aqui. Vamos, Ciccio, vem comigo. O sujeito que a roubou não deve estar longe, deve ser um desses garotinhos idiotas que quer comprar drogas e já acabou com o dinheiro do papai! Você vai pra aquele lado, OK?

Nós nos separamos assim, correndo de um lado para outro da ponte, olhando entre as pessoas à procura de um movimento estranho, de alguém que está se escondendo ou, pior, de uma bolsa jogada no rio. Nada, não vejo nada. Caminho, abaixando-me de vez em quando, procurando olhar entre as pernas das pessoas se por acaso não jogaram a bolsa no chão depois de terem pego o dinheiro. Nada. Esbarro várias vezes nas pessoas.

— Desculpem, desculpem...

— Epa, olha por onde anda!

— Tem razão, desculpe...

Em um momento, chego ao ponto de esbarrar em alguém e por pouco não cair no chão. Vacilo por causa da batida, mas recupero o equilíbrio e me levanto antes de cair completamente.

— Mas aonde é que você vai, porra?

Não posso acreditar! É a última pessoa que eu queria encontrar.

— Então, quer dizer que você faz isso de propósito... — Ele apoia os punhos sobre os quadris e os músculos

contraem-se embaixo de sua camisa. As mangas estão arregaçadas e os antebraços são cheios de tatuagens; como se não bastasse, o trapézio está inchado como se houvesse um cabide embaixo da camisa.

— Ah, não, desculpe, Pepe... — Ficamos um instante em silêncio. Pronto, agora ele virá para cima de mim e me dará um bofetão, e não me encontrarão mais, nem no rio. Ou me dará um pontapé no saco e irei parar diretamente nos coros infantis dos verões de Ostia. Ou então me dará um simples tapa e eu desmaiarei da mesma maneira. Mas como é que minha irmã conseguiu namorar um sujeito como este, que te quebra todo com apenas um toque? Valéria é realmente uma incógnita para mim e, agora, com quem está? Com o poeta. E Pepe está furioso com Valéria, com o poeta... e comigo.

— Não, desculpe, Pepe, de verdade, eu não vi você. Estou procurando uma bolsa...

— Uma bolsa? — Por mais estranho que pareça, isso lhe interessa.

— É a bolsa de uma moça... — Eu conto tudo para ele nos mínimos detalhes. — Nós jantamos no Maccheroni...

— Sei, eu conheço...

Prossigo narrando o passeio, mas omito o cadeado, que é muito romântico.

— E chegamos aqui... — Explico a ele que tudo estava naquela bolsa, faço uma descrição até exagerada. — E, como sempre, nós, italianos, deixamos uma péssima impressão...

— OK, volta pra mesa e não sai mais de lá.

Depois, ele se afasta na direção oposta à minha. Enquanto ele caminha, vejo-o pegar o celular do bolso e telefonar para alguém.

— Alô, Gianca? Sou eu.

Depois, não ouço mais nada. Volto para a mesa. Raily e Ann me veem de longe e me olham esperançosas. Quando me aproximo, Ann balança a cabeça, como a perguntar se eu não havia encontrado nada.

— Não, me desculpe.

No mesmo instante, chega Ciccio, vindo do outro lado.

— Nada, lá embaixo não se vê porra nenhuma, está tudo escuro. Se eles pegaram o dinheiro e o celular e jogaram a bolsa no meio dos arbustos lá embaixo perto do rio, temos que voltar amanhã, com a luz do dia! — Depois, ele se dirige a elas. — Talvez seja melhor procurar a bolsa... Nicco, como se diz bolsa em inglês?

— Sei lá! Talvez seja *packet*.

— Não, não é. Amanhã temos de arranjar um dicionário.

— Mas não tem no iPhone?

— Não sei, mas aqui tem tão pouco sinal que antes que a gente encontre a palavra e traduza já teremos esquecido sobre o que estávamos falando!

— É melhor voltar aqui amanhã, com o sol. Esperando que não chova!

As estrangeiras concordam, mostrando-se frustradas.

— Yeah, OK.

Ciccio me olha.

— O que fazemos? Pagamos?

— Claro, eu pago, não é?

— É, bem, você deu azar...

— Por quê?

— Porque na única vez que alguém quis pagar alguma coisa roubaram a bolsa.

— Não estou nem aí! É que, como sempre acontece, deixamos uma impressão de merda!

— Com licença...

Eu me viro e vejo na minha frente um rapaz com cara de esperto, com os cabelos compridos para trás, besuntados de gel conforme a última moda.

— Você é o Nicco...?

— Sou, por quê? O que aconteceu?

— Nada. Estão chamando você no caixa.

Ciccio ri.

— Perceberam que você ia dar o cano...

— Tsc, tsc...

Eu me afasto da mesa, indo atrás dele.

— Por aqui.

Ele me faz entrar no quiosque. Perto do caixa, em cima de um banco, vejo uma bolsa. Ali perto está Pepe com um passaporte americano na mão.

— É esta aqui? Ann... — Ele o abre e o coloca bem na frente da minha cara.

Acho que é ela, ainda que os cabelos estejam mais escuros na foto, mas a forma do rosto, as sardas, os olhos... É ela.

— Sim... — Eu digo com a voz um pouco insegura. Porra, ainda mais isso! Pigarreio um pouco. — Sim, é ela.

— Pronto, toma! — Ele me atira a bolsa, que bate na minha barriga. — Assim não deixamos a impressão de merda de sempre.

Sinto o golpe, mas não demonstro.

— Obrigado. O que devo fazer? Te devo alguma coi...?

— Não.

— Posso pelo menos oferecer alguma coisa a alguém? Uma cerveja?

O rapaz com os cabelos besuntados de gel olha para Pepe, parecendo curioso e talvez até um pouco esperançoso.

Pepe levanta a mão.

— Está tudo em ordem. Eu quis que viesse aqui para pegar a bolsa, assim você pode dizer que foi você quem encontrou e ela vai ficar contente!

— Está bem... — Não sei o que dizer. — OK. Realmente, não posso oferecer nada a vocês?

— Não, está tudo bem assim...

Então, assinto e me viro para sair.

— Ah, Nicco...

Paro na porta do quiosque.

— Sim?

— Quando você estiver comendo ela, pensa em nós dois.

Pepe e o rapaz cheio de gel explodem na risada. O rapaz exagera um pouco, ri até não poder mais, a ponto de Pepe

lhe dar um tapa no ombro, fazendo com que ele vá parar a uns metros dali.

— Ai...

Não digo nada e saio.

Estou sozinho no meio das pessoas. Tenho a bolsa comigo e ainda ouço as risadas dos dois, e, de repente, me vem à cabeça uma imagem: minha irmã na cama com Pepe. Procuro não pensar e, finalmente, consigo desfazê-la. Chego à mesa.

Ann está conversando com Raily e parece contente, sem nenhuma preocupação. Quando se vira, me vê e sorri. Depois, levanto o braço e lhe mostro a bolsa.

— É sua?

— Uau!

Levanta-se de um salto, derruba a cadeira atrás dela e pula nos meus braços.

— Não acredito! — Ela me envolve com suas pernas longas e me enche de beijos. — *Thank you! Thank you!*

Eu giro com ela, que me envolve; sua saia jeans subiu um pouco, e todos me olham com curiosidade, alguns batem palmas. Um rapaz diz alguma coisa a alguém que está perto dele, não entendo bem, mas depois leio os lábios do outro que lhe responde.

— Sim, é muito gostosa.

E, então, eu estupidamente olho para longe, entre as pessoas, em direção à entrada da ponte... Isso, eu queria que ela chegasse agora, rindo com uma amiga sua, e nos visse e

parasse de rir, ficasse desapontada, depois corresse na minha direção e dissesse: “Sim, Nicco, é verdade, sinto muito! No sentido de que eu fiz tudo errado, mas largue-a no chão”. Alessia porém não chega. Que estranho, eu não tinha pensado nela até este momento. Ann se solta e olha em meus olhos.

— *Thank you.*

Depois, apoia as mãos no meu rosto e me dá um beijo nos lábios, mais demorado do que o anterior e, para dizer a verdade, também mais apaixonado.

E assim a noite continua, e Ann e Raily nos olham de outra maneira. Parecemos dois homens donos de si mesmos, dois *bosses* da zona, dois chefes da ponte Milvio... Ciccio porém não consegue ficar à altura.

— Mas como é possível? Não, quer dizer, Pepe deveria arrebentar a tua cara, mas, ao contrário, fez com que você salvasse a noite, e a minha também. Não, você pode imaginar? Nós dois devemos agradecer a ele se levarmos as duas pra cama hoje...

— Mas você está mesmo com uma ideia fixa. Quer dizer, se você só pensa nisso desde o início, acaba por estragar tudo! Eu não consigo te entender: já tem duas mulheres e agora aquela do pub, então não interessa se você vai trepar com a estrangeira. Não poderia ser simplesmente uma noite agradável? Que fome sexual atávica é essa que te obriga a trepar com uma depois da outra? Guido certamente entenderia...

— Claro, ele entende tudo. Acho que é você quem não entendeu nada...

— O que você quer dizer?

— Nada, exatamente o que eu disse.

— Ou seja?

— Que não é porque alguém leu um monte de livros, Jung, Popper, Kafka, Nietzsche, tudo isso, que sabe como a vida é. Quer saber de uma coisa? A gente encontra até na internet um monte de frases desses caras.

— E daí?

— E daí que basta clicar e qualquer um pode se sentir o tal...

— OK, chega, desisto, não entendi nada sobre Guido Pietra, nada sobre a filosofia dele... Ele acha que tem uma visão do mundo completamente diferente só porque é culto...

— Sim, e o que foi que eu disse?

Nada, não tem jeito, e dizer que Pietra era o único que Alessia salvava! “Ele é feio... Mas, quando fala, é melhor até do que Totti!”, disse ela certa vez. “É, pode ser, mas que comparações são essas?!”, respondi. E ela riu. “Sim, mas é bonito!”

Chega de lembranças. Neste momento, Ann me pega pelo braço e apoia a cabeça no meu ombro. Depois, me diz quase sussurrando:

— Vocês estão nos levando para ver os lugares mais românticos de Roma? Queremos o *tour* dos amantes latinos!

Ela fala tudo em inglês e entendo apenas que querem continuar passeando.

— Ei, aonde a gente leva elas agora?

— Deixa comigo, não se preocupe, entra no carro!

Ciccio abaixa a capota da Tigra e acomoda as duas garotas atrás. Eu me sento na frente, coloco o cinto de segurança e

me viro para elas.

— Começando o passeio!

Elas riem.

— Estamos saindo da ponte Milvio. Agora vamos a um dos lugares mais importantes de Roma...

— Aonde vamos levá-las?

— Na Madonnina. Vamos ver a Madonnina.

— Ah! — exclamam maravilhadas as duas estrangeiras ao ouvirem o nome enquanto no instante seguinte, em alta velocidade, Ciccio chega à Camilluccia, à praça Walter Rossi, à Via Trionfale e ainda mais abaixo passa pela Villa Stuart e chega ao Zodíaco. Descemos do carro. Um cartaz indica o Passeio dos Namorados. Ali também, numa grade, prenderam um monte de cadeados, no entanto as chaves foram atiradas nos arbustos; o rio pode ser visto, mas a alguns quilômetros de distância.

Ann e Raily tiram algumas fotos.

— Ei, você tiraria uma foto de todos nós juntos?

Um rapaz muito jovem pega a câmera de Ann.

— Não vai fugir, hein? — Quem sabe se ele entende o que dizemos.

O rapaz balança a câmera entre os dedos.

— Com essa? Show... não dá nem pra comprar um sorvete! Tomara que ele não entenda.

— Tira outra!

Depois, ele nos devolve a câmera, lhe dou um euro, e ele se afasta enquanto nós retomamos nosso *tour*.

— Esta é estrada panorâmica, muito perigosa. Um monte de carros correm muito...

Ciccio ouve o meu inglês.

— Ah, você sabe se virar, hein... — Olha para as duas. — Ele come algumas palavras, né? E tem um sotaque americano muito sexy.

E as duas riem.

Ann senta na borda da capota e ajuda Raily a fazer o mesmo. Estão de mãos dadas e se apoiam na capota para não cair.

— Uuooooooooo! — gritam as duas juntas diante da cidade inteira, envolvidas pelo vento quente daquela esplêndida noite de maio, e, então, eu também grito.

— Aaaaah!

E, logo em seguida, Ciccio, que, naturalmente, nunca contradiz sua personalidade.

— Obrigado, Pepeeee!

Pouco depois, chegamos ao bar Dom, em Monti, na Via Degli Zingari, quarenta e nove. Entramos na pequena sala. Está vazia. Nós nos sentamos a uma mesa e imediatamente se apresenta uma garota magra, alta e muito elegante, em perfeita sintonia com o ambiente refinado onde se bebe champanhe.

— O que posso lhes oferecer?

Ciccio me dá uma cotovelada e, baixinho, me diz:

— Mas por quê? A gente não paga? Quer dizer, você não paga? Por isso que quis vir aqui?

Nem sequer respondo.

— Tem alguma coisa boa pra gente provar?

— Certamente. Eu sugiro este rosado dos Antinori lançado recentemente, se chama Gherardo, ou, se preferirem com as bolhinhas, um ótimo Ca' del Bosco.

— E para elas? — Ciccio as indica. — Não tem alguma coisa mais original? São americanas...

A moça sorri.

— O nosso barman criou um drinque chamado Bomba Obama.

— E como é?

— Uma bebida preta com gim e rum! Uma verdadeira bomba!

Ciccio relaxa no encosto do sofá.

— Perfeita! Como você se chama?

— Chantal.

— Para elas, Bomba Obama, Chantal. Para nós um champanhezinho, você escolhe...

A moça se afasta.

Ann e Raily ficam curiosas.

— Uma Bomba Obama? É forte? Olha, eu fico bêbada logo! — Parece que elas se preocupam com a bebida.

— Não... É uma bebida leve!

— OK... Como você achou a bolsa? — Elas mostram a bolsa de Ann.

— Ah, não foi nada... Fiz algumas perguntas.

Não entendem minha resposta.

— Como Sherlock Holmes ... — Faço de conta que uso os óculos e finjo procurar algo pelo chão.

Ann morre de rir.

— Ah, Sherlock Holmes! Fizeram um filme sobre ele. Olha, você se parece com o assistente dele, sabia?

Ela aponta para mim.

— Você se parece com o Jude Law!

Ciccio ri muito, embora eu só tenha entendido a parte do Jude Law.

— Sim, talvez!

— Não, ele parece mesmo! — Ann está convencida dessa semelhança. — E quem é Pepe?

Eu e Ciccio nos entreolhamos embaraçados.

Ann insiste.

— É que vocês gritaram “Obrigado, Pepeeee!”. Por quê? O que ele fez?

Eu e Ciccio nos olhamos novamente.

Neste momento, Chantal chega e nos salva em todos os sentidos.

Ciccio é bem rápido.

— Pepe nos indicou este bar! Para tomar essa incrível Bomba Obama!

Pegamos os copos, os levantamos juntos e brindamos, fazendo uma rumorosa comemoração.

Ann e Raily depois gritam juntas:

— Obrigada, Pepeeee!

Nós explodimos de tanto rir. Depois, pedimos mais uma rodada e nos damos conta de que estamos falando inglês, não sabemos bem como, mas elas riem, e, aos poucos, parece que nos entendemos, ou pelo menos entre uma bebida e outra eu acho ter entendido que todas as duas estudam em uma faculdade e que Ann não tem namorado, mas Raily, sim.

Ciccio levanta os ombros.

— Não sou ciumento.

Raily lhe dá um tapa no ombro. Há muito tempo elas queriam vir à Itália e ficarão alguns dias em Roma e depois irão à Grécia ou às nossas ilhas italianas.

— Como a Sicília, *Sicilia*, certo? Ou Sardenha...

— Fala-se *Sardegna*.

— Ah, *Sardegna*, muito bonita! Eu vi fotos dessa ilha, é linda, e a orla é maravilhosa...

— Sim... — Ciccio parece particularmente interessado. — No norte da Sardenha tem o Billionaire, de Briatore,^[24] e as mansões do Berlusconi...

— É, mas o Billionaire fechou, e isso não tem a menor importância para elas! Por que está falando de Briatore e Berlusconi?

— Olha que elas o conhecem... Quer ver? Vocês conhecem *Bunga Bunga*?^[25]

— Sim!!! Lemos sobre isso nos jornais. Vocês são amigos deles? As festas são *incríveis*...

— Claro, como não? Saímos todos os dias com eles...

— Ah, então vamos encontrá-los... Eles moram em Milão ... — Elas se olham e riem. Estou cada vez mais convencido de que entendem perfeitamente italiano e estão fazendo gozação com a nossa cara.

Terminamos de beber. Chantal nos dá um desconto, e, depois de pagar, saímos. Caminhamos pelos becos estreitos do bairro Monti. Há uns últimos barzinhos pouco iluminados, como resíduos *partisans* resistentes do que antes foram cassinos. Vejo uma mulher gorda, com meias-calças muito apertadas para suas pernas maltratadas, um vestido vermelho e seios enormes. Uma luz fraca a acaricia e esconde o rosto estragado, o nariz um pouco pronunciado e os cabelos amarelos e opacos unidos por um prendedor. Os sapatos barulhentos ecoam pelo beco; seus passinhos curtos medem o tempo que parece não passar para ela.

— Por aqui, venham por aqui, há uma coisa muito boa...

Ann envolve meu braço.

— É mais uma sugestão de Pepe? — pergunta em inglês. Ela me olha com malícia, e eu não entendo mais nada. Talvez eu esteja mais bêbado do que ela, apesar de não ter bebido a Bomba Obama!

Entramos no Ciuri Ciuri, que fica na Via Leonina.

— Pronto, aqui é como na Sicília!

— Sim, Sicília.

Sentam-se num banco, e Ciccio as abraça.

Depois, dirige-se ao garçom.

— Aí, xará, deixa as senhoritas provarem um pouco de tudo...

— Claro, vou fazê-las desmaiar com tantos sabores. — E num instante ele coloca sobre o balcão porções de petiscos italianos, como *panelle sfincione* e *arancini di riso*, uma espécie de bolinho de arroz recheado.

Ann e Raily comem de tudo.

— Isso é salada... Sal. Enfim, salgado... Depois, outras coisas! Coisas doces — diz o garçom, tentando explicar os pratos às estrangeiras.

Olhamos para ele; seu nome está escrito num crachá preso no avental preto. É simpático esse Giuseppe. Em seguida, Ann e Raily pedem também os doces: a *cassata* e o *cannolo*.

— Vocês querem à moda de Palermo ou Catania?

— Qual é a diferença?

— O da Catania tem canela, o de Palermo tem sabor de chocolate. Mas não há o que discutir. Para mim, todos os dois são bons, também os de Messina, de Trapani.

— Então, traz os dois para elas provarem!

Claro! Qual é o problema? Quem paga sou eu... Com muito cuidado para não ser visto, abro a carteira e, ainda bem, vejo que tenho o cartão do banco e o cartão de crédito; na verdade, o último é para as despesas do escritório. Taí, Ann e Raily não poderiam comprar uma bela casa em Roma? Finalmente, depois da última degustação de uma *granita* de amêndoas e pistache, saímos novamente para a rua.

— Hum... delicioso! É inacreditável. Eu nunca comi coisas tão gostosas. Acho que já engordei dois quilos!

E, passeando, chegamos à ponte de madeira que passa em frente do Coliseu. Está todo iluminado. Ouço o que elas dizem. Raily abre o guia e procura a página exata. Ann olha o desenho e indica algumas coisas na parte baixa do Coliseu.

— Sim, é isso mesmo. Devem ser as ruínas romanas. Elas são incríveis...

— Sim — diz Raily. — E o mais maluco é que a gente nem existia!

Ciccio, mesmo não entendendo absolutamente nada do que elas dizem, se mete na conversa.

— Sim, como o Gladiador! Vocês viram o filme? O que acham de Russell Crowe? Ele tem um grupo de cantores e ele faz som... — Olha para mim. — É assim que se diz? Bem... Ele faz som na bateria — diz Ciccio, num inglês bem macarrônico.

De qualquer maneira, faz a mímica de alguém tocando bateria, como o Bonzo do Led Zeppelin.

Ann e Raily caminham devagar. Depois, pedimos a alguém para fazer uma foto nossa com o Coliseu atrás. Pouco depois, entramos no carro. Quando começa a fazer um pouquinho de frio, Ciccio propõe mudar a combinação dos lugares, assim, segundo ele, existem mais possibilidades de “esquentar” as garotas. Estou sentado atrás, perto de Ann. Ela olha para fora, acompanha com curiosidade as imagens de Roma que desfilam à nossa frente como num filme, a luz

perfeita e a cidade cheia de figurantes. Ann observa tudo com grande interesse e, de vez em quando, se inclina para a frente, atraída pelas luzes de algum bar ou por jovens que entram em algum lugar ou estão simplesmente parados, conversando, apoiados nos carros ou na borda das fontes.

— Ei, amanhã seria legal fazer um passeio em um desses!

— Ann diz alguma coisa a Raily, que concorda.

— Acho que elas querem dar uma volta na charrete, vi que a indicou!

— Ótimo, Ciccio, você é muito perspicaz, amanhã você paga...

— OK! — Ciccio sorri para Raily. — Com certeza, amanhã faremos tudo isso juntos!

Ele segura sua mão. Raily olha para ele, sorri e, com muita delicadeza, se move toda para o lado esquerdo e se apoia em seu ombro. Ann, ao contrário, continua a olhar para fora, é como se não quisesse me dar muita confiança. Suas mãos estão apoiadas sobre a saia, todas as duas bem próximas. Aproximo a minha para tocá-la, mas ela muda de posição na poltrona. Eu a retiro imediatamente e fico assim, com a respiração suspensa. Após alguns segundos, tento de novo, lentamente aproximo minha mão das suas e a toco. Ela, no início, tem um pequeno estremecimento, mas em seguida abre as mãos e segura a minha, apertando-a entre as suas. Fica assim, como se nada estivesse acontecendo, a olhar para fora. Para mim é uma pequena vitória, tola talvez, mas é uma vitória. Naturalmente é inútil dizer que Ciccio e

Raily já estão se beijando e que ele se afasta apenas para controlar o carro e impedir que a gente caia no rio.

Pouco depois, estacionamos o carro na Via del Tritone. Ciccio e Raily caminham à nossa frente; Ciccio está tentando convencê-la a terminar a noite no quarto dela. Ouço apenas:

— ... no seu quarto... Só que falar a noite inteira...

Depois, ela ri e balança a cabeça de forma decidida.

— Não, não posso...

Ann me segura pelo braço e apoia a cabeça em meu ombro. Enquanto caminhamos em direção ao hotel, viramos à direita a caminho da Fontana di Trevi. A praça está vazia. Encontramos um marroquino que tenta nos oferecer imediatamente algumas flores, mas digo não com a cabeça, e ele logo desiste. Depois, mudo de ideia e corro atrás dele, lhe dou dois euros e pego uma rosa. Ele vai embora sem discutir nem agradecer.

Ann está ali, no meio da praça completamente vazia. Eu me aproximo e lhe dou a flor.

— Para você. Uma flor para uma flor... — digo a ela em inglês.

Ela a pega, leva até o nariz e inspira com força. Eu espero somente que as pétalas, já um tanto bambas, não caiam. Elas resistem.

Então, ela sorri e começa a falar mais rápido do que antes.

— Estou tão feliz por estar aqui! Você acredita que não queríamos ir ao Maccheroni? Fizemos reservas em outro

lugar, mas chegamos atrasadas e perdemos a mesa. O destino é assim... A gente poderia não ter se conhecido.

Ela deve ter dito a mim coisas belíssimas a julgar pelos seus olhos e pelo seu sorriso, mas eu não sei o que responder; assim, muito naturalmente, me vem à mente dizer apenas:

— Namorei uma moça durante um ano e terminamos há pouco tempo. Penso sempre nela, mesmo que Ciccio e os outros não digam nada. Você é muito bonita, e eu sempre sonhei em namorar uma estrangeira. Via que isso acontecia com os outros, até mesmo com uns muito mais suburbanos do que eu... Bem, é isso, não é uma declaração de amor daquelas que se veem nos filmes, mas... — Olho para o céu. — A lua está alta e o céu está cheio de estrelas. E uma estrela parece ter vindo aqui para me encontrar.

— Você quer me beijar? É isso que quis dizer com todas essas palavras? Eu não entendi bem. Você é engraçado...

Depois, me olha e sorri. Agora não sei bem se ela respondeu ao que eu disse, mas, lentamente, me aproximo. Ela fecha os olhos e começamos a nos beijar, de maneira quase educada no início, talvez um pouco receosa. Depois, o beijo se torna divertido e logo em seguida passional. Estou quase surpreso com essa inacreditável sintonia porque um beijo pode revelar muita coisa, num beijo entendemos tudo. A bem da verdade, não posso dizer quantas mulheres já beijei, mas pelo que me lembro cada uma delas revelou no

primeiro beijo muito daquilo que depois viria a ser confirmado.

Por exemplo, até mesmo a Pozzanghera me disse duas ou três coisas no primeiro beijo, sim, mesmo sem querer me falou sobre ela. É que eu realmente não a escutava. Eu deveria ter entendido logo que não estava certo, pareciam beijos entrecortados, indecisos, intermitentes, como se faltasse luz... De vez em quando, ela se afastava rapidamente e os dentes até batiam uns nos outros. Fico com vontade de rir só de lembrar, mas me controlo e me concentro no beijo de Ann, não penso em outra coisa. E eu gosto deste seu beijo que parece não acabar nunca, que não enoja, não aborrece, não sacia nunca. Isso, me perco, com ela sei que nos entendemos, é um beijo em todos os idiomas do mundo.

21

— Onde você estava? — Ciccio está diante do carro, fumando um cigarro. — Eu estava ficando preocupado. — Joga fora o cigarro enquanto entro no carro. — Ela deixou você subir? Eu tentei de todas as maneiras, mas não adiantou...

— Que nada, estávamos na Fontana di Trevi.

— Você jogou as moedinhas?

— Claro...

— Fez um pedido?

— Fiz, vamos, daqui a pouco vai amanhecer.

Ciccio sai com o carro. Roma está deserta na Via del Tritone. Passamos pela praça Barberini e pela Via Veneto.

— Sente só esse cheiro... — Coloca a mão debaixo do meu nariz. — Hein? Coisa fina, perfumada!

— Para com isso! — Afasto sua mão.

Ciccio ri.

— O que é que há? Está com nojo? Você devia ver como ela gemia, quente como um chocolate cremoso tomado nas montanhas! Além disso, tem duas tetas duras, rijas, juro, eu nem conseguia segurá-las.

Parece um filme pornográfico pela maneira como ele descreve. Ciccio liga o rádio e continua a dirigir. Eu relaxo

um pouco. Ciccio me olha enquanto dirige.

— E aí, como você está? Melhor, não?

Concordo em silêncio, um pouco cansado.

— É uma maravilha ter dias como estes. Hoje você trepou com a Pozzanghera para se aliviar... E agora encontra essa esplêndida americana para uma *love story* perfeita. O que você quer mais da vida?

Eu fico assim, de olhos fechados enquanto o carro anda. Ciccio ligou o rádio, na sua estação preferida. Ouve Ligabue com “Questa è la mia vita”. Apesar de ser Ciccio quem dirige, eu é que saio do caminho. Minha respiração é lenta, distante. Claro, *questa è la mia vita*... O que mais eu gostaria? Gostaria de ter Alessia. Gostaria que ela fosse apaixonada por mim ou que pelo menos me explicasse o que a desagrada... O absurdo da vida é que um instante antes podemos ter estado em perfeita sintonia com uma pessoa, talvez a olhemos de longe em uma festa, num bar ou na rua, após alguma coisa que um amigo ou outra pessoa disse, e bastará esse olhar para sorrirmos um para o outro, para nos entendermos, assim, instantaneamente. Isso, como daquela vez em que fiquei a olhá-la enquanto falava com suas amigas, enquanto ria, enquanto ajeitava os cabelos, colocava-os detrás das orelhas e descobria o rosto, seu perfil, sua boca que continuava a falar, que parecia não parar nunca. Estava sentada na ponta de uma grande poltrona Bordeaux; estávamos na casa de uma amiga de Alessia, Stefania, por causa do seu aniversário. Elas não se viam

havia algum tempo e tinham um monte de coisas para contar uma à outra. Havia também outras amigas. Eu circulei entre as mesas, observei algum quadro, bebi alguma coisa, comi um salgadinho. Estava ficando entediado. Meu pai morreu havia pouco tempo e tudo me parecia terrivelmente sem sentido.

“Oi, Niccolò. Eu soube... Sinto muito.”

“Obrigado.”

A moça segurava um copo já pela metade, rodando-o entre as mãos sem parar. Ficamos alguns segundos em silêncio. Depois, ela fez um estranho movimento com os lábios, levantou o queixo, bebeu o conteúdo até a última gota e colocou o copo num canto da biblioteca, diante da foto de um homem velho, escondendo-o. Então, olhou para mim uma última vez, acenou com um discreto sorriso e foi embora. Francesca, Francesca Ferrante, era como se chamava. Certas coisas nós lembramos só depois, quando já não servem para nada, quando, afinal, o momento já passou. Quando me virei, Alessia estava me olhando. Eu nunca a tinha visto com um olhar tão intenso assim, era como se me atravessasse, visse tudo dentro de mim e me fizesse sentir quase nu, como se ela, inesperadamente, fosse muito mais velha do que eu. Uma mulher mais velha, sim, isso, ela era uma mulher mais velha para a qual talvez eu não servisse. Depois, ela sorriu para mim e voltou a conversar com uma amiga que acabara de se sentar à sua frente.

— Ah, aquela eu tenho que comer! Imagina se ela vai embora da Itália assim... Quero colocar a bandeirinha!

Ciccio me tira dos meus pensamentos, me suga, transportando-me para a realidade. Ele freia o carro de supetão e estaciona. Chegamos à minha casa.

— Bem, temos ainda toda a semana... Bastante tempo, mas anda rápido com Ann, senão também coloco uma bandeirinha nela, apesar de ser muito magra na minha opinião!

Ciccio consegue me fazer rir com essa história das bandeirinhas; ele encara a vida sexual como se disputasse com Messner,^[26] mas dizer que Ann é muito magra é absurdo, porque suas formas são perfeitas. Bem, depois dessa última consideração, saio do carro.

— Tchau, a gente se vê amanhã.

— Sim, já está tudo organizado. Vamos jantar com elas! Amanhã eu providencio tudo, prometo...

— Claro, como não, quero ver.

Fecho o portão e me afasto. Ciccio canta os pneus ao sair com o carro e buzina duas vezes, não se importando com coisa nenhuma, nem com o fato de que são quase cinco horas da manhã e de que talvez as pessoas, como é justo, já que é sábado, queiram dormir. Ciccio some a toda velocidade na pracinha.

Entro em casa esperando que Fabíola, Vittorio, seu marido, Cláudio, seu velho companheiro de escola, o poeta e Valéria, mas principalmente Pepe, não estejam lá. Bem, no

fundo, Pepe, que deveria ser um problema, foi quem, no final das contas, resolveu um problema para mim.

Subo as escadas. Pelas janelas entram as primeiras luzes da manhã. Paro diante do parapeito, onde há um velho vaso de cerâmica lascado, um pouco de terra que alguém deve ter molhado e um gerânio vermelho. Pela vidraça semiaberta entra o vento fresco das primeiras horas da manhã enquanto o sol surge entre os edifícios de San Lorenzo. Subo as últimas escadas e abro a porta de casa bem devagar. Fecho-a, girando duas vezes a chave, e caminho na ponta dos pés pelo corredor. Naquele silêncio, quase posso ouvir a respiração de minha mãe e de minha irmã. Imagino as duas em suas camas, tranquilas, talvez serenas, mergulhadas no sono. Mas não pode ser. Não mais. Não por enquanto, talvez. É como se todos tivéssemos jogado juntos durante a vida inteira para compor um quebra-cabeça. Ou para construir uma daquelas torres com as quais eu brincava quando criança, feita de blocos de madeira, aqueles brinquedos simples com os quais agora brinco com Francesco. Com aquela sua mesma inocência, me encontro diante do escritório de meu pai, de sua poltrona de couro preto colocada em frente à sua mesa. Fico na porta, apoio a mão no portal e imagino seus ombros. Está digitando no computador, depois, satisfeito, para, vira-se e sorri para mim.

“Você chegou, senta aqui, estou quase terminando.”

Ele aponta para um sofá preto, à direita da mesa, sob a estante. E eu me sento ali, a esperar que ele termine de enviar um conto, um desenho, uma anedota ou uma daquelas histórias que ele inventa para tantos jornais. Mas agora aquela cadeira está vazia, e o computador está desligado. Falta aquele pedaço do quebra-cabeça que nunca mais ficará completo. E tenho vontade de bater com os pés no chão como Francesco faz quando não consegue montar seu trenzinho ou ver alguma coisa no iPad de Valéria. Continua a bater com o dedo na tela e me olha fixamente como se dissesse “vou conseguir”, e eu o deixo fazer e rio de sua teimosia. Eu era assim aos três anos? E como meu pai me olhava? Sinto falta de suas mãos grandes e quentes que de vez em quando acariciavam meu rosto, quase para me irritar, e, no entanto, hoje eu apertaria suas mãos e as deixaria assim, com os olhos fechados, sobre o meu rosto, coladas, para não o deixar ir embora.

O sol já vai alto no céu. Roberto, o porteiro do hotel, me diz que ela ainda não desceu, assim aguardo. Sentado a uma pequena mesa do bar em frente, tomei apenas um café. Observo as pessoas que passam, há muitos estrangeiros pela manhã nesta pequena Via Rasella, próxima ao hotel, é um vaivém de todos os países do mundo: chineses, franceses, alemães, espanhóis. Ouço seus idiomas tão diversos e muitos riem, talvez porque estejam de férias neste sábado italiano, onde o pior parece já ter passado. De qualquer maneira, e não se pode fazer nada, quando estamos de férias nos sentimos mais leves, é como se os nossos problemas tivessem ficado, de algum modo, em nosso país de origem. Uma nova terra não hospeda nossas velhas preocupações.

Alguns chineses se reúnem em torno de uma mulher do grupo que parece ser mais severa. Ela segura uma bandeirinha vermelha bem no alto, bem visível, e diz algumas coisas em sua língua. Alguns deles riem, talvez aquela mulher seja engraçada ou é Roma que os deixa de bom humor. Um pouco mais adiante, um casal sul-americano caminha de mãos dadas e para diante de uma loja; ela mostra alguma coisa a ele, que concorda, depois sorriem e se beijam, mas um daqueles beijos leves, que não

incomodam ninguém. Estão de acordo sobre o que viram, mas não compram nada e continuam a caminhar de mãos dadas. Existe crise para todos, talvez também para eles, exceto para o amor. Mas, sobre isso, certamente eu não posso falar.

Alessia não me telefonou. Olho para o celular, nada, nem um telefonema, uma mensagem, um *emoticon*, uma chamada de um número privado que, de qualquer maneira, poderia deixar uma dúvida, a incerteza de ter sido ela, talvez escondendo o número, querendo ver se meu telefone estava ligado ou ouvir minha voz só por um instante e ficar ali a me escutar enquanto eu, depois de dois inúteis “Alô... alô...”, aos quais teria acrescentado “É você?”, ou talvez, de maneira ainda mais direta e segura, “Alessia?”, teria desligado. Então, ela teria rido e desligado igualmente, mas dessa vez com uma grande sensação de segurança: teria ficado claro que para mim não existe nenhuma outra, apenas ela, Alessia. Mas ela já sabe disso, sabe tão bem que nem ao menos quis me dar essa pequena satisfação de ligar de um número desconhecido. Assim, coloco o celular sobre a mesa do bar e resolvo não pensar mais nisso, e quando levanto os olhos a vejo sair.

Está ali, iluminada pelo sol. Os seus cabelos castanho-escuros brilham na luz da manhã; devem ter sido lavados porque estão macios, leves, se movem juntos com ela, que olha ao redor, indecisa sobre qual direção tomar. Veste uma camiseta de malha com listras horizontais de todas as cores,

como se fosse um arco-íris, como aquele sorvete que eu gosto tanto de tomar no verão, que começa com morango e acaba com menta, e, qualquer que seja o último pedaço que a gente come, deixa-nos satisfeitos e com aquele sabor fresco na boca. A calça comprida é azul-celeste e leve, um pouco justa na cintura, e segue as suas curvas, o seu magnífico bumbum, e desce reta até cobrir seus sapatos baixos de corda e tecido azul. Os óculos marrons são grandes e estão apoiados na cabeça como se fossem uma tiara. Sua simples beleza resplandece ao sol, sem um pinga de maquiagem, com os seus olhos verdes e aquelas sardas leves. Leva a bolsa creme a tiracolo e o guia da cidade na mão direita e continua a olhar em torno até, de repente, me ver.

Eu a cumprimento de longe. Ela sorri para mim, coloca o guia dentro da bolsa e anda apressada em minha direção.

— *Hi!*

Sinto vontade de me virar; não estou assim tão certo de que ela esteja se dirigindo a mim e penso que tudo não passa de uma brincadeira, que na realidade há outro atrás de mim. E, no entanto, ela é real e está mesmo vindo em minha direção.

— Oi, Ann! Quer tomar café? Aqui servem uns croissants incríveis. São muito bons — digo a ela em inglês.

— Croissant? Aqui?

— Sim, olha. — Pego sua mão, levo-a para dentro do bar e lhe mostro os *cornetti*.

— Ah, sim... Nós conhecemos isso como *danishes*. Muitas vezes comemos no café da manhã...

— Isso, isso mesmo. Você quer?

Diz que sim com a cabeça. Em seguida, nos sentamos do lado de fora, ao sol.

— Onde está sua amiga Raily?

— Saiu para dar uma volta! Ela acorda cedo. Está acostumada a fazer muitas coisas, como correr... — Ela percebe que não entendi bem e faz uma mímica de uma pequena maratona.

— Ah, esporte!

— Sim... *Sport*.

Sorri, divertida com o meu inglês, e concorda. Logo depois, chegam os *cornetti* com os dois cappuccinos que pedimos. Ela tenta pegar a notinha que deixaram debaixo do pratinho, mas eu sou mais rápido.

— Não! Você está na minha cidade. Quando eu for a Nova York, vai ser sua vez!

Ela levanta os ombros, sorrindo.

— OK! — De qualquer maneira, ela sabe que isso nunca acontecerá. O rapaz que nos trouxe os cappuccinos pega os meus dez euros, faz uma conta rápida e deixa alguns trocados no pratinho.

— Então, vou ensinar a você uma coisa sobre o café da manhã romano — digo a ela, que ri. — Pegue o *cornetto*. Coloque no cappuccino, mas não muito, só duas ou três vezes, como se fosse um bebê em seu primeiro banho.

Assim, pego o *cornetto* pela ponta e, de um modo quase científico, molho-o duas vezes, rapidamente, e uma terceira vez um pouco mais demorada, depois o coloco na boca, prestando atenção para não me sujar.

— Hum! É uma delícia! Aqui é perfeito porque a massa do *cornetto* é muito leve. — Explico a ela a importância da massa da iguaria, abro-a, faço com que ela veja como se desfaz com delicadeza, como é macia, clara, dourada, leve, como se sente o perfume, doce, mas não muito. — Hum... — Depois, guio sua mão, que segura o *cornetto* partido. — *One, two... and three...* — O último mergulho é um pouco mais longo, e ela o coloca na boca. Ela o come todo, até a pontinha coberta com a espuma do cappuccino.

Está tão ensopado que um pouco de cappuccino lhe escorre da boca e desce até o queixo. Pego rapidamente um guardanapo e o enxugo. Ela limpa a boca, amassa o guardanapo e o coloca no prato.

— É inacreditável! É tão gostoso. Delicioso!

— Sim, Ann, é como seu beijo... Tem o mesmo sabor fantástico.

Da maneira como me olha, creio que ela gostou do que ouviu, ou talvez eu tenha dito uma outra coisa, e não o que eu queria dizer. Depois, ela se aproxima de mim e me dá um beijo muito terno; seus lábios parecem macios e quentes, doces, com o sabor do cappuccino e do *cornetto*, aliás, mais gostosos agora. Em seguida, afasta-se de mim, me olha com seus olhos profundos e suspira.

— Você é um cara doce e sinto muito pelo que Raily disse sobre sua namorada ter largado você, mas essa garota foi boba e, mesmo que ache que encontrou alguém melhor que você, ela está errada. Você é tão gentil e talvez porque seja um dia tão lindo de verão... — Olha um pouco em torno. — Neste lugar lindo, olha, eu não deveria dizer isso, mas estou me apaixonando por você... — Ela me beija novamente, com uma incrível doçura, depois de todas essas palavras em inglês. Inicialmente ficamos assim, perdidos naquele beijo; depois, ela mordisca meu lábio inferior e logo parece precipitar-se com a língua, como se quisesse consertá-lo, curá-lo, quase desapontada. Um beijo é um *passe-partout*, um beijo é uma máquina *reflex* antiga, um beijo é como um molde em argila, um beijo detém uma imagem no tempo, a foto, a particularidade, o sabor, o caráter daquela pessoa que nos beijou. E, para sempre, dela permanecerá aquele momento único, especial, impossível de repetir, aquele instante de felicidade.

De repente, porém, sinto uma estranha sensação, como se estivesse sendo observado. Ciccio? Outra pessoa? Assim, me afasto dela. E, de fato, diante de nós está um rapazinho, um ambulante. Ali, a poucos centímetros de nossa mesa, ele nos olha. Pronto, eis o motivo da sensação que tive. Sorri com dentes enormes, como se fosse um Pernalonga humano; depois, como num passe de mágica, aparece com um maço de flores.

— Rosa, quer uma rosa? Ela fica feliz com uma rosa.

— Não, obrigado, estamos bem assim. Estávamos tomando café da manhã e não queríamos ser incomodados.

— Sim, está bem, café da manhã... — Ele chega a ser insinuante. Deixo para lá. — Então quer um isqueiro?

— Não, obrigado.

— Um DVD? Quer fumo?

— Não, não precisamos de nada.

— Tem certeza? — Larga as flores e pega, debaixo da camiseta, uma Polaroid. — Então, foto, vamos fazer foto, vamos, fazemos foto abraçados como enquanto tomavam o café da manhã...

Olho para Ann e vejo que ela sorri, levantando os ombros, como se dissesse “por que não?”.

— OK. Quanto vai me custar a foto?

— Dez euros.

— Mas com dez euros eu compro a Polaroid! Escuta aqui, cara, eu não sou um turista idiota, ouviu? Vamos! Vá pescar onde não há tubarões, OK?

Ann procura entender o que estamos dizendo, mas é muito difícil para ela.

— Sete euros.

— Eu te dou três e você some depois que tiver feito a foto, senão te dou um pontapé no traseiro...

— Quatro ou eu te denuncio ao Telefono Azzurro Internacional.

— O quê? Isso existe?

— Não.

Começo a rir.

— Anda, faz logo a foto e vai embora... — Abraço Ann e aproximamos nossos rostos.

O rapazinho diz “*cheese*”, e nós, obedientes, sorrimos. A Polaroid faz um barulho estranho, depois um zumbido e, apesar de ser uma versão *vintage*, leva um pouco de tempo para revelar a foto. O garoto a agita por um instante enquanto vejo aparecerem nossos contornos. Pego no bolso de trás a carteira, tiro uma nota de cinco euros e lhe dou enquanto ele entrega a foto a Ann.

— Fica por cinco? — Ele me pergunta com ar de engraçadinho, piscando um olho para mim.

— Não se faça de esperto, nós tínhamos combinado quatro.

— Ah, quatro, tá certo... — Ele começa a procurar um euro, mas Ann me mostra a foto.

— Você gostou? Ficamos muito bem juntos — pergunta ela em inglês. Depois, olha para mim e para o garoto e levanta os ombros como se dissesse “tudo bem, deixa ele ir”.

— Vai, vai... Eu deveria ligar para o Telefono Azzurro, mas para te denunciar!

Depois, fazemos um passeio por toda a Via del Tritone, chegamos à galeria Sordi e andamos pelas lojas. Ela entra na Zara, vasculha as prateleiras, rápida e decidida, separa uma saia e um vestidinho leve e desaparece dentro do provador. Eu me sento em uma poltrona, olho ao meu redor e devo

dizer que é realmente uma loja bonita. Tem tubos de ferro, grandes vidraças, prateleiras em madeira rústica, poltronas de couro escuro e desgastado.

A cortina do provador se abre, e Ann faz uma espécie de desfile aproveitando a música ao fundo, One Direction, acho que é “What makes you beautiful”. Ann caminha rápido acompanhando as notas, quase saltitando descalça, e devo dizer que aquele vestidinho azul ficou muito bem nela.

— Ei!

Nas telas planas espalhadas pela loja passa o videoclipe da canção. São cinco rapazes sortudos que passeiam por uma praia e fazem uma série de coisas divertidas. Depois, chegam duas garotas muito bonitas e, obviamente, a situação fica mais intrigante.

Ann me olha.

— E então? O que você acha? Estou bonita?

Ann faria os garotos do One Direction enlouquecerem.

— Sim, você está perfeita.

Pouco depois, abre novamente a cortininha do provador e desfila para mim com uma camiseta de malha azul-celeste, depois com uma blusa branca com botõezinhos, um casaco azul, um vestidinho mais claro. E eu fico ali, sentado, a admiro e me sinto como Richard Gere em *Uma linda mulher*, quando Julia Roberts, numa loja elegante de Beverly Hills, sai do provador com os vestidos mais incríveis. Essa comparação, porém, não vou contar a Ann porque pode ter duas perigosas consequências: uma, ela pode não achar

engraçado porque o filme, quer queiramos ou não, é a história de uma prostituta; duas, eu posso não achar graça nenhuma pois quem pagou pelos vestidos foi o Richard Gere!

Surgem as notas de Carly Rae Jepsen e seu videoclipe nas telas da loja. Não, sério, vocês nunca viram? No início, aparece um cara cortando grama com um corpo que nem os melhores jogadores de tênis ou futebol têm! Mas como é que me vem à mente que os caras que cortam a grama aqui sempre têm barriga? As máquinas de cortar são mais lentas? Sei lá. Depois aparece uma garota lavando um carro, deitando-se por cima do capô, cheia de sabão, e parece até um filme pornô pelo modo como ela faz. Aqui na Itália nenhuma garota lava o carro dessa maneira, aliás, quase nenhuma lava o carro, porque todas os levam para aqueles lava a jato horríveis, com aqueles escovões que além de lavar o carro fazem arranhões. Não temos o culto dessas coisas por aqui. Em seguida, outro vídeo com a mesma canção, mas interpretada por Justin Bieber, Selena Gomez, Ashley Tisdale e outros, que dançam, brincam e riem, cantando a música como se fossem um de nós fazendo a paródia de uma canção em frente ao computador. Eu e Ciccio também fizemos uma coisa assim, era uma dança engraçada para a festa de aniversário de Bato, e nós lhe fizemos uma surpresa com sua música preferida, “Can’t nobody hold me down”, de Puff Daddy, reinterpretando-a do nosso jeito, e devo dizer que o vídeo agradou muito. Mas nós somos nós! E ver aquele grupo de jovens bilionários fazer uma coisa desse tipo, bem,

para ser sincero, me impactou! Talvez o dinheiro não consiga anular o fato de que ainda se é muito jovem. Infelizmente, não posso responder a esta pergunta, e não sei mesmo o que dizer.

Ann já está no caixa, comprou diversas peças daquelas que experimentou. E assim voltamos a caminhar por toda a Via del Corso em direção à Piazza del Popolo. Depois, Ann pega o guia e entramos na igreja de San Marcello e de Jesus e Maria, e devo dizer que são belíssimas. Eu nunca tinha entrado nelas. O absurdo é que vivo em Roma há vinte anos, tirando os primeiros anos quando nem sequer andava, e não vi muito! Quando saímos com um turista, percebemos tantas coisas; eles leem no guia e nós notamos belezas que sempre nos escaparam. Chegamos ao Panteão e entramos. A coisa mais impressionante é que no alto tem um buraco que eu nunca tinha notado. A gente para e observa as nuvens passarem; um grande raio de sol entra na transversal e ilumina o Divo Giulio, cujo nome posso ler na plaqueta na base da estátua, como se fosse um daqueles filmes do Indiana Jones. Pergunto a Ann se existe alguma razão para aquele sinal divino.

— Deixe-me ver... — Folheia algumas páginas, volta para trás até encontrar o que quer e indica a estátua iluminada... Não era um sinal, foi por acaso. Assim que saímos do Panteão, sentamos para tomar uma *granita* no Tazza d'Oro, à direita da praça. Coloco a notinha sobre o balcão e uma moça se aproxima de mim.

— Pois não?

— Duas *granite* com creme duplo... Obrigado.

— O que quer dizer?

— Com creme duplo, em cima e embaixo.

Mas como é que ela não sabe o que isso quer dizer? Algumas vendedoras são excepcionais. Chega o velho sorveteiro, que a afasta com delicadeza e, felizmente, providencia nosso pedido. Apanha cinco ou seis copos de plástico para vários clientes, enche-os de creme, abre um pequeno recipiente com tampa de alumínio, retira a *granita*, enche todos os copos até a metade e os completa com o creme.

— Pronto, aqui estão uma, duas, três... — Ele nos entrega os copos, recolhe as notinhas, rasga um pedacinho e devolve. Em seguida, já na rua, Ann come o creme com grande prazer, mas está fazendo da forma errada.

— Não, não é puro... Você tem que misturar com café... — Mostro para ela como se faz. Pego o creme por baixo com uma colherzinha, pego um pouco de café, novamente um pouco de creme e coloco em sua boca. No Tazza d'Oro, o creme é suavemente doce e o café não é muito amargo, o que resulta numa mistura perfeita. Assim, continuamos nosso passeio neste lindo dia de final de maio. Entramos na Via del Seminario onde, à esquerda, há uma loja que vende de tudo baratíssimo: sapatos, malhas, meias, tênis para ginástica, casacos de couro, camisas florais, patins modernos, tudo a preços baixíssimos. E a coisa mais inacreditável é que

também vende armários, máquinas de escrever antigas e mesinhas do século XIX, talvez autênticas ou não.

Ann lambe a colherzinha com o creme. Ela já quase acabou de tomar a *granita*, que achou muito boa, assim como também gostou muito deste lugar. Olha cada coisa devagar, abre as gavetas, bate em algumas teclas de uma velha máquina de escrever. É curiosa. Depois, folheia seu guia.

— Não aparece no guia! Esta loja é tão legal... Mostra outro lado da história de Roma, dos escritores que viveram aqui, e é tão barata!

Sáímos.

— Amanhã temos que ir aqui, nesse restaurante... — Mostro para ela o La Sacrestia. — É muito bom. Aqui a pizza é fantástica, igual a você!

Ela sorri para mim, me dá um beijo rápido e segura minha mão. Caminhamos; parecemos dois turistas rodando por Roma, e, por um instante, não penso em mais nada. Eu olho para ela, observo seu perfil tão bonito, às vezes escondido por aqueles cabelos que dançam ao sol, seu nariz reto, as linhas dos olhos, seus lábios entreabertos. Deixo-me levar por ela, fecho os olhos e me perco, e, por um segundo, me sinto feliz. E é uma sensação maravilhosa que nos surpreende sempre e quase nos comove quando tínhamos nos esquecido do quanto é bom estar feliz, mas, ao mesmo tempo que tentamos detê-la ao menos por mais um pouco, passa. No entanto, talvez aquele instante volte. Desde que meu pai morreu, ainda não havia acontecido. O peso da dor

apoderou-se de tudo, e quando estamos assim é como se condicionássemos tudo o que acontece, a vida que nos rodeia: Alessia que me deixou. Valéria que não estuda e continua a mudar de faculdade, que se meteu com Pepe, mas também com um tipo como o Poeta! Fabíola que tem um filho de apenas três anos e quer voltar aos tempos de garota e reatar com o seu amor da época da escola, apesar de, na minha opinião, algumas coisas não poderem voltar a ser como eram antes; forçosamente serão diferentes, porque tudo mudou, aquilo que sentíamos, que éramos, até mesmo o modo de rir de uma piada.

Ann se vira, me olha e sorri, e eu aperto sua mão, um aperto leve, como se fosse um pequeno sinal. Ela está contente, recomeça a caminhar, leve, sem olhar o mapa, sem destino, perdendo-se comigo. Eu poderia passar minha vida com uma estrangeira? Com alguém que fala outra língua, que nasceu em outro país, que não tem a nossa cultura, que não está acostumada a comer o que nós comemos? Eu me lembro de quando, no verão, nós íamos com papai e mamãe a Anzio, e apenas um amigo deles era casado com uma moça estrangeira, uma inglesa que se chamava Sarah. Era magra, com a pele muito branca e os cabelos louros um pouco opacos. Usava sempre um biquíni verde que ficava um pouco grande na parte de cima, e, quando ela se abaixava, podíamos ver o mamilo e parte do seio, mas o estranho é que os seios eram brancos como o resto de sua pele. Ela, diferentemente das italianas, não tinha a marca do biquíni.

Enquanto estávamos na praia, comia somente o espaguete com molho de tomate que sempre trazia de casa. Uma vez, ela deixou o pote de plástico aberto e foi até a ducha lavar alguma coisa. Peguei um garfo limpo, enrolei um pouco do espaguete dentro do pote e provei. Estava frio e mole, cozido demais, e somente o molho não estava ruim, mas esse é fácil de fazer. Então, cuspi tudo na areia e escondi, correndo, antes que ela voltasse. Ela voltou e se sentou na cadeira de dobrar, aquelas de plástico que deixavam as costas marcadas com o nome do balneário, Ondina, e que grudavam nas pernas.

— Oi... — Ann para e puxa meu braço. — No que está pensando? Você está em outro planeta... Ainda está pensando nela?

— Desculpe, mas eu não entendi... Pode falar mais devagar?

Ann levanta as duas mãos e as deixa cair como se dissesse “deixa pra lá”. Recomeçamos a caminhar. É realmente bela e tem um corpo incrível. Apenas uma dúvida me vem à mente. Será que ela sabe cozinhar? E se fizer espaguete, será que ficará cozido demais? Bem, no máximo eu aprendo a fazer espaguete!

Compro para ela e para mim um quepe de marinheiro porque está fazendo realmente muito calor. Depois, pego o iPhone, afasto-o um pouco enquanto a abraço e tiro uma foto. Saio com os olhos fechados.

— Espera! Mais uma, por favor, eu estava dormindo! — explico a ela em inglês.

Ela ri e me abraça novamente. Afasto o celular para tirar outra foto e, nesse momento, um cara se aproxima, talvez albanês, alto e magro, com uma aparência esportiva.

— Querem que eu tire a foto?

Estou quase para dizer sim quando penso que ele pode desaparecer rapidamente com o meu iPhone e terei de correr pelo meio das pessoas com a certeza de que chegarei por último, depois do meu próprio iPhone.

— Não, obrigado, nós mesmos tiramos...

Percebo que ele quer acrescentar alguma coisa.

— É mais divertido assim.

O tipo se afasta. Ann me dá sua bolsa.

— Você pode segurar? Quero fazer uma coisa. — Ela tira o quepe da minha cabeça e não entendo o que quer fazer. Ah, bem, ela viu uma fonte, quer molhá-los porque, de fato, faz ainda mais calor do que antes. Molha os dois quepes, torce-

os para tirar a água em excesso e, enquanto volta na minha direção, coloca o seu na cabeça. Gotas pequenas deslizam pelas bordas do chapéu e por seu rosto, até o queixo, e com o dorso da mão ela enxuga uma gota que estava para cair.

— Por favor, coloque. Está quente.

Ela me dá o quepe, e eu o coloco na cabeça.

— Ah... Está melhor assim.

Sim, realmente, está melhor assim. Depois, pega dentro da bolsa uma garrafa de água quase no fim.

— Vou encher.

— Sabe como elas se chamam? — pergunto a ela em inglês, apontando para as fontes. — Chamam-se narigões. Como um nariz, mas grande.

Toco no meu nariz, caso ela não tivesse entendido.

— OK! Vou pegar água no “narigão”...

E, depois, volta para mim, caminhando como se desfilasse. Faz de propósito, eu acho, segurando a garrafa com a mão esquerda e apontando para ela com a mão direita. Parece uma propaganda, ou melhor, um sonho, já que é acompanhada por uma música. “She”, cantada por Elvis Costello. Fico louco, doido. Ela move o corpo ao ritmo da música. *She may be the face I can't forget, a trace of pleasure I regret.*^[27] E eu a olho como que extasiado... É realmente linda.

De repente, segura a garrafa normalmente e corre como uma louca em minha direção.

— É meu telefone!

Ah, claro, era o som do telefone dela. Pega o celular dentro da bolsa que estava comigo.

— Ah, não! Raily!

— O quê?

Nesse momento, um carro buzina freneticamente.

— E aí? — É Ciccio. Ele usa óculos Ray-Ban gigantescos e uma camisa laranja brilhante e penteou os cabelos cheios de gel para trás. Usa duas munhequeiras brancas inacreditáveis, como se fosse um tenista da década de 1970, o que ele certamente nunca foi, e, como se não bastasse, um colar de aço, como aqueles que colocam nos mastins napolitanos para controlá-los antes de serem lançados contra o adversário em competições clandestinas. Enfim, se havia um modo de chamar atenção era exatamente esse, e pensar que tem namorada, aliás, três namoradas! Raily está ao lado dele e usa óculos muito mais sóbrios e uma correntinha de ouro que quase não se vê. — E aí, Nicco, o que vocês querem fazer? Vamos, entrem, venham com a gente!

Olho para Ann, que faz sinal de sim. Corremos em direção ao carro e sentamos no banco de trás um tanto no estilo de Starsky e Hutch. Mal conseguimos nos sentar, Ciccio arranca a toda velocidade pelos becos do centro fazendo os pneus cantarem sobre o calçamento chamuscado pelo sol.

— Viu a estabilidade desse carro? Olha, olha os pneus nas curvas, olha como estou correndo! — E, dessa maneira, vira à direita em alta velocidade, a ponto de Raily ir parar em cima dele, com o rosto enfiado entre suas pernas.

— Ei, não precisa ir tão rápido, *baby*. Há o momento certo para tudo!

Raily balança a cabeça, rindo, enquanto Ciccio entra na Lungotevere a toda velocidade.

— Então... — Ciccio se vira na minha direção e bate com a mão no meu joelho. — Já organizei tudo!

— OK, mas olha pra frente!

— Esta besta está aparafusada no chão, é impressionante! Piso no freio e para como se estivesse estacionada. Quer ver?

Ciccio não espera pela resposta e freia abruptamente. Eu e Ann vamos parar contra os bancos dianteiros e depois no chão. Eles dois, na frente, ficam presos pelos cintos de segurança, que felizmente estão usando.

— Viu só?

Alguns carros buzina e outros nos ultrapassam. Os motoristas estão balançando a cabeça.

—Você ficou louco? E se alguém batesse em nós?

Ciccio masca seu chiclete com ar seguro e até fecha os olhos.

— Lógico que eu olhei antes, eu olhei antes!

Raily ri, bem-humorada, e Ann, um pouco menos animada, massageia seu joelho e se acomoda novamente no banco. Depois, coloca o cinto de segurança.

— Vocês brincam de bater de carro aqui em Roma? É divertido, mas me avise da próxima vez! — pede Ann em inglês.

Ciccio continua a correr pela Lungotevere, driblando alguns carros e embicando em direção à Corso di Francia até chegar à curva do lado esquerdo.

— Espera, espera, dá uma paradinha no escritório da B&B. Preciso pegar uma coisa!

— OK. Ah, por falar nisso... — Ele ajusta o retrovisor até me encontrar e vejo apenas seus olhos.

— Recebeu alguma mensagem?

— De quem?

— Da Pozzanghera, de quem poderia ser? — Depois, ele me olha melhor. — Ah, não, desculpe, tem razão, falei sem pensar... Desculpa, de verdade, eu não queria... Sabe quando você não pensa?

— Sei, sei, tudo bem, Ciccio...

— Não, eu vi que você não gostou, mas realmente falei sem pensar.

— Não se preocupe...

— Não, é que...

— Chega!

Raily se vira e me olha com curiosidade. Ann também fica surpresa com o meu tom, que ela nunca tinha ouvido.

— Está tudo bem! — digo a ela.

Nesse momento, sinto o celular vibrar. Não é possível, não pode ser! Pego o telefone no bolso. Ciccio percebe que estou com o celular na mão.

— Ela me escreveu agora.

— Quem? Alê?

- Não, a Pozzanghera.
- Nãoooo, e o que ela disse?
- “Você é um cretino!”
- Clássico.

Desço do carro na frente da imobiliária e volto pouco depois.

- Pronto, vamos.
- Ciccio sai mais devagar.
- O que você queria pegar?
- Camisinhas...

Ele me olha incrédulo pelo retrovisor.

— Tá falando sério? Então você tem certeza... Quer dizer, já rolou alguma coisa? Não, porque... — Olha para Ann. — Cara, que sorte, a tua é realmente um avião! A minha é bonitinha, mas a tua é show, fala sério!

- Ciccio... Eu estava brincando!
- Ah, sei... Ótimo.

Ciccio dirige mais devagar e pega a estrada para Bracciano em direção ao lago. Vemos grandes plátanos dobrados pela ação do vento ao longo de anos; eles ladeiam a estrada, protegendo-nos do sol.

Apoio a cabeça no banco e fecho os olhos; depois pego no bolso de minha jaqueta os óculos Ray-Ban 4076. Foi um presente de meu pai no meu aniversário. Ele sabia que era o que eu mais desejava. Foi o último presente que me deu. Será para sempre o seu último presente, mesmo que eu me forme, que tenha um filho, que eu vença as Olimpíadas.... Eu

os coloco para esconder uma lágrima que desliza de um lado e que se perde no vento. Fico assim, de olhos fechados, enquanto começa uma nova música, “Marmellata #25”. Ciccio colocou o CD de Cremonini. Acha que pode surtir efeito nas garotas.

Ci sono le tue scarpe ancora qua, ma tu te ne sei già andata...
[28]

E, de fato, algo acontece. Ann segura minha mão, aperta-a com força e se encosta em mim, lentamente, sobre meu peito. Sinto seus cabelos que voam com o vento, leves, roçam em mim, se misturam, rebeldes, quase me esbofeteando, mas não me incomodam. Ao contrário, o seu desejo de segurar minha mão, de me sentir, me agrada muito. Puxa o meu braço para que eu a abrace e se mete embaixo dele, envolta na minha jaqueta, com a cabeça sobre o meu ombro, e eu a respiro.

Ogni volta in cui ti penso mangio chili di marmellata... quella che mi nascondevi tu... l’ho trovata![29]

Certamente as duas americanas não entendem essas palavras, mas são verdadeiras, são perfeitas para este momento. Eu só gostaria de rir. Isso, preciso rir com vontade, como meu pai me fazia rir.

— Grande Ciccio, você voltou! Meus parabéns, garotas, vocês fizeram a escolha certa, ou melhor, as escolhas certas: o meu restaurante e Ciccio!

— Fra, não adianta, elas não te entendem...

— Por quê? — Ele olha bem para elas. — São surdas? — Mexe o dedo no ar como a dizer: “Mas como? Não funcionam?”.

— São americanas!

— Ah, OK. — Joga um pano um pouco úmido sobre o braço. — Imagina se não entendem... Olha, cara, essas americanas falam italiano melhor do que a gente! Sentem do lado de fora, já vou levar tudo... — E assim desaparece dentro do restaurante.

Nós nos sentamos a uma mesa de madeira um pouco bamba, estragada, com os eixos consumidos pelo tempo e pelo sol, mas que ainda conserva um pouco de cor, um azul-escuro forte, em algumas partes ainda enérgico, imaculado. À nossa frente, o lago de Bracciano. Completamente parado, sem o mínimo de vento. Uma lancha veloz o atravessa. Mais para a margem, algumas canoas balançam, mas pouco. Estamos à sombra de uma adega, num pequeno restaurante

onde não há mais ninguém apesar de ser duas horas da tarde de um sábado.

— Então, o que trago para vocês?

— Um pouco de vinho e uma bela garrafa de água fresca da fonte.

— Claro, isso é certo, trago um pouco de vinho branco feito por mim. E depois?

Ficamos pensando; as garotas pegam o que uma vez foi um cardápio e agora é uma espécie de folha plastificada em que faltam algumas letras das palavras.

— Não leiam isso. Eu digo para vocês o que posso fazer de bom... Então, um bom *fettuccine* com peixe ou *tagliatelle* com molho de tomate, em seguida, peixinhos do lago fritos. Está bem assim? E, como acompanhamento, batatas fritas ou vagem e uma salada verde bem fresquinha!

As moças ficam em silêncio. Eu, Ciccio e Franco nos divertimos a explicar da melhor maneira possível aqueles pratos, e, no final, elas decidem pelo *tagliatelle* e nós, pelo *fettuccine* com peixe.

Franco nos traz imediatamente seu vinho branco, seco e gelado na medida certa; nós o bebemos com prazer enquanto Ciccio come todo o miolo de um pão branco.

— Este pão é especial, e o nome é “bobo”. Entende? *Sciocco*? Sem sal.

Raily o imita, pegando também uma fatia de pão, furando-a, tirando todo o miolo e começando a comê-la.

Sorri beatificada e entretida. Os dois combinam, se entendem, pelo menos nos gostos.

— Este é pão típico. Franco trouxe a receita da Toscana, onde vivia antes de se mudar pra cá. Há um tempão Franco faz este pão... — Ciccio explica, tentando falar em inglês.

Pouco depois, chegam as massas.

— Aqui estão... — Franco coloca os pratos ainda fumegantes diante de cada um de nós. — Cuidado, estão muito quentes!

Ann e Raily começam a comer sem dar importância à advertência.

— Quer provar? *Do you want?*

Passo o prato para Ann. Ela sorri, pega a colher e enrola o *fettuccine* apoiando o garfo contra a colher. Esses americanos fazem coisas estranhas!

— Hum, é bom...

Ela me dá seu *tagliatelle* para provar e está muito bom, com um cozimento perfeito! Totalmente diferente do espagete daquela inglesa em Anzio!

Ciccio serve vinho a todos, é sempre muito atento nesse particular. Pego o copo; é um daqueles velhos e pequenos copos que me lembram as histórias de meu avô. Está todo riscado pelo tempo, mas não lascado, e quem sabe quantas bebidas serviu pelos anos afora. Olho o vinho através daquele vidro marcado; o líquido é amarelo palha. E seu perfume, seu buquê é forte, então o bebo devagar. É bom, seco, e se percebe que é de fabricação caseira. No cardápio

está escrito que um litro custa quatro euros. O ressaibo é levemente amargo, um pouco mais forte do que parecia, mas acompanha perfeitamente o nosso almoço. Diante de nós, o lago azul, ao nosso redor as colinas amarelas de margaridas e mais distante o canto de cigarras e de grilos. Franco coloca no meio da mesa uma travessa com peixes fritos e nós os comemos juntos, espetando aqui e ali como se fossem batatas fritas, que, aliás, também foram trazidas e Ciccio não as deixa escapar! Ele come todas sozinho porque nossas estrangeiras preferiram provar a salada verde, exatamente como eu. Está muito boa, tem rúcula, hortelã e tomates deliciosos. Nota-se que estes cresceram ao sol e próximos do lago; são fortes, cheios e gostosos. Como sobremesa, as duas pedem *crema catalana*. Visto o que come, é normal que Raily seja um pouco gordinha, mas Ann, que come ainda mais, tem um corpo surpreendente, sem um grama de gordura! Após o doce, é a vez das frutas e, para finalizar, o café. Quando Franco chega com a conta num pedaço de papel, Ciccio o segura pelo braço e vai para dentro.

— É por minha conta, Fra... — Depois, pega o papel. — Porra, você acha que somos estrangeiros?!

Franco ri.

— Mas eu tratei vocês melhor do que trato meu filho...

— Como, se você não tem filho?

— Justamente!

Entram rindo no restaurante. Pouco depois, Ciccio sai.

— Fiz ele voltar à razão. Tinha apanhado uma insolação...

Ciccio realmente pagou a conta.

— Quanto te devo?

— Hoje é por minha conta, eu disse a você...

Assim, descemos para o lago e fazemos uma caminhada. Construíram uma pequena estrada que o margeia e é muito bem cuidada. O chão é todo de pedras cimentadas, protegido nos lados por uma cerca baixa. De vez em quando, a cerca é interrompida para permitir o acesso à praia. Entramos no primeiro acesso que encontramos.

A grama verde nos acompanha por um trecho. Tiramos os sapatos, mas a grama ainda está quente e irregular; depois, ela dá a vez à areia escura, com um pouco de ferro, e, enfim, chegamos à água transparente e fresca. Ann molha os pés no lago. Eu a sigo. Ficamos assim, próximos, a olhar para a grande amplidão de água imóvel. Um pouco além, vemos alguns patos que correm uns atrás dos outros abaixo dos eixos de um pequeno píer.

Fazia tanto tempo que eu não vinha a esse lago. Existem períodos que se tornam como hábitos, fases da vida, por algum tempo fazemos sempre a mesma coisa, ainda que sem uma verdadeira razão. Há muitos anos, eu vinha a Trevignano aos domingos com toda a família. Eu era pequeno e ficava sempre em cima da murada, usando larvas como isca para pescar. Passava horas sentado ali, a olhar a boia, e, agora que me lembro, nunca pesquei nada de significativo.

Ciccio e Raily acharam uma bola deixada ali sabe-se lá por quem e brincam com ela. Ciccio se diverte, driblando Raily, que corre atrás dele. Correm para todos os lados diante de nós, que estamos deitados na grama. Ciccio chuta entre as plantas e levanta os braços.

— Gol! — É completamente louco.

Raily corre ao seu encontro e o abraça.

— *Yes, goal!!!*

Mas como? Eram adversários... Eu, hein! Essa também é louca. E continuam a pular juntos como se fossem dois torcedores de um time que inesperadamente fez um gol, levando-os à vitória do campeonato.

Tiro a jaqueta, coloco-a atrás da cabeça de Ann e me encosto em sua barriga. Uma pata passa ali por perto e para, curiosa, talvez esperando alguma migalha. Ann também a vê.

— Eu tenho alguma coisa na bolsa... Espera...

Apanha alguns biscoitos e, depois de esfarinhá-los, atira-os em sua direção. A pata, receosa, começa a bicá-los aos poucos.

Pego meu iPhone.

— Eu quero que você escute esta música... — digo a ela em inglês. Coloco “Ami ancora Elisa”. — Começa falando de uma pata no lago e de alguém que se sente tranquilo só de olhar para ela. — Ann escuta. — É uma música de Lucio Battisti, uma famosa... Fala de um pato. — Ela balança a cabeça. — Isso, agora fala sobre ele, que ainda ama uma

moça e que no fim supera a raiva e consegue ver as coisas engraçadas da vida. E agora está falando como eu gostaria de falar...

Ela não entende bem, é claro, mas sorri para mim.

— Você é doido. — Depois, me dá um beijo, quente como o sol que batia em nossos corpos, macio, e eu acaricio seu rosto. Ela sorri, me abraça forte e se esconde entre meus braços. Acaricio seu ombro, o quadril, enfio minha mão por baixo da camiseta, ela deixa, eu a levanto um pouco, mas então ela vira um pouco o rosto e sorri...

— Ei, nós não estamos sozinhos. Os outros podem nos ver... Me dê outro beijo.

Nesse momento, Ciccio aparece na minha frente.

— Ei, tenho uma ideia! — Está todo suado, como se tivesse jogado uma verdadeira partida de futebol.

— Ciccio, tudo bem?

— Mais ou menos... Perdi! Vamos levar as meninas para verem o castelo? O que você acha?

Pouco depois, estamos diante do castelo Odescalchi de Bracciano. Está fechado. Ciccio pega o interfone e toca diversas vezes, não se dá por vencido. No fim, aparece um senhor.

O homem, de mais ou menos sessenta anos, tem uma expressão zangada, e os cabelos brancos estão arrepiados. Estamos um pouco afastados para ouvir o que Ciccio diz, mas ele fala muito e aponta para nós. Principalmente para mim, abrindo os braços. O senhor me olha, mas não está

completamente convencido. No final, Ciccio coloca alguma coisa em sua mão, e, então, ele permite a passagem.

— OK...

Ciccio sorri.

— Vamos, venham, Alberto é muito gentil, nos deixou entrar!

Ann e Raily se lançam divertidas para essa aventura exclusiva.

— *Hi! Thanks!*

— Não mais de uma hora, hein...

— Certo... — Ciccio lhe dá um tapinha no ombro. —
Daqui a uma hora, fora.

— *Thank you...*

Alberto faz um estranho grunhido e desaparece por uma portinha na entrada.

— Vamos por aqui.

Subimos por uma estradinha íngreme no interior do pátio.

— Ciccio, mas o que você disse a ele?

— Nada, eu lhe dei vinte euros...

— Isso eu vi, mas você apontava para mim, você falou de mim para ele...

— Fiz um pouco de pressão sobre aquilo que os homens entendem.

— O quê?

— A paixão.

— E então?

— Você devia ver *C'è posta per te!*

— E o que isso tem a ver?

— Tem a ver, sim, porque percebi que Alberto tem um espírito sensível.

— OK, isso eu já entendi, mas você vai ou não me dizer o que falou pra ele?

— Que você brigou com a Alessia, que há muito tempo não sai com uma garota e que essas duas podiam ser a única esperança... antes que você virasse gay.

— Mas como gay? Então você é realmente um cretino! E se ele fosse gay?

— A primeira pergunta que eu lhe fiz foi se ele era casado.

— Isso não significa nada.

— E o que ele achava das nossas duas garotas.

— O que ele disse?

— Muito bonitas, então não é gay...

Continuamos a nossa caminhada.

— Já sei, mas por que todo mundo precisa ficar sabendo sobre os meus problemas, pode me explicar?

Ciccio me aponta Ann.

— Está vendo ela, não está?

Ann pegou o guia e o folheia à procura de algumas explicações sobre o castelo.

— Sim. E daí?

— Linda, não é verdade?

— Muitíssimo, mas o que tem a ver com isso?

— Você gostaria de ir pra cama com ela?

— Sim, por enquanto ainda estou deste lado, apesar de você dizer por aí que eu estou mudando...

— Exato, muito bem, então você deve sacrificar um pouco da sua privacidade... O mundo deve saber que você e Alessia terminaram... Inspire mais simpatia, mais ternura, assim Ann se sentirá quase culpada em te dizer não. Enfim, se você trepar com ela, deverá tudo a Alessia!

Ele me deixa ali, de boca aberta, como somente ele é capaz de fazer. Aproxima-se de Raily, abraça-a e coloca uma das mãos em seu traseiro. E ela ainda por cima fica contente, ri e o deixa fazer porque Ciccio pode tudo. Não consigo acreditar. É por isso que gostam tanto dele! Ele consegue levar todo mundo na conversa!

Eu o alcanço e caminhamos todos juntos pelas salas do castelo. Os tetos são todos do tipo caixotão, há inúmeras bandeiras antigas nos cantos, grandes mesas, pratos de época pendurados nas paredes, quadros antigos, cortinas pesadas.

Ciccio se aproxima de mim.

— Ah, outra coisa... Na sua opinião, por que Berlusconi conseguiu todos aqueles votos nas últimas eleições? Só porque Veronica o tinha deixado!!! — Depois, ele pisca para mim. — Tenha confiança... — E corre para alcançar Raily.

— Nós temos o castelo... E eu tenho minha princesa... É você! — Ele a beija.

Ann balança a cabeça, segura meu braço e passa por eles. Está com o guia aberto e lê para mim algumas informações em inglês. Ela me mostra a arquitetura, alguns quadros antigos, velhas armaduras, e passa para outra sala.

— Muita gente se casou aqui, pessoas importantes como Martin Scorsese e Isabella Rossellini, Tom Cruise e Katie Holmes... — diz ela.

— E Eros e Michelle. Você conhece? Ele é um famoso cantor italiano, que canta “Adesso tu”: *“Nato ai bordi di periferia, dove i tram non vanno avanti più, dove l’aria è popolare, è più facile sognare che guardare in faccia la realtà...”*^[30] — Continuo a cantar os versos muito mal e me arrisco até no refrão. — *E ci sei adesso tu a dare un senso ai giorni miei, va tutto bene dal momento che ci sei...*^[31] Não? Espera... — Pego o celular e encontro a música no YouTube. — Mostro o celular para ela. — Já viu?

Ann balança a cabeça.

— Não, nunca ouvi. Parece legal...

— Sim, muito legal, e sua esposa, Michelle, também é muito, muito legal. Ela ri sempre. Mas agora eles se separaram... — Coloco os dedos indicadores perto um do outro e depois os afasto. — Não estão mais juntos.

— Sim, como Martin Scorsese e Isabella Rossellini e também Katie Holmes e Tom Cruise.

— E também Laura Freddi se casou aqui com alguém e depois se separou...

Ciccio se junta ao grupo.

— Será que este castelo dá azar? — pergunta ele. — Uma coisa é certa... Se a gente um dia se casar, não será aqui!

25

— Me deixa aqui! — Peço para Ciccio parar na rua lateral àquela onde moro. — Senão você vai ter de fazer a volta toda.

— OK. A gente se vê mais tarde? Já está tudo pronto para hoje à noite. Acompanho as duas até o hotel e nós nos vemos daqui a duas horas. Conheço um lugar fantástico para levá-las para jantar...

Ann e Raily olham para nós, curiosas.

— Está tudo bem... Estamos nos organizando para a noite! Vejo vocês mais tarde — digo a elas.

Ciccio arranca de novo, cantando os pneus. Dou alguns passos pela Via Bologna e chego em casa. Abro o portão e subo os degraus, mas, quando abro a porta, mal tenho tempo para fechá-la.

— Finalmente, mas onde você se meteu? Estou procurando você há uma hora! — Valéria pula em cima de mim com fúria e me dá um susto, ainda que eu já esperasse por isso. — Meu Deus, é impressionante, hein? Quando a gente mais precisa de você, nunca te encontra! Além do mais, para mim, de alguma maneira você atraiu isso... Vem, vem, comigo.

Passamos pelas portas até o pátio. Um fiat 500 azul-claro está parado em frente à nossa garagem. Somente agora percebo que os vidros laterais estão quebrados, na frente e atrás, os dois espelhos estão estilhaçados, os para-brisas estão dobrados e um risco toma todo o carro, desde o capô, subindo e descendo pelo veículo.

— Poxa, que acidente peculiar...

— Ah, e ainda por cima faz piada... Este carro é de Ernesto. Estávamos conversando tranquilamente aqui no portão quando Pepe chegou e o deixou assim! Não sei como conseguimos ligar o carro e escapar. Demos a volta pelo edifício e entramos no pátio por trás. Mas você acha que nós temos de aceitar essa violência?

Chega Ernesto.

— Hein? Você acha isso certo? — Depois, ele se dirige a Valéria. — De qualquer maneira, agora não tem ninguém na rua.

— Claro, ele deve estar escondido.

Olho para os dois.

— Bem, e o que é que eu posso fazer?

— Como o que pode fazer? Minha amiga Ludo me disse que ontem à noite você estava na ponte e que Pepe conseguiu encontrar a bolsa daquelas estrangeiras com quem você e Ciccio estão rodando por aí! Como o que você pode fazer? Se vocês são tão amigos, vá falar com ele! Agora você é o homem da casa...

Além de não suportar essa frase, me pergunto como é possível que já estejam sabendo de tudo. Fico sem palavras. Roma é pior do que aquelas cidadezinhas de interior onde todo mundo controla a vida alheia. Então, quem sabe, talvez até Alessia já saiba... Taí, essa poderia ser a única coisa positiva.

— Anda, no que você está pensando? Quer dizer, não há muito no que pensar! Telefona pro Pepe!

— Eu não tenho o número dele...

— Aqui está.

Ela me passa o celular com o número já digitado. Porra, gostaria de me ocupar com a minha vida em vez de me ocupar com a dos outros, principalmente a dessa criadora de casos que é minha irmã. Faço a ligação e já no segundo toque ele atende.

— Finalmente, hein? Você sabe o quanto eu te liguei? Por que você faz isso, amor?

— Ei, alô, não, Pepe, é o Nicco.

— Quem?

— Nicco, o irmão da Valéria... Você me ajudou ontem com aquela bolsa.

— Passa o telefone pra ela...

— Não, quer dizer, eu só queria dizer a você que não vale a pena. Ernesto se aproxima e tenta sugerir o que eu devo dizer.

— Diz pra ele que eu já chamei a polícia e também os *carabinieri*,^[32] que ele não pode fazer o que bem entende, que

acabou de bancar o imbecil...

Eu me viro para o outro lado. Não existe nada pior do que aqueles que falam com a gente enquanto estamos ao telefone, aliás, pior ainda, aqueles que dão conselhos.

— Sim, Pepe, eu vi o carro, mas vamos deixar tudo como está, senão você pode piorar as coisas. Você sabe como a Valéria é... Ela cisma com uma coisa e para ela se torna uma questão de princípios, entende?

— Você já me falou sobre esse negócio de princípios. Já estou de saco cheio. Bota ela no telefone...

Ernesto continua:

— Diz que ninguém tem medo dele nem daqueles como ele. Eu li Saviano,^[33] até o vi no programa do Fazio,^[34] e concordo com ele, diz isso, que agora chega, que esse sistema deve mudar...

Eu me viro novamente para o outro lado.

— Neste momento acho que ela está chorando. Bem, enfim, vamos deixar passar este período, depois, quem sabe, um dia...

— Passa o telefone pra ela...

Ernesto está outra vez na minha frente.

— A tática dele é fazer medo, mas quem tem medo dele? Ele acha que eu estou preocupado com o carro, hein? Olha...

— Ernesto dá um pontapé numa porta. — Diz isso pra ele! Nada, não me preocupa nada! Diz pra ele!

Valéria também se aproxima.

— É isso mesmo, diz pra ele. É uma questão de princípios, não é ele quem decide, entende? É o princípio da liberdade, da minha liberdade. Diz pra ele!

Pepe insiste:

— Chama ela.

— Não temos medo, diz pra ele!

— Que espere, diz pra ele!

Pepe está ficando cada vez mais furioso.

— Já te disse pra chamar Valéria, chama que é melhor.

— OK, chega. Acho que não posso fazer mais nada por vocês...

E, assim, deixo o telefone sobre a capota do carro e vou embora. Valéria e Ernesto ficam me olhando estupefatos enquanto, vinda do celular, se ouve a voz de Pepe, contínua, constante, com o mesmo som idêntico de um disco arranhado:

— Chama ela. Eu já disse pra chamar ela.

Subo para o apartamento, abro a porta e a fecho atrás de mim. Ah, finalmente um pouco de silêncio! Vou até a cozinha, abro a torneira e deixo a água escorrer. Apoio-me na pia e olho para fora. Quero ver como Valéria vai se safar dessa confusão, mas não quero, lógico, ficar metido nessa história! Já perdi a camisa que Alessia me deu de presente. Onde ela estará agora? O que estará fazendo? Estará rindo? Viajando? Não, estará caminhando com uma amiga pelo centro. Isso, estará num provador experimentando uma saia. Não, uma calça comprida. Verá a si mesma no espelho,

abrirá a cortina e fará uma careta. Não estará satisfeita. Quantas vezes eu a acompanhei pelas lojas para ela escolher coisas que tinha visto nos jornais ou na televisão ou em alguém na ponte, mas não, claro, em uma amiga sua. Ela queria sempre ser exclusiva. A água está bem fresca. Pego um copo em cima da pia e o encho sob a torneira. Ela não me mandou nenhuma mensagem e já se passou quase um mês. Antes, não havia um dia em que a gente não se falasse três ou quatro vezes pelo menos. Mesmo só para dizer oi, uma conversinha rápida, uma risada, só pela vontade de saber: “Onde você está?”, “Estou estudando”, “Não te perguntei o que você está fazendo... te perguntei onde você está”, “Estudando...”, risos, “... na faculdade!”, “Queria estar aí com você e fazer amor...”, “Na frente da Letras e Filosofia ou na frente da Direito?”. Ela sempre me fazia rir, me agradava de todas as maneiras, até quando chorava. Talvez porque não tenha chorado muitas vezes. Aliás, ela chorou apenas duas vezes: quando perdi meu pai e quando a perdi. Como a vida é estranha! Ela me deixou sem dizer nada, somente um “sinto muito”. E eu, o que fiz? Fiquei em silêncio, não, quer dizer, alguma coisa eu fiz: fui pra cama com a Pozzanghera e beijei uma belíssima estrangeira. Só fiz besteiras e ainda queria estar com ela.

Depois, ouço um barulho estranho, quase imperceptível, mas contínuo, um lento estalo como se alguém fritasse alguma coisa. Passo pelo corredor, vejo a porta do quarto dos meus pais aberta e a encontro ali, sentada aos pés da cama.

— Mamãe — digo bem baixinho, quase para mim mesmo, e continuo a olhar para ela em silêncio. Está sentada diante de uma gaveta e tem vários álbuns e fotografias espalhados ao seu redor, sobre o tapete e sobre uma mesinha. O barulho que ouvira antes era o seu choro e as fotografias mexidas e apertadas contra o peito. Ali está toda a vida deles. As primeiras viagens, Amsterdã, a Holanda, a Europa, quando eu e minhas irmãs ainda não existíamos. Depois nós aparecemos e, numa foto depois da outra, crescemos, e eles sempre ali, ao nosso lado, papai com seus sorrisos e mamãe sempre na pose perfeita. Quando olhamos as fotografias, elas parecem ultrapassadas, com se pertencessem a outro mundo, um pouco como a nossa voz na secretária eletrônica. Tudo parece velho, a nossa voz é desafinada, nem parecemos nós. De vez em quando, me olho no espelho do banheiro, ou no elevador, e há qualquer coisa que me surpreende, que eu não esperava, qualquer coisa na qual não me reconheço e que agora nem saberia definir. Por exemplo, quando comecei a namorar Alessia, quando enfim nos beijamos. Lembro-me de que voltei para casa e não cabia em mim de tanta excitação. Entrei no elevador, me olhei no espelho e comecei a gritar como um louco: “Eu sou mesmo o máximo!”. Levantando os punhos como se tivesse feito um gol. Naquele dia, eu fiquei muito orgulhoso de mim mesmo. Naquele dia.

De repente, ouço-a assoar o nariz, então abandono os meus pensamentos. Vejo minha mãe refletida no espelho.

Segura um lenço e, enquanto enxuga as lágrimas, recoloca na caixa as fotografias de uma vida, de sua vida, de nossas vidas. Guarda as fotos cuidadosamente enquanto chora e me parece menor, assim como o seu desespero deve ser imenso.

É como se tivéssemos sido traídos, mas não existe nem ao menos a possibilidade de perdoar. A gente se sente como se tivessem arrancado um pedaço nosso, algo que fazia parte de nosso corpo e que não existe mais, foi arrancado, cortado. Meu pai, o marido dela, o pai das minhas irmãs, o meu amigo. Sim, acima de tudo, ele também era meu amigo. E começo a chorar também e me sinto tão estúpido, ali, na porta do quarto de minha mãe, que chora logo ali, sozinhos em nossa dor. Sinto-me um velhaco porque não consigo fazer nada além de olhar para minha mãe. Eu deveria ir até ela, segurar sua mão, beijá-la no interior de sua palma, colocá-la sobre meu rosto, apoiá-la assim, fechar os olhos, dividir com ela a minha dor, sabendo que a sua deve ser muito maior, se não for por todo o tempo que passaram juntos, pelo tanto que se amaram, pelos filhos que tiveram. De repente, um pensamento, uma fotografia, uma dramática verdade: eu não terei nada disso com Alessia. E me sinto mesquinho por ter esse pensamento, me sinto um ladrão, pior, um chacal, um daqueles que, aproveitando-se das catástrofes, só pensa nos seus interesses, passa por cima de todos e rouba entre os mortos.

Eu deveria ir até ela e lhe dizer alguma coisa, mas não consigo. Então, na ponta dos pés, me afasto, vou para o meu

quarto e fecho a porta. Hoje mamãe não foi trabalhar e ficou em casa chorando. Este momento, sobre o qual ela talvez nunca venha a saber nada, já passou para as minhas lembranças e ali ficará para sempre. Eu gostaria de ser melhor para que as coisas não fossem desse jeito.

Tiro a roupa toda, meias, cuecas, e entro no chuveiro. Sim, eu gostaria de ser melhor, continuo a repetir enquanto choro debaixo da água quente e as minhas lágrimas se confundem com todo o resto, exatamente como é a minha vida neste momento. Assim fico por um tempo, relaxando, e inutilmente penso em tudo o que eu poderia ter feito, em uma das tantas frases que poderia ter dito à minha mãe, até mesmo “Eu gosto tanto de você”, mas, ao contrário, não fiz nada. Depois, fecho a torneira, visto o roupão e vejo que chegou uma mensagem no celular. Fico por uns instantes a olhá-lo, naquele banheiro cheio de vapor, com o espelho embaçado, o capuz do roupão sobre a cabeça como um pugilista ou um *rapper* americano. A propósito, que fim levou Eminem? Meu cérebro às vezes me abandona e se preocupa com as coisas mais idiotas enquanto a minha vida está uma grande confusão. As estrangeiras não podem ser, porque não têm meu número. Ciccio. Sim, mas o que será que ele quer? Já combinamos tudo... Pode ser um dos meus amigos. Valéria? Não, acho que ela deve ter desligado o celular. Pozzanghera! Não, acredito que não. Ela tem dignidade suficiente para não rastejar... E se for ela? Ela. Ela que eu não ouço desde... bem... é inútil que eu conte cada momento. Só

me resta ler a mensagem em vez de ficar me fazendo perguntas impossíveis.

“Espero você na praça Aurelio, número sete, às oito e meia. Urgente. Problemas. Fabíola.”

Claro, Fabíola! Como foi que eu não pensei que poderia ser ela?

Releio a mensagem, examino-a. “Espero você na praça Aurelio, número sete...” Mas é um restaurante, o Arco Antico, até muito elegante. Talvez minha irmã tenha se enganado. Olho para o relógio. São oito e quinze, e combinei com Ciccio de nos encontrarmos na casa dele às nove para depois irmos buscar Ann e Raily. Espero mais um pouco na frente do restaurante; vejo passar um Fiat Panda, depois um Golf, mas ninguém para. Minhas irmãs sempre conseguem me meter em confusão. Chega um casal que olha para mim e entra no restaurante, fechando a porta após passar. Uma dúvida me vem... E se ela estiver lá dentro? Decido entrar para verificar.

— Boa noite, estou procurando uma pessoa.

— O senhor fez reserva?

— Não sei, acho que não... Albini.

O garçom abre uma agenda e procura.

— Por favor, por aqui...

Não posso acreditar! Minha irmã quer, ainda por cima, que eu fique para jantar. Claro, por que não? Fabíola acha que só existe ela, que todos estamos à sua disposição, que somente ela tem problemas, mas então... fico sem palavras.

— Aqui está sua mesa, por favor...

— Olá, Niccolò.

Vittorio, o marido de minha irmã, sorri para mim. Está sentado à mesa e acabou de bebericar uma taça de vinho branco. Coloca-a em cima da mesa, enxuga a boca e me indica a cadeira à sua frente.

— Por favor, por favor, senta...

Sento na cadeira diante dele. A mesa está posta para duas pessoas e não existe nem sombra da minha irmã.

— E Fabíola? Ela vem?

Sorri de novo para mim.

— Não, não, ela disse que era melhor que nós, homens, resolvêssemos tudo.

— Ah... certo.

Nesse momento, sinto meu celular vibrar. Eu o apanho no bolso da calça.

— Com licença.

— Pois não...

Recebi uma mensagem. É ela, minha irmã Fabíola. “Nicco, desculpe, mas eu não aguento mais. Eu disse a ele que você estava com uns problemas, mas, por favor, conta tudo pra ele, conta que eu estou novamente com Cláudio.”

Apago a mensagem e desligo rapidamente o celular. Engulo em seco. Vittorio percebe.

— Tudo bem?

— Sim, sim, tudo em ordem. Posso tomar um pouco de vinho?

— Claro... — Pega a garrafa e me olha, procurando entender o que está acontecendo. — Tudo bem? Tem certeza?

— Sim, sim, tenho. — Ele acaba de colocar o vinho na taça, que eu bebo em um gole só.

— Ei, você está de estômago vazio? Cuidado para não se embriagar, hein?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho...

— Ah, lógico, vocês, jovens, têm boa resistência ao álcool...

Para dizer a verdade, para mim basta um copo e já me sinto embriagado, mas não é exatamente o caso de contar isso a ele, além de todo o resto, claro.

— Então, vamos pedir alguma coisa...

— Vamos, obrigado...

Não sei como dizer a ele que, na verdade, eu já deveria estar jantando em outro lugar.

— Eu prefiro um prato leve...

— Ah, muito bem... — O que isso quer dizer? Ele abre o cardápio e o lê com curiosidade; de vez em quando, me olha de relance. — Já escolheu o que vai pedir?

— Já, um pouco de presunto...

— Só isso?

— Só... Não estou me sentindo muito bem.

— Ah. — Ele fica um pouco desapontado. — Tudo bem, vou acompanhar sua decisão e pedir algo leve também. — Então, chama o garçom, que chega imediatamente à mesa.

— Pois não?

— Então, para o senhor, um presunto... Como você prefere?

— O mais suave possível.

O garçom sorri para mim, feliz por poder ostentar essa *delicatesse*.

— Temos um ótimo ibérico...

— OK, para mim está ótimo.

— E para o senhor?

— Eu gostaria... — Dá uma última olhada no cardápio. — *Maltagliati* com cogumelo *porcino* e um *ossobuco*.

— Perfeito.

— Ah, pode me trazer antes uma muçarela de búfala? Está fresca?

— Fresquíssima. O senhor quer um pouco de presunto para acompanhar?

— Sim, obrigado, de Parma.

— OK.

Vittorio coloca o guardanapo no colo depois de alisá-lo. Ainda bem que ele queria comer pouco. Depois, muda de expressão, levanta os olhos e me olha. Fica um instante em silêncio, um pouco constrangido. Ou é um ótimo ator ou realmente se encontra em dificuldade para falar.

— Então, Nicco, o que está acontecendo?

— Hein?

— O que aconteceu?

Olho para ele. O que aconteceu? Aconteceu que você está numa grande enrascada, que minha irmã é uma cretina e você se casou com ela! Aconteceu, também, que vocês têm um filho e que, mesmo que vocês não percebam, ele sofrerá por isso, pobre Francesco! Eu sinto muito por ele, muito mais do que por todos. Naturalmente, não consigo dizer nada disso. Fico em silêncio. E Vittorio me olha com uma expressão adulta, o sorriso sereno de quem está em condições de compreender. Quero ver o que ele vai dizer. Talvez eu deva dizer qualquer coisa, talvez, de algum modo, eu possa fazê-lo entender.

— Bem...

— Não. — Coloca uma mão adiante e fecha os olhos, como para fazer eu me calar. — Não diga nada. — Depois, reabre os olhos e me olha de um modo ainda mais intenso. — Já sei de tudo.

— Já sabe de tudo?

— Sim...

Suspiro aliviado. Ainda bem, porque não creio que eu teria conseguido lhe dizer nada.

Vittorio continua:

— Eu já passei por isso...

Como já passou? E Fabíola nunca me disse nada? O que aconteceu? Mas com Cláudio ou com outro? Minha irmã é completamente louca. Eu tenho duas irmãs loucas!

— Eu também perdi meu pai, e aqueles momentos foram terríveis. Nos meses sucessivos, eu não sabia ao certo quem eu era, não falava, não tinha vontade de sair, não comia... — Sorri para mim. — Exatamente como você hoje.

— É, sim... — Não consigo dizer nada além disso e permaneço em silêncio a ouvi-lo.

— Você deve saber que meu pai era tudo para mim, era o meu ponto de referência, o modelo a ser seguido, alcançado, superado; sim, porque para mim ele era um desafio, uma pessoa com quem eu, quando criança, não falava muito, não conseguia me abrir com ele, mas, depois, com o tempo, criou-se uma relação de... não propriamente de estima, não sei como dizer... sim, de consideração. — Ele me olha satisfeito, como se não tivesse sido fácil encontrar aquela palavra. — Talvez um pouco como tenha acontecido com você...

— Sim, realmente...

Ele não me deixa falar e recomeça imediatamente.

— Porque meu pai era difícil, muito fechado, e mesmo quando falávamos eu percebia que ele não me escutava. Aliás, às vezes, falava junto comigo ou, quando deveria me responder, falava de outra coisa, quer dizer, não tinha nem escutado. E talvez o próprio desejo de suscitar o seu interesse tenha se tornado a razão do profundo amor que eu ainda sinto por ele. E não creio que...

Mas sou eu que não creio! Quer dizer, ele não sabe nada! Eu queria dizer outra coisa! Eu não tenho nenhuma

semelhança com esse retrato! Meu pai me ouvia. Meu pai ria junto comigo, meu pai me ajudava, me aconselhava, talvez até risse de mim, mas o fazia com amor, me gozava, mas era o seu modo de suavizar o meu caráter, de me tornar melhor.

Por exemplo, quando eu me zangava e ia jogar futebol no pátio, ele me dizia: “Você é como o marido que, só para contrariar a mulher, é capaz de cortar o pau...”. Aquilo me parecia uma coisa absurda, mas resumia a ideia! E me fez rir muito.

Para Ciccio, tudo devia estar sempre enquadrado, dentro dos padrões corretos, e foi exatamente isso que me fez compreender o quanto era adequada essa frase de meu pai. E ainda hoje, quando desisto de alguma coisa boa por culpa da minha estupidez, me lembro dessa história. Sim, penso naquela frase, sorrio e acabo mudando de ideia. E penso que meu pai era um grande cara, porque com uma frase tola, na realidade, evitou que eu fizesse um monte de besteiras.

Chegam à mesa meu presunto ibérico e a muçarela de búfala com presunto. É enorme. Vittorio a corta, enfia um pedaço gigantesco na boca e, enquanto parte do leite escorre pelo queixo, recomeça a falar.

— Você entendeu como era meu pai? No fundo, era um homem simples, um trabalhador sem senso de humor, mas que talvez o encontrasse na vida. Como também o teu pai era um pouco, enfim... — Limpa-se com o guardanapo e, em seguida, coloca uma fatia de presunto na boca e continua a falar enquanto mastiga. — Eu achava teu pai simpático.

Lembro-me de que, quando eu e Fabíola estávamos para nos casar, os nossos pais discutiram. Era natural. Meu pai não queria dar uma casa pra gente e as despesas com o casamento eram realmente muito grandes... E depois...

Ele fala de coisas que eu sinceramente não conheço e com as quais não me importo absolutamente, mas imagino meu pai naquelas discussões. Quem pode saber o que ele de fato achava? Ele que sempre odiou contas e para quem o dinheiro sempre foi um meio e não, certamente, um fim, e, por essa razão, era algo destituído de qualquer interesse.

— Finalmente, chegaram a um acordo — continua ele. — Mas eu disse não, não é justo, e discuti com teu pai...

É claro! Imagino a chatice! Imagino toda aquela babaquice, a preparação do casamento, a lista de convidados e as outras mil decisões... E meu pai que deve ter ouvido Vittorio e seu pai, que bem se vê são idênticos, que falam sem parar, que não ouvem, que não têm curiosidade nem coisa alguma.

— Então, conseguimos encontrar uma solução justa, mesmo porque é sempre assim, a solução está sempre no meio. — Ele diz essas frases tão banais enquanto ataca os *maltagliati* com cogumelo *porcino*.

Olho para o relógio. É tarde. Mando uma mensagem para Ciccio, escondendo o celular embaixo do guardanapo.

“Estou atrasado.”

Pouco depois, chega sua resposta. “Eu também.” Ele é impossível, sempre me deixa de bom humor. E, depois,

felizmente, chega o *ossobuco*. E, assim que Vittorio coloca o último pedaço na boca, eu olho o relógio.

— Desculpe, mas tenho de ir embora... Sabe como é, Valéria volta logo e não gostaria que não estivesse ninguém em casa e, além disso, minha mãe...

— Claro, claro. — Ele enxuga a boca e se serve de um pouco mais de vinho. — Não se preocupe, vai, vai, eu acerto tudo aqui.

Era só o que faltava! Imagina racharmos a conta depois de tudo aquilo que ele comeu! Mas eu adoro rir da cara dele.

— OK, obrigado.

Começo a me afastar.

Vittorio me detém.

— Ah, escuta.

— Sim?

— O que eu digo pra Fabíola quando ela me perguntar? Sabe, era muito importante para ela que nós jantássemos juntos.

— Diz pra ela que... às vezes é difícil falar. Ela vai entender.

— Certo. — Ele concorda, contente, como se aquela fosse exatamente a frase que esperava.

Pouco depois, estou no carro, correndo, procurando recuperar o tempo perdido, quando chega uma mensagem. Poderia ser Ciccio querendo notícias, mas é Fabíola, com seu incrível senso de oportunidade.

“E então? Como foi? Você falou com ele?”

Respondo sem hesitar: “Claro!”.

Foi o tempo de escrever e imediatamente chegou outra mensagem.

“E como ele reagiu?”

“Muito bem. Disse que já tinha passado por isso.”

Afinal, não tem sempre que sobrar pra mim, não é?

Ciccio e as duas estrangeiras estão no Renato e Luisa, numa pequena travessa atrás do largo Argentina, na Via dei Barbieri, 25.

Quando entro, estão à mesa e riem. Renato se exhibe em truques de mágica e faz aparecer um buquê de flores por baixo de um guardanapo depois de ter feito desaparecer uma fatia de pão.

— Ah, não, Renato! O pão aqui é muito bom! As flores não servem para comer...

Ciccio é sempre o mesmo. Sento-me junto a eles e, num instante, me esqueço de Vittorio, de Fabíola e de todos os problemas deles.

— Mas onde você estava? O que estava fazendo? Ann parecia enlouquecida... — Ciccio ri, olhando para ela, e pisca o olho. — Para mim, esta aqui está louca por você. Está como Nutella espalhada sobre este pedaço de pão... Você só tem de morder!

— Neste momento, estou com vontade de comer algo salgado... — E pego um *grissini*.

— Sei, conta outra... Quem tem o pão não tem os dentes...

— Eu estava brincando...

— Então começa a treinar e experimenta esta *pagnotta*!

É deliciosa e desmancha na boca. Tem sabor de queijo, talvez ricota, e também um pouco de menta. Ciccio, que é um verdadeiro *gourmand*, pediu vinho branco, um Sauvignon, para acompanhar a primeira parte do jantar.

— Luisa, você tem de tirar estas duas do sério!

A senhora ri e balança a cabeça.

— Não, não, eu não quero nenhuma culpa...

— Não se preocupe... — Depois, ele se dirige a Ann e Raily. — Quem não tem culpa... Vocês entendem? *Colpa?*

As duas concordam.

— Atira a primeira pedra... Sabe? É Jesus Cristo!

Ann ri e Raily lhe dá um empurrão. Neste momento, chega Luisa.

— Então... Aqui estão as bolinhas de provolone gratinadas com *speck*^[36] e ameixas. — Coloca-as no centro da mesa. — E junto lhes trago abobrinhas recheadas com ricota e com sementes de girassol... Se não perderem a cabeça assim, não estão mesmo com nada! — Ela se afasta, deixando-nos inebriados pelo aroma daqueles pratos recém-saídos do forno.

Ann e Raily começam a comer. Sopram por cima porque as abobrinhas ainda estão quentes, mas, quando as mordem, são muito delicadas. A ricota parece aprisionada pela massa, e a abobrinha, com um leve toque de anchovas, é realmente um espetáculo. Ann fecha os olhos enquanto come e depois os abre lentamente.

— É fantástico...

Sorrio para ela.

— Sim, como seus beijos.

Ela também sorri para mim, se aproxima e me dá um beijinho na boca.

— Onde você estava? Por um momento, achei que não vinha. Sabe o que pensei? Que tinha encontrado sua namorada... — diz ela em inglês. Depois, fica um instante em silêncio. — E preciso dizer que fiquei triste... E até chocada. — Depois, sorri. — Mas agora você está aqui! — Eu também sorrio, fingindo ter entendido tudo, mas deve ter sido alguma coisa boa, porque ela acaricia minha mão.

Então, pego uma bolinha de provolone e lhe ofereço; ela dá uma mordida, cortando-a ao meio, e depois a traz em minha direção, acompanhando-a até minha boca, convidando-me a comê-la. E assim faço. É ótimo, o *speck* com as ameixas, um sabor um pouco doce, um pouco salgado.

— Essa é a especialidade deles... — Ciccio me olha satisfeito. — Bom, hein? Doce e salgado... Também em outros pratos.

— Sim, é tão bom!

E continuam a chegar outras entradas, almôndegas de carne de porco, anchovas com vinagrete de laranja e, depois, fantásticas degustações de massas, como o *tagliolini cacio e pepe*, o *fiori di zucca*, *tagliolini* com anchovas e pecorino e *strozzapreti* com trufas e cogumelo e *alll'amatriciana*.

— Estão incríveis... — diz Ann.

— Sim! O nome é “estrangula”...

Ciccio coloca a mão no meu pescoço, fingindo me estrangular, e eu coloco a língua para fora, continuando a brincadeira, e finjo estar ofegante. Depois, Ciccio começa a rezar.

— Estrangula-padres!

— Padres? Estrangula-padres? E por quê? — Ann fica intrigada com aquele nome.

Ciccio encolhe os ombros.

— Eu não sei, mas é muito bom... Repete comigo: “*So’ boni!*”.

Ann repete rindo:

— *So’ boni!*

Seu sotaque americano deixa tudo mais engraçado ainda. E eu me lembro de Alberto Sordi.

— Você conhece Alberto Sordi? — pergunto a Ann.

— Sordi, não. Quem é?

— Ele é muito famoso, uma pessoa muito simpática... “*M’hai provocato? E io me te magno!*”^[37] — Eu me aventuro sobre aqueles esplêndidos *tagliolini*, imitando-o. É claro que elas não podem conhecê-lo, são muito jovens, mas foi exatamente esse filme o primeiro a me deixar apaixonado pela ideia de viajar, de conhecer outro país, outra língua, e talvez, mais cedo ou mais tarde, isso aconteça.

— Aqui está a continuação! — Agora é Renato quem chega trazendo diversos pratos nas duas mãos. Parecendo um equilibrista, faz os pratos girarem e os coloca na mesa

com delicadeza. — Picadinho com nozes, rolê de berinjela, carne de porco assada com batatas! — Cada prato é um trio com várias porções pequenas, e, dessa vez, Ciccio escolheu um bom vinho tinto.

— Este é um Montepulciano, é ótimo, sente o perfume, sente, sente.

Serve o vinho em novas taças que nos trouxeram para que todos possamos prová-lo. É muito bom, mais pronunciado do que o primeiro.

— Sente como é encorpado...

— Mas onde você aprendeu todas essas coisas?

— Beatrice fez um curso de *sommelier*! — explica Ciccio.

— Não acredito, e por quê?

— O pai dela é proprietário de uma casa de vinhos, e ela vai trabalhar com ele, e assim me ensinou algumas coisas...

— Ah... E você não diz à outra que sabe todas essas coisas sobre vinho?

— Posso ter aprendido tudo na internet...

— Sim, claro, como não? Já estou até vendo você fazer um curso de *sommelier*, enquanto baixa um filme pornô!

— OK, de qualquer maneira, ela não se faz todas essas perguntas e está muito contente porque o pai tem um restaurante... E, assim, eu ensino a Deborah como combinar vinhos!

— Claro... Enquanto Lúcia, aquela do pub, ensina a você tudo sobre cerveja.

— Exatamente! Vê? Aos poucos vou ficando culto... Assim, os estrangeiros nos verão como um povo que ama as próprias tradições e conhece arte, mesmo a culinária. A propósito, viu que cozinheiros esses dois? São espetaculares, hein?!

Ele ri como um louco, sabendo de antemão ter dito uma cafonice.

— Esta vocês têm de provar, com toda certeza, é a nossa especialidade!

Renato e Luisa se apresentam juntos. Não consigo saber qual dos dois é o verdadeiro cozinheiro. Talvez nenhum dos dois, e o verdadeiro mago é outra pessoa qualquer, mas não tem importância, eles nos fazem sentir tão bem, é quase como se estivéssemos na casa de um amigo, e eu acredito que esta seja a melhor coisa em um restaurante.

— Aqui está, torta de chocolate com creme de mascarpone...

Eles colocam quatro fatias da torta à nossa frente. Raily não espera a explicação e enfia a colher dentro da torta, pega uma grande quantidade e põe na boca como a mais mimada das crianças.

— Hum! É incrível! — diz com a boca cheia. Ciccio não deixa por menos. Parece que estão numa competição e raspam os pratos com a colher, fazendo barulho, cada vez mais rápido, e, no final, Ciccio vence.

— Acabei! — Depois, olha para ela com ar de esperto, levanta a sobrancelha cheio de desejo e sorri de maneira

apetitosa.

— Vamos pedir outra? *Another one?*

Pouco depois, já estamos na rua, e devo dizer que o jantar foi fantástico.

— Venham, tenho uma ideia sensacional! Tenho certeza de que vocês vão ficar sem palavras... Uma grande ideia...

Ciccio passa pelo *ghetto*^[38] e pela praça Mattei e segue por um pequeno beco. Depois, vira à direita e chega à Via de Sant'Ambrogio.

— Pronto, chegamos. Estão nos esperando.

Leio o nome do local: AcquaMadre Hammam.

— Mas não é possível... Um banho turco? Mas eu não tenho minha sunga.

— Aqui está! — Abre a sacola que traz a tiracolo e pega alguns embrulhinhos com quatro roupas de banho. — Raily, Ann, estes são para vocês, e este é o meu. Aliás, somos só nós. Até poderíamos tomar banho nus. — Pisca para mim e some dentro do estabelecimento. — Oi, Manu, eles estão comigo. Já combinei tudo com o Armando...

Manu, uma bela moça com um piercing no nariz, distraída com o que está acontecendo na tela de um computador, nem olha para nós.

— OK. Você conhece o caminho, não é?

— Conheço... — Ciccio desce rapidamente alguns degraus, desaparecendo no andar de baixo, e é seguido por nós.

— Vocês vão para lá. As roupas de banho servem? Vocês gostam das cores? — pergunta em inglês a Ann e Raily.

— Sim, são perfeitas. Até os tamanhos!

— Os tamanhos? Eu tenho um bom olho...

E, sorrindo, pisca para Raily, que balança a cabeça em euforia.

— Você é louco!

— Com certeza, por você...

Pouco depois, eu e Ciccio estamos na água, que está uma delícia, quente na medida certa, e estamos um pouco curiosos à espera delas.

— Viu que bela noite? Jantar perfeito e agora estamos aqui nas velhas banheiras, como os antigos romanos, aliás, melhor...

— E por quê?

— Porque eles não tinham estrangeiras! *Fiuuuu!* — Assobia rapidamente, baixo como uma serpente com guizo, e me belisca entre as pernas.

— Para com isso! — Pulo imediatamente para trás.

— E tudo pago! O que você quer mais?

— Realmente, mal posso acreditar nos meus olhos, quer dizer, nos meus bolsos!

— Olha, cara, quando eu digo uma coisa, tá dito. Lá vêm elas, lá vêm elas!

Veem-se de longe os reflexos daqueles cabelos claros. O vapor cria uma neblina leve que as envolve, as acompanha,

revelando-as somente no final, quando saem conversando pela porta de vidro.

— Não, elas encontraram as toalhas!

Ciccio fica desapontado. Mas, ao chegarem em frente à banheira, elas tiram as toalhas, o fazem quase juntas, lentamente, deixando-as ali na borda. Raily está um pouco envergonhada, se cobre com as mãos e entra logo na banheira. Ann, ao contrário, parece mais segura, levanta os braços e prende os cabelos com calma, no alto da cabeça. Enquanto o faz, me olha, coloca o elástico na boca e sorri para mim. E eu não posso deixar de olhar para seus seios grandes, rijos, nos quais o pequeno biquíni escolhido por Ciccio parece estar simplesmente apoiado. Ela percebe e começa a rir; depois, entra na banheira e vem sentar-se perto de mim, apoia as costas, fecha os olhos e relaxa. A água está muito quente. O celular que Ciccio deixou sobre a borda toca. Ele atende, mas não ouço o que ele diz. Estou muito mais envolvido com Ann, que agora chegou mais perto e roça sua perna em mim.

— Você gostou daqui? — pergunto a Ann.

— Gostei, é bem legal! Você é muito legal, e foi um *tour* completamente diferente. Muitas amigas me contaram sobre suas experiências com italianos, mas algumas disseram que não se divertiram. Conheceram caras na Piazza Navona ou em boates ali perto, e eles tentaram levá-las imediatamente para a cama... Não são como você. — Depois, para de falar em seu inglês rápido e me olha. — Você entendeu?

Olho para ela perplexo.

Ela insiste.

— Você entendeu? — Desta vez, fala mais devagar.

— Ah, sim, eu acho que sim... Alguma coisa!

Ela ri, balança a cabeça e depois nada pela banheira e vai até Raily, que está do outro lado. Então, começa a tocar uma música.

Tu vuo' fa' l'americano, americano, ma sei nato in Italy...[39]

Ciccio se aproxima de mim.

— Gostou? Eu pedi ao Armando para colocá-la! Hoje não tem desculpa! Você vai ver depois...

E, como uma serpente com o guizo, me belisca de novo entre as pernas.

— Sai pra lá... — Dou um pulo para o lado.

Enquanto isso, Ann fala com Raily e continua a olhar para mim. Sorri para ela, lhe diz que sim, que já decidiu, que é assim e pronto. Raily rebate alguma coisa, Ann balança a cabeça em negativa. “OK, como você quiser” parece dizer Raily, que por fim aceita a sua decisão. Depois, parece acontecer uma daquelas cenas de filme em que casais se encontram: Ann deixa Raily e vem em minha direção enquanto Ciccio vai em direção a Raily. Porém, em geral os apaixonados estão sobre uma ponte, caminham lentamente e, quando chegam um ao outro, se abraçam. Ao contrário, ela me beija e me acaricia, sussurra coisas ao meu ouvido, depois se afasta um pouco e me olha melhor. Eu a vejo, belíssima, e quando se aproxima novamente desliza a mão

mais para cima, sobre a minha coxa, sempre mais para cima, e percebe o quanto eu a desejo. Então, eu a puxo para mim, acaricio-a também, beijo-a e toco em seus seios, agora mais duros do que eu tinha imaginado, cheios, redondos. Desço as mãos por seus quadris macios. Depois, desço ainda mais... Então, ela tem uma espécie de estremecimento, mas depois se entrega, abre um pouco as pernas, e eu enfio a mão sob seu biquíni, pequeno, tão pequeno que me faz compreender mais do que nunca que Ciccio é um gênio.

Olho para ele. Está do outro lado da banheira, com os braços para trás, apoiados sobre a borda da banheira, completamente relaxado. Os olhos estão fechados e se deixa beijar por Raily, que o faz sem pressa, seguindo a sua famosa filosofia: “Há um momento para tudo”. Vê-se que ainda não é o momento.

Ann suspira no meu ouvido, me fala em inglês enquanto meus dedos se movem dentro do seu biquíni, dentro dela, acompanhando seus suspiros enquanto me morde o lábio e depois a orelha, se esfrega em mim, e, num instante, sinto que goza e, finalmente, quase se deixa cair sobre o meu peito e me abraça mais forte.

— Precisamos fechar! — grita a moça que estava na recepção após abrir a porta de vidro. — Dez minutos! — Depois, ela deixa a porta aberta e some da mesma maneira como apareceu.

Ann sorri para mim.

— Bem na hora... — Ela me dá um último beijo. Depois, sai correndo da banheira, pega a toalha e, sem ao menos colocá-la, se dirige ao vestiário seguida por Raily, que, ao contrário, se cobriu.

Ciccio cai em cima de mim como um falcão.

— Cara, que corpão o da Ann! É um espetáculo! Tem uma bunda pra ninguém botar defeito, e que tetas! Eu olhei pra ela, cara, e vi que estava entrando em ebulição!

— Mas como? Você estava dormindo...

— Dormindo nada, cara, estou sempre alerta!

E, inevitavelmente, me ataca pela terceira vez, rápido como uma serpente, mas não consigo evitá-lo.

— Para, porra!

— Belisca a cobra!

Na saída dos vestiários, estamos todos mais relaxados, e, enquanto esperamos na entrada, a moça com o piercing no nariz nos dá alguns folhetos.

— Se quiserem voltar, fazemos muitas outras coisas, *scrub*, argila, lama, massagens com óleo de argan, máscara de argila, de rosa, de manteiga de carité e muitos outros tratamentos... Se fizerem uma inscrição, ofereço também um brinde... — Depois, ela sorri. — Está bem, OK, dois brindes, para as suas amigas também.

Ciccio intervém.

— Obrigado, vamos pensar, somos muito amigos do Armando...

— Sim, como preferirem.

A moça volta para o computador. Deve receber uma comissão por cada inscrição que consegue fazer; do contrário, não haveria razão para todo aquele interesse. Pouco depois, chegam Raily e Ann. Elas secaram os cabelos, que estão novamente macios e vaporosos, e ainda têm as bochechas coradas, aquecidas pela temperatura dos vestiários.

— Ei-las, vamos... Tenho uma surpresa para vocês!

Ciccio é o único que parece não estar sob os efeitos do banho superquente. É movido a adrenalina. Segura a mão de Raily e sai da AcquaMadre.

— Olha ela ali! Você gostou? A gente faz um *tour* bem romântico em Roma.

Uma charrete com cavalo e cocheiro está parada à nossa frente.

— O nome é *botticella*!

Raily repete divertida:

— *Boticela*...

— Sim, mas com dois “t” e dois “l”... Eles amam seus cavalos... Não é mesmo, Cristiano?

— O quê? — O sujeito na charrete ajeita o estranho chapéu e olha para Ciccio com curiosidade. — O que disse?

— Que vocês amam os seus cavalos...

— Claro, muito! Eu não deixo que ele fique cansado. Faz apenas duas corridas por dia... E também coloquei rodas grandes de borracha, que cansam menos. Eu te disse que sou animalista! Esta tradição não pode desaparecer! Em toda a

Europa ainda existem charretes com cavalos, e fomos nós que as inventamos, nós, os romanos... E aqui correm o risco de desaparecer.

— Sim. Foi nossa ideia, no passado — continua ele em inglês. — O imperador romano... O gladiador, sabe? Russell Crowe? Já viu? Isso, é a mesma coisa! Nós amamos os cavalos.

Ele ajuda as moças a subirem na charrete, e, no instante seguinte, começamos a rodar por Roma.

Cristiano nos oferece espumante. Ciccio tenta desesperadamente abrir a garrafa, faz um pouco de esforço, mas, finalmente, a rolha voa no momento em que estamos atravessando a Piazza Venezia. Ciccio, em pé e equilibrando-se como um surfista, com as pernas abertas, tenta colocar a bebida nos cálices que seguramos enquanto a carroça segue balançando sobre o antigo pavimento. Passamos pela Via del Corso, subindo pela Via del Tritone, e pela Piazza di Spagna, bebendo mais espumante. Ann e Raily riem e brindam.

— Que Roma seja tão linda sempre que voltarmos aqui!

Elas mandam o espumante para dentro, até a última gota, e apanham outro enquanto subimos pela Via San Sebastianello e Piazza Trinità dei Monti. O cavalo cavalga com agilidade, sem sentir o nosso peso, e as grandes rodas giram velozes e silenciosas pela Viale Gabriele d'Annunzio e depois pela Viale di Villa Medici, dentro do Pincio. Escondidos pelas árvores altas com grandes copas, na escuridão do parque, eu e Ann nos beijamos. Depois, ela se

afasta, me olha nos olhos e segura meu rosto como se não quisesse me deixar escapar, como se quisesse dizer alguma coisa, e o faz em italiano.

— *Tu me piace molto.*^[40]

Ela sorri como se não estivesse exatamente segura da pronúncia. No entanto, ela disse perfeitamente, como uma autêntica italiana, enquanto eu, independentemente da língua, fico em silêncio, como em outras mil vezes, como me aconteceu diante de Alessia. Olho para ela em silêncio e sorrio, e tudo estaria perfeito se eu soubesse dizer “eu te amo”.

— Mas onde você deixou o carro?

— Ali atrás, olha, me deixa aqui que é mais fácil...

Eu e Ann descemos da charrete. Ciccio se despede de nós lá de cima, ao lado de Raily.

— Aonde vocês vão agora?

— Não sei, por quê?

— Não estrague a atmosfera da noite... Elas estão cozidas ao ponto!

Até Cristiano acha graça.

— Ei, será que vocês não têm uma terceira amiga?

— Olha lá, hein, eu tenho certeza de que elas entendem perfeitamente nossas conversas em italiano.

Ciccio ri exageradamente e quase engasga; no instante seguinte, recupera a lucidez.

— Aí, Nicco, vocês não vão na Via del Fico, no bar atrás da Piazza Navona, vão?

— Não, acho que não, por quê?

— Porque Bea ia sair hoje com uma amiga dela para jantar no Francesco.

— Mas já é meia-noite...

— Eu sei, mas ela não me mandou o SMS de sempre... E Debby foi ao Campo dei Fiori pra comer no Carbonara... Para

dizer a verdade, eu queria ter levado Ann e Raily lá, mas, felizmente, o garçom que conhece a gente me avisou. De qualquer maneira, não tem nenhum problema com a Debby...

— Por quê?

— Ela já me mandou uma mensagem de boa-noite. Está em casa. A esta hora já está dormindo.

— Ah...

— Enfim, se você não aparecer por lá é melhor. Eu disse a Bea que estaria com você, que estaríamos no escritório ou na tua casa estudando uma ideia revolucionária na internet...

— Você disse isso? Na minha casa? E se ela telefonar pra lá?

— Estaremos no escritório.

— E se telefonar pro escritório?

— OK, desisto...

— E qual é essa ideia revolucionária na internet?

— Sei lá! Escuta, você acha que se eu tivesse encontrado uma ideia revolucionária na internet ainda estaria aqui a bancar o babaca? Não, né? Pelo amor de Deus, Nicco!

Eles partem com Cristiano, que move com agilidade as rédeas e Bronto, esse o nome do cavalo, pelo que descobri, que não precisa ser repetido duas vezes. Somem por trás da esquina da praça Mancini.

Eu e Ann começamos a caminhar; no silêncio da praça, ouve-se algum carro que passa ao longe em alta velocidade. Por baixo da ponte Duca d'Aosta, o Tevere corre, e um pouco

mais adiante o grande Estádio Olímpico jaz sonolento na ausência do entusiasmo de uma partida de futebol.

— Eu tenho uma surpresa. Você vem comigo? — pergunto a ela em inglês.

— Claro, o que fizer, eu vou amar. Estou aproveitando muito e acho que essa será uma daquelas férias que jamais esquecerei.

Fico por um instante em silêncio; depois, assumo um ar típico de Ciccio e faço um sinal de sim.

— Mesmo?

— Claro!

Ela entra no carro sorrindo, eu abaixo a capota e ligo o rádio ... *E sarà bellissimo, perché gioia e dolore han lo stesso sapore con te, vorrei soltanto che la notte ora velocemente andasse e tutto ciò che hai di me di colpo non tornasse e voglio amore e tutte le attenzioni che sai dare e voglio indifferenza semmai mi vorrai ferire...*[41] Foi por acaso que “Ti scatterò una foto” começou a tocar, mas às vezes é como se o destino escolhesse algumas coisas por nós, porque são perfeitas. Dirijo rápido e vejo que ela joga a cabeça para trás e tira o elástico; os seus cabelos se perdem ao vento, e eu me perco com ela em meus pensamentos. E me sinto leve. E não existe nada melhor do que a música, o vento, um carro e uma bela garota. Não, me enganei. E Ann. Aperto sua mão, e ela fica de olhos fechados, com a cabeça apoiada no encosto do banco. Depois, se vira lentamente na minha direção, abre os olhos verdes e me olha em silêncio enquanto eu continuo a

dirigir. Sorri. Naquele sorriso está toda a beleza deste momento que estamos vivendo. Eu e uma americana, eu e uma estrangeira, mesmo que eu não entenda noventa por cento das coisas que diz! Talvez seja por isso que estou tão bem? É possível que duas pessoas tão distantes possam se apaixonar? O que acontecerá depois em sua história? Em geral, quando conhecemos alguém existe algo em comum, um amigo, uma escola, uma festa, um show, um lugar que sem sabermos foi vivido juntos... Com ela nada disso existe. Não há passado. Mas haverá um futuro? Por que estamos sempre à procura do futuro? Por que não somos capazes de viver o presente? Meu pai sempre dizia: “Todos começam as coisas às segundas-feiras, todos esperam que um dia algo aconteça, todos frequentemente dizem ‘de amanhã em diante...’. E, no entanto, se perdem no hoje!”.

Bato também concorda com essa ideia. Até mesmo Guido Pietra concorda. Enfim, todos pensam dessa maneira, exceto Ciccio. E devo dizer que também eu pensava assim, mas esta noite, pela primeira vez, me sinto preso à terra, quero e pretendo o hoje, o agora.

Seguro a mão de Ann enquanto dirijo, olho para ela e, é uma coisa impressionante, me sinto o máximo e quero que esta noite seja vivida intensamente, sem reservas. Como dizia aquela citação em latim? Ah, sim, *carpe diem*! Estaciono no beco sem problemas; não há ninguém a esta hora... Ann desce do carro enquanto eu fecho a capota e pego uma bolsa no porta-malas.

— Vem comigo...

— Aonde vamos?

— É uma surpresa. — Apanho um molho de chaves.

— Uau, quantas chaves! Como as chaves para entrar no paraíso! Você é São Pedro? — E continua a dizer outras coisas em inglês, fala muito, mas sempre sorrindo, e tenho certeza de que está dizendo algo engraçado, talvez até interessante. Taí... Se devo mesmo olhar pro futuro, uma coisa é certa: estudarei inglês!

Finalmente encontro a chave certa. Abro o portão. Ann me segue. Entramos no saguão, que, de fato, é muito bonito.

— É lindo! É sua casa? Você mora aqui?

— Sim, às vezes...

Ela me olha, surpresa.

— Como assim “às vezes”?

Entramos no elevador e aperto o sete, o último andar.

— É que tem... múltiplos proprietários. Entende?

— Não, mas não tem importância. É como um sonho. Não importa o que acontece.

— Sim!

Esse me pareceu o melhor modo para sair da saia justa. Chegamos ao andar e tento abrir a porta. Dou sorte e encontro logo a chave. Mas nem uma volta na fechadura? É estranho. Tiro a chave e abro a porta. As luzes da sala estão acesas, tem alguém aí. Não posso acreditar! Mas como é possível?

— Vem comigo...

A cozinha deve ser aqui, à esquerda, sim, me lembro perfeitamente da planta.

— Pode esperar por mim aqui? Só por um momento...

Acendo as luzes e Ann senta num banquinho. Ela observa a cozinha, surpresa.

— Este lugar é muito diferente, mas acho que eu não tinha entendido nada sobre você. Você parecia um cara tão simples, mas é bilionário!

— Eu não entendi o que disse! Volto em cinco minutos.

— Aonde você vai?

— Quero fazer uma surpresa para você.

Eu a deixo sozinha e corro até a sala. Não posso acreditar. Quem está aqui? São os proprietários. Eu achei que seria genial trazê-la a esta cobertura de quatro milhões de euros que dá para o Coliseu e de onde se veem os fóruns imperiais. Muito mais do que *carpe diem*, *carpe* tudo, e, para o meu azar, alguém me passou a perna. E agora? O que vou dizer? Que é uma estrangeira que trabalha para uma imobiliária internacional e que poderiam vender este imóvel até por um preço mais elevado? Não, nunca acreditarão nessa história.

— Tem alguém aí? Quem está aí?

Entro na sala, atravesso-a e sigo em direção aos quartos.

— Tem alguém aí? Com licença... Tem alguém aí?

Uma porta nos fundos se abre lentamente e, devagarinho, surge ele, Gianni Salvetti.

— Oi, Niccolò. Bem...

— Não é possível, Gianni, o que você está fazendo aqui?

Ele é casado e é o mais triste de todos na imobiliária... Com certeza, pegou as chaves e veio para cá, mas com quem?

— Olha, você não me viu, OK?

Ele se aproxima e sorri para mim. Que estranho... Sempre me tratou como um babaca e agora eu lhe pareço simpático e até inteligente.

— Você não me viu aqui. Precisa me fazer esse favor... Imagino que tenha vindo com amigos...

— Não, com uma amiga. Você sabe... Não sou casado.

Ele fecha os olhos. Eu, ao contrário, olho para ele e sorrio. Ora veja! Eu acho que, de vez em quando, a vida dá suas voltas, e, quando isso acontece, devemos ir à desforra, mas de tudo mesmo, sem exagero, claro, e também sem querer bancar o superior ou aquelas besteiras que às vezes ouvi entre as amigas de Fabíola nas suas discussões de mulheres, quando diziam “não se rebaixe por nada... *noblisse oblige*”^[42] ou qualquer outra bobagem do gênero. Não, não, neste momento sinto muito prazer em ver a cara de Gianni Salvetti, e quem não sentiria?

— Bem, então, Nicco, eu vou dizer que nós não nos encontramos... Sim, é isso, OK?

— Sim, realmente nós não nos encontramos, mas se você for embora com os seus... amigos, aí, claro, acho que vou esquecer tudo isso.

— OK... Eu sabia! Sabia que você é assim, uma pessoa em quem podemos confiar. Benedetta sempre disse... E também

o dr. Bandini. E eu estou feliz porque de hoje em diante nossa relação será mais próxima. E lamento se algumas vezes estive muito ocupado; de agora em diante, seja para o que for, eu estarei disponível para você. E virei ao seu encontro.

Ele me dá um tapa no ombro e sorri.

— Então, Niccolò, se você voltar para lá, eu e “meus amigos” vamos embora... em silêncio.

— Certo.

E nos separamos assim. Gianni Salvetti dirige-se ao quarto nos fundos e somente agora percebo que a camisa sai para fora da calça atrás do casaco e que, olhando melhor, os sapatos estão desamarrados. Ele e “seus amigos” irão embora agora e ele não quer que eu os veja. Claro.

Volto para a cozinha e sorrio para Ann.

— Só cinco minutos... — Ela levanta os ombros e faz um sinal, dizendo “OK”. Pego a bolsa que eu trouxe sem que ela perceba.

— Quer beber alguma coisa? — Depois, ouço o barulho da porta nos fundos sendo aberta. Faço um sinal para Ann ficar em silêncio. — Shhh... — Saio da cozinha e fecho a porta. No corredor escuro, mal tenho tempo para pegar o celular e começar a filmar, pois Gianni Salvetti chega à porta principal, a única saída além da porta de serviço na cozinha. Abre a porta rapidamente. A luz das escadas o ilumina perfeitamente enquanto faz um sinal para os “amigos” andarem depressa.

— Anda, rápido, não tem ninguém!

Então vejo quem sai do quarto nos fundos: Marina, a moça que acabou de ser contratada pela imobiliária. Não posso acreditar! Mas como? Exatamente ele que tanto a criticava: “Mas como é possível que às vezes elas sejam tão bonitas quanto estúpidas? Deve ser um problema de montagem...”.

Vê-se que Gianni Salvetti superou o problema da estupidez para se ocupar com aquele da montagem...

Epa, epa, ele está para fechar a porta, mas no mesmo instante me vê, ali no fundo do corredor, filmando tudo com o celular. Vejo a cara de Gianni Salvetti empalidecer, mas percebe que é muito tarde, não tem alternativa a não ser fechar a porta e ir embora. Realmente, isso eu nunca poderia imaginar. Surpreendeu a todos. Sim, senhor, Gianni Salvetti! A vida não para de nos surpreender e os homens, ainda mais.

Volto para a cozinha.

— Ei, eu já estava ficando preocupada...

— Está tudo em ordem, desculpe... — Abro o freezer e tiro a garrafa de champanhe que eu tinha colocado para gelar assim que entramos no apartamento. Depois, pego dois copos dentro da bolsa.

— Nossa, você é cheio de surpresas. Mas se essa é a vida aqui... ficarei em Roma!

Ri. Sempre ri essa Ann. Eu, hein!

Abro a garrafa de champanhe, apontando-a para a porta aberta da cozinha, e a rolha atravessa toda a sala e cai perto de uns sofás brancos. Coloco o champanhe nos copos e os levo comigo.

— Vem comigo... Vamos ver a casa!

Andamos pelo apartamento bebendo champanhe. É uma casa realmente incrível. Estamos em frente ao Coliseu e vemos parte dos fóruns imperiais. Levanto mais um pouco a veneziana da janela no fundo da sala e entra a luz da lua.

— Vem comigo...

Saímos para o terraço.

— É tão alto!

— Está vendo? De lá chegam os carros no passado, é a grande rua de Roma — explico a ela, sem saber se meu inglês faz sentido. — Ali ficam a Piazza Venezia, o Palatino...

— Espera, espera... — Ela corre para dentro e pouco depois retorna com seu mapinha de Roma.

— OK, nós estamos aqui...

E assim lhe explico um pouco sobre tudo o que vê, inventando o que não sei dizer em inglês, mostrando-lhe os monumentos mais estranhos e me lembrando de nomes e sobrenomes de comandantes e de imperadores, até mesmo das datas das batalhas, coisas que, se estivessem realmente certas, teriam garantido minha aprovação no Ensino Médio com a nota máxima, e não com os medíocres sessenta e cinco que obtive! O professor Leone Giorgi nunca teria abaixado minha nota como fez. Continuamos a beber e

andamos por toda a cobertura, que é mesmo grande, e eu carrego a garrafa e a bolsa com tudo o que tenho. Subimos uma escada caracol que leva a um quarto belíssimo, provavelmente dos donos da casa. Gianni Salvetti não deve ter olhado bem a planta, senão teria vindo logo para cá.

Apoio a garrafa de champanhe e abro a veneziana com um controle remoto. Em outros casos, tenho certeza de que não o teria encontrado, ou então estaria sem pilhas ou de qualquer modo não funcionaria... Enfim, não teria conseguido, mas, esta noite, tudo parece mágico. Então, Ann se aproxima e me beija. É principalmente ela a ser mágica. Desabotoa minha camisa, mas eu a detenho.

— Só um minuto.

Fica surpresa e me olha perplexa, achando que eu não estou a fim.

— Não, não, está tudo bem. Eu não sou louco.

Então, ela ri enquanto eu abro a bolsa e pego um lençol azul-escuro.

— Me ajuda. — Nós o estendemos sobre a cama. Eu o comprei, juntamente com o champanhe, antes de me encontrar com Vittorio. Ann me olha de vez em quando com um ar malicioso, e eu lhe mando um beijo. Depois, pego o meu iPhone e uma caixa de som pequena. Ligo-a na tomada, acesso o aplicativo de música no celular e escolho a minha *playlist* favorita. Assim, começamos por Rihanna, com “Diamonds”. Eu me aproximo de Ann, acaricio seus cabelos, começamos a nos beijar e perco a noção do tempo, vendo

apenas a sua pele iluminada pela luz da lua, a grande beleza de cada uma de suas menores expressões. Depois, é a vez de Pink, “Try”, perfeita para a ocasião, e nós nos deixamos cair sobre a cama, exatamente como no vídeo, e Ann ri e desabotoa minhas calças e eu, as suas. Ela as tira rapidamente, e também a calcinha, e eu a acaricio. Outra vez, ela está cheia de desejo e passional, macia e perfumada, com sabor de champanhe. Ela me despe e agora estamos nus e rolamos na cama, na penumbra, sobre o novo lençol azul-escuro, diante da lua, do Coliseu e dos carros ao longe... Depois, abro suas pernas devagar e a acaricio mais fundo. Ela move suas pernas entre as minhas e nos desejamos. Depois, para.

— Olha... Nós precisamos ter cuidado...

— Claro...

Eu me levanto e vou até a bolsa. Também tinha pensado nisso, mas não a apanhei porque colocar a camisinha imediatamente poderia dar a impressão de me sentir muito seguro de mim mesmo, ou, como diz Ciccio, acabar dando azar. Mas esta é a minha noite de sorte! Assim, eu a coloco e a penetro docemente. É a primeira vez que estou com uma estrangeira e nunca tinha visto uma tão bela. Consigo me controlar, talvez pelo fato de ter bebido. Enfim, tenho menos pressa, consigo beijá-la e resistir sem ter que pensar em outras coisas. E ela me fala em inglês, me sussurra coisas ao ouvido que eu nunca saberei e que ninguém poderá traduzir para mim, e isso me excita ainda mais. Nós nos beijamos

com paixão, e eu também lhe digo coisas em italiano, e ela ri e me morde e abre a boca e curva as costas e fecha os olhos e depois grita e para de repente e gozamos juntos naquele momento belíssimo e indiscutível quando as palavras não são necessárias e tudo é dito por aquele instante de felicidade.

Depois, ficamos em silêncio, no escuro, abraçados naquele grande quarto, na noite, sobre o lençol azul-escuro, sob a lua, agora alta, e diante das ruas silenciosas. Nesse instante, três coisas me vêm à mente: a primeira é que talvez, na confusão de suas palavras em inglês e das minhas em italiano, eu tenha lhe dito “eu te amo, Ann”. Mas não creio. A segunda é que eu gostaria de ainda ter meu pai para poder lhe contar e lhe mostrar uma foto de Ann para que ele visse o quanto é bela. E a terceira e última coisa é que não pensei nenhuma vez em Alessia, somente agora, com Ann, e tenho a impressão de tê-la traído pela primeira vez na minha vida.

— Oi, Carlo...

— Ah, oi!

— O que foi?

— Antigamente você me trazia o café.

— Pois é, devo prestar mais atenção. É que fui dormir muito tarde ontem.

— Estou vendo... — Sorri para mim. — É, bendita juventude.

Meu tio vai embora e me deixa ali entre os jornais que acabaram de chegar com a tinta de impressão ainda fresca. Meu tio é o irmão caçula de meu pai e frequentemente dependia dele para muitas coisas. E, apesar disso, sempre conseguiram se dar bem, o que nem sempre é fácil. Eu acho que um homem, em geral, tem o desejo de estar à frente de qualquer outro, de tomar seu lugar, assim como agora, por exemplo, no nosso grupo, no qual, entre Ciccio e Bato, ninguém consegue entender quem toma as decisões, enfim, existe sempre um chefe em um grupo e no nosso, na minha opinião, isso ainda não foi decidido.

Mudo de lugar os números de *Dove* que acabaram de chegar, assim como os exemplares de *Cioè*. Tudo é mais pesado desde que decidiram que as revistas com brindes ou

cadernos especiais vendem mais. E, assim, a maior parte vem embrulhada em papel-celofane, cheia de bobagens absurdas que já no dia seguinte não passam de simples e inútil lixo.

— Bom dia, Niccolò, como vai?

É a senhora Adele Bandini, que chega com seu sorriso, com sua elegância e com o seu perfume. Taí, o perfume das mulheres é importante; na minha opinião, é o cartão de visitas delas. Um perfume nos revela quem são, quer dizer, quem são realmente, o que pretendem fazer, sua personalidade, não sei se estou sendo claro. Se uma mulher usa um perfume adocicado, para mim, é um tipo que se contenta facilmente; se, ao contrário, o aroma é mais específico ou difícil, enfim, se é um perfume que depois de tê-lo sentido queremos sentir outra vez, então estamos diante de uma mulher interessante, de uma mulher à procura. Exatamente como acontece com o perfume desta senhora.

— As revistas de sempre?

— Sim, obrigada.

Apanho *Il Tempo*, *La Repubblica*, o novo número de *Dove e Ville & Casali* e coloco tudo na sacola. Aproximo-me dela. Exatamente. É esse, não trocou de perfume. É leve, fresco, um convite à manhã, positivo, esperançoso, à base de rosas. Alessia também tinha um perfume específico. Um perfume muito difícil. Ann, ao contrário, não tem perfume; ela cheira a ela mesma, do banho acabado de tomar, de um

desodorante ou de um creme, talvez, que tenha passado por todo o corpo, delicado e envolvente, macio e...

— No que você está pensando? Vejo que está sorrindo.

— Ah, em nada. — Entrego a sacola e sorrio. — Estava pensando no programa de ontem à noite com os meus amigos...

— Tinha também uma moça?

Decido ser sincero.

— Sim, havia duas.

A senhora me dá vinte euros.

— E uma das duas era bonita?

— Sim, uma linda moça. Aqui está seu troco.

— Me dê apenas cinco euros.

— Obrigado, senhora.

— Bem, estou contente por ver você assim. Tenho certeza de que essa moça mexeu com você!

— Sim... — Começo a rir. — Acho que fui eu que mexi com ela.

— Muito bem, afinal vejo que você entendeu que somos nós, mulheres, a escolher.

No caso dela, não há nada a dizer: mesmo nessa idade, o perfume é perfeito, certíssimo.

— Como você está se saindo na imobiliária?

— Bem, muito bem.

— Por acaso notou alguma coisa estranha ali dentro?

— Não... Em que sentido?

A senhora Adele sorri para mim.

— Sabe como é, a vida entre os colegas é sempre muito próxima, muito tempo juntos, sempre em contato... Ali trabalham muitas moças e também o marido de minha filha!

— Ah, certo...

Se ela soubesse que eu dormi com Pozzanghera, que é sua sobrinha, e que seu genro esteve ou tentou estar com Marina, a recém-chegada, não acharia que é uma imobiliária, mas sim uma agência matrimonial, aliás, para sermos mais precisos, divorcista.

— Sim, certo, certo... — continuo.

— Mas certo o quê? Você poderia me dizer?

— Era o que eu queria dizer.

A senhora Adele balança a cabeça.

— Bem, deixa para lá, estou aborrecendo você com esta conversa. Não diz respeito a você, que se vê que está vivendo um momento dourado...

Ela vai embora, deixando-me assim, com parte do seu troco na mão e um sorriso bestificado. Logo depois, me veio naturalmente a ideia de fazer um balanço sobre a minha vida. Perdi meu pai, minha mãe naturalmente está arrasada, minha irmã mais velha, Fabíola, quer deixar Vittorio e, além disso, queria que fosse eu a lhe dizer ontem à noite, minha irmã caçula deixou Pepe e se meteu com Ernesto, o poeta, e também nesse caso eu é que deveria falar com Pepe, e eu fui abandonado por Alessia, que não me disse o porquê, e não consigo pensar em ninguém que tenha a intenção de me explicar. Porém, para a senhora Bandini, estou vivendo um

momento dourado. O que poderá me acontecer quando eu estiver vivendo um momento negro? Coloco em ordem os jornais: *Il Tempo*, *Corriere della Sera*, com seus cadernos especiais, *Il Messaggero*, *Il Giornale*. Mudo de lugar o *Auto e Motori*, colocado atrás, junto aos outros, e coloco mais em evidência o *Porta Portese*, que acabou de sair, e continuo a reorganizar a banca por toda a manhã e aos poucos, mudando jornais e revistas de posição, relaxo. O trabalho manual possibilita que a mente se distraia, pare de se interrogar, de fazer todas as perguntas, que, no mais das vezes, nem têm respostas. Algumas coisas acontecem e pronto. No funeral de meu pai, Don Gianni fez uma prédica muito bonita na igreja. Ele queria que eu visse, na morte de um pai, uma passagem natural da vida e que eu compreendesse que estamos habituados a encarar a morte de uma maneira negativa, mas que, na realidade, não deveria ser assim. Pelo menos é o que pareço lembrar. Eu sei apenas que naquele dia meu pai não existia mais e que não consegui encontrar nada racional que me fizesse aceitar sua perda.

Ouçó alguns passos atrás de mim, alguém chega, e eu gostaria que fosse Alessia e que me dissesse: “Amor, eu errei, me perdoe, sinto muito pelo que fiz”. E gostaria que ela me abraçasse com força, me apertasse contra si, e eu não diria nada, não me interessaria saber o que aconteceu, o motivo. Isso, por uma vez gostaria de ser adulto e, talvez, finalmente, dizer a ela “eu também te amo”. Ou poderia ser

Ann, e eu não me importaria em saber como conseguiu me encontrar, seria ela e pronto. Ela me abraçaria por trás e me diria coisas em inglês, e eu ficaria ali, a ouvi-la até o fim, abandonado em seu abraço, porque tenho tanta necessidade, porque me sinto só, porque gostaria de ser amado e de me perder nos seus olhos verdes, belíssimos, mas que não poderão jamais conhecer meu pai. Quem entra na minha vida hoje encontra um pedaço vazio. E, talvez, não o saiba, talvez nem perceba, mas se aquela mulher realmente me ama não poderá não perceber.

— Bom dia! — A voz me parece familiar e, então, me viro. É Ilaria, a senhora De Luca, aquela que estava para me contar alguma coisa. Hoje está mais serena, usa roupas claras, calças compridas bege e uma blusa branca. Os cabelos estão presos, talvez estejam mais curtos; de qualquer maneira, esse penteado realça-lhe o rosto, que parece mais solar.

Sorri para mim.

— Incomodo você?

— Não, bom dia. De qualquer modo, preciso ficar aqui.

Talvez não seja uma resposta gentil, mas não sei o que fazer, não me ocorreu nada além disso. Sinto receio por aquilo que ela está para me dizer. Existem momentos na vida em que coisas inesperadas acontecem, para as quais não estamos preparados, como aconteceu com Alessia, sentada no banco no dia do seu aniversário. Revejo aquela cena mil vezes, é como se fosse um filme. Eu o gravei e o

repito continuamente porque é como se eu não conseguisse entender aquela brincadeira. E gostaria de bater novamente a claquete, mudar aquela cena, prolongar o diálogo final.

“Espera, Alessia, aonde você vai? O que está acontecendo? Por que você está chorando?” E finalmente dizer: “Eu estou apaixonado por você, me perdoe, nunca fui capaz de dizer isso a você, mas eu digo agora, e gostaria de enxugar tuas lágrimas com os meus beijos, gostaria de deter o teu sorriso para sempre porque tudo é triste sem ele e gostaria de te dar meu coração porque sem você ele é completamente inútil...”.

Mas aquela cena não pode mais ser refeita, a vida é um filme com apenas uma claquete. E eu não estava pronto, exatamente como não estou agora com esta senhora.

— Niccolò, eu queria falar com você.

Pronto, eu sabia! Eu deveria dizer a ela “Não, olhe, não temos nada a nos dizer” ou “Prefiro não saber” ou simplesmente “É melhor não”, mas fico em silêncio.

— Eu sei o que você deve estar pensando...

— Não, eu não estou pensando em nada.

Ela olha ao redor para certificar-se de que não há ninguém, de que não chega ninguém. Depois, junta as mãos e me olha. É bela. É elegante. Mas por que não compra um jornal e vai embora? Qualquer um, o que quiser, eu lhe dou de presente, não a farei pagar, eu mesmo pago. Nada. Ela me olha. Fica em silêncio por muito tempo. Brinca com as mãos. Eu, por outro lado, continuo a arrumar os jornais como se ela não estivesse ali. Na realidade, eu já tinha terminado,

mas recomeçava sempre com os mesmos para passar o tempo e não a olhar. Finalmente, ela se decide.

— Muito bem. Você acha que eu tive um caso com seu pai, não é verdade?

— Não sei. Eu lhe disse que não acho nada.

Sorri para mim para diminuir meu constrangimento.

— Sim, você diz isso, mas não pode ser. De qualquer maneira, não é o que você pensa. Seu pai foi muito gentil comigo em um momento difícil da minha vida. Eu vinha todas as manhãs para comprar o jornal, exatamente como faço agora, com você... Só que naquela manhã eu desatei a chorar. Então, saí correndo... mas ele percebeu.

Continuo a arrumar os jornais. Peguei agora um pacote que estava embaixo dos outros e o abri. O tio vai se aborrecer. Eram para devolução. Vou dizer que me enganei. Ela espera que eu a olhe. Não sei mais o que fazer e, assim, levanto o olhar, e ela sorri para mim e continua:

— E teu pai veio atrás de mim, me ajudou. Ele saiu da banca, pegou um lenço e me entregou. Ele era muito gentil.

Sim. Ele era, mas por que ela está me contando tudo isso? O estranho é que ele nunca usava lenços.

— E ele me fez rir porque me disse: “A senhora tem muita sorte! Nunca tenho lenços comigo, é que estou resfriado...”. E eu ri um pouco enquanto também continuava a chorar, então ele me deu outro lenço. E eu me lembro que ele disse: “Agora, chega, vamos lá, ou a senhora acaba com eles”. Não peguei mais lenços. E ele disse que estava

brincando, que ainda tinha outro pacote, e me fez rir novamente. No final, eu me acalmei, e ele me fez sentar aqui, em cima dos jornais.

Indica a pilha de exemplares do *Porta Portese*. É sempre a mais alta; quando diminui um pouco, Ciccio também senta-se ali.

— Bom dia! — É Luigi, o frentista.

— Oi, Luigi, o que você vai levar?

— Me dá o *Auto e Motori*, já deve ter saído.

— OK, um minuto. — Procuro em cima do balcão. Vejo que Luigi observa a senhora e balança a cabeça como se ganhasse tempo, como se se certificasse, como se soubesse alguma coisa. Finalmente, encontro o jornal. Luigi o apanha e paga.

— Até logo. — Ele vai embora.

Assim, ficamos novamente sozinhos no silêncio daquela banca que parece suspensa, prisioneira daquela história.

— Depois, ele me deu um último lenço.

A senhora Ilaria recomeça com aquela mesma tranquilidade, com o mesmo tom que minha irmã e minha mãe usam quando contam alguma coisa a Francesco. Isso, mamãe o faz porque é como se quisesse lhe transmitir segurança ou serenidade, assim como a senhora De Luca está fazendo comigo.

— Então, ele me deu um copo d'água, e eu o bebi e parei completamente de chorar.

Embaixo da caixa registradora, temos uma pequena geladeira com água, uma cerveja e um *chinotto*.^[43] Foi o tio quem a colocou ali. É ele quem sempre pensa nessas coisas. Papai bebia a água; ele, a cerveja; e eu, em geral, o *chinotto*. Olho para a água. A garrafa ainda está fechada.

— A coisa mais bonita de teu pai são as mãos.

Gosto que ela tenha dito “são”, e não “eram”. Sento-me atrás do balcão dos jornais, sobre o banco alto. Afinal, era o que tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde eu ouviria aquela história, e, estranhamente, agora estou mais tranquilo. Papai, você esteve com essa mulher?

— A forma como movia as mãos, teu pai, como ele abriu aquela garrafa, como pegou o copo de papel, como colocou a água. As mãos de teu pai eram firmes e davam segurança.

É uma bela mulher, eu entendo, mas por que está me contando agora? O que vou dizer a mamãe? Nada. Não posso dizer nada.

— E a coisa mais bela é que ele não teve pressa. Depois de me dar água, ele quis ouvir a minha história. Eu não vou aborrecer você com tudo o que me aconteceu, mas a operação de minha filha correu bem e agora Simona está bem. E se as coisas se passaram dessa maneira foi graças ao teu pai. Sim, graças a ele... — Ela abre uma bolsa, a apoia sobre o balcão e retira um envelope. — Aqui estão os cinco mil euros que seu pai me emprestou. Vim para restituí-los, para dizer obrigada. Porém, sinto muito que eu só possa agradecer a você.

Ela começa a chorar em silêncio, e eu fico ali, imóvel, e gostaria de chorar também, de me libertar de toda esta dor que carrego dentro de mim, e, mais uma vez, não sei o que dizer. Mas, em seguida, alguma coisa me vem.

— Por favor, Ilaria, vamos, não fica assim...

E tenho muita sorte, porque dentro da caixa encontro um pacote de lenços de papel. Apanho um e dou a ela. Ela para de chorar por um instante e começa a rir.

— Muito bem, sim, faça como o seu pai, como ele era bom... Sinto muito a falta dele, sabe? Eu devo dizer a você que ele me faz muita falta. Eu queria ter podido agradecer a ele pela ajuda, porque assim, sem nenhuma premeditação, sem dizer nada, numa manhã me deu este envelope e fez com que eu não perdesse a chance no hospital. Seu pai era um cavalheiro, uma pessoa especial. Ele me disse: “Quando você puder, me devolve”. Mas não cheguei a tempo! — Ela recomeça a chorar, soluçando ainda mais forte do que antes.

— Cheguei! — Ciccio aparece com o seu perfeito senso de oportunidade. — Olha só o que eu tenho aqui. *Cornetto* e cappuccino para brindar a um encontro! Ah, eu a fisguei!

Somente então ele percebe a presença da senhora De Luca num canto, chorando compulsivamente.

— Ah, me desculpe, senhora... Eu não a tinha visto. — Depois, olha para mim, agita as mãos como a pedir desculpas e continua: — Ontem fui pescar e, bem, dei sorte... Polvos. Pescamos polvos.

A senhora De Luca faz sinal para ele parar, chega, não tem importância. Então, Ciccio fica em silêncio, sem saber ao certo o que dizer ou fazer.

Ilaria pega outro lenço e assoa o nariz.

— Me perdoem, hoje não é o meu dia... — Depois, me olha e sorri. — Obrigada mais uma vez, Niccolò. — Ela sai correndo da banca. Ciccio continua a olhá-la enquanto se afasta.

— Mas o que é que você faz com as tuas mulheres? Não se pode deixar você sozinho nem um segundo... Você as comove, faz elas rirem, chorarem, até mesmo as coroas agora!

Em seguida, ele apoia o saquinho com os *cornetti* sobre o balcão e vê o envelope cheio de dinheiro.

— Cara, você agora virou gigolô? Porra, você não brinca em serviço! É dinheiro pra caramba!

— Idiota, deixa isso pra lá.

Tiro o envelope das mãos dele e o coloco no bolso.

— Devem ser mais de dois mil euros!

— Cinco mil. Ela veio pagar um empréstimo.

— Ah... — Ciccio faz uma cara como dissesse “bem, não entendi nada, mas OK”. — De qualquer maneira, aqui estão os *cornetti* da Ungaria, que são deliciosos! E o cappuccino como você gosta, com o açúcar separado.

Assim, abro o saquinho e parto um dos *cornetti*, que ainda está quente e cheiroso. Ciccio coloca o cappuccino no copo de papel.

— Sem brincadeira... Está tudo bem com aquela senhora?

— Sim, sim, obrigado, tudo bem.

— Coloco o açúcar?

— Só metade do saquinho.

Ciccio abre o saquinho e coloca um pouco no cappuccino e me entrega o copo, fazendo um movimento circular para misturá-lo.

— Toma...

Pego o copo e bebo; está perfeito, nem muito doce nem muito quente. Continuamos assim, a fazer nosso lanche nesta bela manhã de domingo, com o sol ainda morno, pouco movimento na rua e o ar fresco. Algumas senhoras de idade passam, de vez em quando, pela calçada em frente, certamente indo à missa.

— Então, você não me disse nada...

— Sobre o quê?

Pisca o olho para mim.

— E?

— E o quê?

— Como foi?

Como outro pedaço do *cornetto*.

— Você está vendo isto aqui? — Mostro a ele a mordida pela metade, depois enfio o *cornetto* no copo, o encharco de cappuccino e o coloco na boca. — Pronto, foi assim, aliás, muito mais!

— Minha mãe! Como você é chato, não se abre nunca.

— O que você quer? Saber os detalhes?

— Sim, qual é o problema? Eu, quando tirei a roupa dela...

Apoia o copo sobre os jornais.

— Cuidado para não entornar!

— Tá bem, tá bem, você é um saco. — Coloca as mãos abertas em direção ao nada. — Tem duas tetas assim!

Neste momento, chega o porteiro do condomínio Stellari.

— Oi, Niccolò, me dá o *Corriere dello Sport*... — Depois, olha para Ciccio. — Pode continuar, não se preocupe, não estou prestando atenção...

— Ah, claro, mas estávamos falando de coisas particulares, enfim, coisas a respeito da namorada dele... — Ciccio aponta para mim. — E, entende, não se pode...

O cliente levanta os ombros, paga o jornal e sai.

— Mas você é sempre tão cretino? Por que me coloca no meio?

— O que é que tem? Foi você quem a deixou?

— E o que isso tem a ver? Você não é normal... — Continuamos a conversar. Ciccio, empoleirado sobre a pilha de *Porta Portese*, aparece com alguns *club sandwiches*.

— Mas isso é hora de comer essas coisas?

— Sim, eu gosto de comer algo salgado!

— Tá certo, mas de manhã podia ser uma coisa mais leve!

— Mas e se eu gostar destes?

— OK, eu desisto de você! — E, assim, continuamos a rir e a brincar.

— Escuta, quando é que Klose^[44] volta a jogar?

— Quando estiver melhor!

— Muito bem, muito bem... — Ciccio faz um sinal para mim. — A técnica é essa! Dizer e não dizer, não dar certezas ao adversário. Mas com quem você aprendeu isso? Com Lotito?^[45]

— De qualquer maneira, vocês estão quatro pontos abaixo.

— *Non dire quattro se non ce l'hai nel sacco!*^[46]

— Aliás, nunca se soube exatamente como nasceu esse provérbio...

— A palavra exata era *gatto*, e não *quattro*!

— Não...

— É, gato, o ditado nasceu numa espécie de guerra no passado. Eu vi no Wikiquote.

— Quer dizer então que você não usa o computador só pra baixar coisas, mas também pra se informar sobre essas bobagens?

— É cultura!

Chega uma mulher bonita, de mais ou menos quarenta anos, com um menino que parece ter seis.

— Bom dia, o que você queria, Davide?

— Queria as cartas Yu-Gi-oh.

— Ah, sim, o senhor tem?

— Claro, aqui estão, são os dois últimos pacotinhos, e eu guardei para você.

O menino os apanha, sorrindo, contente com essa mentira inocente.

— Obrigado! — Depois, ele pensa um instante e pede à mãe: — Mamãe, posso?

A mãe sorri.

— Claro, claro... — E, sabendo perfeitamente quanto custam, ele me dá o dinheiro para pagar as cartas.

— Obrigado.

Já estão indo embora quando Ciccio tem uma ideia.

— Ah, por favor, uma curiosidade... A senhora conhece o provérbio “*Non dire quattro se non ce l’hai nel sacco*”?

A mulher olha primeiro para mim, talvez para ver se estou rindo, mas eu permaneço impassível; aliás, sendo totalmente profissional, guardo o dinheiro como se não tivesse ouvido. Depois, olha de novo para Ciccio, que também está sério, ou melhor, está esperando a resposta, curioso; assim, não se sentindo vítima de uma gozação, ela responde:

— Bem, eu acho que é uma frase que aquele treinador simpático, como se chama, que tinha ido para a Alemanha, disse...

— O Trap?

— Sim, Trapattoni!

— Viu? E você dizia que não! Ela também sabe, não é verdade, senhora? Então não se dizia “*Non dire gatto se non ce l’hai nel sacco*”?

— Não, não sei, agora vocês estão me confundindo, acho que não, se diz *quattro*.

Ela pega o menino pela mão e sai da banca.

— Mamãe, mas o que significa “*non dire quattro e poi lo metti nel sacco*”? É o mesmo saco que usamos quando jogamos bingo?

Infelizmente não conseguimos ouvir a resposta porque já estavam longe.

— Você ficou maluco? Desse jeito acaba com a minha freguesia! Aquela mulher mora aqui, na Vigna Stelluti, é casada com um ortopedista famoso...

— Ótimo, assim, se você quebrar as pernas, ele sempre poderá dar um jeito nelas!

— Ora! Ela percebeu que estávamos debochando!

— Que nada, ela gostou, acredite! Hoje em dia, as pessoas ficam entediadas. Todas se entediam. Você já reparou em como o Ruzzle^[47] está na moda?

— Sim, e daí?

— É porque as pessoas não têm mais nada para dizer, não existem discussões ou perguntas divertidas como essa do Trap! E, então, até mulheres como ela se entediam e jogam Ruzzle, aliás, da próxima vez que vier, vou lhe perguntar isso também: “Por favor, a senhora joga Ruzzle? Tenho certeza de que sim! E sabe por que o Ruzzle conquistou principalmente as mulheres? Porque elas ficam mais de saco cheio do que os homens, ou melhor, ficam de saco cheio dos seus homens...”. — Depois, ele se vira para mim e me vê em silêncio, com a outra metade do *cornetto* na mão, completamente paralisado. — O que é que há? O que está acontecendo com você? Nicco?

— Alessia sempre jogava Ruzzle.

— Ah!

E ele também fica assim, com a outra metade do *club sandwich* ainda na mão.

— OK, mas o que isso tem a ver? Eu disse por dizer, e, depois, é normal; no início, o Ruzzle é novidade, entusiasmo todo mundo, mas depois de um tempo o pessoal enjoa...

— Alessia sempre jogou, desde o início, desde que foi lançado, e nunca parou.

— Que merda!

Então, chega uma senhora idosa, que, ouvindo Ciccio, fica surpresa por um instante, como se não tivesse entendido bem, depois pede o seu jornal:

— O senhor tem *Famiglia Cristiana*?

— Não! — Nós o dizemos juntos; depois, eu mordo o *cornetto* e ele, o *club sandwich*, enquanto a senhora vai embora balançando a cabeça.

— Que merda!

Repetimos juntos e começamos a rir.

— Ciccio, você tem a capacidade de desdramatizar tudo!

— Sim...

— Mas essa coisa do Ruzzle e de Alessia é muito triste.

— Pois é.

— Como “pois é”?

— E o que eu posso te dizer?

E continuamos a falar dessa situação absurda, desse jogo com as letras que faz as pessoas se tornarem imbecis.

Alessia, às vezes, se deitava no sofá e jogava sem parar, não falava comigo por uma tarde inteira de domingo. Mas isso eu não digo a Ciccio. Mesmo porque ele só está interessado em falar sobre as nossas estrangeiras.

— Não, você não entendeu, eu subi com ela, me deixaram entrar no hotel sem problemas... Pô, cara, pouco depois, lá embaixo, eles devem ter pensado que estava acontecendo um terremoto!

— Também, com todo esse seu peso!

— Sei...!

— Você começou a dançar?

— Sim, claro, a zumba! — Ele dá dois passos desajeitados enquanto, naturalmente, chega outra senhora. Porém, desta vez, eu vendo o *Famiglia Cristiana* para ela.

Passamos toda a manhã rindo e brincando, e, às vezes, Ciccio se diverte fazendo alguma pergunta aos fregueses que entram. Parece um pouco com aquele filme *O balconista*, que eu vi em preto e branco na Sky, algum tempo atrás, e de que gostei muito. Também temos o maníaco sexual de plantão, que chega no domingo ao meio-dia, finge se interessar por tudo um pouco, mas mergulha nos vídeos pornográficos. Ciccio naturalmente não o deixa escapar. O senhor está segurando *Paola non stop*.

— Bem, esse não é ruim, mas, se devo lhe dizer a verdade, um realmente bom é *Labbra vogliose*, coisa forte, sem brincadeira. Joe D'Amato, para mim, é o melhor como diretor.

— Obrigado...

Ciccio passa imediatamente a tratá-lo por você, apesar de o senhor ter pelo menos mais de sessenta anos. Ele mora no final da Via Stefano Jacini e, nas tardes de domingo, sempre dá um passeio com a mulher, que parece uma santa e nunca assistiria a um filme pornô. Mas, então, o que ele faz com todos os DVDs que compra aos domingos?

Antes que o homem saia, Ciccio o detém.

— Com licença, posso ver o filme por um instante? Ele o entrega, e Ciccio analisa melhor o DVD.

— Nossa, catorze e noventa, mas eu o baixo por oito euros! Garanto ótima qualidade. Podemos nos ver domingo que vem, aqui, a esta hora?

O homem faz sinal que sim, depois sai, rindo, sem saber ao certo o que pensar sobre essa estranha oferta.

— Escuta aqui, você está roubando meus clientes?

— De jeito nenhum, estou te abrindo um novo mercado. Fazemos meio a meio; ele economiza seis e nós, quatro e quarenta!

— Você é completamente doido!

— OK, você tem razão, te dou cinco!

— Mas não é isso! O que eu vou dizer ao meu tio?

— Escuta uma coisa, ele também vai ganhar, é mais do que vocês ganhariam dos distribuidores!

— Ah, certo, então, já que você está aqui, por que não começa a vender um pouco de cocaína?

— Junto com o pornô? Aí não, aí eu dou de brinde, ou vai virar tráfico! Ei, pensando bem, sabe que você não está dizendo nenhuma estupidez? A gente pode criar uma nova cadeia mundial de dinheiro, uma coisa que vai crescer até não poder mais, eu já tenho até o nome...

— Vejamos qual...

— A Banca do Vício! O teu tio verá a arrecadação do primeiro mês e já estará de acordo!

— Certo, mas é uma pena que hoje ele não venha, hoje é o meu turno, senão nós já falávamos com ele!

— Eu sei que hoje é seu turno! E preparei uma surpresa para você, olha...

Olho para fora da banca e a vejo chegar. Ann.

— Você é cretino!

— Por quê? Ela está feliz em ver você, te faz companhia, e, na minha opinião, com ela aqui dentro você até vende mais!

Ciccio a cumprimenta e se afasta enquanto ela entra na banca.

— *Hi!* Tudo bem?

— Ciccio, você me paga!

Ann entra na banca, vem à caixa e me beija. É toda carinhosa e sorridente, sem um pinga de maquiagem.

— Não está feliz em me ver? Seu amigo Ciccio me ensinou como chegar!

Ela me mostra uma folha impressa do Google Maps com as indicações perfeitas da rua a seguir, do metrô, do ônibus,

um círculo com uma porção de pontos de exclamação na praça Jacini e a inscrição “*Newspaper home!*”. Reconheço perfeitamente a letra de Ciccio, a mesma que coloca em todos os DVDs.

— E ele me disse para entregar isto a você! — Ela me dá uma sacola do Euclide. — Eu passei e peguei num mercado grande aqui perto!

Abro a sacola. Há duas bandejas cuidadosamente cobertas com papel-alumínio, algumas sacolinhas de papel e uma carta. Eu a abro.

Ela diz: “Caro Nicco, depois não diga que eu não penso em você! O que você pode querer mais? Um sonho como Ann que te traz até comida! E tudo pago! Eu sou realmente um cavalheiro! Então, já fiz o programa do seu dia: você trabalha até a hora que quiser com a tua assistente (não se deixe flagrar pelas senhoras do bairro enquanto tenta, quem sabe, alguma acrobacia erótica sobre os jornais, mesmo porque, ainda frescos da impressão, seria muito engraçado ler as notícias no traseiro de Ann, embora uma pequena e inocente investida impressa dessa maneira possa fazer aumentar as vendas do jornal e de muito mais!). Depois, às oito e meia, comprei os ingressos para Raily e Ann (não se preocupe, isso também já está pago!). Elas vão assistir *Madame Butterfly* no Teatro dell’Opera, torcendo para que elas entendam alguma coisa! Vão se emocionar e estarão cozidas ao ponto para depois da ópera. Quanto a nós, vamos jogar pôquer na casa do Bato, última partida às onze e meia (já combinado com

todos) porque depois temos um compromisso... E que compromisso! P.S.: Uma mulher não deve nunca atrapalhar nossos hábitos com os amigos, seja de que país for ou por mais bela que seja! Devemos nos lembrar sempre disso e, se por acaso eu me esquecer... cuspa no meu olho. Há, há, há, ah, não, ops, desculpe. Eu não devia dizer isso a você. Quer dizer, me desculpe, mas é o que chamo de um erro!!!”.

E, assim, eu e Ann tomamos uma cervejinha, tranquilos, abrindo o cestinho que Ciccio nos preparou. *Supplì*, *calzone* e *tramezzini*^[48] de frango e salmão e também com ovo e tomate.

— É por isso que ele me perguntou sobre o que eu gosto! Ele é demais! Por que o nome dele é Ciccio? Porque é gordo?

— Ela ri enquanto me pergunta essas coisas em inglês e depois cobre a boca com a mão enquanto come. Ann é deliciosa. De vez em quando, pega um pedaço do seu *supplì* e me dá para provar, como se eu ainda não conhecesse o sabor.

— Eu gosto do nome *supplì*. E é tão bom! Mas por que se chama *supplì*?

— Ainda! Aqui dizemos assim, “Ainda!”, quando alguém pergunta sempre a mesma coisa, como você agora...

— Ah... Eu não estou “ainda”! — E me dá um empurrão.
— Bobo, hein? *Sciocco*?

— Sim, acho que sim.

E continuamos a nos empurrar, rindo, e, de vez em quando, ela me dá um beijo e outro empurrão e um beijo

mais demorado. Após algum tempo, chega uma senhora.

— Com licença?

— Sim, bom dia.

— O senhor tem *Sorrisi e canzoni*?

— Claro, senhora! — Eu mostro para Ann, e ela, com um sorriso, o entrega à senhora com cortesia. A senhora a olha, satisfeita, depois sorri e sai, lembrando-se, quem sabe, de alguma aventura do seu passado ou simplesmente de que ainda deve comprar os docinhos para a sobremesa. E Ann continua a me ajudar, com seu sotaque divertido, por toda a tarde a entregar jornais e revistas aos fregueses que chegam.

— *Il Tempo* e o *Corriere*? Claro ... — E pega dois jornais.

— Não, Ann, o outro, à direita.

Assim, pega o *Corriere* e me olha com ar de interrogação.

— Sim, esse. — Chego até a deixá-la sozinha para ir tomar um café e, quando volto, ela me dá um bilhete.

— É para você. É uma surpresa.

Fico surpreso. Abro-o, e é de Ciccio.

“Não sei se você já fez o seu gol, mas o jogo já vai começar e, se por acaso você bateu na trave, pelo menos pode ver o teu time, Lazio. De um amigo que, por amizade, chega ao ponto de se privar de assistir à Mágica!”

Ann apanha um iPad dentro da bolsa.

— Isto é para você! Do seu amigo. É o iPad de Ciccio e há algumas explicações! — E, assim, sigo as explicações, acesso a Sky e consigo ver o jogo da Lazio contra a Inter. Ann, a certa altura, para me agradar, se desespera.

— Nooo! — Mas o quê? Por uma jogada errada de Milito?

— Mas, Ann! O que está fazendo? Meu time é o outro! Você deve torcer, como as garotas com pompons, pela Lazio, Lazio!

E, então, ela grita comigo, finalmente entendeu qual é a camisa certa pela qual torcer, e seguimos assistindo ao jogo, nos abraçando e beijando, porque qualquer motivo é belo e, ainda mais, cada gol. E o jogo termina com um placar de quatro a zero para a Lazio.

— Você precisa estar sempre comigo quando a Lazio jogar! Você dá muita sorte! — Não tinha dúvidas de que alguém como Ann daria sorte, mas bater a Inter por quatro a zero significa que Ciccio tem razão: ela tem realmente *un bel culo*!^[49]

A casa de Bato é especial.

Sempre nos encontramos lá porque é a mais independente que conhecemos desde os tempos do colégio. Fomos colegas de escola, eu, Bato, Guido e Ciccio, e muitas vezes, com catorze, quinze anos, dormimos na casa dele. Para os meus pais isso nunca foi um problema, talvez porque a Via Maffeo Pantaleoni é bem próxima de onde morávamos antes e por isso eles pensavam que podiam ir me salvar a qualquer momento. Outros pais, porém, talvez porque morassem longe ou talvez não, não deixavam os filhos dormirem fora no sábado. Mas eu, Ciccio e Pietra sempre íamos. “Sá-Bato Night”, era como nós o chamávamos. Era um mito. Nós contribuíamos com o que podíamos, levávamos cigarros e bebida, cerveja, Coca-Cola, mas também algum bom vinho branco ou tinto, de acordo com o período, e Bato, por sua vez, providenciava a comida. Era um ótimo cozinheiro, pelo menos eu sempre comi muito bem na casa dele e ainda hoje se come divinamente. Antiga cozinha napolitana, uma bela frigideira grande para refogados, mas também frituras, e ainda faz uma massa incrível, sempre *al dente*, curta ou longa, espaguete ao alho e óleo e, como segundo prato, salsichas ou javali, mas também

brotos de brócolis ou chicória refogada; em suma, todo sábado à noite era uma festa na casa dele. Depois, quando quase todos nós começamos a ficar com garotas, o encontro de sábado se tornou mais difícil, e assim mudamos o compromisso para o domingo. Mas Ciccio tem razão: qualquer que seja a mulher que entre na nossa vida, as relações com os amigos não devem mudar absolutamente! Outra coisa boa da casa de Bato é que fica no mesmo andar da casa dos pais dele e ambas são ligadas, mas também independentes. A casa de Bato é muito menor que a outra. Quando você entra, tem um corredor e quase imediatamente vem a cozinha, depois um lavabo, o quarto de Bato, outro banheiro, um pequeno escritório e finalmente se chega a uma sala relativamente grande, cheia de sofás de veludo um pouco gastos, quadros antigos, quase todos com barcos napolitanos, espelhos e até mesmo uma estátua tipo Vênus, onde geralmente todos penduram os casacos, a começar pelo Bato. Esta sala fica ao lado da porta, sempre rigorosamente fechada, que se comunica com o apartamento dos pais. Eu, Ciccio e Pietra sempre dormíamos um pouco espalhados, aleatoriamente, na sala sobre os sofás de veludo, no pequeno escritório, onde há um sofá com uma pele de urso falsa, ou no quarto com Bato, onde há uma cama de verdade. Dependia de quantos estavam fumando na sala e de quanta vontade se tinha de falar e com quem; muitas vezes, dormíamos todos juntos e ficávamos batendo papo até amanhecer. Depois, isso se perdeu um pouco porque todos,

fosse por causa da universidade ou de algum trabalhinho ocasional, acabamos mudando os horários, e assim ficou só o pôquer no domingo.

— Então? Que cheirinho é esse?

Bato, usando um avental branco com algumas rosinhas estampadas, atravessa o corredor com um prato grande.

— Ah, marica, finalmente! — Ciccio não muda nunca.

— Estava trabalhando pra vocês.

— Menos mal... Já estamos todos à mesa!

Guido tem um guardanapo enfiado no suéter. Ciccio, exagerado como sempre, enfiou diretamente a toalha em seu pulôver com gola V.

— Vamos logo, a gente estava pra morrer!

— Sim, agora vocês se recuperam... Então, estou preparando lá uma bela massa e aqui... — Bato apoia um prato sobre a mesa.

— Temos umas muçarelas de búfala frescas, diretamente de Nápoles, ricota e *burrata*, o que mais vocês querem?

Avançamos imediatamente nas muçarelas, pegando duas ou três cada um, enquanto Ciccio chega por último.

— Mas vocês deixaram só uma pra mim?

— E olha que sobrou uma!

Ele tenta roubar uma muçarela do meu prato, mas eu ponho o braço em cima para protegê-la.

— Não... Cara, você tem que emagrecer.

— Caramba, você é um saco sem fundo, pô, hoje você comeu até muçarela de búfala americana, coisa importada,

não?

— Qual é? Nós trabalhamos...

— Imagino... E depois?

Quando quer, ele é um porco! Mas eu não estou nem aí, ele faz de propósito, quer me distrair para comer a minha muçarela, do mesmo jeito que fazia quando estávamos no colégio: durante o intervalo, eu pegava um belo folhado na cantina, e Ciccio me distraía, fazendo eu ver alguma coisa no jornal, e se atirava de boca aberta sobre o folhado enquanto eu ainda o segurava, dando uma mordida tão grande que sobrava só um pedacinho. É por isso que ele engordou assim, por causa dos meus folhados!

Como a muçarela, um pedaço de *burrata* e a ricota, tudo fresquíssimo. O pai de Bato é juiz, e se vê que todas essas coisas frescas, que acabaram de fazer, chegam para ele diretamente de algum amigo napolitano. Nesta casa, é respeitado o segredo da muçarela de búfala, que nunca deve ser colocada na geladeira, e sim conservada em temperatura ambiente e comida logo depois de ser tirada do leite. Eu sei essas coisas porque Bato me contou.

Pouco depois, ele chega da cozinha com um prato fumegante.

— Vamos, rapazes, passem os pratos que ainda está quente, *rigatoni all'amatriciana*, uau!, com o ragu da mamãe! Vamos!

Um depois do outro, enchemos os pratos. Ciccio polvilha parmesão e pecorino.

— Assim é que se faz.

— Tome, encham os copos. — Ele me passa uma garrafa daquelas com um trançado de palha ao redor. — É um Chianti jovem... Você vai ver como combina com a massa *all'amatriciana*.

Bato ri, brinca e não para de encher os nossos pratos; quase não come, de tanto que pensa em nós e na satisfação que sente em nos fazer comer bem.

— Quando terminarem, tirem os pratos e fiquem com o prato raso que está embaixo... — Pouco depois, volta da cozinha. — Salsichas, brotos de brócolis e batatas fritas.

— Deliciosas!

Devoramos tudo em pouco tempo; alguns continuam com o Chianti, outro abre uma cerveja.

— Bato, pega o doce. Está na geladeira — pede Ciccio. — A propósito... — Ele se dirige a mim. — Gostou da surpresa?

— Ahn? Muito!

— Mas, desculpa, não estou falando dos *supplì*, dos *tramezzini*, do iPad e de todo o resto... Poxa, quatro a zero na Inter, bem, não é pouco... Você anda mesmo com muita sorte!

— Bom, mais ou menos...

Ciccio entende do que estou falando.

— Você vai ver que, assim que as estrangeiras forem embora, ela volta pra você... Você nasceu virado pra lua...

Faço um aceno de cabeça, mas, na realidade, tirando o quatro a zero da Lazio, merecido porque a Inter jogou muito

mal, eu não vejo toda essa sorte.

— A propósito, você me trouxe o iPad?

— Eu o coloquei perto do casaco.

— OK, a gente precisa lembrar dele quando for embora...

Depois do segundo prato, comemos um ótimo pudim da Antonini, trazido por Guido.

— Ei, rapazes... São cinco euros cada um!

— Mas você tá doido? E tudo o que Bato gastou?

— Deveríamos fazer uma caixa comum, como na viagem do colégio.

— Sim, a caixa... Na minha opinião, alguém fazia a gente pagar mais caro pra ficar com a diferença. Nossa, nunca gastei tanto como naquela viagem! Quando fui a Mykonos com a minha namorada no ano seguinte, gastei a metade.

— Claro, você não saía do quarto! Boa, Bato!

Nós rimos e devoramos o pudim também, de forma que pouco depois não há mais nada, então começamos a tirar a mesa ao som de uma música que Guido colocou.

— Ei, vocês se lembram desta? — Está tocando Ultravox, “Rockwork”, do álbum *Ha! Ha! Ha!*.

— Claro! O CD *rockettaccio*... Passamos todo o período de férias ouvindo ele!

— Nós atravessamos a Grécia ouvindo esta música, caras!

— Nós dançamos, colocando os pratos dentro da pia e os talheres no lava-louça. Guido começa a lavar alguns pratos.

— Deixa que amanhã vem a empregada!

— Você está alegre demais e não me engana! Eu acho que de vez em quando ela faz algum trabalhinho pra você também...

— Sim, passo de servir amigos a foder a serva!

Ciccio e Bato são engraçados, mas às vezes são realmente muito grosseiros. Guido zomba deles, fingindo ser um lorde e trocando o “r” pelo “l”.

— Mas pol favol...! Se as mulheles de vocês ouvilem, o que dilão?

Concordo com ele.

— Sim, é verdade, com suas mulheres aqui vocês se transformam de besta em príncipe. De qualquer modo, é feio que um homem se comporte de maneira completamente diferente se a sua namorada está por perto ou não...

— Não, espera, mas elas é que querem isso! Sabem muito bem como nós somos, mas querem nos mudar. E aí eu digo: você quer outro? Então fica com esse outro, não?

Depois, estendemos o pano verde na mesa, pegamos a caixa com as fichas e, rindo e brincando, começamos a jogar.

— Fichas.

— Cinco.

— Dez...

— Pago para ver... O que você tem?

— Três ases.

— E uma bunda virada pra lua! Você trocou três cartas...

— Sim, e em cada mão achei uma...

— Tá bom! Eu não acredito! Mas, vamos, bota um uísque pra mim, vai...

Bato sorri.

— Não tem.

— Mas como não tem? Isso não se faz! Eu aceitei seus três ases e você não tem nem o uísque para me fazer esquecer? Tá bom, então estão todos contra mim!

— Azar no jogo, sorte no amor...

— Mas se eu não transo há meses! Vocês é que deveriam perder, porque transam como loucos e até sem motivo...

— Bom, na verdade eu... — Tento, de algum modo, lembrar Guido da minha situação com Alessia, mas ele me olha e levanta uma sobrancelha.

— Peraí, cara, não adianta nem tentar! Olhem o menininho... Faz o papel de abandonado e com essa história tem mais pegada que Super Bonder!

— Sim, com as mulheres, mas não com a gente!

— Ah, então foi assim que você conseguiu a americana e a amiga dela!

— Não acredito... — Viro para Ciccio. — Você contou?

— Mas o que é que significa “você contou”? — pergunta Bato. — Entre amigos não devem existir segredos! Porra, Nicco, me admira você!

Ciccio tenta se justificar.

— Eles nos viram na ponte, Nicco, todo mundo sabe!

— Mas como?

— Todo mundo sabe, todo mundo... — concorda Guido.
— Pepe até te deu uma mão pra você trepar com a americana...

Bato se levanta e, indo para a cozinha, diz:

— Porra, não tem jeito, hein... Por uma boceta acontecem os milagres mais incríveis...

— Ciccioooo!!! Mas até isso você contou? De Pepe?

Ciccio sorri.

— Era a melhor parte! Desculpa, mas onde você vai achar um cara como Pepe que ajuda você a conseguir dar uma?

— Tá bom, então de hoje em diante eu não te conto mais porra nenhuma.

— Mas se você nunca me contou porra nenhuma!

— Ah, Nicco! Você parece um cara daqueles filmes chatos do século XIX, onde todo mundo transava que era um horror e ninguém nunca contava nada! Vamos! É a melhor parte! E você não quer compartilhar com um amigo? Eu sou muito teu amigo, você sabe, né?

Ciccio se levanta, dá a volta na mesa e me abraça.

— Temos que gostar um do outro, Nicco, não fecha a cara pra mim... — E, depois, se deixa cair totalmente sobre mim.

— Peraí, Ciccio... Ai, assim você me sufoca...

Depois, ouvimos um estalo estranho seguido por um som seco. As pernas da cadeira cedem, todas as quatro juntas, e eu e Ciccio terminamos no chão sobre o assento da cadeira, que se rompe em mil pedaços.

— Ai, ai! — Ciccio está estendido sobre mim, com braços e pernas abertos, e os pedaços da cadeira estão espalhados ao redor.

Guido começa a rir como um louco.

— Ai, Deus, ai, Deus, estou arreventado! Ai, Deus, não é possível! Bato, Bato, vem me ajudar!

— Ciccio, você está me machucando! Sai!

Bato chega à sala.

— Ah, não, porra! A cadeira de minha avó Uendalina!

— Mas por que sua avó se chamava assim? Uendalina? Com “Ue”?

— É, e o que importa?

— Não, era só por dizer, Uendalina eu nunca tinha ouvido. — Ciccio se vira em cima de mim e olha para eles.

— Mas o que importa?

— Sim, o que importa?

— Mas por acaso era europeia, tipo UE?

Eu não aguento mais. A cena beira o absurdo e começo a rir de forma incontrolável.

— Ai, ai... Ah, Deus, Ciccio, sai, por favor, estou me sentindo mal!

Ciccio também ri, assim como Bato e Guido, exatamente como acontecia quando estávamos no colégio.

— Ai, Deus, não estou aguentando!

— Chega, chega, por favor...

— Sim, estou me sentindo mal! — Quanto mais Ciccio tenta se levantar, mais escorrega nos pedaços da cadeira.

Bato e Guido riem como loucos e eu também, se não sofresse a cada vez que Ciccio cai de novo em cima de mim.

— Ai, não, Ciccio, chega, você está me amassando todo!
E, com essas palavras, todos riem ainda mais.

31

— Você sabia que ainda está doendo?

— Mas o quê?

— Tudo! Você pesa que é um horror, me quebrou todo...

— Como você exagera!

Ciccio ri, bem-humorado, faz um estranho zigue-zague entre os carros ao longo da Corso di Francia e vira a toda velocidade na curva em direção à praça Euclide.

— Ah, de qualquer modo, apesar da história com Ann, ganhamos um bom dinheiro no pôquer hoje à noite...

— Sim, tivemos sorte, mas isso deveria fazer você entender uma coisa, apesar de dar uma de espertinho...

— Que coisa?

— Que não basta uma estrangeira... — Ciccio ri. — E a Pozzanghera!

— Nem mesmo a Pozzanghera é suficiente!

— Amanhã você tem que chegar com flores no escritório.

— É? Por quê? Quem morreu?

Ciccio levanta as sobrancelhas.

— Você, se não fizer o que eu disse! Vai por mim!

— Tenho uma carta na manga...

— Se você tiver sorte como tivemos hoje à noite, aí, sim, talvez dê certo... — Ciccio passa a toda velocidade pela praça

Euclide, atravessa direto para a Via Antonelli, vira à direita, passa por um sinal amarelo, depois outro, e segue direto para a Via Veneto.

— Você não achou Bato estranho hoje à noite? — pergunto.

— Não, por quê?

— Estava sempre atento ao telefone...

Ciccio me olha e fica um pouco em silêncio.

— E daí? O que você quer dizer?

— Bom, ele sempre teve um monte de garotas, mas nunca se importou com nenhuma. Sempre desligava o telefone quando a gente jogava, mas esta noite...

— Esta noite?

— Ele olhava o telefone a cada mão!

Ciccio fica de novo em silêncio.

— Bem, não sei o que te dizer, não reparei, sinceramente...

— Estranho...

— Por quê?

— Parece que você sempre percebe tudo!

— Desculpa, mas se você percebeu tão claramente, por que não perguntou a ele?

— Ah, não sei, me pareceu fora de hora...

— Olha, você é estranho, hein! A mim você vive enchendo o saco por tudo, e com Bato e Guido tem essas atenções estranhas... Mas foi uma noite mágica, hein...

— Por quê?

— Eu e você vencemos... E agora gastaremos tudo com as duas! Olha elas!

Ann e Raily estão na saída do Teatro dell'Opera. Homens e mulheres de todas as idades descem pela escada principal, muitos se afastam rapidamente, sem conversar, enquanto outros formam pequenos grupos e comentam, mais ou menos entusiásticos ou críticos, o espetáculo a que acabaram de assistir.

— A última de Peter Stein foi melhor, quando dirigiu *Il naso*, de Shostakovich.

— Ah, sim, gostei muito mais...

— Mas por que essa elegância exagerada e a meu ver excessiva?

— Para ser estranho a todo custo.

— De qualquer modo, o figurino era belíssimo...

— Sim, mas quem era o figurinista?

— Um inglês.

— Estranho, eles não têm bom gosto!

O grupo ri dessa sua consideração comum enquanto Ann e Raily param e olham ao redor. Eu e Ciccio saímos do carro.

— Ei! Olha, estamos aqui!

Acenamos na frente do teatro até que Raily nos vê e faz sinal para Ann, apontando em nossa direção. Ann abre um sorriso esplêndido, que, mesmo à distância, Ciccio percebe.

— É incrível a beleza única dessa garota. Daqui se nota a felicidade dela em te ver...

— A verdade é que ela odeia pegar o metrô...

— O que você está dizendo?

— E táxis também.

— Agora entendo por que Alessia te deixou! Você é muito cínico!

— Ah, mas o que tem a ver? Neste caso, é verdade...

— Sim, mas como foi com Alessia? Você nunca se perguntou realmente o motivo? Nunca fez uma análise do que aconteceu?

Ann e Raily atravessam a pracinha e vêm em nossa direção.

— Escuta, Ciccio, me tira uma dúvida: quantos dias você teve pra me sugerir essas reflexões importantes? E quando faz isso? Esta noite! Não só esta noite, mas justamente quando estão chegando nossas amigas. Quer dizer, deve ter um plano por trás disso, não, me explica, porque sinceramente não entendo.

Ciccio olha para elas, mas ainda falta um pouco para chegarem.

— OK, você tem razão, mas me diz só uma coisa, Nicco... Você nunca fez uma bela declaração para Alessia? Quer dizer, nunca disse a ela o quanto é importante para você, o que significa... ou, ainda melhor, nunca lhe disse simplesmente “eu te amo”? — E, depois, ele me encara em silêncio. Eu olho para ele e não sei o que dizer, então ele abre os braços e sorri. — Veja...

Exatamente naquele momento, Ann e Raily chegam.

— Ah, muito obrigada! Foi maravilhoso!

Elas nos abraçam e nos beijam, tirando-nos daquela situação.

Ann entra no carro e não para de falar um segundo. Sento ao lado dela no banco de trás enquanto Raily se senta ao lado de Ciccio.

— A música é linda, eu juro que chorei. Foi tão comovente. Sente só meu coração bater... — Pega a minha mão e a põe no seu peito. Ciccio naturalmente me olha pelo retrovisor e ri.

— E você ainda venceu no pôquer! — Depois, se dirige a Ann. — Ele é muito sortudo...

— Por quê? — Ann o olha curiosa.

— Em primeiro lugar porque a conheceu e em segundo lugar porque me deu um presente fantástico como Raily!

— Ohhh! — Raily se comove com essas palavras, talvez porque não as esperasse, então tira a bolsa do ombro esquerdo e se joga sobre Ciccio, abraçando-o e o apertando com força.

Ciccio me olha de novo pelo retrovisor.

— Vê o que eu queria dizer? Precisa muito pra dizer duas bobagens? Assim elas estão felizes... Então faça-as felizes, não? Vai por mim que depois você também ficará feliz! — Ele faz uma curva fechada, de modo que acabo do outro lado do carro, em cima de Ann, e só tenho tempo de apoiar o braço na janela para não a amassar completamente.

— Desculpe...

— Ah... — Ann sorri. — Foi um prazer. Você pode me amassar com amor. — E diz isso de um jeito, com um olhar, que tenho vontade de seguir as sugestões de Ciccio e lhe fazer uma declaração na hora, longa e linda. Mas nesse caso tenho a desculpa certa: não falo a língua dela.

Ciccio liga o som e põe um CD.

— Então, noite ou hotel?

— A noite é longa... sim!

Ann ri.

— Está só começando! — Elas começam a dançar ao som de Rihanna com Mikky Ekko, cantando “Stay”.

— Sabe o que diz essa canção? Fala de nós... Diz: *“Something in the way you move, makes me feel like I can’t live without you, it takes me all the way, I want you to stay!”*.^[50]

Pouco depois, chegamos ao obelisco do bairro EUR. Ciccio faz outra curva fechada e continua a girar numa velocidade absurda ao redor do obelisco, fazendo os pneus cantarem como loucos. Ann e Raily estão coladas nas janelas, rindo e gritando.

— Yeaahh!

Depois, Ciccio termina a curva, entra na Via Chopin, estaciona em frente ao Spazio 900 e sai do carro como se fosse o Bruce Willis em um de seus melhores filmes.

— Ei, Danilo... Toma. — Joga as chaves do carro ao manobrista do local, um cara com uns trinta anos, careca e barrigudo, que, porém, só deve ter visto as comédias de Carlo Verdone,^[51] porque não agarra as chaves, que caem no

chão. Fazendo de conta que não houve nada, entramos no Spazio 900.

— Ei, Nicco, hoje o DJ é o Coccoluto! Ouve que música! — Ciccio se agita logo, dançando, e passa embaixo da corda na entrada com uma agilidade inesperada. O segurança vem imediatamente na direção dele para expulsá-lo, mas o reconhece e balança a cabeça.

— Sempre o mesmo, hein, Ciccio!

— Sempre...

— São quantos?

— Quatro.

— OK.

Alceste, o segurança, fala com o gerente, Fritz, que está elegante como sempre, impecável com seu bigodinho à francesa, olhos azuis espertos e óculos diferentes a cada dia. Fritz o escuta. Quando Alceste aponta para nós, ele nos cumprimenta de longe e dá alguma coisa a Alceste, que vem até nós e entrega quatro bilhetes a Ciccio.

— Divirtam-se e cuidado...

— Por quê?

— Vocês escolheram bem... São bonitas estas duas, e a casa está cheia de caras metidos a besta...

Ciccio sorri.

— A gente sabe se defender... ou, no máximo, você nos defende.

Alceste ri como um louco e acaba tossindo, tomado por um excesso de divertimento.

— Boa, Ciccio! *Oi lakedaimonioi...*

— Sempre! — E entramos.

— O que quer dizer aquela última frase?

Ciccio pega o braço de Raily como se ela fosse a sua namorada desde sempre.

— Ah, nada, é uma coisa que dizemos como saudação! Fiz a monografia dele...

— Você?

— Sim, eu! Por quê? Ele se formou em Direito. Você vê como é a vida hoje? Ele poderia ser um ótimo advogado e, em vez disso, com a crise que está aí, precisa trabalhar como segurança.

— Olha, desculpa, mas, se ele se formou graças a você, eu tenho lá minhas dúvidas...

— Bem, graças a mim, não, graças à monografia! Vocês sabem... Hoje as monografias são até baixadas da internet! O acordo era este: eu resolvia a monografia pra ele e teria entrada grátis onde quer que ele fosse o segurança!

— Ah, sei...

— E, quando preciso, ele me dá até algum conselho legal.

— É claro... Como não? Assim pelo menos ele se sente um pouco mais valorizado.

Entramos na confusão. Ann e Raily conversam. De vez em quando, Ann indica alguma coisa a Raily, fazendo-a notar sabe-se lá o quê.

— Queremos dançar...

— Claro...

E, assim, põem a bolsa a tiracolo, tiram as jaquetas e as penduram nas bolsas, de modo a ficar com as mãos livres. Eu, hein, essas estrangeiras têm hábitos estranhos! Ciccio percebe.

— Não, não, assim não está bom. Enquanto estão conosco, não terão problemas! — Tira as jaquetas penduradas nas bolsas, coloca-as sobre uma mesa vizinha e volta a falar com Alceste. Olho de longe. Ciccio aponta para nós e para a mesa. Alceste concorda, acenando, e lhe diz algo ao ouvido. Ciccio lhe faz um gesto para dizer que ele é louco. Alceste então lhe diz outra coisa ao ouvido. Ciccio ri e lhe dá um tapa no ombro. Depois, balançando a cabeça, volta em nossa direção ao som de “Get lucky”, do Daft Punk.

— Porra, é muito bom esse Coccoluto! Sabia que ele ganha a maior grana? Deve levar pelo menos vinte mil por noite, mas merece tudo, porra!

— Mas você está sempre falando de dinheiro... O que Alceste te disse?

— Hein? — Ciccio me leva até a mesa. — Vamos ficar aqui...

— Primeiro me diz o que ele te disse!

— Não se preocupe...

— Você está aprontando alguma coisa?

Ciccio se deixa cair pesadamente no sofá, arrastando-me com ele, entre aquelas almofadas de couro preto que ainda cheiram sabe-se lá a que e a quem.

— Vamos ao sabor do vento esta noite... Vá tranquilo! Ei...

Chama um rapaz com a bandeja.

— Traz pra nós dois runs com Coca-Cola? Obrigado.

— Mas eu não gosto!

O rapaz fica esperando. Ciccio ri e bate na minha coxa.

— Ai!

— Como você é fragilzinho! Eu estou com sede, os dois runs são para mim... Você acha que eu ia pedir para você sem te perguntar?

O rapaz com a bandeja na mão parece perder a paciência.

— Então, o que você quer?

De algum modo, Ciccio se levanta das almofadas do sofá.

— Calma aí, cara! — intervém Ciccio. — Temos a noite toda à nossa frente e somos convidados do príncipe Colonna. Seja gentil ou pode esquecer a gorjeta!

Engulo em seco.

— Para mim, um gim-tônica!

— E traz também uma garrafa de champanhe com quatro taças *flûtes*!

O rapaz sai sem responder.

Ciccio se joga de novo no sofá.

— Esses rapazinhos perderam o respeito!

— Mas ele tem quase a nossa idade...

— Faltam aqueles dois anos que fazem a diferença! E depois nós estamos com a vida ganha; pode-se ver que ele a desperdiça... — Ciccio ergue a voz, tentando se fazer ouvir em meio à música. — Mas se diz *flûtes* com o “s” no final? Sei lá...

Em seguida, ele se levanta e começa a dançar ali na frente.

— Mas é sério? O príncipe paga tudo?

Ele pisca para mim e assente; depois, dançando num ritmo perfeito, vai na direção de Raily e Ann. Quando chega perto delas, as pessoas abrem espaço. Ele cumprimenta alguém, depois dá uma volta e beija Raily como se não estivesse namorando ninguém, como se não estivesse com ninguém além dela!

— Deixo aqui? — O rapaz voltou. Ele põe sobre a mesa os dois runs, o meu gim-tônica, um balde cheio de gelo, a garrafa de champanhe e as taças.

— Sim.

— Então assina aqui!

Ele me passa um bloquinho. Eu olho para Ciccio para buscar a sua aprovação, mas ele continua dançando como um louco, rodeado por Raily, Ann e muitas outras pessoas. Então, eu me viro na direção do segurança, que por sorte está olhando para mim e acena afirmativamente. Então, pego o bloquinho do rapaz e, na dúvida, faço uma assinatura que possa parecer tudo, menos Niccolò Mariani. O jovem garçom nem a olha, se vira, enfia o bloco no bolso traseiro da calça e desaparece entre as pessoas. Eu me viro na direção de Alceste, levanto a mão para agradecer e gostaria de dizer também “*Oi lakedaimonioi*”, mas ele não me dá tempo de fazer isso e se volta para outro lado, fazendo de conta que não houve nada.

Assim, não me resta nada a não ser beber o meu gim-tônica. Está frio, gostoso, bem misturado. Provo um gole, que desce que é uma maravilha, então viro tudo. O que me importa? Eu me sinto um príncipe, até assinei como o príncipe Colonna! E, com esse pensamento, vou dançar com eles.

Eu me aproximo de Ciccio e grito ao seu ouvido:

— Ciccio!

— Oi? O que você quer? Está tudo pago!

— Sim, eu sei, quero te dizer outra coisa! Você não tem medo que te peguem?

— Mas quem? — Ele me olha, parecendo perplexo.

— Como quem? As tuas duas namoradas!

— Mas como assim? Você dá azar?

Ele faz um passo de dança e, sem dar a perceber, se toca naquele lugar.

— Elas sabem que estamos jogando na casa de Bato até tarde e já estão dormindo... Recebi o SMS... E depois tem mais de três mil pessoas aqui! Eu tinha que ser muito azarado...

Ele continua a dançar com uma serenidade fantástica. A música aumenta, o DJ é mesmo bom e passa do *house* com cadências latinas ao *minimal techno* e à música eletrônica. De vez em quando, voltamos à mesa. Ciccio vira os dois runs. Depois, abre a garrafa de champanhe, enche as taças e as levanta para o céu.

— Obrigado, príncipe Colonna!

— Um príncipe? Legal, obrigada! — Ann e Raily brindam com ele e depois, rindo, viram as suas taças! Depois outra e mais outra ainda. Então, voltamos a dançar, e a música parece ainda mais bonita. Com os braços abertos e os olhos fechados, seguindo o ritmo e o teto que gira em mil cores ao som de “Feel this moment”.

— Grande Pitbull!

— Sim! Nós gostamos dessa!

Elas pulam com gosto, dançando ao ritmo do nosso amado capitão. Voltamos à mesa e pedimos outra garrafa de champanhe. Dessa vez, são Ann e Raily que erguem primeiro suas taças.

— Obrigada, principal Colonna!

— Mas não é “principal”... É príncipe... Tá bom... De fato, principal também soa bem!

Continuamos a dançar ao som de Mengoni, Pink, Bruno Mars, Max Gazzè, Ola! Entre um disco e outro, bebemos alguma coisa e depois continuamos a dançar. Então, Ciccio se afasta, e por um momento eu me preocupo. E agora? O que ele vai aprontar? Onde foi parar? Depois o vejo de longe. Está perto da mesa do DJ e lhe diz alguma coisa. Coccoluto acena e sorri. Ciccio ergue a palma da mão. Não! Batem até as palmas das mãos! Incrível. Esse é o homem dos mil mistérios. E assim, enquanto ele volta, sorrindo, a música muda e entra Eros Ramazzotti.

Che cosa ti aspetti da noi, chissà se ci pensi mai, lo sai che anche il mare è più blu...[52]

Todo mundo parece concordar com Ciccio. Todos se abraçam, formam casais e começam a dançar lentamente, como se não esperassem outra coisa além daquele momento. Em todo o Spazio 900, as luzes diminuem. Raily ri e chora ao mesmo tempo.

— Sim...

Ciccio chega sorrindo para ela.

— É a música de ontem à noite...

Ela o abraça com força, se esconde entre seus braços e se perde naquele peito, entre correntes e enfeites baratos, fecha os olhos, apaixonada, e eu me pergunto se tudo isso é verdade. Não, talvez eu sempre tenha estado dentro de um *Show de Truman* italiano, dirigido por um grande diretor: Ciccio. Mas depois me sinto abraçar e entendo que não, que é tudo verdade e que, se for uma pegadinha, é a melhor que me poderiam fazer, porque Ann é única. Então, fecho os olhos e me deixo levar, danço com ela. A música é linda, e Eros é o cara: *Questa nostra stagione di vita insieme, a innamorare noi è perfetta così, ma non c'è vero amore che non abbia bisogno di un po' di cure...*^[53] Essas palavras não podem sugerir outra coisa além daquele beijo de Ann, maravilhosamente meu. Depois, ela interrompe o beijo e apoia a cabeça no meu peito. Quanto tempo faz que eu não ia a uma discoteca? A vida com Alessia tinha se tornado entediante? Eu tinha virado um chato? Ou não, agora entendo, talvez eu *seja* um chato! Olho para Ann, de olhos fechados e se movendo comigo, seguindo o ritmo da canção.

É linda, é verdade, mas o que uma americana pode entender? Nós as vemos sempre acompanhadas pelos metidos a besta mais bestas, perdendo a cabeça pelos mais supermalhados, loucas pelos mais musculosos. Por que as estrangeiras não têm o gosto das nossas italianas? Sempre ri com Ciccio, sentados na Piazza Navona, olhando quem acompanhava as estrangeiras e pensando que eram o descarte das meninas italianas, ou seja, lixo! Mas Ciccio está com duas meninas italianas, e só eu fui chutado, então eu sou lixo! Mas, antes que eu conclua este pensamento, sou quase arrancado de Ann quando alguém me puxa por um braço e ouço uma voz gritar mais alto que a música.

— Então era por isso! Porque você é como todos! Aliás, pior que todos, você é mais cretino!

Não posso acreditar! Ela está ali na minha frente, com as mãos na cintura, os olhos injetados de sangue, e me olha enojada, depois encara Ann e, naturalmente, fica com mais raiva ainda.

— Então? O que você me responde? — Ela balança a cabeça. — Que nojo...

— Mas Pozz... É, Benedetta, desculpa, mas por que você está com tanta raiva?

— Por quê? Você me pergunta por quê?

— Sim, por quê?

— Porque depois de tudo o que aconteceu você não me mandou nem uma mensagem! Não só isso... Eu te escrevi e você não me respondeu!

— Mas talvez não tenha chegado a mensagem.

— Eu te mandei faz meia hora!

— Mas eu não vi, sério!

— Deixa pra lá... Vá, divirta-se, eu erre... mas erre mesmo, hein! — Ela se vira para ir embora, e eu tento segurá-la. — Me deixa! — Ela me dá um empurrão. — Infelizmente a gente se vê no escritório, não?

Ela diz isso com um tom de zombaria, como se dissesse: “Você sabe que eu vou fazer você pagar, não sabe?”. E se afasta.

— Olha... Eu sabia! — Dou um empurrão em Ciccio. — Como era? Tem três mil pessoas aqui, mas quando é que alguém vai nos encontrar... — Junto o polegar e o indicador, traçando uma linha no ar. — Justamente ela!

Ciccio levanta os ombros.

— Você é um pé-frio. De qualquer modo, é melhor que tenha acontecido, vai por mim, você resolveu tudo e se saiu bem. Você ia ter um monte de problemas, mas assim ela já entendeu que foi só uma transa...

E, dizendo isso, começa de novo a dançar quando toca um *remix* de uma música de Califano, “Tutto il resto è noia”. Parece ter sido escolhida de propósito para dissipar o momento. Em seguida, Ann se aproxima de mim.

— Olha, eu sei que você sofreu muito por aquela garota. Para ser sincera, eu a imaginei diferente, mas gosto ainda mais de você pelo que sentiu por uma garota como ela... — Ela me abraça forte.

Ciccio percebe a cena, se aproxima e grita ao meu ouvido:

— Não posso acreditar! Ela pensa que Pozzanghera é Alessia! E por isso gosta mais ainda de você! Mas você está entendendo? Esta noite você pode pedir tudo o que quiser. Você nasceu com a bunda pra lua!

Acordo de sobressalto, quase preso entre os lençóis. Estou completamente enrolado, não encontro modo de sair, não respiro, mas enfim me desvencilho.

— Ufa! — Fico sentado, todo suado, com os braços abertos apoiados no colchão, olhando ao redor. Sim, estou no meu quarto. Mas o que aconteceu? Será que sonhei? Depois, vejo as roupas espalhadas pelo quarto, reconheço-as e sorrio. Não, foi tudo verdade, tanto o que eu bebi como toda a noite, o encontro com Pozzanghera e o depois... Talvez Ciccio tenha me trazido para casa. Sim, agora me lembro! Quer dizer, parece o filme *Se beber, não case* 23!. Estávamos tão bêbados que Ciccio conseguiu um táxi, ou alguém que dirigisse o carro dele, sei lá, resumindo, não estávamos nem eu nem ele na direção, muito menos uma das meninas.

Eu me levanto e me arrasto, confuso, até o banheiro. Olho-me no espelho, mas o que eu sou, uma fotocópia? A tinta estava acabando? Meus contornos estão desbotados. Molho o rosto. Estou com uma dor de cabeça insuportável, típica de quem misturou muitas bebidas: rum, que no fim acabei bebendo, gim-tônica, champanhe e depois de novo

rum. Deixo a água escorrer. Lavo também a nuca, jogo mais água no rosto e lentamente começo a me recuperar.

Por sorte, não tem ninguém em casa. Mamãe deve ter saído e Valéria deve estar na universidade. Eu não teria suportado as discussões. Repetem sempre as mesmas coisas, e o mais absurdo é que fazem isso gritando; acho que, desde que papai se foi, elas gritam ainda mais.

Começo a fazer café. Sento-me à mesa. Pela janela meio aberta entra o sol quente da manhã. Que bom, hoje posso relaxar, não é meu dia na banca! Finalmente, o café sai borbulhando, despejo-o em uma xícara grande com um pouco de leite frio, depois pego alguns biscoitos integrais. Têm pouco açúcar, e eu os como lentamente, saboreando o café com leite na temperatura ideal. Aos poucos me lembro da parte final da noite.

Para mim, parece uma montagem de *Infidelidade*, aquele filme de Adrian Lyne, com Richard Gere e Diane Lane, especialmente a cena em que Diane Lane, enquanto volta para casa no trem, se recorda de toda a paixão que viveu em certos momentos com Paul, interpretado por Olivier Martinez. É uma cena incrível. Então, revivo do mesmo modo a minha noite com Ann. Suas calças que se abrem. Preto. Ela se curva para a frente e ri. Preto. Eu tiro a minha camisa. Preto. Ela me abraça forte e me beija. Preto. Ela tira minhas calças e se abaixa. Preto. Eu a deito e a beijo entre as pernas. Preto. Ela suspira enquanto eu abro suas pernas. Preto. Ah, meu Deus! Paro na metade, ainda em devaneio,

ponho a xícara na mesa e corro para o quarto, onde reviro tudo, a camisa, a cueca, as meias, até achar a calça, enfio a mão no bolso e pego a caixa. Uma, duas, três! Ufa... Graças a Deus, falta a quarta! Usei a camisinha! Mas eu estava tão bêbado... Será que coloquei direito? Não foi Ciccio que usou?

— Oi, Niccolò!

— Oi, mamãe. Não ouvi você chegar!

— Tudo bem?

Ponho a caixa de volta na calça.

— Sim, oi, mamãe, estava tomando café...

— E depois?

Ela é danada, não deixa nada escapar.

— E depois não me lembrava onde tinha posto a chave do carro.

Ela decide acreditar em mim.

— Ah... Mas hoje você entra tarde?

— Sim... — Volto para a cozinha para continuar bebendo meu café com leite. — Ontem fiz o turnão.

— Melhor, assim você pôde dormir um pouco mais.

— Sim...

Mamãe tira o casaco, coloca-o sobre a cadeira, arruma alguns pratos, lava-os com detergente e põe no escurridor. São os pratos de Valéria, e ela é quem deveria ter lavado. Minha irmã é uma cretina. Se algum dia eu fizer um filme, esse será o título.

— Mas o que está acontecendo com tua irmã?

Meu Deus, mas será que ela lê meus pensamentos?

— Não sei, acho que terminou e agora está com outro...

— O quê? Mas como terminou?

— Não sei, mamãe, acontece...

— Como acontece? Não deveria acontecer. Uma pessoa se casa, tem um filho e depois essas coisas “acontecem”? Não! Vocês facilitaram tudo! Tem muita liberdade, internet, celular! Aqueles programas em que todo mundo fica com todo mundo naquela casa, vocês criaram um caos!

— Não, mamãe, entendi errado, pensei que você estivesse falando de Valéria!

— De jeito nenhum! Aquela sempre foi um desastre! Nem reparo mais! Estava falando de Fabíola. Você foi jantar com Vittorio, não?

Minhas irmãs são ótimas: arranjam problemas, contam as histórias para a minha mãe, mas apenas até certo ponto, e depois esperam que eu complete o que falta, como as últimas peças de um quebra-cabeça.

— Então? Você vai me dizer ou não o que está acontecendo com Fabíola? Agora você é o homem da casa!

Eu só sei que não aguento mais essa frase.

— Mas, mamãe, o que você quer? Isso acontece normalmente com um casal, não? Briga, discute, se afasta, deve ter acontecido também com você e papai...

Mamãe fica em silêncio por um instante. Depois, me olha e sorri para mim.

— Não. Nós nunca nos afastamos. E, mesmo quando ficamos longe fisicamente, na verdade estávamos mais

próximos.

Em seguida, ela vai para o seu quarto lentamente, sem um sorriso ou um rumor, em silêncio, assim como ficam a cozinha e a casa inteira. Da sacada chegam os barulhos do pátio. Alguém está consertando alguma coisa em algum lugar. O que mais me surpreende, agora que presto atenção, é que tem sempre alguém batendo em algo.

Vou para o meu quarto. Deito-me na cama e olho para o teto. O amor entre minha mãe e meu pai não teve nenhum momento de dificuldade? Nenhum arrependimento? Nenhum afastamento? Pelo que ela me diz, não, e não tem jeito de saber nada da outra parte. Esse pensamento me aperta o estômago e me tira o fôlego por um instante. Não posso pensar que ele não está mais aqui, que não pode me falar da história deles. Ele me diria a verdade. No entanto, teve aquela mulher, Ilaria De Luca. E, de repente, me levanto. Vasculho de novo minha calça, dessa vez com outra preocupação. Não, aqui está. Checo o envelope com o dinheiro. Está tudo ali, cinco mil euros, não gastei um centavo. Ah, claro! Que idiota... Éramos convidados do príncipe Colonna. Então eu me pergunto se aquela mulher me disse a verdade. Talvez tenha me dito somente o que eu gostaria de ouvir? Assim, fico com aquele envelope na mão. Se aconteceu alguma coisa, houve dinheiro envolvido. Ele voltou, mas sujo. Mas, se não aconteceu nada, então o gesto se torna ainda mais bonito. Sim, mas agora o que eu faço?

— Mamãe? Posso...? — Ela está na sala, arrumando algumas coisas deixadas em desordem por Valéria.

— Sim, diga... — Fala comigo sem me olhar, como se estivesse envergonhada pelo que disse, quase como se lhe pesasse a beleza do seu amor.

— Então, mamãe, eu queria te dizer que ultimamente a banca está indo muito bem e...

Então, ela se vira e me vê com o envelope na mão.

— O que é?

— Dinheiro, mamãe.

— Por quê?

— Porque quem sabe possa lhe servir. São cinco mil euros.

— O que você fez, Niccolò?

— Nada, já te disse, tem entrado mais dinheiro... E eu economizei um pouco e depois eu fiz uns bicos por aí.

Agora ela fica séria, quase severa.

— Que bico? Com o teu amigo Ciccio? De onde vem esse dinheiro? Não me deixe preocupada, Niccolò, por favor...

Sinto pela sua voz que está ficando preocupada, até o rosto fica mais tenso.

— Não, mamãe, te juro... — Mas vejo que não se convence. — Tá bom — cedo. — Eu ganhei... numa raspadinha!

Ela dá um suspiro de alívio.

— É sério, não é? Você não está mentindo para mim?

— Não, mamãe, é sério. Eu raspei uma Pazzi Per lo Shopping e ganhei dez mil euros. Fico feliz de te dar a metade... — E estendo o envelope para ela. — É verdade, toma.

Ela olha para o dinheiro por um instante.

— Não, Nicco, obrigada, você é um amor... — Quase se comove ao me dizer isso, mas depois fica séria. Tenho vontade de rir, pois só agora me chamou de Nicco. — Fica pra você, você pode precisar. Neste momento, não preciso de nada, sério...

— Como você quiser, mamãe. — Ponho o dinheiro no bolso. — De qualquer modo, quando você quiser, está aqui.

Como se estivesse aliviada com o fim da situação, ela dá um suspiro.

— Por um instante, eu pensei que você vendia maconha!

— Mamãe, se diz traficar, e não vender.

— Tá bom, o que for. Com o seu amigo que não se sabe bem o que faz.

— Ciccio constrói sites, quer dizer, plataformas, para você entender melhor, para a internet. Lembra de Mark Zuckerberg?

— Aquele do filme que vimos na TV?

— Sim, aquele! Então, Ciccio faz algo parecido com o trabalho dele.

— Mas ele andava sempre com sandálias abertas, com as *ciocie*,^[54] mesmo com a neve. Era... Como é que vocês dizem? Um perdedor!

— Sim, sim... Quem dera nós também fôssemos perdedores assim, mamãe. Agora vou tomar um banho porque depois preciso ir à imobiliária!

Eu lhe dou um beijo, respirando aquele creme que ela usa desde que eu nasci e toda a sua autenticidade maravilhosa.

Eu, porém, estou de saco cheio de ser ingênuo, estou de saco cheio de tudo, desta sociedade, de como tudo é uma enganação e tudo é sempre igual a como era, a começar pela política: acham que somos idiotas, e isso em todo o mundo, e fazem eleições somente para voltar depois de dois meses à situação de antes, todos espertos, todos pensando em se tornar mais ricos, parece que estou naquele romance *O leopardo*, com aquele Tancredi que dizia: “É preciso mudar tudo para não mudar nada”. Políticos idênticos aos velhos e iguais aos que virão no futuro. Porque Paolino, o louco, realmente tinha razão. Ele circundava a praça Barberini com duas espécies de molas na cabeça, ao redor das orelhas, e dizia: “O diabo está aqui, o diabo está no dinheiro, no poder, na facilidade de tudo!”.

E depois apontava para alguém que passava. “Você! Sim, você, você mesmo! Você se venderia por nada! E você também! Vocês são como os jogadores de futebol! Na semana seguinte jogam no time adversário, talvez até mesmo naquele contra o qual fizeram gol. Por dinheiro, tudo se faz por dinheiro, então as putas são mais honestas, pelo menos elas não fingem!” E continuava a andar pela praça, parecia que estava com raiva de todos, andava numa espécie

de bicicleta e tinha um pequeno rádio que ligava no volume alto e dançava, dançava muito, agitando-se completamente fora do ritmo. Um louco simpático, que sumiu de um dia para o outro. Ciccio, Bato e Guido iam de vez em quando à praça Barberini à noite para tomar uma cerveja, para escutar os seus insultos e rir. Mas quando, numa noite, não o encontraram mais, ficaram tristes. Então alguém imediatamente disse que ele tinha ganhado na loteria, outro que sempre tinha sido rico e tinha zombado de todos; Ciccio, porém, que é mais realista e menos romântico, disse simplesmente que ele tinha morrido. Eu não sei o que realmente aconteceu, mas penso que afinal ele não era tão louco, que dizia a verdade. Lembro-me de que uma vez, na escola, a professora de História da Arte, falando de Van Gogh, disse “Os loucos abrem as estradas que depois os sábios percorrem”, citando Carlo Dossi. Eu nunca a escutava, mas de vez em quando ela dizia umas coisas acertadas.

O meu olhar cai naquela foto tirada em Anzio. É, acho que estragamos tudo, que a praia aonde meu pai me levava quando eu era pequeno não é mais tão limpa como naquela foto. Menos mal que ainda existem aquelas praias que vejo de vez em quando na internet, onde, porém, nunca estive. Ou será que também são falsas? Retocadas com Photoshop como todas as modelos nas revistas ou aquelas meninas que tentam melhorar suas fotos no Facebook, mas que depois se nota que ficaram falsas e inclusive mal retocadas. O mundo

não é mais limpo, a comida não é mais limpa, as muçarelas não são mais saudáveis e todos estamos desesperadamente procurando como construir um futuro quando talvez este nem chegue a existir.

Penso também que toda essa divagação é normal para mim, é o clássico efeito depois da bebedeira. Sempre fico mal, mesmo que a noite tenha sido perfeita e divertida como ontem! Mas o incrível é que perco os freios inibidores, então digo tudo, quer dizer, me seguro pouco ou nada. Estou para entrar na imobiliária. Chamo o elevador, chega, entro, e, antes que eu aperte o botão, ela entra comigo, com aquela sincronia que só o destino pode ter. Pozzanghera.

— Oi, Benedetta.

— Oi? Você ainda tem coragem de me cumprimentar?

Ótimo. Talvez eu não devesse ter bebido, mas também é verdade que nunca teria escapado dessa situação. Então sorrio, talvez porque já imagino o que posso dizer. Na verdade, pensando bem, você nunca sabe o que realmente vai sair da sua boca quando começa uma discussão, e às vezes pode ficar surpreso com o que nunca achou que seria capaz de dizer.

— É mesmo? Estou bem, cara Pozzanghera...

— Pozzanghera?

— Sim, como aquelas poças imundas que nos sujam! Quando age assim, você é mesmo uma poça, sabia? Por acaso eu te violencei? Hein? Por acaso eu te obriguei a fazer tudo o que você fez? Não! Aliás, talvez eu é que devesse estar

me lamentando! Fui para conversar com você, porque te achei desesperada, e você, o que faz? Aproveita-se da minha bondade e fica se esfregando em mim com peitos e bunda de um modo tal que até o último dos gays poderia pensar em mudar de ideia...

— É...

Quando me viro, não posso acreditar. Só agora percebo que atrás de mim as portas estão abertas. Este elevador leva diretamente à recepção da imobiliária, onde estão a secretaria, os quadros com as várias tarefas da semana e, naturalmente, os meus colegas, que, a julgar pelo modo como estão parados e atônitos, devem ter ouvido tudo. Saio do elevador como se nada tivesse acontecido.

— OK, Benedetta, concordo com você. Você vai ver que, abaixando o preço como você sugere, venderá logo...

Depois, atravesso a sala procurando alguma coisa dentro da minha bolsa.

— Ah, bom dia a todos... — E desapareço atrás da minha escrivaninha. Ligo logo o computador e checo os e-mails, escondendo-me atrás do monitor, abaixando-me, como se procurasse quem sabe o que dentro de quem sabe qual e-mail. Nada, naturalmente Alessia não me escreveu. Checo o celular, mas não há nada, nenhuma mensagem. Ponho o celular sobre a escrivaninha e entro no Facebook. Vou à página de Alessia, mas nada, nenhum indício, nada que me leve a imaginar alguma novidade significativa na sua vida. As fotos de sempre. Isso, deve ter ido jantar com as suas

amigas, como fazia quando não saía comigo aos sábados. Continuo a clicar nas fotos. Tem uma sua muito bonita. É recente. Quem a terá tirado? Deve ter sido Alessandra, que adora fotos, vive tirando-as com o celular. Comprou um iPhone 5 só porque tinha mais definição do que o modelo 4S. Olho melhor a foto. Tem uma frase estranha atrás dela, parece que a conheço. Talvez eu a tenha visto em algum lugar... Sim, estão no Settembrini, perto da praça Mazzini. É uma livraria onde se pode comer. Ótima ideia pôr a cultura a serviço do estômago, sim, tiveram mesmo uma ótima ideia. Porém, é estranho que Alessia tenha voltado lá. Eu me lembro de que no dia em que fomos lá com amigos ela disse:

“Mas você imaginou se todos os livros ficarem impregnados com esse cheiro de fritura? Sente, sente...” Cheirou os cabelos. “Vou para casa tomar um banho”, disse ela. “E este?”, comentou ainda, pegando o *Crime e castigo*. “Olha, e o Fiódor terá que aguentar esse cheiro de fritura? Me poupe!”

“Sim, é mesmo um crime, aliás, é um castigo fritar um livro como este...”

Tentei fazer uma piada, mas ela não riu.

“Quando você faz assim, merece mesmo os teus amigos.”

“Vamos, eu estava brincando...”

“Você é um idiota!”

“Vamos, Alessia, você está exagerando.”

E ela foi embora assim. Lembro-me de que dei de ombros e continuei a beber um vinho branco que Guido tinha

escolhido.

“Durona, hein...”, disse ele. Eu não respondi. Na verdade, queria ter corrido atrás dela, e, se não fossem os meus amigos, teria feito isso. Quantas coisas diferentes a gente faz quando não está só e que rumo toma a nossa vida por culpa dos outros.

Uma vez, vi um quadro que adorei. Tinha uma mulher de costas e, embaixo, uma escrita toda borrada, mas que de longe se lia com clareza. “Os outros quem, afinal?” Dizia só isso. Tínhamos ido à Piazza di Spagna, à galeria Ca’ d’oro, da Gloria, uma amiga de Alessia. Daquela vez, Alessia se divertiu muito; ficamos juntos, e, quando lhe mostrei o quadro, ela não me insultou, ao contrário, gostou muito dele. “É verdade...”, disse. “Os outros quem, afinal? É fantástico!”

E na metade da mostra me pegou pela mão e me arrastou pela Piazza di Spagna acima, acima, até o topo da escadaria. Comprou uma cerveja e começou a dançar nos degraus, no meio de alguns músicos que se encontraram ali para uma estranha *jam session*. Um tinha os cabelos longos como o Kusturica ou como aquele diretor que faz aqueles filmes com um monte de música legal, como se chama? Olha, o cara tocava bem e olhava demais para Alessia, mas ela não via ninguém, só a mim, e me beijava como se os outros não estivessem ali, não existissem, mas os outros quem, afinal? Lembrando-me disso, começo a rir. Era isso que ela queria dizer. Era por isso que ela tinha gostado daquele quadro e

decidiu se comportar assim naquela noite. Talvez fosse uma mensagem que eu, porém, não soube escutar.

Não tem nenhum e-mail para mim, nenhuma mensagem, e, do outro lado da sala, Pozzanghera me encara. Então, me escondo de novo atrás do computador e sem querer me chamam a atenção três coisas na página do *Affari Italiani*. A primeira é que todos criticam os artigos, a segunda é que existem ofertas incríveis para viajar hoje pela Itália e é uma pena perdê-las e a terceira é aquela que me faz tomar uma decisão importante. Com isso, me levanto da minha escrivaninha e atravesso a sala exatamente no instante em que Pozzanghera se levanta da sua cadeira para vir ao meu encontro.

— Escuta, Niccolò, para aquela cobertura, eu pensei...

— Não se preocupe, não cuido mais dela, se você quiser. Não tem problema, deixei as chaves em cima da minha escrivaninha.

— Ah... — Ela fica sem saber o que responder. — Mas eu não queria te dizer isso...

Porém, antes que ela termine a frase eu já estou no escritório de Gianni Salvetti.

— Oi, Niccolò...

— Posso?

— Sim, sim... Claro.

— Olha, nós estivemos numa situação estranha ontem à noite... Exatamente naquele momento, Marina passa na

frente do escritório, me olha e, sentindo certo embaraço, se vira e segue para outro lado.

— Fecho a porta?

Sem esperar que me responda, fecho a porta.

— Olha, Gianni, eu de alguma forma me tornei... não sei como dizer...

Ponho o celular sobre a mesa e fico por um instante em silêncio. Gianni olha para o celular, depois me olha de novo, e então eu continuo:

— Fui testemunha de uma coisa... Olha, eu não queria ter estado ontem à noite naquela cobertura e vir a saber de uma realidade que, digamos, eu não esperava conhecer... mas infelizmente agora eu sei e me encontro em dificuldade.

Gianni se apoia no encosto da cadeira. Seu rosto está branco, ele franze as sobrancelhas, junta as mãos na barriga. Não posso deixar de notar a aliança na mão esquerda. Ele percebe e muda o modo de cruzar as mãos, cobrindo-a.

— Então, Niccolò, o que você quer me dizer?

Pouco depois, saio por aquela porta com um sorriso. Devo dizer que Alessia tinha razão: às vezes, o ato de ler jornais te dá certas ideias nas quais você talvez nunca teria pensado. Gianni concordou logo que eu comece a viajar para aumentar a área de atuação da imobiliária, o que me permitirá evitar a Pozzanghera por algum tempo e pensar menos em Alessia, mas sobretudo mostrar mais alguma coisa da Itália às nossas duas belas estrangeiras, exatamente como o *Affari Italiani* sugeria. Qual era, porém, a terceira coisa que chamou

minha atenção? Ah, sim, que estão aumentando cada vez mais as chantagens no ambiente de trabalho.

E assim volto para casa e preparo a mala.

— Mamãe, tenho uma ótima surpresa! Mamãe, você está aí? — Mas não tem mais ninguém, talvez tenha saído para fazer a feira. Melhor assim, vou deixar um bilhete para ela e depois telefono; senão, do jeito que ela é, vai se preocupar.

— Alô, tio? Queria te dizer que estarei fora a trabalho.

— Ah, OK.

— Sérgio pode me substituir?

— Mas você sabe que seu primo não quer nem saber... Para ele, trabalhar como jornalista é *cheap*.

Começo a rir.

— Tá, você entendeu! Não é como vocês dizem? É coisa de cafona, é bronco!

— Não, tio, *cheap* estava ótimo...

— Mas por que se diz *cheap*, afinal? Por que os cafonas jogam frequentemente pôquer? Como quando se colocam as *chips*?

— Não, tio, é uma gíria americana.

— Ah, entendi, e você não sabe quando volta?

Fico em silêncio.

— Não. Mas acho que é logo. Eu te falo, te telefono. Tchau. — E desligo.

Pouco depois, estou na casa de Ciccio. Toco duas vezes e, em seguida, ouço chegar alguém atrás da porta e o ruído do movimento do olho mágico.

— Quem é?

— Eu.

— Eu quem?

— O seu melhor amigo...

— Mark Zuckerberg! Grande!

Ele abre a porta de cuecas, completamente exausto, deixa-a aberta e volta para o quarto.

— Mark, deixa mil de suas ações na cozinha, por favor, agora não tenho tempo...

Depois, se deixa cair sobre a cama.

— Ei, mas assim você quebra a cama! — digo, fechando a porta. — Você dormiu até agora?

— Sim.

— E os seus pais?

— No trabalho!

— Mas não voltam para o almoço?

— Hoje não. Mas o que é isso? Um interrogatório? Ainda não tomei café da manhã e com a desculpa de ser o Zuckerberg a Gestapo entrou na minha casa.

— Mas que comparação é essa? Vamos que agora você se recupera, olha aqui! — Mostro a ele uma sacola com tudo o que ele pode querer e que até então eu tinha mantido escondida atrás das costas.

— *Cornetti* comuns, *cornetti* de chocolate e de creme, *maritozzi*^[55] com creme chantili, *tramezzini* de salmão, *tramezzini* de frango, torrada com presunto e queijo...

— Mas você não queria me colocar numa dieta?

— De fato, esta compra é para uma semana. Vamos viajar daqui a pouco.

— Pensei que eu tinha acordado, mas vejo que ainda estou sonhando...

— Não, não, falo sério, olha... — Sento-me à sua mesa e encosto no computador.

— Parado! — Ele se levanta de um salto, me alcança e toma o mouse da minha mão. — Toma, usa este outro... — Ele roda a cadeira, empurrando-a e fazendo-me terminar na frente de outro computador. — Ali estou fazendo o *download* de vários filmes que acabaram de sair...

— Na minha opinião, mais cedo ou mais tarde farão uma busca aqui.

Olho ao meu redor: seu quarto é praticamente como uma imensa Blockbuster; as paredes inteiras, do chão até o teto, estão cheias de DVDs. Ele se dá conta daqueles para os quais estou olhando.

— Essa parte que você está vendo está em língua original. Sabe, al-guns adoram assistir assim!

— Quer dizer, eles querem em língua original... mas piratas!

— As pessoas são estranhas.

Uma parte da parede tem todos os DVDs em capas vermelhas.

— Esses são pornô, assim não se confundem! Ah, a propósito, me lembre de que eu preciso levar um ali na banca pra você no domingo ao meio-dia e meia. Ou então eu te dou no sábado à noite e você leva para o falso padre. Quanto eu fiz pra ele?

— Oito e quarenta!

— Isso, muito bem, você tem boa memória, se bobear te pego realmente como sócio!

Ele escreve um lembrete e o cola a um DVD.

— Olha, leva este, é um dos primeiros com Sasha Grey. É forte, mas não muito, dá vontade de ver mais... Um pornô deve ser como as cerejas, um puxa outro, e, no final, você está numa confusão. — Ele ri.

Enquanto diz essas besteiradas, encontro o que procurava.

— Olha aqui. — Giro o computador para ele e lhe mostro a oferta especial.

— Legal... — Ele acaba de comer um *cornetto* e olha a oferta, lambendo os dedos cheios de chocolate e creme. Depois, bebe um gole de cappuccino, pega um dos guardanapos de papel e limpa a boca.

— Me parece uma ótima oferta... Mas o que nós temos a ver com isso? — Sorrio e clico no site, configurando partida, hora, dia e quatro passageiros.

— Nós vamos com as estrangeiras!

Ciccio quase engasga.

— Mas... E por quanto tempo ficamos fora?

— Uns três dias...

— Três dias, mas... mas eu não posso! Preciso baixar os filmes, quinta-feira tem todos os novos lançamentos...

— E daí? Você não pode programar os *downloads*?

— Mas... mas eu tenho namorada!

— Deixe as duas tranquilas por algum tempo que lhes fará bem...

— E o que digo?

— A verdade. É preciso sempre dizer a verdade. Que você vem para me dar uma mão numa pesquisa imobiliária e que é tudo pago!

— Sério?

— Bem, é preciso sempre dizer uma parte da verdade.

— E qual é a parte da verdade?

— Que algumas coisas são pagas, e outras não, que trabalharemos um pouco para a imobiliária, e um pouco não!

Ciccio morde outro *cornetto* e olha de novo para o computador e para mim.

— Sabia que nos Estados Unidos defendem justamente esse conceito? Dizem que é preciso tirar férias de vez em quando. As férias e o divertimento repousam a mente e a tornam mais produtiva! A mim parece uma ótima ideia e, como esta é uma verdade que eu li, direi isso também às minhas namoradas.

— Isso, muito bem, agora que você me parece convicto, clica aqui e paga!

— Mas como? Você não disse que era tudo pago?

— Em parte! A viagem não é, e é você quem paga...

— E por quê?

— Porque você tem PayPal e sempre diz que é segura.

Ele fica perplexo por um instante.

— Vamos, qual é o problema? Depois te reembolso, fazemos o recibo para a imobiliária...

Ciccio está um pouco confuso, mas eu o convenço.

— Mas você ainda está pensando?

— Você pensou na possibilidade de pôr para vender na banca a minha linha de DVDs “especiais” em oferta reduzida? Espera, não responde! Você poderia se precipitar. Pensa durante essa nossa viagem, OK?

Ele sorri, bebe outro gole de cappuccino e começa a teclar no computador, seguindo por todas as etapas e terminando toda a operação em pouquíssimo tempo.

— OK, consegui todos os descontos possíveis e deu quatrocentos e trinta e oito euros...

— Isso é que é desconto...

— Duzentos e dezenove para você... ou dividimos por quatro?

— Imagina, agora que você a tem vira mendigo? Arrume-se logo, vamos!

Eu o empurro para o chuveiro.

— Ei, ei, espera. Tenho ainda o cappuccino! — Eu o obrigo a deixar tudo sobre a mesa e não lhe dou tempo para reclamar, pois já abro a torneira. — Está geladaaa!

— Melhor, assim você acorda!

Volto ao quarto, abro a janela, levanto a veneziana e me jogo na poltrona. O quarto de Ciccio é cheio de caixas de som Bose de último modelo, computadores com três monitores, AirPort Express, impressoras *wireless*, lâmpadas halógenas. Os outros cômodos são muito mais parecidos com o que se vê nos filmes italianos tipo *Gomorra*. Na verdade, Mario e Enrica, os pais de Ciccio, não têm realmente nada a ver com ele. São magros, não sabem usar um computador, trabalham na prefeitura e são de esquerda; na minha opinião, eles o adotaram.

— Estou aqui e estou pronto, vamos?

Quando o vejo aparecer com os cabelos cheios de gel penteados para trás, calça preta, corrente de aço no pescoço quase tão grossa quanto o meu pulso e uma camiseta preta com a frase “Me alimento como um abutre. Infelizmente as semelhanças não acabam aí. Groucho Marx”, não tenho mais dúvidas: não só é adotado como foram buscá-lo nos Estados Unidos ou, ainda melhor, na Rússia, naquela parte da Rússia que eu li nos jornais que está se rebelando completamente contra todos os sistemas. Quer dizer, não é a educação siberiana, é a má educação, Ciccio.

Quando chegamos à frente do hotel, Ann e Raily estão sentadas a uma mesinha do bar ali ao lado e tomam sol,

felizes, com garrafinhas de Aquarius já consumidas até a metade.

— Ei, chegamos!

— Oi! — A essa altura, parecem italianas.

— Tudo bem? Vocês estão reluzentes! — comenta Ciccio em inglês. Ann me beija, e Raily também parece muito feliz em ver Ciccio.

— E então? — Ann me olha fixamente nos olhos. — Qual é a surpresa?

Ciccio tira as passagens do bolso da sua mala de rodinhas.

— Três dias visitando as cidades mais bonitas da Itália: Florença, Veneza e Nápoles!

— Uau! — Ann salta nos meus braços, quase me esmagando. — Quem teve a ideia?

— Creio que ela perguntou de quem foi a ideia...

— Ah, foi dele! — Eu e Ciccio respondemos em coro, indicando um ao outro, depois começamos a rir e nos abraçamos.

Ajudo Ciccio a carregar sua mala para o vagão.

— Ei, mas o que você trouxe?

— Alguma coisa para ler, música, alguns vídeos para eventuais peripécias noturnas...

— Mas eu não acredito!

— Pode acreditar, e algumas camisetas e cuecas!

— Bem, pelo menos isso.

Depois, carrego também as mochilas das duas meninas. A mochila de Raily é leve, mas a de Ann parece uma pena!

— Mas você entendeu que serão três dias?

— Sim. — Ela ri. — Só estou levando uma escova de dentes e Chanel... Está tão quente. — E sorri, zombando de mim. — Não, não, estou brincando. Quero comprar um monte de coisas boas aqui na Itália e decidi fazer isso nessa viagem...

Raily intervém.

— Ann é uma modelo famosa em Nova York.

Mas Ann a interrompe.

— Raily! Ele não está interessado nisso...

Essas últimas palavras eu entendo perfeitamente.

— É verdade? Quero saber sobre você...

Ela, então, me olha de um modo... É como se naquele momento tivesse encontrado a combinação perfeita, como naquele filme *O grande truque* ou como quando você joga *Eredità*^[56] e encontra a palavra certa. Nesse instante, você percebe logo que adivinhou, porque a palavra se encaixa perfeitamente com todas as outras, mesmo que não saibamos muito bem seu significado. Nem temos tempo de chegar aos nossos lugares antes que o trem comece a andar. Eu me sento perto da janela. Depois de pegar uma garrafinha de água em sua mochila, Ann se senta ao meu lado e se apoia em mim. O trem acelera, e lá fora a paisagem logo corre veloz. Acabamos de sair da estação e cruzamos alguns viadutos. Passamos por alguns carros em fila que parecem silenciosos, mas com certeza estão buzinando; depois, um trecho onde os carros correm entre os prédios antigos e sujos da estação Tiburtina e, de repente, pequenos flashes de verde, um pedaço do rio Tevere, a curva do rio Aniene e então o amarelo, os campos de girassol e as grandes colinas com algumas ovelhas brancas que cumprimento e depois ponho a mão no bolso.

— O que está fazendo? — Ann levanta a cabeça, que havia apoiado no meu peito, e me olha curiosa. — Quem está nas colinas? Algum amigo seu?

— Não, não... Estou cumprimentando as ovelhas. É uma brincadeira. Diga “oi” às ovelhas... — Indico os animais a ela. — Se você der “oi” às ovelhas e puser a mão no bolso, você ganha muito dinheiro...

— É uma superstição esquisita.

— Não, é para dar sorte... e dinheiro! — diz Ciccio, pegando o seu iPad.

— Até isso você trouxe?

— Claro, Google Tradutor. Então... “Cumprimenta as ovelhas que dão sorte e dinheiro!” — E aparece a tradução.

— *Greets the sheep that bring luck and money.*

Ann e Raily riem como loucas. Depois, Ann me corrige.

— Não, o certo é: “*Say hello to the sheep that wear well and money*”. — Ela tenta corrigir a minha pronúncia.

— *The sheep. The, th...* — Ela mostra a língua enquanto eu desesperadamente tento imitar o som.

— De... de...

— Não, não é exatamente assim...

Ela põe a língua para fora e a mostra para mim, coloca-a entre os dentes, com leveza. E me faz lembrar de um filme que eu adorei, *O gosto dos outros*, que conta a história de um cara muito rico, mas sem bom gosto, e de uma professora de inglês sem dinheiro, mas com muito bom gosto. Ela tenta ensinar-lhe inglês exatamente desse modo. Olho para Ann e quase não a ouço enquanto mostra a língua e sorri e me convida a fazer igual enquanto o rumor do trem é forte. Eu vi esse filme com Alessia. Quando saímos do cinema, ela me disse: “Parece um pouco a nossa história, porque você nunca repara em nada, por você poderiam até não existir as estrelas...”.

Então, ela se virou e começou a caminhar, mas eu a alcancei, a segurei e depois a fiz se virar lentamente. “Em você eu reparei. E você é mais do que uma simples estrela.”

Naquele momento, Alessia sorriu. “Ah... Você conseguiu me dizer uma coisa! E ainda bem! O que fizeram com você quando você era pequeno?” Ela me abraçou forte, se afastou e me olhou nos olhos. “Diga sempre essas coisas, por favor, e não se canse nunca, invente inclusive, se você quiser, copie dos livros, das canções!” Depois começou a rir. “Diga alguma coisa! Mas não de esquerda, ou pior, de direita, diga alguma coisa de amor!”

Recomeçamos a caminhar. Ela apoiou a cabeça no meu ombro e eu a abracei com força, mas não disse mais nada. Caminhamos em silêncio e ao redor não se escutava nada, nem um carro, um ônibus, uma ambulância, uma pessoa, um gato, até mesmo as estrelas, todas ali como que suspensas, pareciam ter vontade de escutar alguma coisa de mim. Mas eu não disse mais nada.

“Diga uma coisa de amor...”

Nada. Permaneci em silêncio exatamente como agora, olhando para os campos que passam cada vez mais rápido pela janela.

Ann parou com as suas tentativas desesperadas de pronúncia e se apoiou no meu peito. Com a mão esquerda, brinca com um botão da minha camisa enquanto eu lhe acaricio os cabelos. De vez em quando, fecha os olhos, depois os abre de novo e olha pela janela. Vejo que a ponta do seu

nariz, reta e perfeita, está ligeiramente bronzeada. Defronte a nós, Raily e Ciccio estão assistindo a alguma coisa no computador, usando um fone para cada um com duplo adaptador. De vez em quando riem. As pessoas sentadas ao lado nos olham e espiam também o computador, curiosas. Espero que não estejam vendo um pornô.

Florença. Quando saímos da igreja Santa Maria Novella, Ann e Raily estão de boca aberta.

— É tão mágico aqui...

Abrem logo o guia, mas eu as interrompo.

— Agora vamos para o hotel e deixamos nossa bagagem e podemos ver a cidade!

— Sim, perfeito!

Eu ajo com divertimento, alegria e certa satisfação, pensando que neste momento deveria estar na banca, mas sobretudo que tudo isso está acontecendo graças a Gianni Salvetti.

Caminhamos em direção ao ponto de táxis, e, enquanto isso, Raily fala com Ann. Não entendemos bem o que dizem, mas exatamente quando chegamos na frente do primeiro táxi livre, Ann se dirige a mim.

— Não, Nicco, não estamos mais em Roma, então deixe a gente pagar pelas passagens de trem, os passeios de táxi...

Ciccio se aproxima.

— O que estão dizendo?

— Acho que querem pagar alguma coisa...

O taxista, um jovem florentino com cara de quem sabe das coisas, se aproxima.

— Sim, querem pagar o trem e o táxi: ou dividem ou devem pegar o ônibus. — Ele faz uma cara de espertinho. Usa óculos pequenos e tem cabelos encaracolados e uma barba rala. Deve ter a nossa idade e é muito presunçoso. Sorri às nossas amigas.

— Eles estão decidindo — explica a elas.

— *Excuse me...* Chefe, ponha as nossas mochilas no seu táxi e limite-se a isto. Obrigado.

— Desculpe, hein, mas elas estão tentando aprender italiano...

Eu sorrio presunçosamente enquanto ele levanta os ombros e pega as nossas bagagens. Este é o único momento em que fico feliz por Ciccio ter trazido um monte de coisas. Ele sorri para mim e levanta a mão, pronto para uma comemoração, e batemos uma palma contra a outra.

— Grande, Nicco! — diz ele, sussurrando. Depois, olha melhor para as estrangeiras. — Mas poderíamos deixá-las pagar alguma coisa, não?

— Mas o que você está dizendo, Ciccio?!

— São elas que fazem questão!

— Mas você acha que farei caixa comum com elas, como com Bato e Guido quando viajamos para a Grécia? Vamos, me parece um pouco diferente, não?

— Bom, na verdade não, viajamos juntos, comemos juntos, aliás, Raily às vezes come até mais do que nós... A

mim parece igual!

— Não, não é igual, são mulheres!

— Desculpe, nos Estados Unidos não existem as feministas?

— Tá bom, deixa pra lá, vai... — Abaixo os braços. — Vamos, vamos, todos dentro do táxi. — Abro a porta. — Vocês ainda estão em nosso país. Roma, Florença, Veneza, é tudo o mesmo, nosso país, nossa casa! E vocês são nossas... — Olho para Ciccio.

— Como se diz “convidadas”?

Ciccio acessa logo o tradutor.

— *Guests...*

— Sim, são nossas *guests*, então nada de dinheiro!

Entramos todos no táxi do simpático florentino, que não diz mais nada em nenhuma língua até a chegada. Descemos e entramos no hotel.

— Mas você deixou uma gorjeta pro motorista? — Ciccio tem umas curiosidades absurdas.

— O que você acha?

— Eu acho... — Ele me olha com os olhos semicerrados e me avalia exatamente como faz quando jogamos pôquer. Depois, abre os olhos de repente, como se tivesse visto a resposta. — Eu acho que não!

— Olha, é por isso que você perde comigo no pôquer, porque ainda não entendeu quando alguém está fingindo blefar. E tome... Pegue a sua mala que eu não aguento. — Eu me dirijo para o balcão, onde encontro um simpático senhor

de uns cinquenta anos, com os cabelos penteados e as bochechas vermelhas.

— Bom dia, o que posso fazer por vocês?

— Reservamos dois quartos. Somos do controle e gestão da B&B...

O homem verifica em um registro.

— Certo, aqui está! O doutor Salvetti nos telefonou e fez muitas recomendações. Reservei para vocês os melhores quartos do último andar. Espero que vocês se sintam confortáveis aqui conosco. — Ele enfia dois cartões em uma máquina e os entrega para mim. — Qualquer coisa, podem me chamar. Eu me chamo Osvaldo e estou aqui na portaria até amanhã de manhã. Querem que eu chame o carregador para as malas?

— Não, não, obrigado, estão leves. — Eu vou na direção do elevador e, no espelho, vejo refletida a cara de Ciccio, que balança a cabeça e arrasta a sua mala. Aperto o quatro.

— Então, guardamos as coisas e nos vemos daqui a pouco lá embaixo... — Olho para Ciccio, que move as sobrancelhas como se dissesse “eu tenho uma ideia melhor”.

— Nós nos vemos daqui a pouco, senão não veremos a cidade...

— Mas eu mostro pra ela as estrelas. O elevador se abre.

— Essas aí você pode ver à noite. Daqui a dez minutos lá embaixo.

Saio com Ann, e as portas do elevador se fecham. Exatamente uma hora depois, chegamos todos juntos ao

hall.

— Nós nos conhecemos mesmo bem, hein?

— Pois é...

Osvaldo se aproxima do balcão.

— Tudo bem?

— Sim, obrigado... Gostaríamos de saber se há alguma novidade, sim, alguma atividade hoje em Florença, um lugar interessante aonde ir para jantar, algum espetáculo...

Osvaldo põe uma folha sobre o mármore do balcão.

— Olha, preparamos isto todos os dias para os nossos clientes. Traz tudo o que acontece de interessante no dia. — Depois, acrescenta mais baixo: — Também com os vários preços, algumas ofertas...

Pego a folha, dobro-a e ponho no bolso traseiro da calça jeans.

— Ah, não se preocupe, obrigado! O doutor Salvetti gosta muito do nosso trabalho, vai tudo na fatura!

E saio do hotel de mãos dadas com Ann.

Começamos a caminhar na belíssima luz do pôr do sol de Florença e chegamos à ponte Vecchio.

— Olhem... É como a ponte Milvio em Roma!

Alguns cadeados estão presos bem no centro da ponte.

— Eu tenho uma ideia... — Vou à barraca de um marroquino ali perto. Vejo num canto alguns cadeados. Mostro para ele. — *Yes, two...*

Ele me olha surpreso.

— Você é americano? Você parece italiano...

— Sim... — Sorrio. — Eu me confundi. Me dê dois, aquele e aquele outro... Espera, você faz a gravação? — Aponto para algumas pulseiras de couro com nomes grafados.

— Claro! — Ele sorri com os seus grandes dentes.

Pouco depois, volto ao grupo.

— Olhem só, para vocês dois peguei um maior, assim Ciccio ficará mais confortável.

Ann e Raily pegam os cadeados.

— Ótimo, com nossos nomes!

— Sim, eu pedi para gravar!

Fechamos os cadeados na corrente ao redor do poste central.

— Ei, você! Faz um favor? — O marroquino se aproxima e lhe passa o iPhone de Ciccio. — Você sabe usá-lo?

— Claro, eu vendo eles!

— Ah, tá bem, você tira uma foto da gente?

Assim, ficamos todos de costas para o Arno e, na contagem de “*Three, two, one! Love!*”, jogamos as chaves no rio. O marroquino faz uma série de fotos naquele instante e outra quando nos beijamos.

— Obrigado...

Ele me devolve o iPhone, eu o passo a Ciccio, e logo estamos todos ao redor do aparelho, olhando as fotos.

— Caramba, mas é velocíssimo! Olha as fotos que fez! — É uma espécie de sequência de nossos movimentos, com o arremesso das chaves e os beijos. Rimos juntos e

continuamos o nosso passeio. Vamos tomar um aperitivo no Note di Vino, no Borgo dei Greci.

— Aqui, amigos, experimentem estas, eu que faço, são únicas... — diz Lorenzo, o proprietário. Ele deixa na mesinha de madeira algumas torradinhas com molho picante, azeite, queijo e rúcula. Depois, traz um prato de embutidos e queijos.

Ciccio pega o iPhone.

— Espera, você pode trazer quatro taças de vinho tinto? Um... Montepulciano.

As torradinhas ainda estão quentes. Ann as come com gosto.

— Hum, muito, muito bom...

Depois, limpa com um dedo um pouco de azeite que lhe escorre pelo canto da boca, e eu acho tudo isso incrivelmente erótico, e ela me olha, sorri para mim, mas depois franze as sobrancelhas como se tivesse percebido aquele meu pensamento, como se o tivesse colhido. Então, balança a cabeça, alegre, pega um guardanapo, limpa a boca e quase me repreende.

— Olha, aquela é a Santa Croce, talvez esteja lá um amigo meu. Vamos encontrá-lo? Talvez nos mostre o interior da igreja, é uma coisa única para elas... — Ciccio indica as duas estrangeiras.

Parece-me uma ótima ideia, assim tento explicá-la a Ann e Raily enquanto levanto a mão para pedir a conta.

— Vamos ver uma coisa muito linda, especial só para vocês...

Ann e Raily agradecem a Ciccio, contentes por essa ocasião, enquanto Lorenzo chega com a conta. Vejo quanto é e pego a carteira, mas Ciccio tira o papel de minha mão.

— Trinta e dois euros? — Ele pensa melhor. — Bem, sim, na verdade, quatro taças de vinho e duas tábuas de corte cheias, é um preço honesto... Paga vai.

E o devolve para mim. Ann põe a mão na sua bolsa.

— Não se preocupe. É do nosso trabalho. Nós não pagamos, Salvetti paga!

— Sim... — acrescenta Ciccio. — Como o príncipe Colonna!

Ann e Raily olham-se, confusas, não entendendo bem, mas depois Ann tem uma ideia, pega a taça ainda pela metade de vinho tinto e a levanta.

— Obrigada, Salvetti!

Sempre me diverte muito o modo como ela diz certas coisas com seu sotaque americano, e assim brindamos todos juntos.

Depois, Raily põe uma das mãos sobre a mão de Ann.

— Eles querem ser gentis. Significa que se forem a Nova York serão nossos convidados! — Ela se dirige a nós com um sorriso.

Pouco depois, Ciccio bate no portão do convento da Santa Croce.

— Desculpe, mas... — Eu nem lhe pergunto e ele já entendeu.

— Eu copiava DVDs para ele...

— Mas quais? Aqueles?

Ele não tem tempo de me responder, porque justamente nesse momento o portão é aberto.

— Bom dia, o que desejam?

É o guardião, um senhor de uns cinquenta anos que usa um uniforme que me recorda o zelador que eu tive no Ensino Fundamental.

— Estamos procurando o padre Fiasconaro.

— Esperem aqui.

Ele deixa o portão aberto e se afasta. Vejo um longo prado verde muito bem cuidado.

— Desculpe, me diga, por favor, quais DVDs... Não são por acaso aqueles, não é? — Ciccio se vira para mim, ergue uma sobrancelha e fica em silêncio, com uma cara que me recorda John Belushi na banda Blues Brothers.

— Não, por favor, diga que não! Eu vou embora!

Pego Ann pela mão e estou para sair quando ele me interrompe.

— Mas não, vamos, eu estava brincando! Copiei um DVD para ele. Fiz cem cópias.

— Sim? Mas de que gênero?

— Era um filme em que ele explicava a importância de São Francisco, com imagens da igreja, dos quadros, e falava da Irmã Arte, que é uma fundação deles, eu acho...

— E nenhum outro tipo de imagem, certo?

— Claro... que não!

— E, por curiosidade, quanto você ganhou com isso?

— Nada. Eu fiz grátis... — Depois, ele levanta o olhar para o céu. — E foi um prazer fazê-lo... — E ergue também a voz. — É bom ter algum pequeno crédito, não? Pelo menos me apagam algum pecadinho...

Olho para ele, espantado.

— Eu não acredito que você negocia até com Deus! — Em um filme, *O lado bom da vida*, me parece, há uma frase belíssima: “Quando nasci, creio que Deus tinha outra coisa para fazer”. Mas talvez não tenha sido esse filme.

— Ciccio! — Chega um pároco, que caminha veloz com suas pernas curtas e abre os braços com um sorriso sincero. — Mas como estou feliz em vê-lo! Que bela surpresa!

Ele abraça Ciccio, tentando, tanto quanto possível, envolvê-lo todo. O pároco nos olha.

— Oi, eu sou Niccolò, e elas são nossas amigas.

— Venham, venham para dentro, vou oferecer alguma coisa para vocês. Eu sou o padre Paolo Fiasconaro. — Ele fecha o portão e nos leva para dentro da incrível basílica. Ann e Raily abrem o guia e ficam felizes quando o padre Fiasconaro, que fala perfeitamente inglês, explica a elas que a igreja está fechada, mas que nós podemos entrar por trás. Ele é gentil e explica também em italiano para mim e Ciccio.

— Aqui fora vocês viram a praça, que é muito grande. No Renascimento, jogavam o *calcio fiorentino* ali, um tipo de jogo

de futebol, e ainda hoje, todos os anos, em junho, fazem um jogo de futebol à fantasia.

— Nossa, padre Paolo, então venho jogar!

— É com uma bola de trapos, uma espécie de rúgbi!

— Melhor, eu sou bom na posição de pilar! Inclusive posso ser um bom pilar para esta basílica!

O padre Fiasconaro começa a rir. Depois, abre uma portinha de madeira que dá no interior da basílica.

— No passado, as igrejas eram horizontais. Os franciscanos, porém, pensaram em criar um padrão para as igrejas, que deviam representar um ponto de recepção para as pessoas. Esta basílica é em formato de cruz egípcia, típico de outras grandes igrejas conventuais. Por sete séculos, desde a sua fundação, tornou-se aos poucos simbolicamente diversa. Criada como igreja franciscana, foi se tornando também laboratório e oficina de arte.

Vejo que Ann e Raily escutam o padre Fiasconaro, consultam o guia e concordam com um aceno. Depois, decidem fechar o guia e escutar somente a ele. Olhamos todos para cima.

— Olhem, a luz passa por aquelas naves altíssimas, cheias de janelas com as cores mais diversas, e se difunde pelo interior, banhando de luz as colunas. Olhem as imagens. — Por toda a volta há quadros e estátuas. — Aqui foram sepultados Michelangelo, Galileu, Maquiavel... Vocês se lembram deles, não? — Ele nos olha, preocupado de que possamos já ter esquecido tudo.

Tento tranquilizá-lo.

— Sim, sim, claro...

Ciccio me dá um tapa no ombro.

— Ele ia bem no colégio; eu, um pouco menos.

O padre Fiasconaro acena com a cabeça.

— Imagino... Veem esta estátua de Dante? Ele também seria sepultado aqui, mas depois Ravenna não o permitiu. Estão vendo esta mulher chinesa no sarcófago? É a poesia que chora.

Ann e Raily se emocionam.

— Outros tempos... — conclui o padre Fiasconaro, conduzindo-nos para dentro. Continuamos, assim, a visita, descobrindo o refeitório dos franciscanos e experimentando um licor *rosolio*^[57] que eles preparam.

— Vocês gostam?

Ann o beberica lentamente.

— É incrível.

— É um segredo... — O padre sorri.

Depois, vamos ver as obras em andamento. Subimos nos andaimes e chegamos cada vez mais alto até o crucifixo. Estou preocupado por Ciccio: ele não só está ofegante pela subida como também me pergunto, sobretudo, se o andaime vai aguentar. Mas não digo nada.

— Ei, você deveria vir me visitar mais vezes, assim viraria um manequim...

— Sim! — É a única coisa que Ciccio consegue dizer. Depois, descemos às masmorras, onde encontramos velhas

pinturas, documentos e antigas garrafas.

— Obrigada! — dizem Ann e Raily ao se despedirem do padre quando nos acompanha ao portão. Estão realmente felizes.

— Por nada. Quando quiserem voltar, poderei rezar por vocês... — Ele lhes diz isso segurando as mãos das duas e com afeto sincero.

Saindo da basílica, andamos na direção do Palazzo Vecchio.

— Aqui você não fez nada? DVDs, *downloads*, monografias? Nada?

— Não, não conheço ninguém. — E assim temos de ficar vinte minutos na fila para entrar na Galleria degli Uffizi. Mas Ciccio consegue sempre me surpreender: pega o seu iPhone, começa a teclar e, quando chegamos à caixa, diz: — Reservei quatro ingressos, portanto pagaremos somente quatro euros por cada ingresso em vez de seis e cinquenta! Ficamos um pouco na fila, mas economizamos alguma coisa. — Ann e Raily pegam o audioguia e acompanham perfeitamente todo o percurso.

Depois, vamos jantar no Latini, na Via dei Palchetti. Aqui também Ciccio é um gênio.

— Temos reserva... — E evitamos assim uma fila de pelo menos trinta pessoas.

Sentamos a uma grande mesa junto com alguns senhores alemães. Ciccio, que leu tudo no TripAdvisor, tranquiliza as meninas.

— Fazem assim aqui... É normal. Comemos todos juntos, mas cada um no seu prato!

Elas riem, entusiasmadas. Então Raily fica um pouco deslocada quando faz seu pedido:

— Um steak bem-passado...

O garçom a olha e sorri, tentando ser gentil.

— É impossível. O Fiorentina precisa ser malpassado.

No fim, Raily decide confiar e, quando a carne chega, a experimenta e concorda. Preparada assim é deliciosa, quase derrete na boca. Além do Fiorentina comemos pratos toscanos acompanhados por um ótimo Chianti: presunto cortado à faca, *finocchiona*, que é um típico salame toscano em pedaços grandes, *crostinis* e polenta com cogumelos e uma *pappa al pomodoro*, espécie de sopa de tomate que é realmente gostosa. E, no final, Ann e Raily enlouquecem com os doces.

— Bons, não é? — pergunto enquanto mergulham os *cantuccini* no Vinsanto.^[58]

— Muito bom! — Elas bebem vários copos, tanto que, quando saímos, estão um pouco altas.

Ciccio beija Raily e olha ao redor.

— Ei, e se o padre Fiasconaro me pega aqui e me faz fazer penitência?

— Por isso? Se você lhe contar todo o resto, ele vai colocá-lo no convento!

— Há, há, há! — Ri como um louco com Raily, que lhe pergunta, curiosa:

— O que ele disse?

— Nada, nada, é uma piada, a *joke*...

Depois, Ciccio se aproxima de um grupo de rapazes que passa por ali naquele momento e pergunta alguma coisa.

— OK, obrigado! — Ele se afasta. — Coragem, venham, que estão para partir!

— Mas aonde vão?

— O que importa? Nós nos divertiremos!

Assim, ele compra os bilhetes correndo num jornaleiro e nos faz entrar num ônibus que está saindo naquele instante. Viajamos em silêncio, ligeiramente embriagados, digerindo essa estranha serenidade. Ciccio e Raily falam de não sei o quê; outras pessoas, porém, estão em silêncio. Eu e Ann nos olhamos, e é um olhar feito de mil palavras em qualquer língua, pelo menos é o que me agrada acreditar.

Chegamos ao mirante Piazzale Michelangelo. A vista de Florença é belíssima, e permanecemos em silêncio como quatro estátuas de mãos dadas. Um vento quente e leve despenteia os cabelos de Ann e faz seu vestido ficar colado àquele seu corpo estonteante. É uma bela visão. Está ali, com as pernas um pouco afastadas, com aquele seu perfil desenhado pelas luzes de Florença.

Da discoteca Flò ali perto chega a música. Parece “L’immenso”, do grupo Negramaro. E, de repente, aquelas notas chegam mais distintas e se vê que o vento deve ter mudado de direção. *Se potessi far tornare indietro il mondo,*

farei tornare poi senz'altro te...[59] Ann se vira e me olha. A lua está cheia, linda, e ela se aproxima e me abraça.

— Me abrace... Eu estou amando essa viagem. Ela é especial e me lembrarei dela para sempre. Você vai ser minha Itália... Vou lembrar de cada beijo secreto.

Então, eu a seguro apertada entre os meus braços. Gostei das suas palavras em inglês mais que de costume, talvez porque eu tenha imaginado uma linda declaração de amor, aquela que eu nunca fiz a ninguém. Agora a música é outra, “Girl on fire”, de Alicia Keys, que canta: *“This girl is on fire. This girl is on fire. She’s walking on fire. This girl is on fire. Looks like a girl, but she’s a flame. So bright, she can burn your eyes. Better look the other way. You can try but you’ll never forget her name”*.^[60]

Ann me olha.

— Essa canção é verdadeira, é sobre mim. Não esqueça o meu nome, por favor.

Eu sorrio para ela.

— Claro. — Não acompanhei muito, mas entendi que não devo esquecer alguma coisa, talvez este momento. Nunca tinha escutado essa canção com ninguém. Agora a estou ouvindo com ela aqui entre os meus braços, e é tudo novo e único. Um helicóptero passa à procura de quem sabe o quê e ilumina por um instante os tetos de Florença. Depois, apaga as luzes e se afasta com o seu barulho. Um gato salta sobre o muro à nossa frente enquanto uma mulher atravessa a praça de bicicleta. As luzes de Florença são como uma poesia nas

notas que escuto. Agora. Este instante. Olha, Alessia nunca conhecerá tudo isso, faz parte deste único instante, desta beleza, ainda que seja insípida. Quando não estamos mais com uma pessoa, conforme seguimos adiante, vivemos novos momentos que nos afastam mais e mais dela. Estes momentos serão meus, não mais nossos, e, ainda que eu me esforce para tentar desesperadamente reter cada fotograma, recordar tudo o que estou vivendo sem ela, para depois talvez lhe contar um dia, não conseguirei. Antes, eu a teria visto ou falado com ela, talvez várias vezes no mesmo dia. “Ale, não sabe que espetáculo, que pôr do sol na ponte da Corso di Francia! Você viu também?” Ou: “Você tinha que ver! Foi incrível! Uns aviões Canadair chegaram do lago de Bracciano, amarelos e cheios de água, para apagar o fogo nas colinas de Monte Mario”. “Você viu? Está nevando! Aí também? Que espetáculo...” “Estou aqui na Viale Giulio Cesare e há grandes bandos de andorinhas dançando juntas no céu, formando algumas figuras, uma bola, depois um triângulo, uma espécie de redemoinho de pássaros... Eu os filmei com o celular e mais tarde te mostro.” Porém, este espetáculo de agora, como outros mil pedaços de dias já passados ou que virão, está perdido para sempre, Alessia. E só neste instante, pela primeira vez desde que aconteceu, entendi que tínhamos terminado realmente.

No dia seguinte, partimos cedo de trem e em pouco tempo chegamos a Veneza.

— Esta é a cidade do amor... É para nós! — Ciccio está sempre incrivelmente disposto. — Nós temos tudo OK — diz ele, garantindo que organizou perfeitamente tudo. E assim chegamos a outro hotel onde Salvetti, naturalmente, fez reservas para nós.

— Sim, estávamos esperando por vocês... — diz outro recepcionista gentil, que se chama Pietro. Deixamos as coisas no quarto e nos perdemos por Veneza.

— Perdidos em Veneza... Podia ser um filme! — Ann tem sempre o desejo de organizar as coisas, mas, no final, seguimos as indicações de Ciccio, aliás, as não indicações, e nos perdemos. Assim começamos a caminhar à toa por ruas e praças e passamos por um pequeno bazar onde Ann compra alguma coisa. Como convém a perfeitas turistas, as garotas tiram fotos sem parar na frente dos prédios, das estátuas, das pontes e das antigas igrejas venezianas, às vezes pequenas, mas com as surpresas mais diversas dentro, desde um antigo quadro até monumentos fúnebres de personagens importantes. E, naturalmente, Ann e Raily não

deixam de explicar tudo o que encontramos através das notas do guia.

— Essa é a basílica de Santa Maria Gloriosa dei Frari. Esse é São Roque e aqui, nas laterais do órgão, há portas pintadas por Tintoretto! E aqui, nessa igreja chamada Madonna dell’Orto, Tintoretto foi enterrado! — E assim seguimos a voz das duas estrangeiras. Ciccio põe perto delas o seu iPhone, que, com o aplicativo Dragon Dictation, traduz tudo o que dizem. Descobrimos que o centro de todos os negócios de Veneza era em Rialto, onde se encontram os “bancos” nos quais eram registrados as operações, os direitos e deveres das contratações entre venezianos e estrangeiros. Depois, vemos a igreja de San Giacomo, chamada de San Giacometo porque é muito pequena, mas é de uma beleza incrível. É considerada a igreja mais antiga de Veneza, surgida antes ainda da própria cidade. Aqui se encontraram o papa Alessandro III e Barbarossa para fazer as pazes. E, depois, nós nos divertimos a conhecer os produtos típicos: as *castronze*, ou alcachofras, os *bruscandoli*, que são brotos de lúpulo selvagem com os quais se fazem bons pratos, e os *sparesi*, semelhantes a aspargos selvagens. Então, pegamos a balsa e fazemos todo o percurso pelo Grande Canal. Apoiados à balaustrada, observamos a vida de Veneza sobre a água: aqui também há tráfego, mesmo que a seu modo. Barcos de todo tipo se cruzam sobre a via principal para depois desaparecer à direita ou à esquerda nos vários “becos”.

— No que está pensando?

— Em nada.

— Mesmo? — Ann me olha, curiosa, põe um braço sobre os meus ombros e estica o outro para fora da balsa para fazer uma foto com o celular. Depois, a olha. Não sei se ficou boa, mas pelo seu sorriso parece que sim, e ficamos em silêncio enquanto a balsa continua a sua corrida. Uma coisa é certa: eu me sinto um turista exatamente como ela, e isso de ir a Veneza é uma daquelas coisas que estou fazendo sem Alessia e que com certeza ficará nas minhas recordações. Ann, como se entendesse que na verdade estou pensativo, me dá um beijo na bochecha, mas não diz nada. E continuamos olhando os prédios à nossa frente, que surgem da água e sobem rumo ao céu, com as suas paredes coloridas e as janelas mais escuras e aqueles pequenos píeres, garagens aquáticas perturbadas pelas ondas do tráfego matutino.

— Ei, o que vocês acham de comermos alguma coisa? Estou com fome. — Ciccio massageia a barriga.

Raily se dobra sobre a própria barriga.

— Está sincronizada com a minha. Eu também estou com fome!

— Podemos ir à sombra... — Dessa vez, fui eu que li alguma coisa atrás do mapa que Pietro nos entregou quando saímos do hotel.

— O quê?

— É o almoço feito a essa hora, que chamam de “sombra” porque no passado, quando chegava esse horário, eles colocavam o vinho na sombra no campanário de San Marco... Há muitos restaurantes pequenos, os *bàcari*, e é muito bom.

E, pouco depois, estamos na ponte da Giacinto Gallina, sentados a uma mesa depois de ter enchido nossos pratos no balcão com bacalhau com creme, sardinhas, mexilhões, caracóis de mar e uns pequenos polvos fervidos.

— O que é isso?

— É tipo um polvo... — Ciccio estende as mãos e move os dedos imitando um estranho polvo. — Mas esses são pequenos!

— Deliciosos! — Comemos assim, à sombra, em um pequeno beco onde o vento bate levemente. As entradas acompanhadas de vinho branco estão uma maravilha.

— E o que são esses?

Procuro o nome no cardápio, mas não o encontro. Ciccio me ajuda e procura uma explicação no iPhone.

— São nervos, mas não de um homem nervoso... — Ele faz a imitação de um louco. — De um homem muito doce!

Ann e Raily riem e comem com gosto aqueles pedacinhos de vitela fervidos e servidos com vinagre e azeite. Pouco mais tarde, paramos na ilha de Murano, caminhamos um pouco e, no final, entramos numa loja. Ficamos fascinados com um homem que sopra o vidro quente, usando um longo cano de ferro para lhe dar forma. Depois, Ciccio lhe fala, e

Paolo, que assim se chama, faz um aceno. Então, Paolo trabalha um vidro, o aquece, o dobra, o suaviza, o apoia de vez em quando sobre uma esfera que gira e, no final, entrega a Ann e Raily dois pequenos corações de vidro. Conseguiu até mesmo fazer um orifício por onde passar um fio de couro.

Saímos da loja. Ann e Raily usam os seus corações de vidro no pescoço e estão felizes, pois não tinham pensado em incluir nas suas férias também estas cidades.

— Vamos lá! Dizem que a vista é linda. — E é verdade. Pouco depois, estamos no alto do campanário de San Marco, de onde se veem toda a basílica, a praça e, ainda mais longe, a laguna, a terra firme e até mesmo as montanhas.

— Um dia, temos de subir juntos ao céu! — diz Ciccio, apontando para as montanhas.

— Sim, da próxima vez.

E ele, subitamente curioso, pergunta:

— Mas quando vocês voltam para os Estados Unidos?

Ann e Raily se olham, mas só por um instante. Depois, Ann responde rápido:

— Ah, ainda não decidimos. Compramos uma passagem com a data em aberto...

— OK...

Logo depois, estamos na basílica de San Marco, onde, apesar de a entrada ser gratuita, Ciccio fez reservas, poupando-nos da longa fila. Depois, voltamos ao hotel e tomamos um banho enquanto, pelo rádio perto da cama, ouvimos “Amami”, de Emma. *“Amami come la terra, la*

pioggia, l'estate, amami come se fossi la luce di un faro nel mare, amami senza un domani senza farsi del male, ma adesso amami dopo di noi c'è solo il vento e porta via l'amore..."^[61] Em seguida, ambos de roupão, vamos para a janela, que dá para um pequeno canal, e bebemos juntos uma cerveja, olhando uma gôndola que passa com um grupo de turistas. Eu a observo, contente.

— Você quer passear na gôndola?

— É para os velhos...

— Por quê? É romântico...

— Não, é caro demais e você não pode parar quando quer, não pode desembarcar, e o homem que rema está sempre olhando. Em ocasiões românticas, não deve haver ninguém além da pessoa que você ama... — Ela me diz isso olhando-me nos olhos. Sua pele e seus cabelos estão iluminados pelo pôr do sol refletido sobre a água. Ann lentamente abre o meu roupão, e eu concordo com ela, isso sim é muito romântico.

Quando descemos para a recepção do hotel, Pietro sorri. É como se estivesse esperando por nós.

— Está tudo bem?

— Sim, sim, perfeito, obrigado.

— Então diga ao doutor Salvetti que também melhoramos todos os nossos serviços. Conseguimos uma balsa que para justamente aqui na frente e táxi com desconto para os clientes...

— Claro que digo...

Pietro sorri satisfeito, tendo feito o seu trabalho.

— Seu amigo o está esperando lá fora.

— Ah, obrigado. — Saio para o jardim. Na verdade, desta vez nós é que nos atrasamos. Eu e Ann nos damos as mãos e atravessamos o jardim. Ciccio está no final do píer.

— Ei, vocês conseguiram, hein? Desta vez, você não teve o mesmo *timing* que eu. Como devo ler isso?

— Como você quiser... E Raily? Onde foi parar?

— Está aqui.

Só agora percebo o táxi atracado no píer. É todo em fórmica, com almofadas em couro marrom e interior bege. É muito elegante.

— *Hi*. — Raily sorri. Ela tem os cabelos presos e usa uma jaqueta azul com um zíper que atravessa a frente da direita para a esquerda e ombreiras um pouco anos oitenta, calça azul-celeste, espadrilhes em tecido branco e azul e uma bolsinha branca a tiracolo. Eu me aproximo de Ciccio.

— Ei, mas nós podemos nos dar a esse luxo? Não sei se nos reembolsarão pelo táxi. Eu não puxaria muito a corda com Salvetti.

— Está tranquilo. — Ele pisca para mim, andando na direção da escadinha. — Corrida grátis de ida e volta...

Desço os primeiros degraus já mais aliviado.

— Como assim?

— Fausto é louco pelo meu produto!

— Boa noite — diz Fausto, o marinheiro, cumprimentando-me enquanto eu me sento no fundo da

lancha, num grande sofá, junto a Ann. Só então percebo que há uns dez DVDs com capa vermelha perto dele.

Ciccio se senta de frente para nós, ao lado de Raily, e pisca de novo para mim.

— Nunca viajo sem... Não há nada a fazer, Rocco tem um monte de fãs! — E justamente nesse momento a lancha sai do píer e, com uma grande curva, entra no canal, ultrapassando a toda velocidade alguns barcos mais lentos.

— Uau...

Ann e Raily observam a lancha. O vento acaricia seus cabelos, mas sem despenteá-los, protegidos pelas laterais da lancha.

— Ele está indo tão rápido!

— Sim, talvez esteja com pressa de voltar para casa... para assistir aos filmes pornográficos! — Essa última parte, naturalmente, Ciccio diz só para mim. Pouco depois, o táxi estaciona com uma facilidade incrível ao lado de um píer. Fausto põe uma corda ao redor do pilar e nós descemos. Ciccio confabula um pouco com ele, combinando o retorno, e pouco depois estamos sentados à mesa de um restaurante.

Chega um garçom.

— O que posso servir para vocês?

— Enquanto lemos o cardápio, pode nos trazer um pouco de água natural?

— Claro.

— Obrigado.

Ann e Raily nos escutam, curiosas.

— O nome desse lugar é Assassinos!

— Sério?

Fazem de conta que estão assustadas.

— Mas o dono parece tão gentil...

— E ainda por cima é bonito...

— O quê? — Ciccio finge que está com ciúme. — Ah, você prefere Giusy... Esse é o nome do dono. Giusy, Giuseppe Galandi, tão velho, e você prefere ele a mim! — Elas riem, brincam e se empurram, assim quando chega o proprietário parece que estão brigando seriamente.

— Ei, mas o que está acontecendo? Estão brigando? Não, não, aqui não se briga! Aqui todos devem estar bem ou depois pensarão que a culpa é minha!

Ciccio e Raily caem na gargalhada e Giuseppe finge que está com raiva, mas depois sorri.

— Sabem por que se chama Osteria ai Assassini? Porque eram os seguidores de Hasan-i-Sabbah, de onde deriva a palavra haxixe...

Ciccio faz o gesto de fumar.

— Sim, esse... Imaginem que as nossas mesas provêm da desmontagem do velho balcão do cartório do município de Veneza. Antigamente, para mostrar fidelidade a uma pessoa, se dizia: “Sou seu assassino”. Então, de um modo ou de outro, eu estou aqui só por vocês.

E assim aceitamos todos os seus conselhos sobre o que pedir enquanto Raily e Ciccio continuam brincando, e, a cada vez que a surpreende a olhá-lo, Ciccio a toca de leve por

baixo da mesa. Por fim, chega uma degustação de girassóis com lagostins, *gnocchi* com carne de caranguejo, um *poker* de bacalhau e peixe frito, tudo acompanhado por cerveja para Ciccio e uma garrafa de vinho personalizada para os “assassinos da casa”, nós três, que está realmente excelente. Depois, ótimos doces venezianos como sobremesa e uma conta que nem foi muito salgada.

E então, depois de uma noite romântica embalada por esta cidade sobre a água, abandonamos Veneza também.

— Olhe, ele está nos esperando no final da plataforma! — Ciccio desce rápido do trem com a sua mala e nós o seguimos.

— Picchio!

— Ciccio!

Correm para se abraçar. O cara que ele chamou de Picchio usa uma camiseta preta, como Ciccio, tem os cabelos cheios de gel e presos, como Ciccio, e usa um brinco na orelha esquerda, calças largas que o fazem parecer um pouco mais magro e tênis sem cadarços. Quer dizer, é como se Ciccio estivesse na frente de um espelho.

Ciccio nos mostra o rapaz, orgulhoso.

— Ele é Picchio, o meu irmão napolitano!

O cara sorri.

— Ah, não brinquem... — Ele bate no peito. — Hoje vocês estão aqui e não devem se preocupar com nada...

Ann me olha curiosa.

— O que ele está dizendo?

— Não sei...

Rimos enquanto o seguimos. Um instante depois, estamos no seu carro, um fusca daqueles velhos, branco,

com a capota aberta. Ele dirige exatamente como Ciccio e em duas curvas ultrapassa todos os táxis.

Estou sentado atrás, entre Ann e Raily, e somos jogados de um lado para outro.

— Ei, mas vocês dois são idênticos em tudo, hein!

Ciccio vira em nossa direção.

— Ele é o meu *franchising* aqui em Nápoles... Eu lhe mando DVDs e tudo o mais a cada semana.

Picchio também se vira em nossa direção.

— Mas aqui o mercado é muito mais complicado! Tem muita concorrência.

Ciccio põe o braço em seus ombros.

— Sim, sim, você diz isso para não me pagar os *royalties*... O que eu consigo para você ninguém consegue...

— Ah, tá bom!

— Como qualidade!

Picchio se vira de novo em nossa direção.

— Ele sempre diz isso...

Sorrio, mas depois percebo o que está para acontecer.

— Sim, mas olha pra frenteeee! — Ele se vira bem na hora para desviar de um sujeito que atravessa o cruzamento numa lambreta embora o sinal esteja vermelho. Picchio desvia dele habilmente, manobrando com rapidez. Seguro a mala de Ciccio no porta-malas, e Picchio se dá conta.

— Está tudo bem, Nicco, vocês estão em segurança comigo!

Ann e Raily se olham e balançam a cabeça, preocupadas. Depois, Ann me pergunta:

— Ninguém usa capacete aqui? Olhe aquelas motos ali! Há três com crianças...

Picchio se vira e responde, bem-humorado.

— Senhoras, aqui a empresa que faz capacetes... fechou, acabou, *kaputt!* Nós gostamos demais do vento nos cabelos, de ouvir as ondas, do cheiro do mar...

Ciccio lhe dá um murro de brincadeira.

— *See?* Chegou outro poeta!

Picchio começa a rir.

— Eu e as estrangeiras... — Leva a mão à boca e junta os dedos como se mandasse um beijo, depois, porém, chupa-os. — Eu as como mesmo que sejam horrorosas! — Os dois riem como loucos, estão realmente loucos, no entanto, com a história desse outro poeta me fizeram pensar em minha irmã Valéria e depois em Fabíola, em todas as suas confusões, e naturalmente em Alessia e nas minhas confusões, mesmo que ainda não as tenha entendido. Pego o celular. Eu o tinha posto no modo silencioso, mas nem era preciso, pois não tem nada, nenhuma mensagem, exceto uma de minha mãe. “Quando você volta?” No entanto, já lhe respondi. Respondo de novo. “Logo.” Ponho o celular no bolso, coloco o Ray-Ban e me deixo relaxar no vento. Eu deveria estar feliz. Estou com uma garota belíssima na orla de Nápoles, em Mergellina, e tenho à minha frente o sol e um dia cheio de coisas boas para fazer. Contudo, falta

alguma coisa. Sim, eu sei, rio, brinco, converso muito, mas depois, quando paro e me viro um instante para o outro lado, percebo que sinto uma insatisfação profunda. Talvez seja o fato de que agora sou eu o homem da casa e de que não desejo minimamente sê-lo. Gostaria de tranquilizar minha mãe e lhe dizer: “Olha, mamãe, fique tranquila, encontrei a solução...”. Mas não sei como fazer isso, não consigo e, sobretudo, não tenho a solução.

O fusca continua a correr veloz pela orla, onde, estranhamente, há ainda menos tráfego. Raily pôs um chapeuzinho; Ann, no entanto, tenta segurar os cabelos com as duas mãos, mas estes estão sempre na frente do rosto. Em certo ponto, se vira para mim.

— Está tudo bem?

— Sim... Obrigado.

— Não, obrigada a você por tudo.

Chegamos ao hotel. Tomamos um banho rápido e saímos logo. Picchio está na frente do carro, fumando um cigarro. Quando nos vê chegar, joga-o com um piparote na direção do mar.

— Vamos que o Vesúvio nos espera!

Assim, entramos todos no carro, e Picchio nos explica o *tour*.

— Esta é Spaccanapoli. Olha, partimos daqui, dos bairros espanhóis, e vamos até Forcella!

Picchio dirige rápido e de vez em quando cumprimenta alguém com a mão para fora da janela. Depois, indica

alguma coisa, dando uma explicação mais ou menos clara de uma igreja, de um prédio antigo, mas também de um prato especial.

— Estão sentindo este cheiro? Rosquinhas e tomate, mas depois provamos!

Picchio para na praça San Gaetano.

— Olha, estão vendo aquela ali? É Marianna. Vai conduzir vocês numa visita particular! Vão, nós nos vemos depois.

— Aqui estão! Eu estava esperando por vocês! — Marianna é loira e tem olhos azuis. Ela sorri para Ann e Raily, que se apresentam. É uma bela garota, mas mais cheinha que a Marianne francesa. — Sigam-me.

— Aonde vamos?

— Mas como? Picchio não lhes disse? Desceremos à Nápoles subterrânea...

E assim descemos a mais de quarenta metros abaixo da terra, por passagens de atmosferas cada vez mais diferentes, mágicas, misteriosas.

Ciccio, a certo ponto, vendo um túnel cada vez mais estreito, se preocupa.

— Será que eu fico entalado?

Ele me faz rir.

— Nesse caso, eu te empurro.

Marianna fala um pouco em italiano e um pouco em inglês e explica tudo perfeitamente.

— Escuta, estão ouvindo estas vozes? É o *munaciello*, um espírito que, segundo um ditado napolitano, “a uns

enriquece, a outros aborrece”. Não se preocupem... Está indo embora para a sua casa, a Marina del Cantone, na torre de Montalto... Se o virem, se ele vier encontrá-los, não devem dizer nada a ninguém, deixem-lhe um pouco de comida e basta... E, se ele quiser, levará vocês até o tesouro...

Ciccio se enche de curiosidade.

— Desculpe, Marianna, mas como o reconheceremos?

— É fácil: é um rapazinho todo deformado, baixo, que usa um hábito e fivelas prateadas nos sapatos... — Então, ela se vira e continua a explicar em inglês a Ann e Raily as peculiaridades daquelas cisternas subterrâneas.

Ciccio arregala os olhos.

— Ah, claro, você vê um *munaciello* entrar assim num quarto, talvez enquanto está trepando, e vai ficar feliz à beça!

Pouco mais tarde, estamos de novo no carro com Picchio.

— Então, vocês gostaram? *Did you like it?*

— Muito, mas estava frio lá... — Ann esfrega as mãos nos braços, tentando aquecer-se.

Eu a abraço quando vejo que está arrepiada e tremendo. Aperto-a mais forte.

Picchio nos olha pelo retrovisor.

— Ei, não vão se acasalar aqui, hein! — Ele liga o aquecedor e, enquanto dirige, começa a nos falar das dificuldades de Nápoles, da convivência com a máfia, do trabalho fácil que é oferecido aos jovens e de como é difícil resistir quando não se tem trabalho. Depois, para e estaciona

o carro. — Espero vocês aqui. Vamos, agora vocês vão se aquecer!

Pegamos algumas bicicletas e percorremos toda a Via Caracciolo. É belíssima, com o Vesúvio e o Castel dell'Ovo como cenário, e o sol do fim de tarde nos aquece para valer.

— Daqui podemos ir para Procida, Ischia, Capri!

— Yes... — Ann faz um aceno. Agora está melhor e pedala, alegre, na nossa frente, perto da sua amiga. Quem sabe um dia visitemos realmente uma dessas ilhas. Depois, voltamos esfomeados para o carro.

— Estão com fome? Agora vou levar vocês a um lugar fantástico! Vocês vão ver! — Picchio dirige como um louco novamente, ultrapassando os carros na Corso Umberto, entra num beco e depois noutro e noutro ainda e, no final, chega à Via dei Tribunali, noventa e quatro, deixando-nos na pizzeria de Matteo. — Chegamos! Entrem que chego em seguida, eu fiz as reservas...

— Boa noite, somos cinco. Aquele rapaz ali fez reservas...
O pizzaiolo olha para fora pela vitrine.

— Ah, sim, Picchio, reservei para vocês a mesa do canto no andar superior, a melhor mesa!

Subimos e nos sentamos. Logo depois, Picchio chega.

— Ah, para mim este é o melhor lugar de Nápoles! Aqui se come uma pizza frita fantástica! Ei, Nunzio! — Chega à nossa mesa um simpático garçom. — Traga para nós uma pizza frita e uma *margherita*, um belo *calzone* ao forno, uma pizza *marinara* e cinco cervejas.

— Certo, Picchio, trazemos logo. Enquanto isso, trago para vocês uma *frittata* de macarrão com croquetes e *arancini*!

— OK.

— E depois farei vocês experimentarem uma pizza branca de rúcula, presunto e lascas de parmesão. Você vai ver que vai agradar às *girls*!

— Mas sim, traga!

E, de fato, comemos muito bem e ficamos sem palavras quando trazem a conta.

— Mas a pizza frita custa só dois euros? A *marinara* custa dois e cinquenta e a *margherita*, que é a mais cara, três e cinquenta?

Ciccio arranca a folha da minha mão.

— Mas então na PizzaRe e nas outras pizzarias de Roma sempre nos enganaram? — E desse choque só nos recuperamos com uma caminhada pelo bairro de Chiaia. É um mundo à parte: meninas muito bonitas, rapazes particularmente refinados no modo de se vestir, nos cabelos, nos detalhes: cinto Hermès, sapatos Prada, chapeuzinho Gucci, bolsa Louis Vuitton. Todos estão ali para ver e ser vistos, e nós, ao contrário, caminhamos distraídos, com aquela sensação única que só se pode sentir em outra cidade.

Olho Ciccio a rir com Raily, seu sócia Picchio, caminhando um pouco mais à frente, e Ann, que, curiosa, de vez em quando para em alguma barraca. Observo-a e me sinto leve, com uma estranha sensação. Você só fica bem

assim quando não tem mil pensamentos, quando não se preocupa com nada, quando, sem um verdadeiro porquê, sente-se satisfeito e quando não tem nada para fazer depois. Então, respiro profundamente e sorrio. Olha, é um instante de felicidade. Mas chega logo um pensamento, basta um nada para que o momento passe. Não existe mais. Eu o perdi e já estou me perguntando quando o encontrarei novamente.

Chegamos a Roma na hora do almoço do dia seguinte. Na frente do hotel, cansadas, mas felizes, as garotas descem logo do carro e correm em direção à entrada depois de terem se despedido de nós.

— Nós nos vemos mais tarde.

— OK!

— Combinado! — Elas se despedem de novo, acenando, e as vemos desaparecer dentro do hotel.

Ciccio dirige até minha casa e me deixa perto do portão.

— Ei, nós nos divertimos bastante, hein?

— Muitíssimo! Picchio então é um cara simpático e foi gentil em se preocupar e preparar tudo para nós. A última vez que fui a Nápoles foi para ver a Lazio, mas eu não tinha visitado todas aquelas coisas bonitas...

— É claro que não, vocês foram destruídos! — Ciccio e a sua fé indomável no Roma.

— Tá bom, vai, nos vemos depois...

— Mas você vai ao escritório?

— Você está louco? Me deram folga até segunda-feira.

— Ótimo! Sabe, poderíamos tentar trabalhar juntos... Eu pensei que essa ideia das estrangeiras, das viagens e depois dos pornôs, vender as gravações na banca...

— Claro, Ciccio, como não, nos vemos depois!

— Espera... toma. — Ele tira do bolso uns ingressos. — São para você. Consegui com um amigo, mas só tenho dois.

— Vamos, sim, fantástico, vou curtir!

— Eu sei, mas é que eu, de tanto baixar, já sei de cor. É a primeira vez que eles vêm a Roma, e você vai ver que ela vai enlouquecer... E depois lhe dê isto.

Abre a mala e me dá uma cópia do último CD.

— Ficou ótimo, melhor do que o que fizeram em Paris. Ela vai ficar sem palavras. — Depois, dá um tapa na mala. — Veja, você reclama da minha mala, mas ela está cheia de surpresas, e você não sabe quantas eu tirei daqui nestes dias!

— Imagino, ainda bem que não nos prenderam! Obrigado de novo.

— Depois, nós vamos jantar no Da Francesco, no Vicolo del Fico. Se quiserem, passem lá. Reservei a mesa na parte de fora.

— Tem certeza? Mas ali é muito movimentado.

— Já falei com elas. Uma vai à festa da prima, todas mulheres, um verdadeiro funeral, e faltando um minuto para a meia-noite vão dormir como se fossem a Cinderela. A outra volta cedo para casa porque precisam acompanhá-la com o carro, senão se perde, a Pequeno Polegar do Salário!

— Mas o que é? Você as encontrou na Disney da Via del Corso?

— Ah, tá bom, boa, Nicco! A gente se vê. — Ele sai com uma arrancada, como de costume, em muito para não se

fazer reconhecer. Quando me aproximo do portão, ouço a voz dele.

— Desce, já disse, desce.

E reconheço a resposta que chega do interfone.

— Nãoooo... Mas você quer entender? Nãoooo, já disse nãoooo!

— E eu já disse para você descer...

Acho que a coisa está nesse pé há muito tempo, pelo menos devido ao tom de voz, que se tornou uma espécie de lamento.

— Vou repetir, desce...

— Oi, Ernesto.

Quando ele se vira, não o reconheço: a outra metade do rosto está cheia de arranhões e tem um olho roxo. Ai! Pepe deve ter aparecido, aproveitando-se das minhas breves férias. Ele afasta o dedo do interfone e o aponta para mim.

— Ah, muito bem, você sabia! Sabia e não disse nada... Muito bem, muito bem...

Ele começa a bater palmas lentamente, de um modo irritante.

— Escuta... — Consigo finalmente abrir o portão. — Eu não quero me envolver nas confusões de vocês.

Deixo Ernesto do outro lado das grades. Enquanto chamo o elevador, ouço sua voz. Balanço a cabeça. Não há nada a fazer, minha irmã é insuperável para arranjar confusões; como ela faz ninguém mais consegue. Entro no elevador.

Claro que Pepe no fundo a perdoou; para ele, isso são carícias.

— Oi! — Assim que chego ao andar, Valéria está na frente do elevador. Ela pula sobre mim e me abraça. — Ouvi a sua voz pelo interfone. Você cumprimentou aquele idiota, não? Viu como ele está? Que cretino, não devia ter feito o que fez!

— Ah, sei... Aliás, nem o machucou muito!

Valéria me faz uma estranha expressão, como se dissesse “cuidado com o que diz”, e um segundo depois entendo por quê.

— Este é Giorgio Pallini, você deve conhecê-lo, é campeão italiano de windsurfe.

— Oi.

— Oi.

Trocamos um aperto de mão. De fato, tem todos os possíveis calos causados por mil *jibes*.^[62] Tem o rosto marcado pelo sol, e quando sorri as rugas aparecem ainda mais.

— Talvez você tenha me visto nos *outdoors* da Esso. Eles me contrataram como garoto-propaganda...

— Não, sinto muito, abasteço sempre com Luigi, na Cammiluccia, e ele tem um iP.

— Ah...

Ele fica bastante desiludido, mas sinceramente não me importa absolutamente nada. Valéria passa por ele e me segue enquanto vou ao quarto. Ponho a minha mochila sobre a cama.

— Vamos, não aja assim... Sabe o que ele fez? Me defendeu! Eu estava discutindo com Ernesto, aquele cretino, que de repente começou a torcer meu braço porque eu queria ir para casa! Entendeu? Tudo menos poeta! Depois, descobri que todas aquelas coisas que me escreveu eram copiadas de canções, entende? É só um babaca.

Abro a mala e tiro as roupas para lavar.

— Giorgio estava passando por perto e parou. Saiu do carro para me ajudar e depois começaram a brigar... Depois ele fez questão de me acompanhar...

Guardo a mochila, vou ao banheiro e ponho a roupa suja no cesto de roupas para lavar.

— Entendeu? Giorgio não queria nem brigar! Foi obrigado.

Volto ao meu quarto e vejo o campeão ao fundo, fingindo não escutar. Ele olha com incrível atenção um quadro de Magritte.

— É falso — grito para ele. — É uma cópia comprada na Isola del Sole, em Via Ripetta. Tem de tudo ali, inclusive Botero e Matisse!

Não creio que os conheça, mas isso é o belo da cultura de banca. Depois, quando vou fechar a porta do meu quarto, Valéria enfia um pé para bloqueá-la.

— Ei! — Ela se aproxima para me dizer baixo e com uma expressão séria: — Olha, nós não fizemos nada...

— Sim, muito bem, e o que você quer de mim? Com licença.

E a empurro um pouco para fora de modo a poder fechar a porta. Valéria se vira para o windsurfista, sorri e ergue os ombros.

— Sabe, ele gosta muito de você, mas é ciumento. Sou sua irmã mais nova.

Giorgio Pallini sorri.

— Eu o entendo.

Depois, Valéria o pega pela mão, guiando-o até a cozinha.

— Vem, te ofereço alguma coisa.

— Obrigado.

— Sabe, agora é ele o homem da casa. É normal que esteja assim, sentindo o peso das responsabilidades...

Abre a geladeira e percebe que há pouca coisa.

— Se você quiser, temos chá-verde. Ou podemos descer, mas aquele lá ainda está ao interfone.

— O chá está ótimo.

Ela o serve.

— Quando serão suas próximas competições?

— Ah, vai demorar. — Giorgio pega o copo e se senta sobre a mesa. — Não antes de dezembro. Por enquanto só estou treinando.

Valéria termina de servir o seu chá e depois brindam.

— Bem, então às próximas competições! Talvez eu vá te ver.

— Por que não? Será em Honolulu.

— Uau, então vou com certeza!

Valéria se senta sobre a mesa, perto dele, mas neste momento a porta de casa é aberta.

— Somos nós!

Reconheço a voz de mamãe e saio do meu quarto.

— Oi!

Eu a vejo pôr algumas sacolas na entrada, e logo depois, atrás dela, chegam Vittorio, Fabíola e Francesco.

— Vem toda a família!

— Oi, Francesco. — Acaricio a sua cabeça.

— Oi, Nicco. — Ele tem um carrinho na mão e não me dá muita atenção.

Minha mãe me olha curiosa.

— Você voltou! — Procura sempre entender se há alguma coisa que não está bem. — Venha cá, me dê um beijo. — Mamãe abre os braços, e eu a cumprimento de maneira apressada, mas ela não se importa muito e começa com as perguntas. — Então? Vocês se divertiram? Foi tudo bem? Como foi o trabalho?

— Bem...

Fabíola me olha, curiosa.

— Que trabalho?

— Para a imobiliária. Fui a Florença, Veneza e Nápoles.

— Bem, você teve sorte, até fez bom tempo...

Depois, ela se aproxima de mim e dá uma olhada para Vittorio. Está numa poltrona lendo o jornal.

— Você foi jantar com ele e não lhe disse nada.

— Imaginei que você já tivesse lhe falado.

Fabíola me dá um empurrão.

— Você me deve um jantar.

— Eu te lembro tudo o que você me deve.

Mamãe se aproxima da cozinha.

— O que você vai fazer? Vai ficar para o almoço? Hoje é o aniversário de Francesco.

— É verdade, eu tinha me esquecido...

Mamãe abre um pacote de massa e começa a pesá-la.

— Por isso decidiram vir todos aqui! Vamos, fica...

— Não, devo passar no escritório...

— OK. Então faça-me um favor e pegue a minha bolsa.

Eu a deixei na sala.

Vou procurá-la e a encontro sobre uma mesa abaixo do grande espelho. Vittorio para de ler, dobra o jornal e me olha fixamente.

— Você acha que eu não sei? Olha que eu já tinha percebido sozinho...

Fico gelado e olho para a porta à procura de ajuda.

— Existem coisas que se percebem... Pensei que você quisesse me falar sobre isso na outra noite.

— Sim... — Fico um instante em silêncio. — De fato, eu queria falar, mas...

Ele faz um sinal com a mão para que eu pare.

— Não diga nada. Deixe estar, Nicco. São coisas que acontecem. Quer dizer, nós nunca tivemos a oportunidade de ficar um pouco a sós, mas eu queria te dizer que mesmo que não pareça, olha, eu sinto muito...

— Bem...

— Não, não, é sério, eu sinto muito por você.

— Por mim?

— Sim, que você tenha terminado com Alessia.

— Ah... — Eu fico sem palavras. Mas quem lhe disse? Fabíola? Em vez de falar dos problemas deles... lhe falou dos meus!

Vittorio apoia o jornal no braço da poltrona.

— Eu me lembro de que quando eu tinha a sua idade e estava com uma garota de quem eu gostava muito; os meus amigos não a suportavam, mas eu estava completamente louco por ela. Depois, terminamos porque brigávamos muito, ela era ciumenta, eu também, muito possessivo... Uma vez, chegamos até mesmo a bater um no outro por isso! Quando nos deixamos, fiquei muito mal, achei que nunca mais iria me apaixonar, mas, depois, num belo dia, encontrei Fabíola e nunca mais pensei na outra... — Ele abre os braços e sorri. — Entendeu?

Entendi, sim.

— Obrigado, Vittorio...

Eu não sei quando Fabíola falará com ele, nem se algum dia falará, mas eu não quero estar por perto.

— Você a encontrou? — Mamãe aparece na porta.

Vittorio se desculpa.

— Estávamos conversando e...

— Aqui está...

Ela mexe na bolsa.

— Desculpem se eu interrompi alguma coisa... Balanço a cabeça.

— Olha, Nicco, você pode ir buscar pra mim uma torta no Fleming ou onde você quiser? Eu me esqueci.

— Eu acompanho você!

Francesco aparece atrás dela e sorri para mim.

— Sim, quero ir com Niccolò. — Ele o diz com um tom seguro, decidido, certo, como se pudesse fazer tudo o que quisesse. Três anos de certeza.

— OK, vamos.

Tenho vontade de rir. Fabíola se aproxima de novo de mim.

— Cuidado, segure a mão dele, não o solte nunca, não se distraia e fique sempre com ele. — Ela diz isso de modo completamente diferente do anterior. No que diz respeito a isso, ela é ela e ponto. Ela forte, ela mulher, ela decidida, ela que ama e sabe o que quer, sem meias medidas. Ela mãe.

— Sim, claro. — E não tenho vontade de brincar com isso. Quem sabe eu também estou diferente?

Entramos no elevador.

— Eu aperto, eu aperto...

Eu me aproximo para suspendê-lo, mas ele me afasta com as duas mãos.

— Eu alcanço! — E se levanta na ponta dos pés para chegar ao primeiro dos botões, aquele onde está escrito “T”, e o aperta.

O elevador parte.

— Viu?

E fica assim, pequeno, no seu metro e pouco, apoiado à parede, batendo lentamente com o pé no chão enquanto eu o olho do meu um metro e oitenta. Depois, lentamente, Francesco levanta a cabeça e me olha fixamente.

— Hoje é o meu aniversário.

— Eu sei.

— Mas não quero que batam palmas.

— Eu aviso.

Ele volta a olhar para baixo, um pouco mais sereno. Saímos. O poeta não está mais lá. Essa também é uma boa notícia. Pouco depois, estamos no bar. Olho as tortas e me decido.

— Quero aquela de dezesseis e oitenta.

A vendedora tenta ler os preços de onde está, atrás do balcão, e a encontra.

— Sim, aquela da vovó, com creme e pinhole. Você gosta, Francesco?

Ele não se importa muito.

— Sim. Mas quero brincar com isso aqui.

Ele está diante de uma cabine de vidro e olha para uma garra de metal que sobe e desce. De vez em quando, cai sobre pirulitos, ursos, carrinhos, se fecha, pega alguma coisa, mas a deixa cair quando sobe.

— Quero brincar com isso! — insiste Francesco, batendo com as mãos no vidro.

— OK. — Eu me aproximo, olho quanto custa, pego uma moeda no bolso e a introduzo na fenda. Ouve-se cair o dinheiro, e a garra dessa vez desce para valer.

— Olha, olha, use isto, movimente com isto... — Ponho as suas mãos no joystick.

— Vamos, vamos, assim Fran...

A garra chega em um ponto onde existem muito mais objetos.

— Isso, assim, assim, agora aperta o botão, este vermelho, aqui em cima, assim, desce...

Francesco me olha.

— Sim, este...

Aperta o botão, e a garra se abre e desce. Chegando ao fundo, começa a se fechar, raspa a superfície, recolhe balas, pacotinhos de chiclete e pirulitos, fica incerta por um instante e, de repente, sobe novamente.

— Sim! — Francesco está felicíssimo. A garra pegou um pirulito e lentamente se move na direção do buraco de saída, mas, quando está para chegar, o perde. O pirulito cai. Francesco se vira rapidamente em minha direção e fica em silêncio. Quer que eu lhe dê uma explicação, quer entender por que não teve aquele pirulito que já era seu, que a garra tinha agarrado e que devia simplesmente pôr no buraco.

— Sinto muito... — Não sei o que mais lhe dizer, e essa frase que me sai assim me lembra dramaticamente outro momento e só por isso acrescento alguma coisa: — Isso acontece...

Mas não lhe basta, claro, não é suficiente.

— Vamos embora!

— Mas podemos tentar de novo...

Ele não diz mais nada e caminha na direção da saída. Por sorte, a vendedora já embalou a torta, assim pago rapidamente e saio com ele. Francesco caminha na minha frente; eu o deixo livre, mas de qualquer modo o controlo. Completa três anos hoje. De vez em quando me olha com aqueles olhos, com uma profundidade que te faz pensar que ele já entendeu tudo. Porém, sei que não é assim. Pergunto-me o quanto sofrerá na vida, quando terá as primeiras desilusões, quando perderá, sem nenhum motivo, o que esperava ter, o que lhe fora prometido, o que lhe parecia devido, justamente como aconteceu com essa estúpida garra e com seu pirulito.

— Francesco? Olha aqui...

Então, ele para e me espera, curioso.

— O que é?

Ponho a torta sobre o teto de um Golf e escondo as mãos atrás das costas.

— Direita ou esquerda?

— Esta.

Ele indica a mão direita, que eu tiro de trás das costas e abro lentamente na frente dele.

— Siiim! — Está feliz. — O meu pirulito!

— Olha, eu o abro. — Está impaciente e quase o arranca das minhas mãos. Depois, o põe na boca, começa a lambê-lo

e se acalma. É a sua estranha vingança contra a garra e sua injustificada imprecisão.

Entramos no elevador.

— Você quer apertar o botão? — Ele balança a cabeça negativamente.

— OK, eu aperto.

Pelos primeiros andares ficamos em silêncio. Depois, decido rompê-lo.

— Você gostou do pirulito?

Ele faz um aceno afirmativo.

— Sabe o que mamãe e papai me deram de presente pelo meu aniversário?

— Não, o quê?

— Uma belíssima bicicleta, e hoje tentei andar com a mamãe.

— E como foi?

— Muito bem, mamãe me explicou tudo, e no final consegui...

Chegamos. Ele sai do elevador e vai na direção da porta, independente, saboreando o seu pirulito. Toco a campainha. Quem sabe como sua mãe lhe explicará todo o resto?

— Ah, aqui estão, mas não voltavam mais!

— Demos uma voltinha!

Francesco entra logo em casa e vai procurar Fabíola.

— Toma, mamãe, este é o troco.

— O que você trouxe?

— Uma torta da vovó, com creme e pinhole. Parece que ainda está quente.

Mamãe enfia o rosto na sacola.

— O cheiro parece ótimo. — Depois, fecha-a rapidamente e sorri para mim. — Vamos, mas por que você não fica?

— Não, mamãe, é sério. Já tenho um compromisso. Não posso.

— Espere um pouco. — Ela põe a torta sobre o armário da sala e me alcança. Não sei o que quer me dizer, se entendeu alguma coisa, mas fica um instante em silêncio e depois me abraça. — Obrigada.

Ela me aperta forte, mais forte, tanto que fecho os olhos porque realmente não esperava por isso. De repente, me vem uma vontade de chorar e me sinto realmente bobo.

— Mas por quê, mamãe? Pela torta?

Então, ela se afasta de mim e me olha nos olhos.

— Por tudo.

E então não aguento mais, não, preciso sair logo. Abro a porta e me refugio no elevador.

— Tchau, mamãe! — Não tenho vontade de falar com Fabíola e Vittorio, que talvez me falará de Alessia. Não tenho vontade de ver Fabíola e Vittorio fingindo que tudo está bem. Mas talvez seja só ela a fingir. Sim, então digamos que não tenho vontade de ver o Vittorio que ri, que brinca, que não se dá conta, não tenho vontade de vê-lo assim, de vê-lo cretino. É isso que Deus sente quando nos olha? Que

pensamento tem sobre a nossa ingenuidade? Ou sobre as nossas ridículas espertezas? Sobre nossas mesquinharias? Algum de nós de vez em quando consegue surpreendê-lo? O quanto eu gostaria de saber! Talvez muito, mas muito mais no futuro. Isso, pensando bem, não tenho essa grande curiosidade. De uma coisa, porém, estou curioso: Giorgio Pallini, o grande campeão mundial de windsurfe, conhecido só hoje, ficou para o almoço com eles? Não, porque Valéria é capaz de tudo!

Estaciono e dou alguns passos a pé. Turistas falando todas as línguas passam por ali; um marroquino tenta vender um estranho boneco, joga-o sobre um papelão no chão, e ele se arrebenta e depois lentamente se recompõe. Talvez alguém o compre.

Entro no hotel Fontana, e Ann está ali no fundo, perto do balcão. Fala com Roberto e ri sabe-se lá de quê, mas quando me vê não fica minimamente constrangida.

— Niccolò! *Hi!* — Corre ao meu encontro, me abraça e trocamos um beijo leve nos lábios. Depois, andamos na direção da saída. Então, ela se vira e se despede dele.

— Tchau, Roberto! *See you later.* — Pouco depois, entramos no carro e começo a dirigir tranquilamente pelo centro, passando pela Via del Corso e pela Piazza Venezia. Ann está contente.

— Aonde vamos? Que surpresa tem para mim?

Percebe que não entendo bem o que me perguntou ou pelo menos que não tenho certeza e repete o que disse um pouco mais lentamente.

— Aonde vamos?

— Você os conhece? — Pego os ingressos e lhe passo. Ela os olha, recolhe com a mão esquerda os cabelos que lhe

caem sobre a testa e leva-os para trás.

— Coldplay! Eu amo eles! Obrigada! — Ela salta em cima de mim e se agarra ao volante. Quase perdemos o controle da direção, mas por sorte a praça é grande e não tinha ninguém vindo do outro lado.

Passamos pelo Capitólio e seguimos sempre reto rumo ao Teatro Marcello e ainda mais adiante. Ann me fala do Coldplay e me diz que são muito bons e que o líder “é casado com a Gwyneth Paltrow, com quem tem dois filhos”.

— Ah, eu sei, Apple e Moses! — Quando a banca se torna a tua grande aliada! — E sei também que ela teve complicações na gravidez e perdeu o terceiro filho...

— Sério? Nossa, eu não sabia...

Ela fica surpresa e me olha, curiosa, com outros olhos, contente que eu possa saber isso. Então, continua a me contar que eles são muito bons, que fizeram canções realmente lindas e que faz muito tempo que queria vê-los e nunca tinha conseguido.

— Eu gosto muito deles! — Depois, me diz que acredita que eles tenham sido acusados de ter copiado algumas canções. — É sério! Eu li num jornal. Eles disseram que “Viva la vida” é parecida com uma música de Cat Stevens chamada “Foreigner suites”, mas outro músico, Joe Satriani, diz que é parecida com uma canção sua, “If I could fly”! Todas são lindas, e eu acho que é como o amor... Nós nos beijamos e beijamos outras pessoas durante a vida, mas cada vez é especial.

E sorri para mim. Creio que tenha falado de um beijo, talvez os nossos, e de como nós não copiamos, quer dizer, de como somos únicos e especiais.

— Você disse que somos como uma linda canção... E essa é a única?

— Yes... — Ela sorri e tenho certeza de que disse muitas outras coisas, mas talvez a essência seja isso, e, de qualquer modo, ela gostou da ideia. Assim, se apoia no meu peito e me faz dirigir tranquilo, sem mais desvios, até o Circo Massimo.

Alessia nunca foi assim. Se por acaso eu não reagisse bem a quem tinha escrito, pintado, tocado ou feito quem sabe o quê, não ria nem brincava comigo, sobretudo no final. Contudo, as duas têm uma coisa em comum: Alessia também conhece todas as canções do Coldplay e seu sonho era justamente ouvi-los ao vivo.

“Jura que se vierem à Itália nós vamos assistir, a qualquer custo, por favor, Nicco! Mesmo que seja em Turim! Jura!”

“Juro!”

“Uhu! Você vai ver! Você também vai gostar muito...”

No entanto, as coisas aconteceram assim.

Estacionamos o carro e caminhamos em silêncio entre todos os outros que vão ao show. Alessia, eu teria mantido o meu juramento, teria comprado os ingressos, teria feito uma surpresa para você, não teria me esquecido. De qualquer modo, com certeza você estaria me falando sobre o show há

uma semana. Mas não pude fazer uma surpresa porque você não está mais aqui.

Um rapaz e uma garota passam correndo juntos a outros; talvez ainda não tenham ingressos ou então queiram ficar justamente na frente do palco.

— Vamos logo!

— Não, não precisa. Ciccio é demais... — Eu lhe mostro os ingressos. — São os melhores lugares. Podemos quase tocar na banda!

— Fantástico!

Ciccio nos providenciou ingressos para o melhor setor do show, logo abaixo do palco, na área VIP. Ciccio é muito bom nisso. Quem sabe como conseguiu e quais coisas contrabandeou! Mas quem sabe aonde chegará? Um dia talvez esteja sentado no Parlamento! E ali até os adversários se tornarão seus clientes, porque Ciccio é assim.

Passamos em frente à Bocca della Verità. O guardião a abriu especialmente para a noite e está ali na porta.

— Pode-se entrar?

— Claro, é a *Notte Bianca*!^[63]

— Não sabia...

— Nem os outros... — Ele indica as pessoas que passam, mas não param.

— Melhor... — Entro com Ann e paramos em frente à antiga face esculpida em pedra na parede da igreja.

— Sabe o que é isso?

— Um homem que fez alguma coisa errada?!

— Não, não, nada disso! A história começa com o filme *A princesa e o plebeu*, conhece? Tudo começou com *A princesa e o plebeu*, não foi? Com o filme de Audrey Hepburn? — pergunto gentilmente ao guardião, que começa a rir.

— O filme tornou este lugar conhecido no mundo inteiro, mas esta máscara foi um bueiro da época romana... — Ele me mostra a imagem esculpida. — Esta é uma divindade fluvial que engolia a água... quando era bueiro! Agora os turistas enfiam a mão! Está nesta parede da igreja de Santa Maria desde 1632... Mas antes daquele filme não importava a ninguém! — Balança a cabeça e se afasta.

— Você já viu *A princesa e o plebeu*?

— Sim, mas não me lembro...

— É a história de uma jovem princesa que passeia por Roma por alguns dias sem que ninguém saiba que ela é uma princesa!

— Ah, eu me lembro, e tem uma cena aqui... — Ela faz o gesto de enfiar a mão na boca da máscara.

— Porque, se você colocar a mão, deve dizer a verdade, senão a estátua... come a sua mão!

— Ah, isso não é para mim. Eu sou uma mentirosa...

Ela sorri, maliciosa, se vira e se afasta. Eu a sigo e, pela primeira vez, olho para ela com um ar diferente. O guardião também a segue e a olha com mais atenção, como se Ann parecesse diferente, mais bela.

— Até logo, hein...

— Ah, sim, claro, boa noite. — Ele se recupera.

Eu a alcanço, pego-a pela mão e caminhamos juntos na noite belíssima. Agora tem mais gente, e todos correm rumo ao Circo Massimo; alguns carros buzina porque erraram o caminho e ficaram presos entre as pessoas. Do palco chega a música, é uma das passagens de som. Algum músico deve estar testando os instrumentos. A lua está alta no céu e do mar vem o *ponentino*, uma brisa leve e malandrinha, perfeita para esta noite. Entramos no Circo Massimo, mostramos os ingressos a um recepcionista que nos deixa passar e entramos na área VIP. Há uma multidão. Alguns estão sentados no chão sobre suas jaquetas, outros em pé, alguém até levou uma criança, que carrega sobre os ombros... Quem sabe se algum dia ela se recordará desta noite e o que entenderá, visto que, além de tudo, cantam em inglês! E depois tem Ann. Ann alegre, Ann curiosa, Ann bela, Ann simples, Ann que anda ao redor, que olha, que se diverte, que observa as pessoas, que não perde nenhum detalhe, Ann que parece feliz.

— Você está gostando de estar aqui?

— Muito! É incrível poder ver esse show aqui em Roma e com você. A noite, eu, você e Coldplay!

Então, como se tivessem nos ouvido, com um *timing* perfeito, tudo fica escuro e estouram fogos de artifício atrás do palco. As pulseiras que nos deram na entrada e que temos no pulso se iluminam! Bolas são jogadas do palco, e, sob uma faixa de luz, ele aparece.

— Chris Martin!

Ann grita como uma louca e começa a dançar ao ritmo das notas de “Us against the world”. Sabe toda a música e canta olhando-me nos olhos.

— *Oh, morning come bursting, the clouds, Amen. Lift off this blindfold, let me see again. And bring back the water, let your ships roll in. In my heart she left a hole...*^[64]

Ela traduz para mim o último pedaço de um jeito indeciso, mas que eu adoro:

— No meu coração... você deixou um buraco.

Continua a dançar e é bela, louca, livre. Ergue os braços ao céu, olha as estrelas, olha de novo para mim, e então eu também me deixo levar e danço com ela. Começa a segunda canção, “Yellow”.

— *Look at the stars... Look how they shine for you! And everything you do...*^[65]

Ela conhece essa música também, que começa justamente enquanto olhávamos as estrelas, e ela ri, os acasos da vida, e depois aponta para mim, e eu danço, feliz, e danço, danço, danço ao redor dela e continuo a girar e quando abro os olhos... os acasos da vida! Tudo menos estrelas! Quem apareceu na minha frente?

— Benedetta!

— Oi!

Dirige para mim um sorriso forçado e continua:

— Você também aqui, hein...

Olha para Ann, que não se deu conta de nada e que continua a dançar como se nada fosse, porque, digamos, não

é nada! Mas Benedetta não pensa assim, espreita-a da cabeça aos pés e olha de novo para mim.

— Claro... — diz ela, como se tivesse entendido quem sabe o quê.

— Eu tinha razão. Ah, este é Domenico. — Ela aponta para o homem que a acompanha. — Ele faz o mesmo trabalho que você, mas você quase nunca o vê porque vem sempre de manhã...

— Não, não, eu sei quem é... — Eu o cumprimento.

— Bem, nos vemos...

— Claro, segunda-feira.

— Sim, sim...

Diz isso com um estranho sorriso, como se eu devesse entender que o meu trabalho está em perigo, mas sabe do que mais? Ainda que possa parecer absurdo, não me importo nem um pouco. E continuo a dançar.

— *When she was just a girl, she expected the world... but if flew away from her reach, so she ran away in her sleep...*^[66] — canta Ann. Depois, ela me segura. — O que foi? Era essa sua namorada? Sinto muito...

— Não, Ann, você está errada! Ela não é meu amor! Meu amor é melhor que ela!

Começo a rir e não quero pensar. Claro que imaginar que a minha dor, os meus problemas e o meu mau humor nasceram do fato de que Pozzanghera me deixou, bem, não é nada mal! E gosto desta canção. Aqui todos dançam como loucos, e eu gostaria de saber inglês para cantar com Ann.

— *And dreams of para-para-paradise, para-para-paradise... para-para-paradise...*

Esta é fácil, fala do paraíso, e nos damos um beijo. Sinto o cheiro de maconha; alguém passa um baseado para nós e damos dois tapas, só dois, e depois o passamos adiante. Ela me dá um longo beijo e então se afasta, sorri para mim e continua a dançar. Eu olho para ela, e neste instante estou contente, sim, é outro momento único, as estrelas, a lua, Ann, esta música, mas sinto falta de meu pai e, no momento mesmo que isso me vem à mente, o instante de felicidade passa. Fecho os olhos e vejo minha mãe organizando as coisas na cozinha, vejo-a de costas, para, não se vira, vejo-a apoiar as mãos nas bordas da pia. Depois, pega um pedaço de papel-toalha, rasga-o e assoa o nariz. Está chorando, mas depois tenta melhorar a sua voz. “Então, como foi hoje, tudo bem?” Mas fica de costas, sabe que os seus olhos não poderiam mentir para mim.

— *This could be para-para-paradise... para-para-paradise oh oh oh oh oh...*

Continuo a dançar e gostaria de estar no paraíso só por um instante, por favor, para poder abraçá-lo, um segundo só, eu juro... mas isso não acontece.

“Não, mamãe, não foi bem.”

Por quê? Porque gostaria de te ver feliz e gostaria de ver as minhas irmãs com os seus problemas resolvidos e sobretudo gostaria que papai estivesse aqui. Sim, gostaria que fosse você, papai, a se ocupar de tudo, a falar com elas, a

lhes transmitir segurança, a dizer o que deve ser feito e o que não deve ser feito e depois, no final, a virar para mim, sorrir e dizer uma daquelas coisas que só você sabe dizer.

E chega “Viva la vida”. Ao fundo, aparece, enorme, a pintura de Eugène Delacroix, e somos todos prisioneiros e dançamos com Chris Martin entre aquelas nuvens que saem de baixo do palco e saltamos ao ritmo da canção. Depois, as luzes do palco diminuem e aparece um sol atrás do grupo, uma luz que quase nos cega. Ann se aproxima de mim.

— Olha, agora Chris vai tocar um teclado antigo. Era de Bruce, pai de Gwyneth. — Ela me abraça por trás e continua a me contar: — Esse teclado nunca foi tocado por mais ninguém... Bruce comprou pouco antes de morrer. E essa música é sobre o amor que sente por Gwyneth. — Começa uma canção lenta, chamada “Sparks”. Eu olho para ela, que sorri e talvez não espere outra coisa.

— Esta é belíssima. Dança comigo?

Então, nós nos abraçamos, e outros também fazem o mesmo, como se tivessem tido a mesma conversa. “*My heart is yours, it’s you that I hold onto, yeah that’s what I do...*” Ela tenta traduzir para mim do seu jeito indeciso.

— O meu coração é teu, segure-me com você. — Ela me aperta ainda mais forte. O show continua, emendando uma canção na outra. “Speed of sound”, “Strawberry swing”. Ann beija os meus lábios, os morde, os chupa e ri. — Você é meu morango! Como vocês dizem? Cerejas: depois que começa, você não consegue parar. — E depois cantam “We

found love”, “Run this town”, “The scientist” e outras canções dos álbuns *X&Y* e *Mylo Xyloto*. O show é um sucesso, mas depois, de repente, tudo para e eles se vão. Ficamos assim, no inesperado silêncio da noite. Algumas luzes se acendem, então começamos a gritar todos como loucos:

— Bis, bis! — Um pouco depois, as luzes se apagam de novo, e eles saem na penumbra. Nós os acolhemos com muitos gritos. Começam com “Everything’s not lost”. Bela, comovente, mas otimista, com a esperança de que nem tudo esteja perdido. Vejo Ann com uma luz diferente, não me parece mais tão distante com a sua vida em Nova York e o seu inglês. Talvez um dia eu consiga dizer a ela qualquer coisa que eu queira dizer. E então começa “Charlie Brown”, o que me faz sorrir, porque parece dirigida a mim. Charlie Brown é aquele menino para quem tudo sempre dá errado, mas é teimoso e não desiste nunca, e me lembro de que mesmo sendo uma negação no beisebol ele conseguiu realizar um *home run* vencedor. Encerram assim o show, com essa última canção que me parece uma mensagem. As luzes se acendem. Alguém ainda insiste um pouco, gritando “Bis, bis!”, mas as luzes já estão todas acesas, e quando fazem isso quer dizer que não tem para ninguém. Algumas pessoas começam a ir embora. Eu e Ann nos damos as mãos para não nos perdermos, mas de vez em quando esbarramos nos outros porque cada um vai em uma direção diferente.

— Nicco, eu gosto muito do Chris Martin. Ele poderia ter um monte de mulheres, mas acho que ele entendeu o quanto

é especial estar sempre apaixonado pela mesma mulher. Talvez ele fique com Gwyneth para sempre... E seria legal se você pensasse da mesma forma...

Depois, ela me olha e sorri.

Eu entendi alguma coisa ou pelo menos tentei.

— Mas eu não canto como o Chris Martin! — E ela ri muito.

— Ah, não tem problema se a pessoa é desafinada. — Depois, vê uma barraca com camisetas, chapéus e outros mil itens da banda. — Ótimo! Olha, me espera só um minuto! — Não me dá tempo de dizer nada, sai correndo, se perde entre as pessoas e chega até a barraca. Eu a sigo de longe, atento para que não lhe aconteça nada, não lhe roubem de novo a carteira que deve estar levando no bolso traseiro do jeans. Mudo de lugar de vez em quando, entre as pessoas que passam, para não a perder de vista, e é quando alguém esbarra em mim.

— Ah, me desculpe, me desculpe mesmo!

— Nicco?

— Alessia. — Eu fico sem palavras, mas desta vez só porque não esperava isso.

— Oi! — Ela sorri e parece muito feliz em me ver. — Como vai? — Ela me abraça forte, e isso me parece estranho, sim, mas não tanto assim; na realidade, não entendo, não consigo entender bem. Depois, ela se afasta. — Muito bom o show, hein? Belíssimo, não?

É como se tivéssemos nos visto ontem.

— Sim, foi um show incrível. — E fico surpreso com minha lucidez. Depois, Alessia olha para a frente.

— Me desculpe... — Sorri de novo. — Se eu não for, me deixam aqui e me perco...

Mas quem, um homem? E que homem? Não penso muito a respeito e me viro de repente. Não, são as suas duas amigas de sempre, que me cumprimentam de longe.

— Bem, tchau, Nicco, eu já vou... A gente se fala se você quiser. — Ela me dá um beijo na bochecha e vai embora correndo. Tenho apenas o tempo de ver como está vestida: jeans e uma blusa de um vermelho desbotado, naquela cor pastel de que eu gosto tanto. Talvez tenha sido um presente meu. Cabelos presos, algumas pulseiras a mais que de costume e um colar que eu nunca tinha visto e aquele cinto de couro que eu conheço. Depois, mais nada. Não a vejo mais. Eu a perdi. De novo.

— Ei, você gosta? — Quando me viro, Ann está ali na minha frente. Vestiu uma camiseta sobre a roupa. É azul-clara com o nome da banda em uma tinta que brilha. Exatamente como os seus olhos.

— Sim, eu gosto. — Mas talvez eu não consiga parecer assim tão feliz.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Então... eu tenho um presente para você! — Ela pega uma camiseta igual, porém maior. — É para você... Do nosso show!

Então, ela me dá um beijo, me pega pelo braço e recomeçamos a caminhar em silêncio na direção da saída. Ann foi muito gentil e afetuosa, mas não consigo sorrir. Será que Alessia se recordava que deveríamos ter vindo juntos a este show? Dissemos isso um ao outro muitas vezes. Talvez ao me ver tenha se recordado. E de todo o resto, será que ela se lembra? “A gente se fala se você quiser.” Mas o que isso quer dizer? Que sentido faz? Será que ela se recorda de todas as vezes que comemos juntos, do quanto nos amávamos? E se Ann tivesse chegado antes? Olho para ela, que caminha tranquila com as mãos no bolso. Eu gostaria que elas tivessem se encontrado. Alessia não me perguntou com quem eu estava. Mas talvez não tenha sido Alessia, talvez eu tenha sonhado tudo. E por um instante eu desejo que fosse realmente assim.

Ciccio está sentado a uma mesa no restaurante Da Francesco, no Vicolo del Fico. Uma pequena multidão se formou ao redor; os garçons escutam sabe-se lá qual história. Raily o acompanha, curiosa, e, mesmo não entendendo muito, ri junto a todos os outros.

— Ei, mas então é aqui o *aftershow*?

— Boa, Nicco! E então? Como foi o show?

— Incrível! Eles tocaram por horas!

Eu e Ann nos sentamos perto dele.

— Belíssimo, a gente realmente gostou muito!

— O que posso lhes servir? — Um garçom chega apressado, nem um pouco interessado nas canções do grupo. Decidimos por uma pizza *margherita*, uma *diavola* e uma cerveja, mas antes *bruschetta*, *suppli* e *crocchetta*.^[67]

— OK, água natural ou com gás?

— Natural, obrigado.

— Então? Como foi o show? — Ciccio parece mesmo interessado. — Que canções tocaram?

Ann se recorda de tudo perfeitamente, então deixo-a falar.

— Ah, sei, e não cantaram “In my place”?

— Ah, sim!

— Ah, me parecia estranho! “A rush of blood to the head” é uma das melhores coisas deles!

Finalmente, chega alguma coisa para beber. Sirvo a água para Ann e bebo um pouco da cerveja. Faz calor, mas está bom, porque um vento leve sopra nos becos aqui atrás da Piazza Navona. Ciccio, considerando que está sempre na internet, conhece muitas coisas, um pouco por causa de seus *downloads* e um pouco porque é curioso mesmo.

De repente, se vira em minha direção.

— Tinha muita gente no show? — É como se lhe tivesse vindo à mente alguma coisa.

Paro de beber e ponho o copo sobre a mesa.

— Muita, realmente muita...

— E você não encontrou ninguém?

Bebo outro gole.

— Nem me fale! Embora houvesse pelo menos quarenta mil pessoas, parecia que tínhamos marcado um horário ali. Encontrei Pozzanghera!

— Não, eu não acredito! — Ciccio se diverte muito com essa notícia. Faz sinal ao garçom. — Traga uma para mim também? — pede, indicando a minha cerveja. Quer aproveitar o momento ao máximo. — E então? O que ela te disse?

— Nada de mais, estava chateada...

— É claro, você teve com ela uma clássica noite de música e magia...

— Como assim? — Olho para ele com curiosidade.

— Trepou e desapareceu!

E dizer que eu conhecia essa! Ele me pega sempre! Duas garotas da mesa ao lado nos olham aborrecidas. Ouviram tudo. Uma diz à amiga:

— Só podiam estar mesmo com duas estrangeiras...

— É claro! Se entende o que dizem, você os evita.

Ciccio não ouviu, assim retomo a narração.

— De qualquer modo, estava com Domenico, um cara do escritório, um idiota.

— Cuidado que essa, só pra te deixar com raiva, faz esse cara virar o seu chefe imediato!

— É... Eu acho que ela está pensando nisso.

Chega a sua cerveja. Ciccio dá um gole longo, apoia o copo na mesa e fecha os olhos.

— Ah... Eu estava mesmo precisando, muito calor hoje à noite!

Chegam as *bruschette*, que são dispostas à nossa frente junto aos *suppli* e *crocchette*.

— Tome cuidado... — digo a Ann. — Estão muito, muito quentes. — Ela ri, pega uma *bruschetta* e dá uma mordida. Depois, pisca para mim.

Ciccio não perde a chance.

— É assim que ela te come?

— Ah, tenha dó!

Eu me viro na direção das duas vizinhas, mas por sorte estão falando sobre outra coisa.

— Então?

— O quê?

Como uma *bruschetta*, que está realmente gostosa. A coisa de que mais gosto em um restaurante é quando servem tomate cortado na hora, e não aqueles pedacinhos de tomate cortados à tarde e deixados por muito tempo na geladeira.

— Então? Não encontrou mais ninguém?

Ciccio insiste, até parece que já sabe. Olho para ele por um instante e fixo seus olhos. Ele fica em silêncio, com a cerveja que estava para beber parada a meio caminho.

— O que foi?

— Nada, nada.

— Então me diga...

Volto a comer a *bruschetta*.

— Encontrei Alessia.

— Não, eu não acredito, incrível! Pozzanghera... e ela. Ah, quando quer, a vida é mesmo zombeteira...

— Sim, só pra você que tudo vai sempre bem!

Ciccio para de beber, coloca o copo na mesa e se toca por baixo da mesa.

— Porra, mas você é doido?! Quer me dar azar? Não diga isso nem brincando! — Depois, olha o celular. — De qualquer modo, esta noite está estranha... Ou aqui não chegam mensagens ou nenhuma das duas me respondeu...

— Eu iria pra casa...

— De novo! — Ele se toca outra vez no meio das pernas.

— Ah, Nicco, vamos, não brinca, tá? Em vez disso, me fale de Alê!

Olho para Ann, que está rindo e brincando com Raily. Talvez esteja lhe contando alguma coisa do show.

— Mas o quê? Há pouco a dizer...

— O que você achou dela?

— Está mudada, sei lá, não saberia dizer, mas talvez mais adulta. Desculpa, que pergunta é essa?

— Tá bom, me veio à mente...

— E te veio mal!

— Tá bom, tá bom, como estava?

— O que você quer dizer?

— Bela?

— Bela, claro. Como quer que esteja mudada em três semanas e meia?

Ciccio começa a rir.

— O que foi agora?

— Nada, desculpa, é que me fez vir à mente uma besteira: três semanas e meia, o filme no qual só se faz uma punheta!

Dessa vez, as duas garotas na outra mesa nos ouviram. Uma pega a bolsa e diz:

— Parabéns... pelo menos essa foi engraçada!

Ciccio não perde a chance de responder:

— Obrigado. E olha que esta noite não estou em forma!

A garota balança a cabeça e se afasta com a amiga. Ciccio pisca para mim.

— Você viu? Nem tínhamos azarado essas duas! Eu e você somos irresistíveis...

— É...

Como uma *crocchetta*. Ciccio pega, porém, o meu *supplì*.

— Desculpa, mas ainda não comeu?

— Sim, mas o *supplì* aqui é muito gostoso...

— Então peça outro!

— OK, depois peço outro pra você...

— Não, depois chega a pizza...

— E o que muda? Vão para o mesmo lugar! — Depois, recomeça. — Mas vocês não disseram nada um para o outro?

— Nós nos cumprimentamos.

— Ela viu que você estava com essa gata? — Ele indica Ann enquanto come o *supplì*.

— Não, ela tinha se afastado...

— Ah, e ela, com quem estava?

— Com as suas amigas.

— E só? — Fica surpreso com a resposta.

— Sim, por quê?

— Não, não, bem... — Exatamente nesse momento chegam as pizzas.

— *Margherita*?

— Para ela!

— *Diavola*?

— Para mim, obrigado.

O garçom põe as pizzas sobre a mesa e se afasta.

— Hum... — Olho para Ann e cheiro a pizza que está na minha frente. — Acho que a pizza está incrível!

Ela sorri.

— Com certeza! — Ela corta um pedacinho da sua com garfo e faca. Antes que eu termine de cortar a minha, Ciccio a pega.

— Hum, é gostosa a *diavola*! O cheiro está ótimo, deve estar fantástica! Posso?

— Se já está com ela na mão...

— Dito assim soa mal! Pena que aquelas duas não estão mais aqui... — Ri e dá uma mordida na pizza. — Hum, muito boa! — Depois, pergunta a Raily: — Você quer?

— Quero!

Corta também para ela um pedaço de pizza, mas, quando Raily tenta pegá-lo, Ciccio o afasta.

— Sem as mãos... Com a boca. — Então, ela o olha com malícia enquanto Ciccio ergue as sobrancelhas, voluptuoso.

Raily se aproxima para comê-la, mas Ciccio leva o pedaço de pizza cada vez mais para trás até aproximá-lo da própria boca. Então, Raily lhe dá um beijo nos lábios e só depois dá uma bela mordida na pizza e faz de conta que é um tigre:

— *Roar...*

Ciccio retrai a mão, fingindo-se assustado, como se ela tivesse podido mordê-la.

— Você gostou? É pizza de *salamino*! Eu sei que você gosta... — Ele está prestes a erguer de novo as sobrancelhas quando é acertado por uma bolsa em pleno rosto. — Ai, porra! Mas o que é? Mas que porra você está fazendo?

Ele se vira e só então percebe que é Beatrice.

— Isso, você disse realmente a coisa certa! Eu gostaria de saber que porra estou fazendo todo este tempo!

Ciccio se levanta.

— Mas, Bea, não, você está enganada...

— Em que estou enganada? Te liguei, e você disse que ia jogar pôquer, mas não teve uma boa mão, porque eu e as minhas amigas... — Ela indica as duas. Na verdade, são duas garotas realmente tristes, que nos olham muito sérias, desaprovando, creio, até mesmo a escolha da pizza. — Decidimos dar uma volta. Você sabia que eu estava na casa de Gusto, não? Quis arriscar e perdeu!

— Vamos, Bea, não faz assim... — Tenta segurá-la, mas ela afasta a sua mão.

— Não me toque!

— Vamos, não faz assim, não te disse nada para não te deixar com ciúme... Saímos com essas duas estrangeiras, mas só porque Nicco estava mal...

Só agora Beatrice me vê. Minha boca está cheia, mas tento sorrir. Ela nem de longe pensa em sorrir.

Ciccio olha para ela e depois para mim.

— Diga a ela, Nicco, diga...

— O quê?

— Mas como o quê? Que você estava mal!

— Sim, é verdade, eu estava mal...

Enquanto isso, algumas pessoas nas outras mesas nos olham e alguns transeuntes interromperam o passeio para acompanhar a cena, alguns estão realmente entretidos.

Ciccio não perde as esperanças; aliás, crê que minha admissão pode dar toda uma outra luz à situação. Ciccio decide que esse é o caminho certo e insiste com Beatrice.

— Vamos, eu tinha dito a você, não, que Nicco tinha terminado com Alessia? — Parte das pessoas que estão assistindo à cena se vira, curiosa, em minha direção, e percebo que uma garota diz alguma coisa ao ouvido de uma amiga. A outra faz um aceno, como se estivesse de acordo. Sim, entendi, mas sobre o quê? Mas sobretudo quem são? E o que está acontecendo? Porra, Ciccio e as suas confusões... Por que precisa sempre falar de mim e da minha história? Ann come a pizza como se nada estivesse acontecendo, e Raily se serve de um pouco de água, talvez tentando de todos os modos fingir indiferença.

— Mas então é verdade!

Ouçó aquela voz e não creio nos meus ouvidos, mas Ciccio fica branco e entendo que é tudo verdade. Atrás de nós aparece Deborah, a outra namorada de Ciccio, acompanhada de um amigo, parece, e de outra garota. Olha para nós sentados à mesa. Depois, olha para Ciccio.

— E então? Como está indo sua partida de pôquer? Mas eu não vejo maletas... só bocetas!

Bem, esta pelo menos é mais simpática.

— Alguns amigos me ligaram dizendo que tinham visto você aqui no Da Francesco, mas eu não quis acreditar... — Ciccio me olha, e eu ergo os ombros. Deborah dá uma olhada para o rapaz e a garota que a acompanham.

— E, no entanto, vejam! É verdade mesmo. Olha ele aqui!
Beatrice olha para Deborah e depois para Ciccio.

— Desculpa, e ela? Quem é?

Deborah fica estupefata.

— Não, desculpa, mas quem diabos é você?

Beatrice sorri.

— Eu sou a mulher dele! — Deborah olha para Ciccio, que literalmente desabou na cadeira.

— O quê? Que estranho... Faz mais de um ano que *eu* sou a mulher dele... Não é, Ciccio?

Beatrice olha para Ciccio e depois para Deborah.

— Eu também estou com ele há mais de um ano...

— Como? Como? — Beatrice se aproxima de Ciccio. — Que história é essa, hein? Como é? Pode me explicar?

As pessoas ao redor já formam uma verdadeira multidão. Quem quer perder uma cena dessas assim quando acontece?

Ciccio se levanta.

— E o que eu devo te explicar? Mas Deborah aumenta a dose.

— Não, não, explica, explica para mim também, já que você está aqui...

— Meninas, aqui as palavras não valem nada. Eu me apaixonei, *I'm in love!* — Então, pega a mão de Raily e a levanta para ir embora. Depois me diz em voz baixa: — Fica tudo por sua conta aqui, Nicco...

Antes que ele termine a frase, alguém pega a cerveja que está na minha frente e joga nele.

— Babaca! — Foi Beatrice.

— Ah, não! Porra, a minha cerveja! — reclamo.

Deborah, porém, pega a cerveja de Ciccio e lhe arremessa diretamente com o copo, que pega nele de raspão.

— Sim, você é mesmo um babaca!

— Ai! Mas vocês são loucas...?

As pessoas ao redor começam a aplaudir e fazer barulho.

— Grandeeee!

— Bravo, Ciccio! Você é todos nós!

Os homens torcem por ele enquanto as mulheres batem nos seus namorados, e a situação se torna uma estranha briga falsa de homens contra mulheres enquanto Ciccio, menos trapalhão do que de costume, desaparece no fundo do beco, levando consigo a última mulher que lhe sobrou, Raily.

Enquanto peço a conta, vejo que Beatrice e Deborah contam uma à outra tudo e mais um pouco sobre Ciccio.

— Não, eu não acredito, mas realmente? E quando?

— Neste verão. — Ela balança a cabeça.

— Então foi por isso...

Chega o garçom com a conta.

— O copo quebrado não te cobrei. No fundo, o seu amigo nos fez muita publicidade.

— É, pois é...

Assim, pago e me afasto com Ann. Caminho em silêncio e não sei por onde começar. Depois, ela me pega pelo braço e me tira daquele embaraço.

— Seu amigo é legal. Ele está mesmo apaixonado por Raily? Ou disse isso porque as duas garotas estavam tão furiosas?

Olho para ela e sorrio.

— Não, eu acho que é verdade. Raily é muito legal...

Ela sorri e aperta mais forte meu braço. Continuamos a caminhar em silêncio.

— Eu também vi a outra garota no show... Você tem tantas garotas quanto Ciccio?

— Não, nem tantas. — E também desta vez gostaria de dizer alguma coisa a mais ou algo diferente, mas talvez eu seja desculpado pela dificuldade com a língua.

É início da manhã. Estamos num trem que corre veloz, mas não muito. Conversamos um pouco depois de toda a confusão de ontem à noite entre Ciccio, suas namoradas e Raily. Assim, no final, consigo tranquillizá-la. Mas não foi fácil.

“Não sou como Ciccio. Estou sozinho agora.”

Então, ela sorriu. Que estranho... Por um instante, pareceu até mesmo que tinha vontade de chorar. Abaixou a cabeça e ficou em silêncio. Eu vi seu queixo tremer e, depois, de repente, uma lágrima descer lentamente ao longo da sua bochecha esquerda. Pus o indicador da mão direita na sua bochecha, com doçura, como se fosse tirar um pequeno cílio caído, e senti a lágrima chegar. Permaneci em silêncio, com aquele dedo molhado, e me veio à mente um pensamento bobo.

“Esta é uma lágrima americana, a primeira que eu vi.”

Depois, pus a mão sob o seu queixo e ergui-lhe o rosto. Então, ela manteve os olhos fechados ainda por algum tempo, mas quando os abriu foi um espetáculo. Verde-água com um pouco de castanho, mas molhados pelo pranto, profundos, delicados, sensíveis, ingênuos, com toda uma vida pela frente e toda a vontade de serem amados. Assim eu

os vi. Dentro deles encontrei tudo isso, uma viagem de infinito amor. Será que um simples olhar pode te dar tanto? Ou fui eu que quis ver tudo isso?

Lembro que uma vez fui com Alessia a uma mostra na Scuderie del Quirinale. Chamava-se Metafisica. Havia um grande número de quadros, e ela me disse: “Eles vêm diretamente do MoMA, em Nova York. Há italianos e estrangeiros, do dadaísmo ao surrealismo, até os expressionistas abstratos americanos”.

E assim passamos muito tempo visitando todas aquelas salas. No final, ela me perguntou:

“De qual você mais gostou?”

“Deste.”

“É claro, porque te lembra a propaganda de gasolina!”

“Não, eu gosto de Magritte porque põe em dúvida a realidade.”

E uma professora que estava ali perto com um grupo de alunos se aproximou de mim, mostrando-se surpresa.

“Onde você leu isso?”, perguntou.

“Não li.”

“E como você sabe então?”

“É o que eu penso.”

Ela então se foi, mas não totalmente convencida.

“Sério que é o que você pensa?”

“Sim, mas o que tem de estranho? Cada quadro, cada coisa faz pensar.”

Alessia então sorriu. Ela também não estava totalmente convencida. Eu me lembro de que à noite eu lhe mandei uma mensagem pelo celular. “‘Ser feliz não é sorte, é arte em seu estado puro.’ É uma frase de René Magritte. Esta, é claro, eu li. Mas não concordo. Eu te encontrei por acaso.”

Aquela frase de Magritte, e depois a minha, porém, não bastaram. Talvez ela já tivesse decidido, porque naquela noite não me respondeu. Olhei para Ann. Eu tinha o seu rosto entre as mãos e era como se os seus olhos procurassem em mim alguma resposta, uma frase, qualquer coisa que pudesse fazer para ela se sentir mais segura. Mas só consegui dizer que eu sou diferente de Ciccio e beijá-la. Os seus lábios estavam macios, úmidos, com o sabor de alguma lágrima já passada, e ainda tremiam, e se perderam nos meus. Depois, Ann me apertou forte, como se tivesse medo de que eu pudesse fugir ou de me perder ou como se quisesse me dizer alguma coisa. Contudo, foi um beijo diferente dos outros, eu senti que foi. Era como se contivesse desespero ou uma mensagem secreta, mas tão secreta que não a entendi. Depois se afastou de mim, me olhou fixamente nos olhos, inspirou um pouco ruidosamente e, no final, sorriu.

“Amanhã eu quero ver o mar.”

E assim estamos aqui. Ela quis vir de trem depois de consultar seu guia.

“Há quinze destinos diferentes que só levam uma hora.” Depois, sorriu e escolheu um deles. “Quero ir para... Anzio!”

E eu senti um aperto no coração; de repente, tinha sido ela a descobrir meu segredo. “Por que Anzio?” “Porque os americanos desembarcaram lá durante a Segunda Guerra e porque... tenho certeza de que é bonito. Você conhece?” “Sim, fui muitas vezes com minha família quando eu era pequeno...” E não digo mais nada.

O trem agora corre mais rápido. Estamos em silêncio; estou de frente para ela, que está lendo sabe-se lá o quê no seu guia. Eu estou de óculos. O vento entra pela janela e sinto o cheiro do mar. Olho para fora. Nunca fui de trem a Anzio; íamos sempre de carro, todos juntos pela estrada Pontina. Meu pai cantava, e nós cantávamos com ele, como vi muitas vezes em filmes americanos quando querem mostrar que aquela é uma família. Mas nós o fazíamos de verdade. Depois, o trem para. O barulho dos freios nas rodas enferrujadas, com certeza cheias de sal. Da janela se vê o mar, que não está tão distante. Olho para a frente e vejo uma bandeira azul com um sol amarelo no centro e um farol um pouco adiante. Não creio nos meus olhos. É aqui!

— Venha! — Pego as nossas mochilas. — Vamos descer!

— Já chegamos?

Mas não lhe respondo. Pego-a pela mão, e ela corre comigo pelo corredor até a porta.

— Venha, venha!

Eu a ajudo a descer bem na hora. A porta se fecha com um ruído seco e todas aquelas engrenagens entram novamente em movimento com uma grande fadiga. Observamos o trem

se afastar lentamente e acelerar antes de desaparecer atrás de uma curva.

— Onde estamos?

— Este é um dos lugares mais bonitos de Anzio. Vem comigo... — Eu a levo pela mão para fora da estação e logo estamos nos prados que vão na direção do penhasco. Mostro a ela o farol, que se vê ao longe. — É o cabo de Anzio... — Continuamos a caminhar. — E essa é a gruta de Nero... — Descemos alguns degraus e chegamos à praia. — A lenda diz que Nero escapou em seu navio e que essas grutas levam à incrível Cidade de Nero! — Passeamos na praia. O mar está agitado, algumas ondas quebram na costa, venta e não há ninguém. A areia está cheia de pedras, redondas, triangulares, quadradas, pequenas, grandes, e também de pedaços de vidros, de garrafa, mas tudo foi polido pelo mar, tudo é redondo, sem arestas aguçadas. Conto para ela, no meu inglês imperfeito, que vinha aqui com meu pai quando era pequeno, que ele fazia uma coleção destas pedras, conservando-as num grande recipiente vermelho, e que a cada verão, quando voltávamos a Roma, acrescentava mais algumas. Não sei como, mas lhe digo que sinto falta das suas mãos grandes e quentes que de vez em quando me faziam uma carícia ou me seguravam todo o rosto, mesmo que só para me incomodar, para rir e brincar. E, enquanto lhe conto tudo isso, começo a chorar, sentado em uma pequena pedra. Ela me abraça forte e me acaricia os cabelos enquanto eu escuto o mar escondido entre os seus braços. Depois, sinto o

seu perfume, começo a acariciá-la, pego as suas mãos e as beijo, lhe mordo o pulso. Ela ri e nos afastamos um pouco mais para trás das pedras, escondidos de tudo e de todos. Abro a mochila e ponho uma toalha grande sobre uma pedra lisa, e ela se deita. Depois, tiro o celular, ligo-o a uma pequena caixa de som e ponho “She”, a música que ouvimos na primeira noite e que depois se tornou um pouco a nossa canção. Ela balança a cabeça e a esconde embaraçada, entre as mãos. Depois, ergue as pernas e as move veloz, como se pedalasse rumo ao céu, tomada pela felicidade. Eu estou ao seu lado e olho para ela. No final, ela para, dobra as pernas e as apoia sobre a pedra. Eu as acaricio, sinto a pele nua, e ela, ainda com a cabeça escondida entre as mãos, descobre um olho e me olha maliciosa. Eu subo a minha mão, sempre mais, sinto a sua calcinha, acaricio e afasto o pequeno elástico e depois deslizo os dedos para dentro. Vejo que ela estica a cabeça para trás e fica assim, a respirar o mar. Eu a aprecio assim, entre os meus dedos, e acompanho todas as suas nuances de prazer. Ela morde o lábio inferior e sinto-a mais quente e continuo a brincar com ela, com os meus dedos. Ela move as costas e quase se curva. Então, com as duas mãos, abaixo a sua calcinha, e ela fica sobre a toalha com as pernas abertas, a saia levantada e seu púbis crespo e claro abandonado ao céu e acariciado por um vento leve. Levanto mais a sua saia, beijo-lhe a barriga, lisa e macia, e depois o umbigo, e desço mais e como-a respirando o mar. A canção termina e começa outra aleatoriamente. “Sailing”, de

Christopher Cross. Ciccio e as suas *playlists*. Porém, há alguma coisa de mágico, as ondas parecem quase seguir o mesmo ritmo. Ann abre os olhos. Vejo refletidos neles o céu e as nuvens e levanto as suas pernas enquanto a faço minha. Ela me abraça forte, mais forte, e a vejo apertar-me mais até gozar. Ficamos assim, abraçados. Estou deitado sobre ela, olho o mar e escuto a música e o rumor das ondas e as batidas do seu coração que lentamente se acalma. Depois, uma estranha melancolia me invade. Nunca pensei que um dia voltaria a esta praia para viver tudo isso. Olho para o céu tão azul a distância e para as poucas nuvens acima de mim e não sei explicar o que sinto. Estive muitas vezes nesta praia com meu pai, mas não achava que conseguiria reencontrá-la, e, no entanto, agora estou aqui, com Ann, uma garota estrangeira... Procuro desesperadamente uma explicação para tudo isso, com a ajuda de uma canção de Vasco Rossi, “Un senso”, na qual ele busca encontrar o sentido da vida. No entanto, tudo isso deve ter algum sentido. Este céu e este mar são os mesmos espectadores da minha infância, daqueles momentos, daqueles passeios, daquele amor, e eles sabem o que eu perdi, sabem que não posso reencontrá-lo, e talvez tenham me dado a possibilidade de voltar aqui, de encontrar este lugar, para me dizer alguma coisa: que Ann não é um acaso, que para cada coisa que você perde outra aparecerá... E esse pensamento, essa doce ilusão, me presenteia com um sorriso e com outro instante de felicidade.

Pouco mais tarde, loucos e parcialmente nus, entramos na água.

— Brrrrrr, está muito frio! — Ela ri, mas no final não se importa com nada. Despimos todo o resto e mergulhamos. Ficamos perto do Arco Muto. O mar está calmo, o vento diminuiu, e boiamos um na frente do outro, enquanto o sol se torna vermelho e desce lentamente. Este é um daqueles momentos que com certeza ficará entre as nossas recordações mais lindas.

Depois, saímos da água e nos enxugamos, e eu esfrego com força suas pernas e seus braços antes que se vista novamente. Seus cabelos se secam aos últimos raios de sol, mas permanecem um pouco cheios, e ela começa a rir tentando penteá-los.

— Ei, olha... Eu encontrei. Você gosta?

— Sim... Muito.

Dou-lhe a pedra que encontrei. Ela a aperta com força diante do coração e pisca repetidamente, fazendo uma engraçada imitação.

— Ah... É o meu coração...

— Não, é meu, e você o roubou.

Ela me olha, alegre, beija a pedra e a guarda na bolsa. É uma pedra azul no formato de coração perfeitamente arredondada, que parece quase feita à mão.

Mais tarde, vamos jantar no restaurante Da Romolo, no porto.

— Olá, Ciccio me telefonou e insistiu que devo tratá-los muito bem! Mas eu o teria feito de qualquer modo!

É simpático esse Walter, que junto com o irmão administra o estabelecimento. Ele nos traz uma série de entradas para experimentar.

— Estes foram os frios, agora vou lhes trazer os quentes... — E quase se diverte a nos fazer experimentar uma série de pratos deliciosos.

— Olha, estas são anchovas recheadas com muçarela, aqui há polvos pequenos à Luciana, cozidos com tomate, e estas são mil-folhas de batatas e bacalhau novo no primeiro sal... Deixe que eu os sirva... — Ele enche o copo de Ann e o meu. — É delicioso, um verdadeiro D.O.C.^[68] — Enquanto isso, continuam a chegar outros pratos. — Olha, esta é uma sopa de peixe, e estes são espaguete com mexilhões com creme de brócolis. — Logo depois chega uma série de degustações de segundos pratos. — Rã pescadora com tomatinhos, cebola e Fragolino^[69] com legumes crocantes... Olha, com estes, no entanto, vocês devem experimentar esse vinho... Gewurztraminer Sanct Valentin. — Ele nos traz outros dois cálices e os enche. Então, de repente, para. — Ei, mas como vocês vieram?

— De trem!

— Ah, perfeito. — Ele enche o copo. — Então, depois deste jantar você só deve se preocupar em não se tornar papai... — Ele olha sorrindo para Ann. — Mesmo que, bem... — Ele se afasta, rindo.

Ann me olha com curiosidade.

— O que ele disse?

— Nada... *Nothing*. Ele ama a família!

— Ah... — Ela me sorri, não totalmente convicta, brinda comigo e vira todo o vinho branco. — Bom! Muito bom.

— Sim. É verdade... — Eu sorrio, limpando a boca e pensando no que me disse Walter.

Então, experimentamos sobremesas deliciosas: *crostata* de peras cozidas ao destilado com chocolate e amêndoas picadas e um *parfait nougat* com *torroncino* e pistache acompanhado de um rum envelhecido de quinze anos. No final, Walter diz:

— Não deixem de provar estes! São *sgroppini*^[70] de limão que nós mesmos fazemos... — E assim comemos essa última delícia com um sabor quase oculto de vodca.

Ann o termina quase imediatamente e continua a escavar o fundo da taça com uma colherzinha de cabo longo.

— Você gostou, né?

— Muito! — Lambe pela última vez a colher, fechando os olhos. — É fantástico!

Olhamos os barcos que ondeiam na nossa frente, atracados ao porto, e os cordames que balançam acariciados pelo vento. Depois, sinto a mão de Ann sobre a minha e olho para ela, que me acaricia sem nem me olhar.

— Obrigada, Nicco... — Então, ela se vira na minha direção. Seus olhos brilham de felicidade. — Por tudo...

Depois, começa a falar mais rápido e não entendo bem o que me diz.

— Eu gostaria que você estivesse realmente apaixonado por mim e que esta semana nunca terminasse e que eu não fosse a clássica estrangeira, uma garota bonita que só serve para algumas noites de sexo... — Depois, sorri, e a minha expressão deve tê-la feito concluir que não entendi muita coisa do seu inglês.

— Ah... Não tem importância. Podemos dividir a conta?

— *No! Excuse me...* É, quer dizer, com licença, pode me trazer a conta?

Walter se aproxima da mesa.

— Estava bom?

— Ótimo, realmente excepcional, tudo muito gostoso, obrigado.

— OK, fico contente. Então está tudo certo assim... É por conta de Ciccio.

Fico surpreso.

— Mas como?

— Temos uma relação especial, eu e aquele desgraçado...

— Walter sorri, puxando uma cadeira. — Ele telefonou enquanto vocês comiam e pediu encarecidamente duzentas vezes. Sabe como ele é, não?

— Sim! E como não? É uma tortura chinesa!

— Isso, de fato, ele disse que paga, que precisa se desculpar por ontem à noite! Só imagino o que aprontou aquele desastrado!

— É, pois é...

Cumprimento também o irmão de Walter e a mãe deles, Luisa, na cozinha.

— Até logo, senhora, obrigado, hein, tudo realmente muito gostoso!

Eles se despedem de nós, todos reunidos na porta do restaurante, junto à tia Franca, que se ocupa diretamente das sobremesas. Pegamos correndo o trem das 22h56 para Roma e talvez pelo jantar, ou talvez pelo cansaço do dia, ou ainda pela beleza da noite, chegamos ao hotel sem nem perceber.

— Bem... — Paro um pouco distante da entrada. — Eu vejo você amanhã. Preciso trabalhar, mas se quiser podemos ficar juntos no almoço... Talvez uma hora e depois à noite... Só se você quiser...

Ela abaixa os olhos. Depois, os ergue de novo e abre a boca como se quisesse me dizer algo, mas parece que muda de ideia e me diz apenas uma coisa estranha.

— Uma vez, eu vi um filme chamado *Escrito nas estrelas*. Eu sempre achei que aquilo poderia ser verdade...

Ela me dá um beijo nos lábios e foge. Eu não entendo e fico ali a olhá-la enquanto pega as chaves na recepção e sobe correndo a escada sem nem olhar para trás. Penso de novo naquele beijo tão rápido e nessa espécie de fuga, como se fosse para evitar as lágrimas. Talvez eu devesse ter entendido.

— Estou aqui, estou aqui... Estava impaciente, hein?

O tio me substitui na banca e fico muito contente. O tempo parecia não passar nunca.

— Está na cara?

— Você estava para ir embora mesmo que eu não chegasse!

— Eu nunca teria feito isso...

Ele sorri e põe a jaqueta dentro da banca.

— Tio, olha que o *Il Tempo* acabou. A revista *Di Più* também. Os outros *Porta Portese* estão embaixo da caixa.

Tio Carlo olha ali embaixo e os encontra.

— OK. Chegue cedo pela manhã...

— Sempre...

— É, sim, sempre, sempre...

Antes que eu saia, Ciccio chega pontualmente na frente da banca. Entro no seu carro e, naturalmente, parte a dois mil quilômetros por hora, mas não dou muita importância porque estou muito curioso.

— E então?

— E então o quê?

— Bem, antes de tudo obrigado pelo jantar no Da Romolo, que foi fantástico, mas me conte...

— O quê?

— Depois de toda a confusão de anteontem você não me conta nada?

— O que eu devo te contar?

— O que Beatrice e Deborah disseram uma à outra?

— Eu sei lá! Você acha que elas dizem isso a mim? Todas as duas me mandaram uma série de mensagens de uma violência absurda e dois e-mails que basta ler as primeiras linhas para ter um ataque!

Começo a rir.

— Bem, você procurou.

— Mas pelo menos quando chegamos ao hotel me deixaram subir ao quarto de Raily. Só que com a tensão e toda a minha má sorte de todas as duas terem me achado no restaurante depois de um ano de encaixes perfeitos... Quer dizer, brochei.

— Mas eu não acredito! Você, o mítico Ciccio que contava coisas incríveis feitas com Beatrice e logo depois com Deborah... Você deixou uma má impressão? Mas o que dirão as estrangeiras de nós? Devemos erguer o nome italiano...

— Sim, e não só o nome!

— Idiota!

— Se eu não dissesse, você diria...

— Imagina...

— Escuta, há algo estranho... Tentei ligar pra Raily, mas o telefone está desligado.

— Qual?

— O italiano. Eu lhe dei um chip que eu tinha, senão gastaria uma fortuna com o *roaming*!

— Ah, claro...

Ciccio encontra uma vaga na frente do hotel.

— Bom dia.

— Ah, bom dia.

Roberto, o simpático porteiro, vem ao nosso encontro. Reconhece Ciccio e sorri para ele... Talvez tenha lhe dado dinheiro para subir ao quarto. Ficamos em silêncio por um tempo. Roberto nos olha. Ciccio fica um pouco surpreso, e depois, vendo que o cara não faz absolutamente nada, intervém.

— Você pode chamá-las pra nós, por favor?

— Quem?

— As duas estrangeiras, as americanas.

— Não posso.

— Já saíram?

— Sim, bem cedo.

Ciccio me olha surpreso.

— Mas Raily não me disse nada.

— Bem, devem chegar daqui a pouco... — eu digo.

— Não, não saíram, partiram.

— Partiram?

Olhamos um para o outro, ambos surpresos.

— Como partiram? E aonde foram? — pergunto. Talvez esteja enganado. Talvez tenham ido a algum lugar e ele não entendeu bem.

— Voltaram para os Estados Unidos. O voo era ao meio-dia.

Ficamos espantados, sem palavras.

— Ah, obrigado... — Saímos. — Ótimo, perdi Raily também... Que fase...

— Jura que você não sabia?

— Não, não me disse nada. Eu nem imaginava!

— Mas pode ser que o porteiro esteja enganado?

— Não, olhou inclusive o registro. Foram embora...

— Mas assim? Sem se despedir?

— É... pelo que parece.

Fico surpreso e me invade uma sensação estranha, imprevista, fortíssima, uma espécie de pânico. E, por um instante, me falta a respiração e o coração bate forte, mas depois consigo me controlar, me tranquilizo um pouco. Eu gostava de Ann. Muito. Mas não é só isso, é a sua partida imprevista, é como perder alguém sem uma explicação, sem um porquê, sem nem uma despedida.

— Ciccio, pode pedir um favor a ele?

— O quê?

— Subir um instante ao quarto delas...

E Ciccio consegue. Naturalmente, uma das moças da limpeza nos acompanha, abre a porta do quarto com um cartão e nos deixa ali, no batente da porta, enquanto começa a fazer a limpeza no fundo do corredor. Fico um instante parado na porta e entro. O quarto está bagunçado: janela aberta, camas desfeitas, toalhas deixadas em desordem.

Pego uma toalha na mão, ainda está úmida. Quem sabe se é dela ou de Raily. Olho ao meu redor. Tem duas camas, uma completamente desfeita, a outra mais composta. Essa última deve ser a de Ann. Então me aproximo, pego o travesseiro e o cheiro. Sim, sinto o seu perfume. Então fecho os olhos, penso nela, vejo de novo alguns dos nossos momentos, os mais bonitos, os mais íntimos, a gente ter se conhecido tão bem, ter tido essa garota por alguns instantes, assim, totalmente, minha, só minha, e agora não ter mais nada. Aperto forte o travesseiro, ponho-o sobre a cama e, na parte mais alta, vejo um longo fio de cabelo castanho. Sorrio. Talvez tenha ainda o cheiro de mar. As gavetas estão fechadas. Abro para ver se deixaram alguma coisa. Na primeira não tem nada e a segunda também está vazia, mas, quando vou para fechá-la, sinto que alguma coisa se move. Então, volto a abri-la, enfio a mão e o encontro. Parece um sinal. Não podia esquecê-lo.

— Ei, Ciccio... Você tem medo de voar?

— Muito, por quê?

— Vai ter de superar isso.

— O quê? Nãoooo, não se fala isso nem brincando! Mas você está louco? Encheu meu saco sem parar por dias com o fato de que Alessia terminou com você e agora, depois de apenas uma semana com essa garota, bela, é verdade, certo, belíssima, você quer me fazer atravessar o oceano num avião? Nãoooo, esqueça, não tem conversa...

— Ciccio, é importante.

— Importante? A minha vida é importante, as nove horas de terror que vou passar naquele avião são importantes, o fato de que eu estou muito bem em Roma, que eu amo Roma, que eu não sairia nunca de Roma, por nenhuma razão no mundo, também é importante... — Ele vê que seu discurso não me convenceu minimamente. — Não, né?

— Não.

— Muito bem, então me diga por que eu e você deveríamos ir a Nova York.

— Ann esqueceu isto.

E lhe mostro o coração de pedra que encontramos nas grutas de Nero.

— Quer dizer que nós vamos até Nova York porque Ann esqueceu uma pedra?

— É um coração.

— Tá bom, o que for!

E então começo a lhe falar sobre o que eu creio... que as coisas não acontecem por acaso, que Ann não podia ter esquecido aquele coração, ou aquela pedra, como diz ele, mas, ao contrário, esqueceu, e talvez, a seu modo, isso seja um sinal. Digo que nós nunca fomos a Nova York e que talvez não possamos ir por quem sabe quantos anos e que talvez nunca cheguemos a ir. E que a vida deve ser vivida e que devemos olhar além do Estádio Olímpico, além do Tevere, chegar pelo menos até Salaria, e depois até Orte, e, uma vez ali, ir ainda mais longe. Porque tudo isso pode nos fazer mudar, crescer, ter uma intuição, talvez, como aquelas

do seu amigo Zuckerberg, e nos fazer raciocinar de modo diferente. Digo ainda que nem sempre tudo o que foi a vida de todos os dias será a vida de todos os dias.

E, depois de um pouco, ele não retruca mais, não fala mais dos seus medos. Está ali a me escutar, e eu não paro e digo tantas outras coisas, porque sei que o apanhei e que, se parar, o perderei, e não quero. Mas a realidade é que preciso de um sonho. Tenho uma necessidade desesperada de um sonho porque tudo o que me circunda agora não o é, porque perdi algo que me fez parar de sonhar. E de uma coisa tenho certeza: sem um sonho não se vai a lugar nenhum.

EPÍLOGO

Aquele instante de felicidade... quando choveu até um minuto atrás, você precisa sair e decide não levar o guarda-chuva, e, assim que sai aparece o arco-íris e logo depois o sol. E, de repente, você entende o que é a confiança.

Aquele instante de felicidade... quando você está ao telefone contando a ela sobre o seu dia. E ela te pergunta: “Onde você está agora?”. E, enquanto você está explicando, ela chega de carro e sorri.

Aquele instante de felicidade... quando você está na fila do supermercado e não está com pressa, mas a pessoa à sua frente, não se sabe por que, te olha, vê que você está comprando muito menos coisas e decide deixar você passar. Você diz que não precisa, imagina, e sorri. E se sente seu amigo para sempre. Mesmo que nunca mais a veja.

Aquele instante de felicidade... quando você espera a chegada de uma mensagem, aquela mensagem, e olha o celular mil vezes, mas nada, não chega. Depois, você se distrai por um segundo... e lá está ela! Então, você a abre e está escrito exatamente o que você queria.

Aquele instante de felicidade... quando, depois de ter pensado por vários meses sobre qual presente lhe comprar, você para e entende que é o dia mesmo que deve se tornar

um presente. E então você programa tudo, da manhã à noite, para que cada momento seja para ela realmente uma surpresa. E espera que ela possa te amar ainda mais.

Aquele instante de felicidade... quando você termina algo que devia fazer, e talvez tenha sido necessário um grande esforço e você não tivesse certeza de que conseguiria. E, no entanto, sim, você consegue. E você se sente um campeão, mas um daqueles que vence em segredo, correndo à noite numa pista deserta.

Aquele instante de felicidade... quando alguma coisa cai do seu bolso, e você não percebe, mas alguém te chama porque pegou aquilo e quer te devolver. Por um segundo, você não entende e quase não acredita, mas depois olha a pessoa nos olhos e vê que é sincera. Mesmo que sejam só vinte centavos, parece que te devolveram um tesouro.

Aquele instante de felicidade... quando, finalmente, depois de ter perdido muitas bolas, você domina uma, se aproxima do gol, não pensa em nada, chuta e marca. Todos pulam em cima de você, te soterram, te sufocam e parece que você venceu a Copa do Mundo, mesmo que esteja quatro a um para o time adversário...

Aquele instante de felicidade... quando, depois de um dia checando suas notificações no Facebook, esperando que apareça aquele “1”, finalmente acontece. Ela visualizou e respondeu alguma coisa que faz você se sentir muito importante.

Aquele instante de felicidade... quando a bateria do celular está acabando, mas ela telefona e você espera que a carga resista apenas aquele tanto que bastará para que ela possa dizer “eu te amo”. Ela diz “eu te amo” e, depois de só um instante, o celular desliga, e talvez você também quisesse dizer alguma coisa carinhosa, em vez disso, permanece ali, com seu sorriso idiota...

AGRADECIMENTOS

Uma vez, um autor, nos agradecimentos do seu livro, escreveu que aqueles seriam os últimos, que não agradeceria a mais ninguém. Não sei se depois realmente cumpriu o que disse, mas isso me tocou muito. Pensei em como devem ter se sentido todos aqueles a quem ele tinha acabado de agradecer e sobretudo no que o tinha feito tomar aquela decisão. Creio que as coisas devem ser feitas com o máximo de liberdade e que devem ser quase um prazer egoísta, como quando você compra um presente para um amigo ou, ainda melhor, para uma pessoa que você ama. Eu creio que atrás de cada página, de um modo ou de outro, há um mundo de pessoas que nos sugeriram alguma coisa. Aliás, sob certos aspectos, um livro muitas vezes permite que o escritor ponha em ordem algumas coisas que antes não lhe eram claras, que peça desculpas a certas pessoas mesmo que estas não existam mais ou não estejam presentes na sua vida.

Não obstante todas essas considerações, fico muito contente em agradecer a algumas pessoas que fizeram algo por mim:

Antonio Riccardi. Uma vez, conversei com ele sobre um autor e, alguns dias depois, me fez encontrar uma belíssima

surpresa. Esta é uma das coisas pelas quais quero lhe agradecer, mas é a menor.

Um obrigado especial a Gabriella Ungarelli, porque me convenceu e me divertiu com a sua paixão e com a sua generosidade, e a Chiara Scaglioni, por todo o trabalho feito e pelo modo como se apaixonou pela ideia da *gricia*, esperando que não fique decepcionada, e pelas minhas histórias, que lhe juro que eram verdadeiras.

Um agradecimento a Andrea Delmonte, pela sua grande lucidez e precisão e porque faz parecer fáceis também as coisas difíceis.

Um agradecimento a Marta Treves, pela sua ótima intuição, e, conseqüentemente, quero agradecer a Giacomo Callo e muitíssimo a Susanna Tosatti, pela sua paciência e pelo sucesso deste “mar”!

Um agradecimento a Roberta Scarabelli e a todos aqueles que corrigiram os rascunhos, inclusive até tarde da noite!

Um agradecimento a Giovanni Dutto, pelo seu plano convincente, e a Emanuela Russo, pelo entusiasmo e pela alegria que põe em tudo o que faz.

Um agradecimento a toda a equipe de comunicação: à assessoria de imprensa, a Francesca Gariazzo, a Chiara Giorcelli, a Mara Samaritani, a Camilla Sica, a Cristiana Renda e a Valeria de Benedictis, que me ajudou com grande disponibilidade e gentileza no “correio Roma-Milão” junto à precisíssima Eva Evangelista! Além disso, obrigado a

Federica Saleri e a Raffaella Roncato por todas aquelas outras comunicações muito modernas!

Um obrigado a Nadia Focile e a Nancy Sonsino pelo nosso primeiro evento e por todos aqueles que virão.

Obrigado a Valerio Giuntini, pela sensação de segurança que me deu no nosso primeiro encontro, a Dario De Giacomo, que com a sua camiseta se fez parecer não muito sério, a Giancarlo Guidani, que infelizmente se machucou, mas que agora está melhor, e a Luisa Brembilla, com quem me desculpo por não ter podido terminar a nossa conversa. Um obrigado a Vito Leone, a Goffredo Battelli e a toda a força de venda que conheci em Pietrasanta. Foram todos muito simpáticos e me fizeram sentir como um amigo.

E um obrigado especial a Kylee, “Ked”, ítalo-estrangeira com denominação de origem, que com Laura e Anna me acompanha em cada uma de minhas aventuras, tanto italianas como estrangeiras.

Ah, gostaria de agradecer também a um rapaz cujo nome desconheço. Eu estava à margem do Tevere, de carona na moto do meu amigo Mimmo, e, quando paramos em um semáforo, ele nos alcançou e me disse: “Olha, você deixou cair isto...”. Ele me entregou o que eu havia perdido e partiu sem que eu tivesse tempo de lhe dizer obrigado. Então, quem quer que você seja, eu te agradeço agora.

E ainda gostaria de agradecer a todos aqueles que, de um modo ou de outro, mesmo sem saber, contribuíram com alguma coisa boa para este livro. Eu creio que o prazer de

escrever é diretamente proporcional ao que te acontece na vida: encontros, desencontros, injustiças, sucessos, desilusões, surpresas, alegrias, amores, instantes de felicidade. Só não tem nada para escrever alguém a quem não acontece nada.

Obrigado ao meu amigo Giuseppe, que sempre consegue surpreender-me e que esteve ao meu lado neste livro e, naturalmente, me fez sorrir.

Um obrigado a Luce, Fabiana e Valentina, que sempre fizeram companhia a Nicco e também à tia Annamaria!

E um último obrigado cheio de amor a Giulia, porque me deu dois presentes belíssimos: Alessandro e Maria Luna, aquele instante de felicidade que dura para sempre.

1. Em tradução livre, “Chora, medita e vive; um dia longínquo/quando estiveres no topo do teu futuro/esse feroz furacão/parecerá uma nuvenzinha”. (N.T.)
2. Movimento literário e artístico da Itália setentrional no século XIX. (N.T.)

3. Empresário alemão conhecido por ser o fundador do site Megaupload. Antes de se tornar empreendedor, ganhou notoriedade por crimes na internet. (N.T.)
4. Nome pelo qual a pizzeria Il Buchetto, em Roma, é conhecida por seus clientes habituais. (N.T.)

5. “Minha, sou siciliano”, em dialeto siciliano. (N.T.)

6. “Minha, vem me pegar, homem siciliano”, em dialeto siciliano. (N.T.)

7. Em tradução livre, “Somente por você eu mudaria de pele para não sentir as estações passarem sem você...”. (N.T.)

8. Em tradução livre, “Como a neve não sabe cobrir toda a cidade, como a noite não faço barulho se caio por você...”. (N.T.)

9. Em tradução livre, “Somente por você convenço as estrelas a desenharem no céu infinito alguma coisa que se assemelhe a você”. (N.T.)

10. Maria De Filippi, apresentadora de um programa de auditório no qual casais discutem seus problemas sentimentais. (N.T.)
11. Em italiano, “Tem carta para você”. (N.T.)

12. Termo que em certas tribos indígenas norte-americanas significa mulher. (N.T.)

13. Periferia de classe média baixa de Roma. (N.T.)

14. *Cacio e pepe* é o nome de uma popular massa tipicamente romana, em referência a seus principais ingredientes: queijo e pimenta. O autor faz um jogo de palavras. (N.T.)

15. Gran Raccordo Annulare, autoestrada que circunda Roma. (N.T.)

16. Em tradução livre, “Você tem ilhas nos olhos”. (N.T.)

17. *Pasta alla gricia* é a versão branca (sem molho de tomate e pimenta) da *pasta all'amatriciana*, que consiste em espaguete refogado com cebola, azeite, vinho branco e bacon.

18. Em tradução livre, “Completamente arrasado”. (N.T.)

19. Belén Rodriguez e Nicole Minetti, personalidades da televisão italiana. (N.E.)

20. Bonita, mas ruim de cama. (N.T.)

21. Expressão originária do sul da Itália, que exprime estupor ou desagrado em relação a alguma coisa que até mesmo os cães rejeitariam. (N.T.)

22. Jogo de tabuleiro que tem por argumento uma guerra planetária. (N.T.)

23. Forma coloquial do verbo *rosicare*, com o significado de ficar com dor de cotovelo. (N.T.)

24. O Billionaire Club foi criado por Flavio Briatore em 1998. Nos verões, era ponto de encontro noturno entre os VIPS. (N.T.)

25. Como ficaram conhecidas as orgias promovidas por Silvio Berlusconi em sua mansão, alvo de inúmeros escândalos. (N.T.)

26. Reinhold Messner é um alpinista italiano, considerado o melhor de todos os tempos. (N.T.)

27. Em tradução livre, “Ela pode ser o rosto que não consigo esquecer, o vestígio de prazer do qual me arrependo”. (N.T.)

28. Em tradução livre, “Os seus sapatos ainda estão aqui, mas você já foi embora...”. (N.T.)

29. Em tradução livre, “Cada vez que penso em você, como quilos de geleia... aquela que você escondia de mim... eu a encontrei!”. (N.T.)

30. Em tradução livre, “Nascido nos limites da periferia, onde os bondes não passam, onde a vida é mais prosaica e é mais fácil sonhar que encarar a realidade”. (N.T.)

31. Em tradução livre, “E agora existe você para dar um sentido aos meus dias, tudo vai bem desde que você apareceu”. (N.T.)

32. Os *carabinieri* são um dos braços das forças armadas italianas. (N.T.)
33. Roberto Saviano é um jornalista e escritor italiano, autor de vários livros, entre eles *Gomorra*, sobre a máfia italiana. (N.T.)
34. Fabio Fazio, jornalista televisivo que conduz um programa de entrevistas. (N.T.)

35. Tipo de pão geralmente redondo. (N.T.)

36. Presunto levemente defumado e típico do Tirol italiano. (N.E.)

37. Em tradução livre, “Vocês me provocam? E eu como vocês!”. Trata-se de uma das célebres frases de Alberto Sordi, em dialeto romano, que aparece no filme *Um americano em Roma*, de 1954. (N.T.)

38. Bairro judeu em Roma. (N.T.)

39. Em tradução livre, “Você quer bancar o americano, mas nasceu na Itália”. (N.T.)

40. Eu gosto muito de você. (N.E.)

41. Em tradução livre, “E será muito belo, porque alegria e dor têm o mesmo sabor com você, gostaria apenas que a noite passasse rapidamente e que tudo aquilo que você tem de meu não voltasse de imediato, quero amor e todas as atenções que você sabe dar e quero indiferença se você quiser me ferir...”. (N.T.)

42. Em tradução livre, a expressão francesa diz “a nobreza obriga”, denotando que se esperam da nobreza certos comportamentos e obrigações sociais. (N.T.)

43. *Chinotto* é uma bebida gasosa, típica italiana, preparada com suco de um tipo específico de laranja, levemente amarga. (N.E.)
44. Jogador de futebol alemão que jogou pela equipe italiana da Lazio. (N.E.)
45. Proprietário e presidente do clube de futebol Lazio. (N.T.)
46. Provérbio italiano que equivale a dizer “não conte com o ovo na galinha”. (N.T.)
47. Jogo de palavras disponível para celulares e tablets. (N.E.)
48. *Supplì* é um tipo de bolinho de arroz recheado, *calzone* é uma iguaria preparada com massa de pizza e recheada e *tramezzino* é um sanduíche de pão branco e fino em formato triangular. (N.T.)
49. A tradução literal seria “um belo traseiro”. O autor faz um jogo de palavras, pois ter *un bel culo* também significa ter sorte, ser uma pessoa felizarda. (N.T.)

50. Em tradução livre, “Alguma coisa na maneira como você se move me faz sentir que eu não poderia viver sem você, transporta-me completamente, e eu quero que você fique”. (N.T.)

51. Ator, diretor e roteirista italiano. (N.T.)

52. Em tradução livre, “O que você espera de nós? Quem sabe se alguma vez você pensa nisso? Você sabe que até o mar é mais azul”. (N.E.)

53. Em tradução livre, “Esta nossa época de vida passada juntos, a nos apaixonarmos, é perfeita assim, mas não há amor verdadeiro que não precise de um pouco de cuidado”. (N.E.)

54. Calçado aberto tradicional, típico da Lazio e de outras regiões italianas. (N.T.)

55. Doce recheado, típico da região italiana de Lazio e que se assemelha ao sonho. (N.E.)

56. Programa de desafios da televisão italiana no qual os competidores devem desvendar diversos quebra-cabeças até que reste apenas um concorrente para a rodada final, que consiste em desvendar uma charada. (N.T.)

57. Um licor preparado com pétalas de rosa. (N.T.)

58. Os *cantuccini* são um típico biscoito toscano preparados com amêndoa e pistache, e o Vinsanto é um tipo de vinho de sobremesa, doce. (N.T.)

59. Em tradução livre, “Se eu pudesse fazer o mundo voltar atrás, sem dúvida eu faria você voltar...”. (N.T.)

60. Em tradução livre, “Esta garota está em chamas, Esta garota está em chamas, Ela está caminhando no fogo, Esta garota está em chamas, Parece uma garota, mas é uma chama, Tão brilhante, que você pode queimar seus olhos, Melhor olhar para o outro lado, Você pode tentar, mas nunca esquecerá seu nome”. (N.T.)

61. Em tradução livre, “Ama-me como a terra, a chuva, o verão; ama-me como se fosse a luz de um farol no mar; ama-me sem um amanhã sem se machucar; mas agora ama-me; depois de nós há só o vento e leva o amor...”. (N.T.)

62. Manobra do windsurfe que consiste em girar a vela com as mãos. (N.E.)

63. Notte Bianca é uma noite especial celebrada em algumas cidades italianas em que lojas e museus ficam abertos a visitantes durante toda a noite. (N.E.)

64. Em tradução livre, “Ah, manhã, chegue irrompendo as nuvens, amém. Erga essa venda dos seus olhos, me deixe ver novamente. E traga de volta a água, deixe seus navios navegarem. No meu coração ela deixou um vazio...”. (N.E.)

65. Em tradução livre, “Olhe para as estrelas... Veja como brilham para você! E para tudo que você faz...”. (N.E.)

66. Em tradução livre, “Quando ela era uma menina, ela esperava ter o mundo... Mas ele voou para longe do seu alcance, então ela fugiu em seu sono...”. (N.E.)

67. *Crocchetta* é um salgado frito e recheado, semelhante a um croquete. (N.T.)

68. Denominação de Origem Controlada.

69. Vinho espumante feito com uvas tintas, típico do norte da Itália. (N.E.)

70. Sorvete alcoólico italiano. Também é o nome de um drinque preparado com sorvete e vodca. (N.T.)